



## OLIGARQUIAS

O problema das oligarquias ao longo dos séculos na Paraíba, é abordado, entre outras questões, numa entrevista do cientista político Eduardo Vasconcelos Raposo. Ele é especialista em estrutura do poder no Estado e está preparando uma tese de mestrado sobre o assunto.

Eduardo Vasconcelos Raposo é integrante da Fundação Getúlio Vargas e muito ligado à Paraíba. Como cientista político, tem participação de diversas atividades desenvolvidas no Estado pelo "Grupo José Honório" e recentemente tem se dedicado à organização do arquivo do Espaço Cultural, como assessor.



## PAULO SOARES

"Madruginha é o político da família. Tem a vocação. Eu até que poderia ter abraçado essa profissão, mas só aguentar sempre aquelas mesmas conversas e ter paciência pra tanto, não é comigo". Paulo Soares, autor do comentário, preferiu ser médico.

Secretário de Saúde do município, o pediatra Paulo Soares é entrevistado por Abmael Moraes. A conversa foi na casa do médico. Paulinho Soares, com todo o seu bom humor, contou muitas histórias e revelou sua gratidão ao médico João Medeiros, "a quem devo muito".



## CINEMA

Num Lago Dourado, cartaz do Cine Tambau, de hoje a sábado tem ação ambientada numa casa à beira de um lago, onde um casal de velhos, interpretado por Henry Fonda e Katherine Hepburn, recebe a visita da filha, ausente há longo tempo. Com ela vem o namorado e o filho deste, que termina ficando com os velhos.

O filme, dirigido por Mark Rydell, é um melodrama que recebeu diversas indicações para o Oscar deste ano, e acabou levando três estatuetas da Academia. A de melhor ator para o veterano Henry Fonda e a de melhor atriz para Katherine Hepburn. Jane Fonda também está no elenco.



Camarões surpreendeu mais uma vez, no 0 a 0 com a seleção da Polônia

## URSS CRÊ NA CLASSIFICAÇÃO

A União Soviética derrotou ontem a Nova Zelândia por 3 a 0 num jogo em que demonstrou grande superioridade durante os 90 minutos e só não ampliou o marcador por infelicidade dos seus atacantes nos arremates. Blokhin fez um gol e participou dos dois outros. Com essa vitória, a URSS reacendeu suas esperanças de se classificar para a segunda fase. A derrota alijou a Nova Zelândia do Mundial e seu próximo jogo com o Brasil, quarta-feira, será apenas para cumprimento da tabela.

Oleg Blokhin, figura de destaque no futebol europeu nos últimos oito anos, usou de sua força e habilidade para abrir a cerrada defesa neozelandesa. Foi o artífice do gol decisivo de Gavrillov aos 24 minutos, marcou o segundo gol aos dois minutos do segundo tempo e facilitou o terceiro, de autoria de Baltacha, aos 23 minutos do segundo.

No grupo 6, escoceses e soviéticos têm dois pontos cada, mas os russos ganham no saldo de gols, o que significa que um empate lhes bastará para classificação. Os escoceses terão que ganhar e isso faz de seu próximo encontro, contra a URSS, um dramático desafio para a equipe.

### BÉLGICA EL SALVADOR

Os jogadores da Seleção Salvadorenha jogaram ontem como leões e perderam por 1 a 0 frente à poderosa Seleção Belga, num resultado honroso que os reabilitou frente à torcida depois de sua catastrófica derrota por 10 a 1 frente à Hungria. O resultado colocou a Bélgica em primeiro lugar no grupo 3, com quatro pontos em dois jogos.

Cerca de 10 mil pessoas que compareceram ao Novo Estádio de Elche aplaudiram os esforçados jogadores

centro-americanos, que compensaram com grande garra suas notórias deficiências futebolísticas. El Salvador vendeu muito caro sua derrota a um conjunto belga ao qual faltou físico, força, esquema tático e técnica, decepcionando o público.

### POLÔNIA CAMARÕES

O técnico da equipe de Camarões, Jean Vinant, afirmou que seu time mereceu a vitória no jogo que empatou sem gols com a Polônia, mas frisou que se conforma com o resultado.

O treinador só lamentou que o juiz belga Alexis Ponet não tenha marcado um pênalti a favor de Camarões quando "o goleiro derrubou Milla dentro da área"....ntecipou que "o jogo com a Itália, na quarta-feira, será tudo ou nada, porque o que ganhar se classifica".

## PRÊMIO PARA TIME DO KUWAIT

Cem mil dólares, para dividir com os jogadores, é o prêmio que o príncipe Al Anmad está oferecendo para a Seleção do Kuwait derrotar a da França, amanhã, no Estádio José Zorrilla, em Valladolid. Pelo empate contra a Tchecoslováquia, a gratificação foi de 50 mil dólares e, caso a equipe se classifique para a segunda

etapa do Mundial, a importância a ser rateada será de 200 mil dólares.

O técnico Carlos Alberto Parreira não tem problemas de contusões no time e manterá os mesmos jogadores que iniciaram a partida contra a Seleção Tcheca. Hoje, o treinador brasileiro do Kuwait assistirá a partida Inglaterra x Tchecoslo-

váquia para observar o time inglês, para ele favorito. Amanhã ele pretende colocar em campo um Kuwait mais veloz e explorar o jogo pelo alto, porque a defesa da França se comportou muito mal nos cruzamentos dos ingleses.

Os outros jogos de amanhã serão Argélia x Áustria e Honduras x Irlanda.

## Espanha e Iugoslávia em partida decisiva



Os técnicos da Espanha e da Iugoslávia mostraram-se herméticos ontem sobre seus planos e as escalas dos jogadores que decidirão hoje às 21 horas (16 horas no Brasil) uma partida decisiva do grupo 5 da Copa do Mundo, em Valência.

O uruguaio-espanhol José Santamaria, que continua enfrentando problemas com os jornalistas espanhóis, anunciou uma lista de 16 jogadores, mas não disse quais deles pisarão no gramado do Estádio Luis Casanova. "A equipe jogou bem contra Honduras, apesar do empate de 1 a 1", disse Santamaria, deixando entrever que insistirá na mesma escalação.

Se a Espanha perder hoje e não conseguir chegar à segunda fase do torneio, não somente ficará ferido o orgulho nacional, como também poderá prejudicar a venda de ingressos para o resto do campeonato. Fontes ligadas à delegação espanhola acreditam que Juanito, que foi substituído na partida com Honduras, poderá não jogar hoje.

Demonstrando grande admiração pelo futebol brasileiro, o técnico iugoslavo, Miljan Miljanic, afirmou ontem que "o Brasil deve buscar jogar em outra galáxia, por que é fenomenal, pratica o melhor futebol do mundo". Ele considera o empate contra a Espanha um bom resultado hoje, embora garanta que seu time tentará a vitória.

### CHILE-ALEMANHA

O Chile e a Alemanha Ocidental jogam hoje em Gijón uma partida decisiva que pode deixar um dos dois fora da Copa do Mundo, já que ambos perderam o primeiro jogo - a Alemanha para a Argélia e o Chile para a Áustria.

O técnico alemão Jupp Derwall refletia ontem a imagem da preocupação, a ponto de alterar o horário de treino e não permitir que nenhum dos jogadores conceda entrevistas. Derwall não forneceu a escalação da Seleção Alemã e tampouco respondeu aos jornalistas de seu país como jogaria a Alemanha, cautelosa ou ofensiva. A grande expectativa, entretanto, deveu-se à confirmação da escalação de Rummenigge. O atacante foi o único a treinar à parte, e apenas fazendo exercícios leves. O médico Henrich Hess, contudo, informou que jogará, embora não estivesse em perfeitas condições.

O Chile fará poucas modificações para o jogo contra a Alemanha e é certo que o centro-avante Carlos Caszely jogará, embora não voltará a cobrar pênaltis, segundo anunciou ontem a direção técnica da equipe. O técnico Luis Santibanez revelou que só definirá a equipe para o jogo horas antes do início. A partida começará às 17h15m (12h15m de Brasília).

### INGLESES-TCHECOS

Lider do grupo 4, com dois pontos ganhos, a Seleção Inglesa deve iniciar a partida de hoje, contra a Tchecoslováquia, com muita cautela. Essa foi a recomendação de seu técnico, o experiente Ron Greenwood, que teme a velocidade dos tchecos, que empataram com o até então modesto e desconhecido Kuwait. Ainda sem Kevin Keegan, seu melhor jogador, e Brooking, um elemento importante no esquema ofensivo do time, a Inglaterra deve ser um pouco diferente daquela que derrotou a França, por 3 a 1, na estréia do Mundial.

## Telê não definiu equipe

Telê Santana ainda não sabe qual a equipe que escalará para a partida contra a Nova Zelândia, quarta-feira próxima. Porém, se algum jogador se queixar de cansaço ou estiver com algum problema físico, será imediatamente vetado para o jogo. Na opinião do treinador, a Nova Zelândia será encarada com o maior respeito, embora seja o time mais fraco do grupo 6.

Ainda entusiasmado com a boa atuação do Brasil no segundo tempo do jogo contra a Escócia, Telê Santana disse que a partir de agora, com Cerezo melhor entrosado no meio de campo, a Seleção Brasileira produzirá um futebol de superior qualidade e se tornará quase imbatível.

## Estudantes pagam menos nas viagens intermunicipais

Os estudantes paraibanos terão a partir de hoje cinquenta por cento de abatimento nas passagens em ônibus intermunicipais, desde que estejam munidos da identidade estudantil. O Departamento de Estradas e Rodagens colocará fiscais em todas as estações rodoviárias para verificar se as empresas estão cumprindo a determinação.

Em cada horário, o DER autorizou a venda de dez passagens com o abatimento, ficando autorizada a venda no percurso da viagem se o número não for preenchido quando da saída do veículo da estação rodoviária.

O abatimento perderá a validade no dia 31 de julho, informou o DER. Os estudantes só voltarão a gozar do benefício durante as férias escolares de dezembro. (Página 12)

## Governo implanta Centro de Ciência em Campina

O Governo do Estado implantará em Campina Grande um Centro de Ciência e Tecnologia. Ontem, o Secretário do Planejamento, Patrício Leal, reuniu-se com o Prefeito Enivaldo Ribeiro, para discutir detalhes sobre a implantação daquele Centro e ampliação do Pro-Curt, que são os dois principais projetos do Conselho de Desenvolvimento Científico e Tecnológico, que será implantado pelo Governador Clóvis Bezerra.

Participaram da reunião, Ernane Pagels, da Coordenadoria de Desenvolvimento Científico e Tecnológico e Geraldo Targino da Universidade Federal da Paraíba.

Para a instalação do Centro de Apoio às Indústrias Eletro-Eletrônica, serão aplicados recursos da ordem de 66 milhões de cruzeiros pelo CNPq, pela Secretaria de Articulação Entre Municípios e pelo Governo do Estado. (Página 12)

## PDS realiza Convenção hoje em Belo Horizonte

Belo Horizonte - Ornamentada com flores e flâmulas vermelhas brancas e azuis, cores do PDS, a Assembleia Legislativa de Minas se transformará hoje em palco de um dos maiores acontecimentos políticos do Estado para escolher, entre o ex-ministro Eliseu Resende e o senador Murilo Badaró, o candidato do PDS que, depois de 16 anos disputará a sucessão em eleição direta.

Ontem enquanto as assessorias dos dois candidatos enfeitavam todo o Palácio da Inconfidência e espalhavam pela cidade flâmulas, cartazes e faixas de propaganda, em seus comitês Murilo e Eliseu arrematavam conversas com os delegados e eleitores. O ex-ministro Eliseu Resende estimava a sua votação em 570 dos 776 votos, enquanto Murilo Badaró, assegurava sua vitória com 42 votos de frente.

Quando os delegados municipais colocarem o pé no Palácio da Inconfidência, sede da Assembleia de Minas Gerais, um contingente de 150 recepcionistas estará atento aos seus passos, procurando lhes proporcionar, através de um cuidado em detalhes, todas as mordomias.

Para cada candidato foram reservados 135 lugares nas galerias, de onde seus convidados, devidamente credenciados, assistirão aos trabalhos. O serviço de segurança interno da Assembleia

Legislativa mobilizou 40 agentes que estarão ligados à polícia militar de Minas através de um canal exclusivo de rádio.

Além de três centrais de identificação, por onde passarão os 776 delegados, que em um minuto terão prontos seus crachás de identificação com retratos, o serviço médico foi colocado de prontidão, assim como bombeiros e inspetores de trânsito deslocados para a área do Palácio Inconfidência.

Na Praça Carlos Chagas, em frente a Assembleia Legislativa, foi montado um enorme palanque por onde desfilarão, durante toda a convenção, mágicos, equilibristas, duplas caipiras, sambistas e bandas de música.

Hoje 1 mil faixas de Eliseu Resende e 100 de Murilo Badaró, foram afixadas nas principais ruas e avenidas que dão acesso ao Palácio da Inconfidência, enquanto em lotes vagos e jardins da periferia, foram içados quatro balões gigantes nas cores branca, vermelha e amarelo, com o nome de Eliseu.

Os trabalhos dessa convenção segundo o secretário do partido em Minas, deputado Emilio Gallo, deverão ser encerrados às 22 horas, quando o PDS mineiro, depois de um processo sucessório complicado, que se estenderá por um ano e meio, terá finalmente, o seu candidato oficial.

## Civis abandonam Beirute temendo ataque de Israel

Beirute - Milhares de civis abandonaram ontem o setor muçulmano de Beirute, temendo um sangrento ataque israelense na cidade, onde dirigentes da OLP cercados por todos os lados prometeram lutar até a morte.

Duelos esporádicos de foguetes e artilharias entre as forças palestinas e israelenses ocorreram nos arredores da capital, enquanto começava a esgotar o prazo do enviado norte-americano Philip Habib para agir como mediador na crise.

A trégua de 48 horas aceita por Israel, mas não pela Organização para a Libertação da Palestina, expira hoje.

Num grande esforço diplomático realiza-se em várias frentes, mas não havia sinal de progressos nem em Beirute, onde Habib conferenciou com líderes libaneses, nem em Nova York, onde o secretário de Estado Alexander Haig e o ministro das Relações Exteriores soviético Andrey Gromiko se encontraram na missão da URSS na ONU.

Existe "bastante apoio" para a idéia de que Israel tem justificativas para sua ação dentro do ciclo de "ataque e contra-ataque", disse Haig, acrescentando, porém, que "alguns observadores questionam o alcance" da ação militar israelense no Líbano.

Depois que os Estados Unidos rejeitaram seu apelo por conversações diretas, a OLP adotou uma linha mais dura, rejeitando o pedido de Habib de que os guerrilheiros entregassem suas armas e de que seus líderes deixassem o Líbano.

O pânico espalhou-se pelo setor oeste de Beirute, quando famílias enchem seus carros com seus pertences e fugiram para o setor cristão, para escapar do banho de sangue que a maioria dos libaneses acredita ser iminente.

O leste de Beirute, que é controlado pelas milícias de cristãos maronitas aliadas a Israel, ainda não foi atingido pela luta, embora Israel esteja encorajando publicamente as milícias para que ataquem os palestinos do outro lado da cidade.

Centenas de carros faziam fila na linha verde, nome do principal ponto de travessia entre as duas metades da cidade dividida. Enquanto as famílias esperavam passar do oeste para o leste.



Não compreendo Democracia sem imprensa livre e independente, que informe corretamente a opinião pública.  
Tarcísio Burity

## A TERCEIRA VIA

O capitalismo realizou-se no mundo com muitos sacrifícios para amplos segmentos da sociedade. Conforme é hoje reconhecido por vozes autorizadas esta opção do desenvolvimento econômico, base da democracia liberal, revelou-se em muitos pontos insatisfatória em relação ao que dela esperavam os seus ideólogos. Se preserva a liberdade individual como apadrinhamento doutrinário, na crença de que a livre iniciativa está de acordo com leis naturais que presidem a sociedade, a Revolução Industrial veio demonstrar que não basta a liberdade formal como fator do desenvolvimento equilibrado. A introdução da máquina resultou em desemprego e aviltamento do salário, e foi como eco das justas críticas a este sistema de produção que se deu a intervenção do Estado, transformando-se de mero espectador da luta entre patrões e empregados, de Estado apenas garantidor da ordem, em Estado providencialista, Estado de bem-estar social, a intervir decisivamente para disciplinar a liberdade de contrato de trabalho e a garantir as conquistas trabalhistas, tais como o máximo de horas de trabalho que é dado exigir-se do trabalhador, férias, repouso semanal remunerado e seguro social previdenciário.

De outro lado, o socialismo de Estado, pregado pelas doutrinas marxistas, segundo a experiência já alongada no tempo dos países que o adotam, tem também se mostrado frustrante, pois, se promete uma igualdade radical a muitos respeito inexecutável, além disso suprime a liberdade de iniciativa, que vem a ser a mola que move os homens no seu labor produtivo.

Surge, então, uma terceira via para o desenvolvimento econômico que é o cooperativismo. Nascido da comunidade de lanicultores de Rochdale, na Inglaterra, em meados do século passado, o cooperativismo é hoje no mundo inteiro uma experiência vitoriosa, eis que, preservando a capacidade individual de livremente realizar, incorpora em sua prática e em seu ideário a produção em caráter socializada.

Aqui mesmo no Brasil já podemos assinalar o êxito do cooperativismo em algumas experiências levadas a efeito no Sul do país, como a Cooperativa, em São Paulo, e a Cooperativa de Triticultores de Ijuí, no Rio Grande do Sul, para não falar de inúmeras outras que congregam os mais diversos produtores nos dois grandes Estados, como os vinicultores gaúchos e no mesmo Estado os empresários agrícolas ligados ao cultivo de soja e de arroz.

No Nordeste, infelizmente, não tem sido bem sucedida a experiência cooperativista. Apesar de razoavelmente aquinhoados de recursos nacionais e internacionais, o cooperativismo entre nós ainda não medrou em terreno fértil. O órgão de representação cooperativista regional, a Assocene, por exemplo, há mais de três anos recebe notável apoio financeiro da Alemanha para tentar introduzir nos Estados nordestinos uma consciência de cooperação, assistindo e doutrinando as entidades cooperativistas do Vale do São Francisco e do Vale do Piranhas, na Paraíba, e até agora não foi possível colher os frutos desse trabalho fundamental. Parece que nos falta o essencial, que é uma mentalidade cooperativista nas bases de produção, uma vez que os órgãos do setor entre nós têm-se caracterizado por uma organização desligada daquelas que seriam os seus associados naturais; têm-se caracterizado por uma formação de cúpula. O Governo do Estado da Paraíba há pelo menos duas décadas e até hoje tem procurado reverter esta visão de cima, e tem investido e incentivado uma estruturação cooperativista a partir de baixo, dos mais diretos interessados, que são os produtores. Não se pode dizer que alguma coisa não foi possível realizar no campo cooperativista, mas também não se pode enfatizar, infelizmente mais uma vez, que as realizações já alcançadas já sejam compatíveis com o esforço até agora empreendido pelo Governo.

É provavelmente essa falta de consciência cooperativista, ausente dos produtores do Estado, que está na base deste chamado "escândalo do sisal", acontecimento que temos de lamentar e deplorar porque sem dúvida lança ao descrédito aqueles que realmente acreditam nos benefícios do cooperativismo e se tem conduzido em seus negócios movidos dessa crença.

## O imprevisível Haroldo Bruno

Certo dia o garoto Haroldo Bruno pôe papel numa velha máquina do seu pai e escreve um ensaio sobre Nietzsche. O sábio Anibal Bruno, professor de medicina, de direito e de protugês, ficou perplexo. Maurílio, o mano mais velho, que conhecia seus truques, suas fugas pelos alagados da ilha do Leite, cuja entidade cultural de maior expressão era a troca carnavalesca denominada "Cachorro do Homem do miúdo", não podia explicar como Haroldo conheceria o "super homem".

Enquanto o pai varava as noites mergulhado nos clássicos e Maurílio digerira literatura de conteúdo social, Haroldo aparentemente fugia dos livros e integrava-se no estranho mundo circunstante, a paisagem que José de Castro denominaria de "ciclo do caranguejo". A maré baixa encontrava os mocambos de latas e até pinicos na mão, a catar mariscos, ostras, caranguejos, que os botecos exibiam depois, nas pontas de rua, petiscos incomparáveis acompanhados aos goles da batida de limão ou do bate-bate de maracujá. O magro e estranho garoto era respeitado pelos moleques mais agressivos e o empregado da casa, feio qual um macaco, amigo do peito, não chegava a ser um capanga, mas o defensoria até na ponta da faca, se preciso fosse. Haroldo somente era arreado das aulas do Ginásio. Aquelas matérias nada diziam à sua sensibilidade. Por que haveria de digerir os rudimentos da História Natural, com protozoários e metazoários, mergulhar na intimidade das células, pro-

toplasma e núcleo? de que serviria meter o olho no microscópio e observar a dança dos micróbios, dos treponemas, dos estafilococos, dos gonococos, se nada poderia fazer pela população contaminada, sub-nutrida, subempregada, aglutinada nos manguinhos do Recife, espécie de cabeça de porco para onde acorriam os rebulhos sociais de todo o nordeste?

O mestre Anibal Bruno encaminhou o estranho Haroldo a Natal, R. G. do Norte, numa última tentativa de vê-lo concluir as humanidades. Voltou reprovado. Abandonara a banca examinadora. O pai, que tinha a crença de que a salvação do Brasil estava na alfabetização, montou na Rua do Hospício a "Livraria Joaquim Nabuco". E meteu os filhos lá dentro. Talvez a ação catalítica desse azas ao Haroldo para alçar voo no caminho da erudição.

Certa vez entramos na livraria. O Maurílio, meu colega de turma na Faculdade de Direito do Recife, exibiu-me belo exemplar do "Dom Quixote", magnífica encadernação importada, requintadas ilustrações de um pintor francês. Enquanto eu comprava o livro o Haroldo fazia lembrar um descendente do Cavaleiro da Triste Figura, às voltas com os moínhos de vento do seu mundo, dispensando os Sancho Pança da vida, e incapaz de montar um esqua-

Alfio Ponzi

## A festa em perigo

O dia 15 de novembro será uma data festiva para a democracia brasileira. Convocada pela Justiça Eleitoral, a nação comparecerá às urnas para decidir livremente, sobre o preenchimento de numerosos cargos políticos. O eleitorado estará escolhendo de vereadores a senadores da República. E, pela primeira vez desde 1965 poderá também eleger diretamente os governadores de Estados.

Toda essa festa, porém, está sendo colocada em risco por uns tantos fatores aos quais o governo federal - que vem estabelecendo as regras do jogo - aparentemente não deu ainda a suficiente importância.

Um terrível fator de risco é aquele representado pelo número de votos que virão a ser anulados pelas juntas apuradoras tendo em vista o fato de haverem sido dados em desconformidade com a lei. Um número extraordinariamente grande

de votantes, segundo todas as pesquisas até agora realizadas, simplesmente ignora a norma da vinculação total dos votos. Ora, a legislação eleitoral é de meridiana clareza. Ela decreta a nulidade das eleições em que mais de metade dos votos recebidos sejam nulos. Há, pois, que se fazer alguma coisa a respeito do assunto e com urgência. Mas certamente nada parecido com a idéia de se entregar previamente a cédula ao eleitor, para que ele a traga de casa preenchida, o que viciaria de forma inapelável a pugna eleitoral, reintroduzindo entre nós - mesmo nos centros mais avançados - o chamado "voto de cabresto".

Outra aberração legal é o dispositivo que condiciona a validade da votação dada a um partido ao fato de todos os seus Diretórios Municipais

Fernando Teixeira

lido Rocinante. Haroldo jamais suportou a idéia de inserir-se num contexto que não aceitava como sua realidade. Mas em breve demonstraria que jamais fora um alienado, um indiferente à realidade que absorvia dentro e fora de casa. E a demonstração de sensibilidade, de inteligência, com que explodiria em breve na imprensa, com seus rodapés literários, transcendendo a mensagens psicografadas, dando forma gráfica a uma incomparável riqueza interior, de sorte a consagrar-se na crítica literária, até hoje apresentando seis volumes sob o título "Anotações de Crítica". Seu trabalho contém agudas observações sobre o mundo das letras nacionais e universais, de tal abrangência, que se nos afigura obra de iluminado. Caso excepcional de literato versátil que explodiria com o estranho romance "As Fundações da Morte", que deixa transparecer um travo de armadura autobiográfica. Consagrando-se a seguir com o "Viajante das Nuvens", trilhou os mesmos caminhos da ternura de um Antoine de Saint Exupéry. Noutro país teria sido um "best seller". Mesmo aqui, gente que mal começa a ler, atinge a alma das crianças e passou a livro obrigatório, adotado durante anos nas escolas. Hoje Haroldo está de coração novo. Em pouco mais de meio século, já viveu cerca de duzentos anos, se contarmos o tempo pela sobrecarga das emoções, dos encantamentos, e principalmente pela impossibilidade de transformar o cotidiano, propício a impregnar de paz aos êmulos e Pangloss.

## CARLOS CHAGAS

### SOB E ÉGIDE DO CASUÍSMO ELEITORAL

No fundo, é o casuismo que continua presidindo ações e iniciativas oficiais, não obstante a abertura política, da revogação do AI-5 à anistia, da volta às eleições diretas de governador ao restabelecimento da liberdade de imprensa. Em outras palavras, eleições, sim, mas preservação do poder por seus detentores, também. Condicionamentos, no fim de tudo. Outro sentido não tem todos os pacotes recentemente "propostos" pelo governo ao congresso, inclusive o último, em tramitação. Revela-se, agora, um casuismo para o qual o Palácio do Planalto não precisará agir, mas simplesmente cruzar os braços, casuismo tão abjeto quanto os demais, se não for pior.

Em meio a debates, apreensões e decisões sobre a melhor maneira de fazer aprovar o pacote de emendas constitucionais em tramitação no congresso, o conselho que não é conselho tomou sexta-feira uma decisão já esperada, mas de sensível importância política. Reunidos no Palácio do Planalto os ministros Leitão de Abreu e Ibrahim Abi-Ackel, mais os senadores José Sarney e Niló Coelho, e o deputado Cantídio Sampaio, concluíram todos que na Lei Falcão não se pro promoverá a menor modificação. O governo desiste, assim, oficialmente, de sequer de mexer nas aparências, mantendo-as, com o conteúdo. Não irá mascarar a disposição herdada dos tempos mais acres da exceção, que proíbe os candidatos de levarem ao eleitorado pelo rádio e a televisão, 60 dias antes das eleições, seus programas, mensagens, críticas e promessas. A todos, maiores e menores, continuará sendo dada apenas a condição que a convenção de Genebra concede aos prisioneiros de guerra: poderão declinar nome e, bem como funções anteriores exercidas na vida pública e privada. Vídeos e microfones permanecerão proibidos às campanhas eleitorais, nas vésperas da eleição, obrigados os candidatos a expor suas idéias como nos tempos do carro-de-bói, em comícios, conferências, visitas de casa em casa e correspondência. "Na Lei Falcão não se toca nem na capa" - é a palavra de ordem que os integrantes do "conselho de desenvolvimento político" definiram esta semana.

Faz muito tempo que os principais auxiliares palacianos do general João Figueiredo, mais os militares que os civis, aliás, se inclinavam por essa diretriz. O próprio presidente, a pessoa de sua intimidade, no começo do ano, havia desabafado: "Não vamos permitir que nossos inimigos usem o rádio e a televisão para espalhar mentiras a nosso respeito, influenciando o eleitorado". Assim pensam os generais Octávio Medeiros, chefe do SNI, e Danilo Venturini, chefe do Gabinete Militar, como assim passou a pensar o ministro Leitão de Abreu. O Ministro Ibrahim Abi-Ackel, antes empenhado em promover profunda alteração na lei, refluxo e acabou, como de outras vezes, cedendo ao império das circunstâncias. Os meios eletrônicos de comunicação permanecerão obturados para o conjunto dos candidatos, abertos só aos que possuem vastos recursos ou as boas graças das empresas de comunicação e, mesmo assim, não nos dois meses anteriores às eleições. Ironicamente, quando as campanhas mais se acirram, e quando aumentar o interesse do eleitorado, este precisará, para participar daquelas, de buscar por conta própria indicações a respeito das idéias e propostas dos candidatos.

A lei Falcão constituiu um dos maiores retrocessos na história eleitoral do país. De início, foi imposta para as eleições municipais de 1976. Argumentou o então ministro da Justiça do Governo Ernesto Geisel que, pelo vasto número de candidatos a prefeito e a vereador em todo o país, e pelo fato de apenas os principais Municípios, nos Estados, possuírem emissoras de televisão, seria impossível dividir equanimemente por todos os candidatos o tempo e o espaço gratuitos. Na verdade, estava em campo uma experiência, que se revelou favorável ao governo. Os candidatos da Arena venceram amplamente, ao contrário das eleições gerais de 1974, quando televisão e rádio contribuíram decisivamente para o aumento das bancadas do MDB.

Depois, foi ampliado o dispositivo draconiano para as eleições gerais de 1978 e as seguintes. No pacote de abril de 1977 o solitário constituinte da granja do Riacho Fundo, general Ernesto Geisel, entrevas de governador indiretos e de senadores biônicos, e conjuntamente com alterações nos colégios eleitorais dos Estados e no quorum para aprovação de emendas constitucionais, impôs também a Lei Falcão ao pleito do ano seguinte. E a Arena conseguiu, mesmo às custas de muito esforço, manter maioria precária no Congresso precisamente pela impossibilidade de o MDB dizer a que vinha.

Com a abertura, o próprio governo proclamou mudanças profundas nos dispositivos de propaganda, anunciando a volta aos tempos em que candidatos podiam expor suas idéias. Como a medida funcionaria contra o partido oficial, logo se estabeleceu vasto cerco sobre as boas intenções, agora malogradas. Através de vídeos e microfones, o eleitor saberá, mesmo, quais os candidatos que peneiam os cabelos com brilhantina, os caracas e os que eventualmente usam perucas.

Registrava-se ontem no Palácio do Planalto alguma euforia diante das últimas pesquisas referentes ao Paraná. O candidato do PDS, Saul Raiz, estaria conquistando gradativamente um espaço razoável, por força do trabalho do ex-governador Ney Braga, ao passo que o PMDB, certo da vitória de José Richa, perde tempo na certeza da vitória e deixa de empreender, como deveria, uma campanha árdua e veemente.

#### FICAR OU SAIR

Ninguém, em sã consciência, nem o próprio, será capaz de avançar, hoje, o futuro do ministro da Educação, Rubem Ludwig, na medida em que decisão não existe de sua parte, por enquanto, sobre se continuará no Ministério ou o deixará, para retornar à vida militar. Seu prazo é dezembro, e se até algum tempo atrás parecia inclinado a permanecer na função civil, sacrificando o final de sua carreira como general, certeza não há mais. Torna-se mais remota a hipótese de Rubem Ludwig ser convocado para a chefia do Gabinete Militar da presidência da República, que o manteria tanto no Ministério quanto na vida castrense. Caso se configure a ida do general Danilo Venturini para o governo do distrito federal, o mais indicado para a sua vaga e o general Paiva Chaves, ex-assessor especial da presidência e hoje em comando de tropa, no Rio.

## A UNIÃO: 15 ANOS

Ivan Lucena

### A cidade de João Pessoa se moderniza

No dia 20 de junho de 1932

A União publicou

Não se pode dizer, com orgulho, que a Parahyba, hoje cidade de João Pessoa, tenha prosperado aos pulos, quer do ponto de vista comercial, quer no de edificações. Mas, já podemos apontar ao visitante prédios relativamente confortáveis e de linhas arquitetônicas mais ou menos vistosas.

Ha bem poucos anos, a nossa capital era um amontoado de casas velhas e sujas, cortada de bécas anti-higienicas e de outras aberrações de arte urbanística, se é que se possa empregar esse pomposo termo...

O começo da modernização da Parahyba surgiu com a construção de praças, balaustradas e do edifício da Escola Normal. Na época em que foi ele erguido, houve quem o considerasse quase um "arranha-céu". Não que o nosso povo fosse ignorante, mas, por-

que não se via, em nenhuma parte da cidade um prédio de proporções iguais ao da Escola Normal. E até se accentuava que em o norte da República não havia bellésa igual.

Hoje, a começar do "Ponto de Cem Réis", vamos vendo a Parahyba moderna: praça Vidal de Negreiros, com os seus carros de aluguel alinhados em torno do relogio que a Prefeitura ali collocou. A um lado, o confortável edificio do Parahyba Hotel, prestes a ser inaugurado. Descendo pela lajeira do Rosario, encontramos os imponentes edificios dos Correios e Telegrafos, Palacio das Secretarias e Quartel do Regimento Policial, dahi se descortinando, ainda em construção e alinhamento, a rua Barão do Triunpho. O milagre que se operou nessa arteria foi quase completo, notando-se muitas construções de gosto modernissimo, e onde está se localizando com proveito, grande parte do commercio, que assim abandonou a tradicional rua Maciel Pinheiro. Seguindo-se por esta ultima rua, vêem-se os novos grupos de edificios que vieram substituir as mais immundas residenciais, talvez, de nossa velha capital,

com uma segunda praça de automoveis que serve, perfeitamente, ás necessidades de congestionamento da rua Maciel Pinheiro, por onde somente o bonde consegue atravancar e prejudicar até mesmo o movimento de transeuntes.

Em todos os bairros da cidade se nota um entusiasmo desusado pelas edificações. Jaguaribe cresce a olhos vistos, sendo habitado hoje, talvez, por quase quinze mil almas. O rrgers, que não passava de u'a matta, ha três ou quatro annos atrás, quem vae até lá se admira do numero residenciais construidas ou em andamento. Agora mesmo estão sendo levantados, logo após a rua Joaquim Nabuco, diversas casas para aluguel, em substituição a casinhas de palha deterioradas.

Cruz das Armas é um "mundo novo"! Tambia e Trincheiras têm melhorado sensivelmente.

Somente em materia de cimenas é que a nossa terra ia ficando atrás, se um punhado de cidadãos de boa vontade não se lembrasse de construir o Rio Branco, no mesmo local do deposito de perceijos onde funcionava o mesmo ha vinte annos, com grande descontentamento popular...

O certo, porém, é que a cidade de João Pessoa vae, pouco a pouco, se modernizando e perdendo aquella feição tristinha que a caracterizava. - D.

**A UNIÃO** Diretor Presidente: Etienne Campos de Araújo • Diretor Técnico: Hélio Zenaidé • Diretor Administrativo: Walter Borges Bezerra Cavalcanti • Diretor Comercial: Aldson Viana Salgado • Editor: Walter Galvão • Secretário: Werneck Barreto • Chefe de Reportagem: Wellington Farias • Redação e Publicidade: Rua João Amorim, 384 Centro - Fones 221-2277 e 221-7001 Caixa Postal 221-1220 - Telex: 832255 • Administração, Oficinas e Furgões Gráficos: BR-101, Km 03, Distrito Industrial - Fones: 221-1220 • Telex: CURSAIS: Brasília-DF SCS - Q. 5 - BL. "C" - 1º Andar - Ed. Paraiban - Fone: (061) 226-8562 - Telex: 612091 • Guarabara: Pça. João Pessoa, 37 - Fone: 478 • Campina Grande: Rua Maciel Pinheiro, 320 - Ed. Jabre - Fone: 321-3796 • Patos: Travessa Solon de Lucena, S/N - Fone: 4212268 • Sousa: Rua André Avelino, 25 - Fone: 521-1219 • Cajazeiras: Rua Pe. José Tomas, 19 - Fone: 531-1574 • Itaporanga: Rua Getúlio Vargas, S/N - Fone: 325 • Conceição: Estação Rodoviária - Box 4 • Catolé do Rocha: Rua Barão do Rio Branco, 754.

## Do Leitor

### Remarcação

Sr. Editor:

Hoje, dia 18, sexta-feira, duas horas antes do jogo entre o Brasil e a Escócia, fui ao Supermercado Bompreço comprar leite e pão. Sofri um choque, quando peguei a caixa do leite Parmalat: Cr\$ 135,00. Fiquei revoltado pois o mesmo produto, no dia anterior estava custando Cr\$ 110,00. Não houve renovação de estoque. O aumento, a remarcação foi feita em cima do mesmo leite já velho, com vencimento para o próximo mês. Guardo ainda, em casa, o pacote anterior, que tem a data de vencimento, a mesma do pacote comprado hoje, com este absurdo aumento de 25 cruzeiros em litro.

Por aí é fácil imaginar o lucro fabuloso destes supermercados. Aliás, poderíamos chamar isto de lucro?

Será que é lucro ou coisa feia?

Claro que o estoque velho custou o mesmo preço.

Sei que este protesto, esta queixa ou reclamação, não adiantará. Mas como um desabafo dirijo-me a esse jornal que vem acolhendo justas queixas de outros leitores.

Manoel Ferreira Coelho  
Jaguaribe

## NOTAS POLÍTICAS

Hélio Zenaide

## O VOTO, O QUE É O VOTO?

Jean Paul Sartre, o escritor e filósofo francês do existencialismo, filosofia considerada incompatível com o materialismo dialético, de onde ter mantido tantas, polémicas com os marxistas, embora tenha se aproximado do comunismo, depois de travar uma polémica contra Campus, foi lembrado esta semana por Gerardo Mello Mourão, da "Folha de S. Paulo", numa tentativa de reconstituição do seu pensamento político e, em particular, sobre o voto.

O princípio geral do existencialismo, na expressão de Sartre, é o de que o homem não é o simples acontecer histórico e acidental de uma essência abstrata, intemporal. Não há assim uma natureza humana, uma essência do homem que lhe predetermine este ou aquele destino. A existência não é senão a obra de nossa liberdade, exercida dentro das situações concretas e peculiarizadas de existir, enquanto a condição humana é a de "ser-em-situação" ou "ser-no-mundo". Daí a frase que anda de boca em boca, entre os existencialistas: o ser é o ser e a sua circunstância.

Sob este prisma o voto não representa a mesma coisa para mim, por exemplo, e para um comunista soviético; não é a mesma coisa para Margaret Thatcher e para a nossa notável Maria Isabel Bandeira, a popular Vassoura.

Jean Paul Sartre, com a sua filosofia, destrói, inteiramente, a ilusão daqueles que, no Brasil, imaginam que só seremos felizes se o PDS vencer ou, contrariamente, se o PMDB triunfar.

Dirá um eleitor exaltado do PDS: - Se o PMDB vencer, será a desgraça do Brasil. E dirá um eleitor exaltado do PMDB - A desgraça do Brasil será a vitória do PDS.

Mas nós sabemos que não é nada disso. Votando no PDS ou votando no PMDB, vamos continuar enfrentando problemas e dificuldades. Nenhum voto realizará o milagre de transformar o Brasil, da noite para o dia, num paraíso, numa terra de Canã onde os rios correm leite e mel.

Por que então nos iludimos com a força, o poder do nosso voto? O voto, evidentemente, tem a sua força, o seu poder. É um instrumento de novas conquistas. É através do voto que podemos nos afirmar como povo, praticar e aperfeiçoar a democracia pela qual fizemos uma opção.

Mas como ainda estamos longe da perfeição, mesmo relativa, com que sonhamos! E Jean Paul Sartre, achando pouco, ainda lança sobre tudo isso uma ducha de pessimismo!

## NEM DEMOCRACIA NEM POVO

O pessimismo de Sartre começa por não acreditar na existência, no mundo moderno, de democracia, nem povo.

A democracia, segundo o seu pensamento, não é apenas uma forma política de poder, mas um modo de vida, que deve ser o modo de vida dos seres humanos.

Mas pergunta: - Poder-se-á dizer que em algum país do mundo os seres humanos vivem democraticamente?

Para Sartre, esse país não existe. Nem na França, nem na Inglaterra, nem nos Estados Unidos.

Nem no Brasil. Democracia, lembra ele, etimologicamente, é o governo do povo. Ora, é claro que nas democracias modernas o povo não governa. E o povo não governa porque não existe.

Vejam só: Jean Paul Sartre diz que o povo não existe nas democracias modernas!

Para ele o que há, hoje, é apenas um bando de pessoas que, de tantos em tantos anos, mete um pedaço de papel dentro de uma urna, com alguns nomes marcados. Não se pode dizer que isto seja povo.

A aceitarmos esta filosofia, se admitirmos que nas democracias modernas não há democracia, nem povo, a que fica reduzido o voto?

O voto, o que é o voto, então?

## O VOTO, UM MODO DE EXISTIR

Lembra Sartre, porém, que na França, havia um povo no "ancien régime", e em 1793.

No século XVII - lembra ele - e durante a revolução, a vida não era fragmentada como hoje. Quem vota hoje não vota como o homem que votava nos dias de terror. Apenas cumpre um ato que não tem ligações nem com seu trabalho profissional, nem com o contexto de suas preocupações pessoais.

Em 1793, ao contrário, o voto era o ato pelo qual se fazia política, pelo qual, em certo sentido, se existia.

A ser assim, o voto seria um modo de existir revolucionariamente. Só a partir da queda da Bastilha, do processo de execução do rei da França, da eliminação da realeza, só a partir do governo revolucionário e do Regime do Terror, teria havido povo, teria havido voto. O modo de existir revolucionário teria possibilitado então a existência de um povo em Paris e, havendo povo, havia voto.

Não vou nestas águas de Jean Paul Sartre.

Há povo, sem revolução. Há voto, sem revolução. Há democracia sem revolução.

Revolução ou contra-revolução. O povo pode impor-se revolucionariamente e pode impor-se sem revolução. Pode fazer a chamada revolução pelo voto. Pode até fazer uma revolução deixando de votar.

## VOTO DIRETO E VOTO INDIRETO

O que vemos é que nem todas as democracias são iguais. Há um ideal democrático mas existem inúmeras formas pelas quais se busca atingir esse ideal.

Uma coisa, porém, é certa: a evolução democrática funciona no sentido de cada vez maior e mais eficaz intervenção do povo no governo e na escolha do seu destino.

Se todos podem votar, diz-se que a democracia é pantocrática; se nem todos podem votar, diz-se pleocrática.

Agora mesmo, no Brasil, por exemplo, nas eleições para governadores, todos os eleitores vão votar, pelo voto direto. Mas em todos os estados não se inclui todo o povo. O analfabeto, para citar um caso, não vota. Nossas eleições, de qualquer maneira, estaremos mais próximos de uma democracia pantocrática.

Nas eleições para presidente da República teremos o voto indireto. Já estaremos no terreno de uma democracia pleocrática.

Nas duas hipóteses, entretanto, trata-se de democracia.

Mas a principal classificação das

democracias é em democracia direta e democracia indireta. Na democracia direta os membros que compõem o grupo social resolvem sobre o que há de ser a lei ou o ato de sua execução. O que há de essencial ao conceito é não haver interposta vontade entre os que votam e a deliberação. Os eleitores, quando votam, quando escolhem alguém em eleição, exercem a sua vontade sem interposta pessoa. Mas não é só isso, porque aí o que é direta é a eleição. O que faz direta, ou indireta, a democracia, é mais do que isso, é tratar-se de resolver sobre a adoção da regra jurídica, no sentido mais largo, ou de ato de execução, e de não haver, ou haver, interposição de outra vontade, por mínima que seja. Se há escolha, mesmo pelo voto direto, é alguém que faça a regra jurídica, ou que delibere sobre sua execução, que seja autônomo no executar, isso já não é compatível com o conceito de democracia direta.

Bem, neste sentido Jean Paul Sartre tem lá as suas razões. Nas modernas democracias, com efeito, não teríamos esse tipo de democracia direta.

Nem na França, nem na Inglaterra, nem nos Estados Unidos. Nem no Brasil.

Mas nem por isso deixamos de ter democracia.

Nem povo. Nem voto. A democracia indireta oferece duas variantes extremas: o extremo máximo, em que o Parlamento pode expressar o que quer - fazer leis, revogá-las, derogá-las, dispor dos dinheiros públicos - sem que o povo tenha meio legal de se opor a tais atos, e o extremo mínimo, em que o Parlamento recebe instruções definidas, especiais e claras para a ação parlamentar. Nas formas intercalares aparecem as Constituições com as variantes do poder do Chefe do Governo, e da Justiça, e toda a combinação possível de preponderância deste ou daquele Poder.

No nosso caso, da democracia representativa, baseada na representação popular, é claro que somos uma democracia indireta. O povo não faz a lei, nem a executa. São os seus representantes e os homens de governo.

Daí o povo querer, pelo menos, o voto direto. É uma forma de fazer a democracia indireta menos indireta.

Como se vê, há um elemento diferenciador, entre a democracia direta e a democracia indireta: a eleição.

Em vez de resolver, ele mesmo, sobre a regra jurídica, ou o ato que se há de praticar, o povo (titular do poder estatal) escolhe alguém que lhe faça as vezes.

Pois é o que vamos fazer nas próximas eleições de 15 de novembro, com o nosso voto livre, secreto e direto.

## DEFEITOS DO VOTO

Há uma velha crítica ao voto universal. É a crítica segundo a qual dá igual tratamento a pessoas desiguais em inteligência, cultura, valor moral e cívico. O voto de um Einstein ou de um Churchill, de um João Paulo II ou de uma lavadeira ou um trabalhador braçal tem o mesmo peso. É um voto apenas. Um voto como qualquer outro. O voto não se pesa, conta-se.

Chegou-se a sugerir uma diferenciação dos votos, dando-se um peso a uns, e outro peso a outros. Assim, o voto de João Paulo II pesaria mais que o voto de uma lavadeira ou de um trabalhador braçal.

Vem daí a questão sobre se o voto deve ser restrito aos alfabetizados ou extensivo aos analfabetos.

Tudo isso é frescura. O analfabeto trabalha? Trabalha. Produz? Produz. Paga imposto? Paga. Pega no fuzil e defende a Pátria, com sacrifício da própria vida? Sim. E por que não vota?

Se todos não votam, ou não há democracia ou, pelo menos, há menos democracia.

Abraham Lincoln derrubava matas de machado. Terminou sendo um grande presidente dos Estados Unidos e um guardião da democracia.

No Brasil já deviam ter acabado com essa frescura.

## Cabral acha que o país deve estar melhor armado

O senador Milton Cabral sustentou da tribuna que, "embora o Brasil não esteja contaminado pelo vírus da hegemonia expansionista, de qualquer modo, a experiência do conflito entre Inglaterra e Argentina "demonstra que os conflitos surgem inesperadamente e, portanto, o Estado terá de estar preparado para enfrentar a eventualidade reequipando-se militarmente, e não só isso, sustentar em elevado grau a eficiência de suas forças".

- No mundo de hoje creio que ninguém em sã consciência porá em dúvida a imperiosa necessidade do Brasil adquirir uma adequada capacidade militar, que lhe permita contribuir para a harmonia da convivência continental e, ao mesmo tempo, possua uma temida força que desencoragem a todos os que queiram violentar ou abusar dos nossos direitos.

Disse Milton Cabral que é comum entre os estrategistas que o poder militar, suficientemente preparado, via de regra, tem a função dissuasória que, pela simples ação de presença ou de sua conhecida existência, desestimula a quem deseje a ele se opor. Este poder, por ser um componente do poder nacional, quando se materializa em proporções justas e capacidade conveniente para o fortalecimento dos outros componentes.

Segundo o senador paraibano, o desenvolvimento científico e tecnológico faz encurtar a reposição dos equipamentos bélicos. Por outro lado, na medida em que o país substitui as importações pela produção própria ele alivia a economia nacional e concomitantemente, abre novas perspectivas de expansão para os demais setores. Este modelo de auto-abastecimento, em constante atualização de avançada tecnologia, o livra das pressões externas, ou ainda, de certos programas de cooperação militar que via de regra, estão impregnados de compromissos políticos.

## APOIO

O senador Milton Cabral manifestou a convicção de que o Governo

e os Ministros militares terão o apoio maciço da opinião pública. O povo está convencido e creio que todos nós da classe política, estamos unidos em torno de uma premissa: o Brasil não tem condições e não há qualquer conveniência de montar um grande poder militar, mas, construir e manter um poder militar suficiente, moderno e respeitável.

Diante de experiência acumulada nos últimos anos, e a mais recente demonstração na guerra entre ingleses e argentinos, disse Milton Cabral que o Governo brasileiro terá forçosamente de reajustar as suas diretrizes para ensejar novas condições de fortalecimento do poder militar. "Este reajustamento, que tornou-se evidente necessidade, embora sendo de iniciativa governamental, corresponde à vontade da nação".

Para o senador, com esta identificação entre o povo e o Governo, em torno do preparo do Estado, o caminho está aberto para que se estabeleça um programa viável e duradouro, que permita ao país adquirir efetivamente a indispensável segurança dentro de proporções e prazos condizentes com a realidade do meio social e econômico. Quanto a este novo empenho tenho absoluta confiança que o mesmo será conduzido com a moderação e bom senso que neste particular até o presente marcou o comportamento das nossas Forças Armadas".

Ninguém pode contestar - diz Milton Cabral - "que após a Revolução de 1964 os militares brasileiros ao assumirem o Governo, não deram qualquer prioridade a programas de rearmamento. Em outras palavras, as Forças Armadas ao exercerem o poder perseguiram objetivos mais políticos e econômicos do que militares. Como bem acentuou o ministro-chefe do Estado Maior das Forças Armadas, general Alacyr Frederico Werner "o Governo não vai se desviar em momento algum da linha do máximo desenvolvimento com o mínimo de segurança indispensável".

## Madruga de acordo com metas de Wilson Braga

Para o deputado Soares Madruga, uma das grandes preocupações do candidato Wilson Braga é a de inserir no seu programa de Governo uma meta que possa ir ao encontro dos anseios da classe empresarial de Estado.

Entende o líder do Governo que a Paraíba só pode evoluir em harmonia ao prestígio junto ao empresariado, porque isso fortalece a economia. Sobre o encontro de Braga com o empresariado, semana passada no Hotel Tropicana, disse que ele se reveste de alto significado para a elaboração do seu plano de Governo e daquela conversa surgiu novas sugestões que serão aproveitadas no seu Governo.

A respeito de um maior campo de ação para o empresariado paraibano no seu próprio Estado, Madruga é de acordo que existe este espaço também para os nordestinos, ou seja uma política econômica em favor do Nordeste e que isto pode ser estendido para o empresariado paraibano. É preciso uma união dentro da própria região nordestina, havendo assim uma concentração de recursos.

## PALHANO

Outro deputado que defende este apoio ao empresariado é Juracy Palhano. "Vejo isto com muita simpatia. O empresariado paraibano genuíno, o que ganha aqui e aplica

## Gilberto pede que rios sejam mais aproveitados

O deputado Gilberto Sarmento, no último dia de trabalhos Legislativos desse início de recesso parlamentar, registrou um apelo ao ministro Mario Andreazza no sentido de incluir rios Piranhas e Piancó no plano de desenvolvimento do rio São Francisco, que está sendo elaborado pelo Governo.

O parlamentar advertiu o Governo para a situação de miséria em que se encontra o trabalhador sertanejo, tornando-se imperioso a criação de um mercado volumoso e significativo de trabalho, suprimindo o implacável corte das frentes de



Deputado Soares Madruga

aqui mesmo, merece mais incentivo por parte do Governo, do que aquele empresariado do Sul, que se aproveita do incentivo e termina deixando os empreendimentos abandonados, com os seus lucros sendo levados para o Centro-Sul do país".

Segundo Palhano, o que o Governo Federal tem feito é dar todo apoio aos empresários que vêm de fora, "e a vezes até vigaristas que nem empresários são. De maneira que merece os maiores aplausos essa ideia do futuro governador Wilson Braga, em dar apoio ao empresário paraibano".

emergência através do início de muitas obras, ou seja, construção de açudes, de estradas, de poços, de grupos escolares, de eletrificação rural, de postos de saúde, de casas populares, de eletrificação rural,

Só assim, entende Gilberto Sarmento, o Governo poderá evitar os saques, as invasões que estão ocorrendo e que depõem de maneira negativa contra a administração" pois atestam a nossa incompetência e descaso para esse importante problema". Sarmento proclamou a necessidade do Governo investir em pesquisas de solo.



Senador Milton Cabral

## Grupo Abrantes está pensando em lançar vários candidatos

O Grupo Abrantes, através do deputado Eilzo Matos, ex-deputado Romeu Abrantes e o sr. Johnson Gonçalves de Abrantes, participou ontem ao governador Clóvis Bezerra o resultado dos entendimentos mantidos com os demais grupos do PDS de Sousa, para lançamento da chapa oficial que concorrerá aos diversos cargos, tais como, deputado estadual, prefeito e vice-prefeito nas eleições de 15 de novembro.

A proposta, que foi aprovada na reunião do Grupo Abrantes, consiste em assegurar representatividade aos três grupos que integram o PDS de Sousa, na indicação de candidatos aos cargos referidos, dando oportunidade a todos.

O deputado Eilzo Matos foi credenciado pelo Grupo Abrantes para servir de mediador e intermediário dos entendimentos, e este trabalho já foi iniciado junto ao deputado Gilberto Sarmento, ao secretário Ananias Gadelha e ao industrial Luiz de Oliveira, presidente do Diretório Municipal do PDS, sendo que nenhum demarche foi mantido com o grupo liderado pelo deputado Marcondes Gadelha, tendo em vista a recusa do seu Grupo em participar da reunião, para a qual foi previamente convidado, através do médico Renato Benevides Gadelha, irmão do deputado federal Marcondes Gadelha.

O Grupo Abrantes mantém a mesma disposição de unidade do partido, principalmente para assegurar a vitória do deputado Wilson Braga ao Governo do Estado na região polarizada por Sousa.

Em face da não conclusão dos entendimentos, o ex-deputado Romeu Abrantes cancelou uma entrevista que daria ontem, na Rádio Alto Piranhas de Cajazeiras, transferindo, porém, para o dia 24 do corrente, impreterivelmente este seu contato com a imprensa falada daquele Município. O que é certo, é que o Grupo Abrantes terá candidato, quer seja a prefeito ou a deputado estadual.

## Gayoso quer definido o preço mínimo do algodão da Paraíba

O preço mínimo do algodão do Nordeste há muitos anos que vinha sendo divulgado entre os meses de setembro a janeiro. O homem do campo já ia plantar sabendo quanto a sua comercialização e que era também assegurada pelo Governo Federal. Acontece que agora esse preço não está sendo divulgado, quando se sabe que a safra este ano chega a 16 milhões de quilos.

Esta denúncia foi feita pelo deputado José Gayoso adiantando que em contato com duas cooperativas de Patos, teve a notícia de que um funcionário da Comissão de Financiamento da Produção seria dito, informalmente, que o algodão serido seria comercializado pelo preço de 95 cruzeiros, o quilo, enquanto o tipo sertão, seria a razão de 85 cruzeiros e o algodão tipo brejo, a 78 cruzeiros. Essas mesmas cooperativas compraram o algodão sertão a 94 cruzeiros, e consequentemente, o serido, que é o de melhor qualidade, vai ter um preço acima de 120 cruzeiros.

Gayoso teme que o retardamento do preço mínimo possa provocar um novo escândalo, a exemplo do que vem ocorrendo com a Cooperisal. Ele acha que o Governo Federal está sendo omissivo e, consequentemente, será o maior responsável pelo que viver acontecer.

- Toda a região sertaneja está apreensiva, porque além do escândalo do sisal, não tem a menor ideia de como será a comercialização no mercado algodoeiro.

## DESATIVACÃO

Ao condenar "as irregularidades existentes nas frentes de emergência", o deputado José Gayoso disse que a desativação foi por conta do resultado da operação "Chapeu de Couro". "Ela esteve aqui e deu no que deu, isto é, a desativação da emergência. Não quisermos ouvir o nosso conselho, que era a intervenção do Exército. Brincaram demais com fogo. Agora, tenho certeza de que o SNI terá uma participação mais direta".

Embora não conhecendo os critérios dos "bolsões", José Gayoso acredita que desta vez não haverá mais escândalo, porque antes 50 por cento dos emergenciados, segundo ele, não precisavam da emergência. "Com os "bolsões" acredito que só vai trabalhar quem realmente precise, pois serão turmas de 25 homens, sendo fiscalizadas".



## Copa desorganizada

A precária organização da Copa do Mundo torna-se ainda mais patente no fartamente anunciado programa cultural e esportivo que se realiza paralelamente aos jogos, conforme os despachos dos correspondentes internacionais.

O programado jogo entre os tenistas Bjorn Borg e Jimmy Connors nunca se realizou e um concerto dos Bee Gees também foi cancelado. E os Rollings Stones, que deveriam ser a principal atração, não estão ainda certos, por causa de pequenos detalhes contratuais.

### Momento difícil

• Moralmente a situação do senador Marcos Freire, candidato ao governo de Pernambuco, é difícil. Ele não sabe se mantém o sr. Cid Sampaio com a oposição interna comandada pelo sr. Miguel Arraes, como candidato a senador, ou se expõe o ex-governador a um concurrente em sublegenda. Para completar, dia a dia o sr. Jarbas Vasconcelos afasta-se do candidato do PMDB.

### A final da Copa

• Está definido: se a final da Copa do Mundo, em Madri, terminar empatada em seu tempo regulamentar, terá uma prorrogação de 30 minutos. Mas (e isto é novidade na Copa) se a prorrogação também ficar empatada, haverá um novo jogo, disputado então em Barcelona três dias depois, ou seja, a 14 de julho. A Fifa já está tomando providências para que tudo corra bem no caso dessa hipótese.

### Dinheiro para Miss-U

• O Governo peruano, enfrentando uma crise econômica e um severo programa de austeridade, doou mais de meio milhão de dólares para o concurso de Miss Universo, que se realizará em Lima no próximo mês. Foram 650 mil dólares. O concurso, que começa dia 26 de julho, atrairá mulheres de mais de 80 países. Será transmitido mundialmente pela televisão.

### O casarão de Gonzaga

• O casarão onde funcionou a Ouvidoria do Século XVIII, em Ouro Preto, será transformado na Casa da Cidade, um centro cultural idealizado para abrigar entidades culturais e órgãos centralizadores do turismo. Isso acontece dezentos anos depois que o poeta e inconformado Tomás Antonio Gonzaga foi nomeado ouvidor de Vila Rica. Gonzaga morou nesse casarão, onde escreveu as Cartas Chilenas

## Convenção mineira

Uma ampla vitória da chapa Eliseu-Bias Fortes" é a expectativa do governador Francelino Pereira à convenção do PDS que escolherá hoje o candidato oficial ao Governo de Minas Gerais pelo voto de 776 convencionais. O concorrente de Bias é o senador Murilo Badaró.

Embora não queira precisar o resultado da Convenção, o governador Francelino Pereira, segundo seus assessores, estima que a votação do senador Murilo Badaró ficará em torno de 250 votos. Francelino, até ontem à noite, não havia decidido se irá ao encerramento da convenção.

### Pílulas e câncer

• As mulheres que usam pílulas anticoncepcionais têm quase a metade de possibilidades de contrair câncer de ovário do que as que não utilizam essas pílulas, segundo uma pesquisa divulgada em Nova Iorque. A pesquisa, feita pela Faculdade de Medicina da Universidade de Boston, é baseada em entrevistas com 675 mulheres de menos de 60 anos, 222 das quais usavam pílulas anticoncepcionais.

### Julgamento e expectativa

• O secretário-geral da CNBB, d. Luciano Mendes de Almeida, afirmou ontem que o julgamento dos padres franceses Aristides Camilo e Francisco Gouriou e dos 13 posseiros do Araguaia, marcado para amanhã "está provocando grande expectativa não só nos ambientes da Igreja, mas na opinião pública. Ele acha que esse julgamento representa ainda um apoio indireto aos proprietários gananciosos.

□ □ □

• O presidente da Fifa, João Havelange, visitou ontem a famosa Catedral de Santiago de Compostela para depositar flores para o apóstolo Tiago e para rezar pelo êxito da Copa do Mundo. Havelange esteve acompanhado pelo arcebispo Dom Angel Suquia, que lembrou passagens dos Evangelhos relacionadas com o afã de vencer.

\*\*\*

• O presidente da Associação dos Magistrados Brasileiros, desembargador Sidnei Sanchez, afirmou em São Paulo que o Poder Judiciário "só poderá cumprir sua missão se não depender, para o exercício de suas funções, dos critérios econômico-financeiros dos outros poderes.

\*\*\*

• "Mais dinheiro para a compra de armamentos não dá para dar", disse o ministro da Fazenda, Ernane Galvão, numa entrevista exclusiva ao Repórter Econômico, editado pela Associação dos Jornalistas de Economia de Brasília, na qual nega ainda que venha recebendo pressões para aumentar esse tipo de verbas.



Nos açougues, o produto estava sendo comercializado a Cr\$ 700 o quilo

## Carne sobe de preço nas feiras

A carne de sol aumentou de preço e o pimentão diminuiu nas feiras livres de João Pessoa desta semana, existindo a possibilidade de novos acréscimos na próxima semana, conforme declarações de alguns comerciantes, se persistir a falta de gado para o abate.

Nas feiras livres era comum se ouvir, ontem, reclamações das donas de casa por causa nos altos preços das mercadorias, principalmente com relação a carne de sol de gado, que estava sendo comercializada entre 600,00 e 700,00 cruzeiros. A maioria das pessoas optava por outra espécie de carne, como, por exemplo, galinha e porco.

### VERDURA

A tendência do preço de verdura nas feiras livres de João Pessoa é diminuir, principalmente a partir de agora quando começa a safra de hortaliças no litoral e grande parte das cidades do Brejo.

Tomate a Cr\$ 80,00 o quilo, batatinha por Cr\$ 100,00, pimentão a Cr\$ 5,00 a unidade eram, ontem, as principais verduras procuradas pelas donas de casa no Mercado Central. No entanto, no setor de frutas as pessoas não reclamavam dos preços, mesmo comprando banana a Cr\$ 10,00 a unidade.

Galinha a 250,00 o quilo, e carne de porco de Cr\$ 400,00 eram as carnes mais compradas. Ainda o peixe também era bastante comprado, principalmente por causa do seu baixo preço. Ancora a Cr\$ 350,00, cavallinha a Cr\$ 250,00, sardinha a Cr\$ 220,00, corvina a Cr\$ 220,00, pampo a Cr\$ 320,00 e garouba a Cr\$ 320,00.

## BB convoca inscritos no concurso

Os 8.500 candidatos inscritos no concurso público do Banco do Brasil deverão comparecer amanhã a partir das 8 horas, para preenchimento da ficha de inscrição munido do recibo de depósito e carteira de identidade.

Aqueles que se inscreveram na agência do Banco na 1817, deverão comparecer a Associação Atlética Banco do Brasil, na Avenida Dom Pedro II, enquanto que aqueles inscritos na Agência Varadouro, deverão comparecer neste mesmo local, segundo edital de convocação.

A inscrição começa amanhã, mas os interessados têm até o dia dois de julho para regularizar sua inscrição, a fim de participar das provas do concurso, a se realizarem em data a ser posteriormente anunciada pela direção central do banco.

## Aferição de taxímetros terá início esta semana

O Instituto de Pesos e Medidas, o Sindicato dos Condutores Autônomos de Veículos Rodoviários de João Pessoa e representantes das empresas de aferição se reunirão esta semana, na sede do Ipem, para decidir sobre a data da nova aferição dos taxímetros. A informação foi prestada pelo diretor-presidente do Instituto, Sérgio de Tarso Vieira.

A nova bandeirada passará a custar 70 cruzeiros a partir da aferição, que será marcada nessa reunião. O aumento foi autorizado pelo Departamento Estadual de Trânsito, após reivindicação feita pelo Sindicato dos Condutores Autônomos de Veículos Rodoviários de João Pessoa, que considerou impossível permanecer com os preços atuais, após o aumento da gasolina.

Segundo informações do presidente do Sindicato, Hélio de Luna Freire, a nova tabela dos táxis entrará em vigor depois que for iniciada a aferição. Até essa data, os motoristas de táxis permanecerão rodando na bandeira 2, para compensar os gastos com o combustível e evitar que eles tenham prejuízo.

A partir da bandeirada a 70 cruzeiros, será cobrado mais 50 cruzeiros por quilômetros rodados, na bandeira um e 68 cruzeiros na bandeira dois, continuando a 320 cruzeiros, a hora parada e 15 cruzeiros por volume.

Segundo Hélio de Luna Freire, esse aumento da bandeirada atenderá as necessidades dos motoristas de táxis, pelo menos até o próximo aumento dos derivados de petróleo.

## Sindicato têxtil não elegeu seu presidente

Por falta de quorum não foi escolhido o novo presidente do Sindicato dos Trabalhadores nas Indústrias Têxteis de João Pessoa, estando marcada para o final do mês nova eleição, informaram ontem dirigentes da entidade.

A primeira eleição para escolha dos novos dirigentes, realizada sexta-feira última foi bastante conturbada, tendo sido necessário a presença da polícia para acalmar os atritos entre membros da mesa e componentes do Partido do Trabalhador,

que apoiam a chapa dois, encabeçada por Edvan da Silva.

Para a próxima eleição, que se realizará em dia a ser anunciado esta semana, serão colocadas urnas na sede da entidade de classe, Fábrica Mandacaru e Toalita, a exemplo do que aconteceu anteriormente.

Os dirigentes do Sindicato não revelaram a quantidade de votantes, mas apontaram o jogo da Seleção Brasileira no mesmo dia como causa principal de evasão de associados. Na próxima vez vão marcar eleição para dia em que não tem jogo.

## Espep promove este mês curso para servidores

Um curso sobre Organização e Métodos, visando o aperfeiçoamento profissional dos servidores públicos, será promovido durante esse mês pela Escola de Serviço Público do Estado da Paraíba-Espep, em conjunto com a Secretaria da Administração.

Segundo os seus promotores, o curso tem como objetivos principais capacitar pessoal para desenvolver programas de Modernização Administrativa no Estado da Paraíba, formar massa crítica capaz de, pelos conhecimentos adquiridos, atuar como elemento modernizante na estrutura operacional dos órgãos governamentais do Estado da Paraíba.

O curso sobre Organização e Métodos será destinado aos servidores na administração di-

reta e indireta, envolvidos em trabalhos de implantação e de modernização administrativa. Ele terá uma duração de 40 horas/aula, contendo debates, aulas expositivas e material de leitura complementar.

### PROGRAMA

A programação do evento constará de conceitos básicos de Organização e Métodos, área de atuação, etapas de um estudo de Organização e Métodos, dimensões da organização, dimensão estrutural da organização, centralização e descentralização administrativas.

### PRÉ-REQUISITOS

Para a participação no curso, os servidores públicos devem ter experiência na administração e um grau de escolaridade, no mínimo, até o segundo grau.



Aumentou - depois da vitória da última sexta-feira - a cotação da Seleção Brasileira, e a posição até um certo ponto pessimista que vinha adotando o torcedor pessoense, mudou bastante. O que mais exprime esse clima de otimismo e vontade de dar apoio, é o novo visual das ruas da capital. Por toda a cidade se percebe a confiança dos pessoenses com a boa campanha até agora apresentada pela Seleção Brasileira e a possibilidade muito mais lúcida de conquista do tetra campeonato mundial de futebol na Espanha. Os bares, segundo confirmação dos seus proprietários, duplicaram o seu consumo de bebidas e a preferência dos torcedores é a cerveja, muito mais adequada para a ocasião do que o uísque "escocês". A ornamentação feita na rua Francisco Moura, com o esforço dos próprios moradores, dá um bom exemplo do otimismo crescente do torcedor pessoense que deverá aumentar ainda mais depois do jogo desta quarta-feira contra a modesta Nova Zelândia, mesmo com a nervosa possibilidade de enfrentar na segunda fase do campeonato a Seleção argentina.

## Professores creem que os seus salários serão equiparados

Professores de licenciatura plena estão confiantes que o governador Clóvis Bezerra atenderá reivindicações contidas no Memorial encaminhado pela APLP/Pb, na última quinta-feira, para que conceda a equiparação dos salários dos professores de licenciatura aos do Grupo ANS do Estado.

Em contato mantido com a reportagem de A UNIÃO, os dirigentes da Associação dos Professores de Licenciatura Plena disseram que pelo menos uma vitória já foi conseguida pela classe, com o compromisso assumido pelo governador de só contratar professores durante o seu governo que tenham curso de licenciatura plena, e, na falta destes, estudantes do Curso de Licenciatura.

Com essa medida, segundo os diretores da APLP/Pb, abre-se o mercado de trabalho aos profissionais do Magistério, que muitas vezes terminam os seus cursos e ficam sem trabalhar porque têm os seus lugares ocupados por leigos ou profissionais de outras áreas. Outro fato apontado por eles com a medida, será a valorização dos cursos de Formação de Professores existentes no Estado.

A direção da Associação acrescentou ainda que, além dos professores de Licenciatura Plena, poderão participar da APLP/Pb os professores regentes de ensino que estejam fazendo cursos de Licenciatura Plena, bastando para isso juntar à proposta de filiação uma declaração do curso em que está matriculado.

## "O Analista de Bagé" entre os livros mais vendidos na Capital

"O Analista de Bagé", de Luis Fernando Veríssimo, editado pela LPM, foi um dos livros mais vendidos durante o mês de maio, segundo pesquisa realizada pela Fundação Instituto de Planejamento do Estado da Paraíba-Fiplan, nas Livrarias do Luiz, Leia, Livro 7 e Opção, em João Pessoa.

Na lista dos mais vendidos em maio, ainda estão: "Prestes: Lutas e Autocríticas", de Denis de Moraes e Francisco Viana, editado pela Vozes; "A Economia Política da Crise", de Maria da Conceição Tavares e Maurício Dias David, também editado pela Vozes; "Dez Dias que Abalaram o Mundo", de John Reed, editado pela Global.

"Prisioneiro sem Nome, sem Cela, sem Número", de Jacob Timerman, editado pela Codecri, também compõe a relação dos livros mais procurados nessas livrarias durante o mês de maio. Além dele, também estão relacionados: "1964: A Conquista do Estado", de René Armand Dreifuss, editado pela Vozes; "Cosmos", de Carl Sagan, editado pela Francisco Alves; "As Flores do Mal", de Baudelaire, pela Editora Max Limonad; "Aqui e Agora", de Mitterrand, pela Editora Nova Fronteira, e "Uma Aldeia em Perigo", de Celso Antunes, pela Editora Vozes.

## UFPb dá bolsas de estudo no exterior até o próximo dia 2

O Coordenador Geral de Capacitação Docente da UFPb, professor Wilson Brunel Meller, informou que continuam abertas as inscrições para Bolsas de Estudo no Exterior-1983, da Capes. A Coordenação, órgão da Pró-Reitoria de Pós-Graduação e Pesquisa (2º andar da Reitoria, Campus de João Pessoa), atenderá os interessados no horário de expediente normal até o dia 2 de julho próximo.

Os formulários, devidamente preenchidos, deverão ser entregues até essa data às secretárias Heloisa Rangel ou Cristina Ribeiro, habilitadas ainda a fornecer maiores informações aos candidatos.

Poderão inscrever-se, prioritariamente, todos os professores da Universidade Federal da Paraíba. As inscrições, explicou Wilson, estão abertas a outros integrantes da comunidade acadêmica que se sintam em condições de concorrer e participar de um programa de pós-graduação no exterior.

Recomendou, por fim, que os interessados não deixem suas inscrições para última hora, considerando que os prazos estipulados pela Capes são rigorosos, evitando-se, assim, atropelos e eventuais prejuízos aos candidatos.

## Professores debatem amanhã problemas da educação brasileira

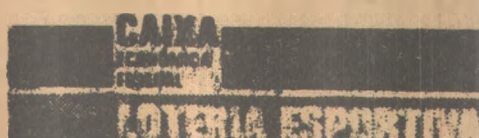
"Política educacional e reforma universitária" - esse será o tema da mesa redonda, amanhã às 19h30m, no auditório da antiga Faculdade de Filosofia (Fafi), promovida pelo Departamento de Ciências Sociais, da Universidade Federal da Paraíba.

O debate contará com a participação de todos os professores que participam do Curso de Extensão Universitária sobre a Reestruturação da Universidade.

Os debates serão abertos com uma conferência do professor Jackson Carvalho, vice-reitor da UFPb, sobre o tema "Propostas da Administração Universitária", que abordará questões relativas ao posicionamento dos reitores das universidades brasileiras a respeito da reestruturação da instituição.

Participarão ainda do curso, representantes da Associação Nacional dos Docentes de Ensino Superior, Diretório Central dos Estudantes, Associação dos Docentes da Universidade Federal da Paraíba e da Associação dos Funcionários da UFPb.

Os organizadores da mesa-redonda estimam que a promoção despertará grande interesse na comunidade universitária visto que visa aprofundar um tema que está sendo objeto de amplas discussões em todas as universidades brasileiras.



Resultado provisório do concurso-Teste nº 602, apurado em 18/06/82. Total líquido a reatar..... Cr\$ 54.065.316,00. 04 apostas ganhadoras com 13 pontos, cabendo a cada uma..... Cr\$ 138.516.329,00.

DISCRIMINAÇÃO DE APOSTAS GANHADORAS POR ESTADO:

Bahia.....	01
Minas Gerais.....	01
São Paulo.....	02

De acordo com o artigo 19 da norma geral dos concursos prognósticos esportivos, haverá um prazo de 10 dias, contados a partir desta data, para reclamações, as quais deverão ser apresentadas na Av. Camilo de Holanda nº 100 - João Pessoa, até o dia 29/06/82. Não serão aceitas reclamações por via postal.

Quem poupa na Caixa está com mais.

**NOTA DE AGRADECIMENTO**

Clodoaldo Peixoto Filho e família agradecem sensibilizados aos amigos pelas manifestações de pesar e conforto moral recebidos por ocasião de irreparável perda de MARIANGELA no trágico acidente aéreo de Fortaleza, inclusive aos que compareceram à missa celebrada na Catedral.

**Edme quer Nordeste com um novo programa social**

A criação de um Programa Social para o Nordeste, pela SUDENE, foi defendida ontem pelo deputado Edme Tavares, em conversa que manteve com jornalistas. Ele afirmou que o homem nordestino deve ser o beneficiário direto, especialmente os que vivem nas áreas assoladas pelas secas, dos programas e ações do Governo, pois, sem dúvida alguma tem o Estado a obrigação de zelar pelo bem estar dos seus cidadãos. Edme disse que esse Programa Social deveria ser implantado pela SUDENE a curto prazo, pois mais do que ninguém, aquele órgão de desenvolvimento conhece a realidade dos nordestinos. O que é necessário, enfatizou, é que se aja com urgência porque o nor-

destino não pode ficar a mercê de programas de última hora e sem continuidade.

Ele declarou que é um fato inegável que as massas rurais se pauperizam e tendem a abandonar os campos. Salientou Edme que o crescimento do Produto Interno Bruto, que é uma outra realidade nos últimos anos no Brasil, favoreceu apenas as classes alta e médio-alta, concretando-se a riqueza nas mãos de poucos, enquanto milhões de nordestinos se debatem em necessidades. Ele foi veemente ao afirmar que "temos uma consciência reformista, na esperança de encontrar novos caminhos que possibilitem o bem-estar e prosperidade de todos".

**Bancários têm defesa de Humberto**

Em recente pronunciamento, o senador Humberto Lucena disse que os direitos da classe bancária de todo o país, embora reconhecidos pelos tribunais do trabalho, estão sendo desrespeitados pela maioria dos estabelecimentos bancários.

As mínimas vantagens conseguidas pelos bancários, no correr dos anos, vêm sendo descumpridas, tornando assim, mais difícil ainda a já precária situação salarial dos empregados em bancos.

Lembra o senador que, com exceção, nada mais nada menos, de quatro estabelecimentos bancários, os demais, parcial ou totalmente, firma-se no propósito de não darem cumprimento ao que a Justiça do Trabalho decidiu. "E é de pasmar que, justamente os mais poderosos bancos, com lucros líquidos semestrais que atingem à fabulosa cifra de cerca de vinte e tantos bilhões de cruzeiros".

Tive a honra de receber - diz ele - "o manifesto da classe bancária às autoridades e ao público, apotando aqueles devedores relapsos. E sente-se a justa revolta dos bancários por essa inconcebível atitude de desrespeito à Justiça do Trabalho, ao direito mais sagrado do trabalhador e que é a corrente, a exata remuneração pelo seu labor, direito não só constitucional, mas Universal.

**DR. RENATO RIBEIRO COUTINHO**

7º Dia

MARIA ANUNCIADA RIBEIRO COUTINHO, CARLOS ANTONIO RIBEIRO COUTINHO, esposa e filhos, HELVETTI OLIVER CRUZ, esposa e filhos, JOSÉ FERNANDO RIBEIRO COUTINHO, esposa e filhos, convidam seus parentes e amigos para assistirem as missas que mandam celebrar em sufrágio da alma do seu inesquecível esposo, pai, sogro, avô e amigo RENATO RIBEIRO COUTINHO, às 8 horas do dia 22 deste mês na Capela do Colégio N. S. de Lourdes nesta Capital, e às 16 horas na Capela da Usina Santa Helena, em Sapé - PB.

Antecipadamente agradecem aos que comparecerem a este ato de fé cristã.

**DR. RENATO RIBEIRO COUTINHO**

7º Dia

As empresas do grupo Renato Ribeiro Coutinho - CIA Agro Industrial Santa Helena, Cia. Agro Pecuária Gendiroba, IRPA - Indústrias Reunidas da Paraíba S.A., e Cerâmica São Domingos Ltda., por seus Diretores, Acionistas, funcionários e rurícolas, convidam seus parentes e amigos para assistirem as missas que mandam celebrar em sufrágio da alma do seu inesquecível Diretor Presidente e amigo Renato Ribeiro Coutinho, às 8 horas do dia 22 deste mês na Capela do Colégio N. S. de Lourdes, nesta Capital, e às 16 horas do mesmo dia na Capela da Usina Santa Helena, em Sapé - PB.

A todos os que comparecerem a este ato de fé cristã, antecipadamente agradecem.

**Pediatria e Obstetrícia**

Dr. Celso Paiva de Mesquita Júnior  
Consultório: Av. Duarte da Silveira, 519, João Pessoa  
Telefone: 221-5359

**Burity terá manifestação de apoio na terça-feira**

O ex-governador Tarcisio Burity desembarcará terça-feira, às 10 horas, no Aeroporto Castro Pinto, vindo do Japão onde está há aproximadamente vinte dias, atendendo a convite que lhe foi feito pelas autoridades japonesas, quando ainda governava o Estado da Paraíba.

Há perspectiva de que ocorrerá manifestação de apoio político ao ex-governador, candidato a deputado federal, pelo Partido Governista.

Para tanto, os coordenadores da campanha do professor Tarcisio Burity já estão se articulando para promoverem uma recepção especial ao candidato.

**Serventuários da Justiça beneficiados com projeto**

A Assembléia Legislativa, em sessão extraordinária, aprovou o projeto-de-lei nº 49/82, que dispõe sobre a revisão dos proventos de serventuários da Justiça.

O parecer do deputado Assis Camelo foi favorável à aprovação e tem a seguinte redação:

"O Governo do Estado apresenta projeto-de-lei sobre "a revisão dos proventos de serventuários da Justiça", como uma forma de atualizar a remuneração

daquelas pessoas que passam a maior parte da existência ajudando as pessoas que sentem necessidade do amparo da lei.

Há, por outro lado, muita preocupação do poder público, com a sorte das pessoas que lhe prestam serviços, no sentido de remunerá-las da melhor forma que for possível, para atenuar as tensões sociais. Elas se originam, acima de tudo, em face da qualidade da vida do povo.



Patos - São Paulo  
Saídas 8:00, 10:00 e 16:00 horas

Agente Martinho  
Estação Rodoviária  
Box 5 - Fone 421-2246  
Patos Pb.

**PODER JUDICIÁRIO JUSTIÇA DO TRABALHO TRIBUNAL REGIONAL DO TRABALHO DA 6ª REGIÃO RECIFE**

EDITAL TRT Nº 1/82

para candidatos de ambos os sexos) e militares (para os do sexo masculino);

2) comprovar ter concluído a 4ª série do 1º grau (antigo curso primário) ou equivalente ou, ainda, possuir formação, especializada que corresponda à 4ª série do 1º grau;

3) comprovar a prática na especialidade escolhida, durante o período mínimo de 01 (um) ano, mediante a apresentação de contrato de trabalho registrado em carteira profissional, certificados de conclusão, de cursos específicos ministrados por entidades especializadas ou ainda, declarações firmadas por pessoas jurídicas de direito público ou privado, onde o candidato tenha prestado serviços, respeitado o período mínimo de 01 (um) ano;

4) os documentos enumerados acima, de 01 a 04, serão exigidos dos candidatos aprovados, antes da respectiva posse, importando a não-apresentação em insubsistência da inscrição, nulidade da aprovação ou habilitação e perda dos direitos decorrentes, sem prejuízo das sanções penais aplicáveis à falsidade da declaração (art. 2º, § 2º, § do Decreto nº 86.364, de 04.09.81);

e não serão aceitas inscrições condicionais, nem por correspondência; tampouco poderá o mesmo candidato inscrever-se em mais de uma categoria funcional ou especialidades neste concurso;

2.2 - Para a categoria de Telefonista "A", será exigida a apresentação dos seguintes documentos:

a - documento oficial de identidade, que comprove ser o candidato brasileiro e que possui 18 (dezoito) a 50 (cinquenta) anos completos até a data da inscrição. Independência desse limite o candidato que possuir a condição de servidor de órgão da administração Federal direta ou de autarquia Federal, apresentando, para esse fim, um dos três últimos contracheques recebidos este ano;

b - comprovante do recolhimento da taxa de inscrição de Cr\$ 300,00 (trezentos cruzeiros), no Banco Brasileiro de Descontos S/A, agência Marquês de Olinda;

c - entregar duas fotos recentes, de frente, sem cobertura, tamanho 3 x 4 cm;

d - declaração firmada pelo candidato, sob as penas da Lei, de que possui os documentos a seguir enumerados, que serão exigidos somente dos candidatos aprovados, antes da posse:

1) comprovação de que o candidato encontra-se em dia com as obrigações eleitorais (para os do sexo masculino);

2) comprovar ter concluído a 8ª série do 1º grau ou equivalente;

3) os documentos enumerados acima, de 01 a 03, serão exigidos dos candidatos aprovados, antes da respectiva posse, importando a não-apresentação em insubsistência da inscrição, nulidade da aprovação ou habilitação e perda dos direitos decorrentes, sem prejuízo das sanções penais aplicáveis à falsidade da declaração (art. 2º, § 2º, § do Decreto nº 86.364, de 04.09.81);

e não serão aceitas inscrições condicionais, nem por correspondência; tampouco poderá o mesmo candidato inscrever-se em mais de uma categoria funcional ou especialidade neste concurso;

Item 03 - DO REGULAMENTO DO CONCURSO

O presente edital e complementado pelas instruções específicas, pertinentes a cada categoria funcional. O edital e as instruções específicas serão afixados nos quadros de avisos da sede do Tribunal e das Juntas de Conciliação e Julgamento da Sexta Região e entregues aos candidatos no ato da inscrição.

Item 04 - DA REALIZAÇÃO DO PROCESSO SELETIVO

4.1 - Para as categorias de Auxiliar Operacional de Serviços Diversos e Artífices:

a - prova escrita de Português, que compreenderá questões objetivas, de acordo com o programa constante das instruções específicas, que serão entregues aos candidatos no ato da inscrição;

b - prova escrita de Matemática, que compreenderá questões objetivas, de acordo com o programa constante das instruções específicas;

c - prova prático-oral, que compreenderá a execução de trabalhos e arguição para aferimento dos conhecimentos e habilidade do candidato no desempenho das atividades relacionadas com os exemplos típicos de tarefas da respectiva categoria funcional, classe e especialidade, constantes das instruções específicas;

4.2 - Para a categoria de Telefonista "A":

a - prova escrita de Português, constituída de questões objetivas a nível da 8ª série do 1º grau, de acordo com o programa constante das instruções específicas;

b - prova escrita de conhecimentos específicos, versando sobre questões relacionadas com as atividades previstas, para a categoria funcional e a utilização de equipamentos de telefonia, nos termos do programa constante das instruções específicas;

c - prova prático-oral, em que serão aferidos os conhecimentos, a habilidade e condições gerais do candidato, no desempenho das atividades relacionadas com os exemplos típicos de tarefas da categoria funcional, constantes das instruções específicas.

Item 05 - DA CLASSIFICAÇÃO FINAL  
Será feita pelo total de pontos obtidos e obedecerá às seguintes normas:

5.1 - Cada prova valerá 100 (cem) pontos, considerando-se habilitado o candidato que obtiver 40 (quarenta) ou mais pontos nas provas escritas e 50 (cinquenta) ou mais pontos na prova prático-oral;

5.2 - Será atribuído zero ponto à questão que contiver mais de uma resposta assinalada;

5.3 - A classificação final será obtida mediante a soma dos pontos das três provas dos candidatos habilitados e o total, em ordem decrescente, publicar-se-á no Diário Oficial do Estado de Pernambuco;

5.4 - Em caso de igualdade no total de pontos, terá preferência, para efeito de classificação, o candidato que:

- a) obtiver maior total de pontos nas provas prático-orais;
- b) for mais idoso;
- c) for casado;
- d) tiver maior número de filhos;
- e) tiver maior grau de escolaridade; e
- f) for servidor público.

Item 06 - DA VALIDADE DO CONCURSO  
O concurso terá a validade de 02 (dois) anos,

O Presidente da Comissão de Concurso Público instituída pela Portaria TRT-26/82, do Exmo. Sr. Presidente do Tribunal Regional do Trabalho da Sexta Região, publicada no Diário Oficial do Estado de Pernambuco, edição do dia 03.02.82, torna público que estarão abertas, na sede do Tribunal, com endereço no Cais do Apolo nº 739, em Recife, Pernambuco, inscrições para a realização de concurso público para provimento de vagas nas seguintes categorias funcionais:

a - Auxiliar Operacional de Serviços Diversos "A", código TRT - 6a. - NM-1006.1, Construção Civil, nas especialidades de:

- a.1 - pintor (04 vagas)
- a.2 - pedreiro (02 vagas)
- a.3 - bombeiro hidráulico (02 vagas)
- a.4 - há 08 (oito) vagas

b - Artífice de Estrutura de Obras e Metalurgia, Classe Artífice, código TRT-6a. - ART - 701, na especialidade de:

- b.1 - serralheira
- b.2 - há 01 (uma) vaga
- c - Artífice de Mecânica, Classe Artífice, código TRT - 6a. - ART - 702, nas especialidades de:

- c.1 - Montagem e ajustagem de equipamentos de refrigeração (02 vagas)
- c.2 - aparelhos e instrumentos (02 vagas)
- c.3 - motores a combustão (02 vagas)
- c.4 - há 06 (seis) vagas

d - Artífice de Eletricidade e Comunicações, Classe Artífice, código TRT - 6a. - ART - 703, na especialidade de:

- d.1 - eletricidade em geral (02 vagas)
- d.2 - eletricidade de veículos automotores em geral (01 vaga)
- d.3 - há 03 (três) vagas

e - Artífice de Carpintaria e Marcenaria "A", código TRT - 6a. - ART - 704, na especialidade de:

- e.1 - marcenaria
- e.2 - há 02 (duas) vagas
- f - Artífice de Artes Gráficas "A", código TRT-6a. - ART - 706., nas especialidades de:

- f.1 - impressão (04 vagas)
- f.2 - acabamento, encadernação, douração e restauração (02 vagas)
- f.3 - há 06 (seis) vagas

g - Telefonista "A", código TRT-6a. - NM. - 1044.2:

- g.1 - há 04 (quatro) vagas

Item 01 - DAS INSCRIÇÕES:

Prazo: 28.06 a 27.07.82

Horário: 8:30 às 11:30 horas

Local: Sede do Tribunal Regional do Trabalho da Sexta Região, situada no Cais do Apolo, 739, Recife, PR.

Item 02 - DOS REQUISITOS PARA INSCRIÇÃO:

2.1 - Para as categorias de Auxiliar Operacional de Serviços Diversos e Artífice, serão exigidos os seguintes documentos no ato da inscrição:

a - documento oficial de identidade, que comprove ser o candidato brasileiro e que possui 18 (dezoito) a 50 (cinquenta) anos completos até a data da inscrição. Independência desse limite o candidato que possuir a condição de servidor de órgão da administração Federal direta ou de autarquia Federal, apresentando, para esse fim, um dos três últimos contracheques recebidos este ano;

b - recolhimento da taxa de inscrição de Cr\$ 300,00 (trezentos cruzeiros), no Banco Brasileiro de Descontos S/A, agência Marquês de Olinda;

c - entregar duas fotos recentes, de frente, sem cobertura, tamanho 3 x 4 cm;

d - declaração firmada pelo candidato, sob as penas da Lei, de que possui os documentos enumerados a seguir, que serão exigidos somente dos candidatos aprovados, antes da posse;

1) comprovação de que o candidato encontra-se em dia com as obrigações eleitorais

a contar da data da homologação do processo seletivo, podendo ser prorrogado, a juízo exclusivo do Tribunal Regional do Trabalho da Sexta Região;

Item 07 - DAS DISPOSIÇÕES GERAIS

7.1 - A data das provas será divulgada 30 (trinta) dias após o encerramento das inscrições, mediante aviso publicado em jornal de grande circulação das cidades do Recife (PE), Natal (RN), João Pessoa (PB) e Maceió (AL), além de sua afixação na sede do Tribunal e em todas as Juntas de Conciliação e Julgamento da Sexta Região;

7.2 - Não haverá, sob qualquer pretexto, segunda chamada para nenhuma prova;

7.3 - O candidato deverá comparecer ao local designado para cada prova com antecedência de 30 (trinta) minutos do horário fixado, munido de caneta esferográfica (tinta azul ou preta); cartão de inscrição e carteira de identidade oficial ou equivalente. Em hipótese alguma será admitida a entrada, no local das provas, dos candidatos que chegarem além da hora marcada;

7.4 - É expressamente proibido ao candidato portar, no recinto de realização das provas, livros, apontamentos, volumes ou impressos de qualquer natureza;

7.5 - Além dos candidatos, somente terão ingresso nos locais de realização dos atos do concurso, seu secretário, fiscais credenciados pela comissão, componentes da banca examinadora e autoridades do Tribunal Regional do Trabalho da 6ª Região. O ingresso de pessoa estranha, se as circunstâncias assim o exigirem, só se dará mediante autorização de membro da comissão ou seu secretário;

7.6 - Será excluído do concurso, por ato da presidência da comissão, o candidato:

- a - que faltar a alguma das provas;
- b - que praticar incorreção ou descortesia para com qualquer dos membros da comissão, seu secretário, componentes da banca examinadora, fiscais ou autoridades presentes;
- c - cuja prova apresente sinal ou contenha expressão que possibilite a sua identificação;
- d - que for surpreendido, durante a realização de prova, em comunicação com qualquer outro candidato ou terceiro, verbalmente ou por escrito, ou por outra qualquer forma, bem como utilizando-se de livros, notas ou impressos;
- e - não mantiver atualizado seu endereço junto ao Serviço do Pessoal do Tribunal Regional do Trabalho da 6ª Região.

7.7 - Não será concedida vista de qualquer prova. Facultar-se-á, entretanto, ao candidato, apresentar, no prazo de 48 (quarenta e oito) horas, a partir da divulgação dos resultados, um único pedido de revisão de provas, devidamente fundamentado, conforme prevê o artigo 3º do Decreto-Lei nº 797/69, publicado no Diário Oficial de 28 de janeiro de 1969;

7.8 - Serão publicados apenas os resultados finais, relativos aos candidatos habilitados;

7.9 - A inscrição do candidato, implicará no conhecimento e aceitação das condições estabelecidas no presente edital, bem como nas instruções específicas de cada categoria funcional;

7.10 - Para efeito de nomeação, aos candidatos habilitados e classificados serão exigidos testes de avaliação psicológica e exames de sanidade mental e física, especializados e complementares;

7.11 - A habilitação no processo seletivo não assegura ao candidato o direito ao ingresso automático no serviço público federal, mas apenas a expectativa de ser nomeado segundo a rigorosa ordem classificatória, ficando a concretização desse ato condicionada à observância das disposições legais pertinentes e, sobretudo, ao interesse e conveniência da administração;

7.12 - Os casos omissos serão resolvidos pela comissão do concurso.

Recife, 25 de maio de 1982.

## NOTÍCIAS MILITARES

Mavial de Oliveira

### A Palavra do Reitor (3)

Conclusão do discurso que o Prof Berilo Borba, Reitor da UFPB, pronunciou na Capitania dos Portos da Paraíba, durante a solenidade de comemoração da Batalha Naval do Riachuelo, no dia 11, do corrente.

Depois de analisar a participação do Brasil no sangrento episódio, o Reitor, faz referência aqueles que mais se destacaram na luta sob o comando de Barroso, a quem rotulou de Heróis:

"Nasceu Marçílio Dias em 1838, na cidade de Rio Grande. Filho de humilde lavadeira da Lagoa de Giribanda, era inteligente e logo começou a estudar as primeiras letras. Uma surra que levou na rua, fez a mãe mandá-lo para a Escola de Grumetes. Embarcado para a Corte, ingressou a 06.08.1855 no Corpo de Imperiais Marinheiros. Concluída a instrução de recrutas, passou à fragata "Constituição", de onde transferiu-se para o vapor "Recife" e, em seguida, integrando a guarnição do "Paraense" percorreu toda a costa brasileira. A 15.05.1861 recebia a primeira promoção, a marinheiro de 2ª classe, e a 11.05.1862, o respectivo distintivo, com matrícula na Escola Prática de Artilharia, funcionando a bordo da fragata "Constituição". A 19.2.1863 era aprovado com notas plenas e classificado como praça distinta, com direito a usar o distintivo de marinheiro-artilheiro. Aumentado o saldo que percebia, elevou também a mesada que enviava à velha mãe no Rio Grande, que veria pela última vez quando de sua passagem para a Esquadra Imperial do Prata em 1864.

A 26 de julho daquele ano, recebia a última promoção, a marinheiro de 1ª classe. Pertencendo à guarnição da corveta "Parnaíba", com ela fez a Campanha do Uruguai de 1864-1865, participando do ataque naval e terrestre a Paissandú.

Sobressaiu-se Marçílio Dias nessa ação e foi dos primeiros a ocupar a matriz da cidade, onde mais se fazia sentir a resistência inimiga. Já tivera início a Guerra do Paraguai, pela invasão do Mato Grosso, e a Esquadra Brasileira recebeu ordem de subir o rio Paraná, rumo ao território inimigo. Ai, como já mostramos, o Imperial Marçílio encontrou a morte, após cobrir-se de glória.

João Guilherme Greenhalgh era filho do comerciante inglês Guilherme Greenhalgh e de dona Agostinha Fróis. Nascido em 1845, matriculou-se numa Escola de Marinha, em 1862. Fez todo o curso obtendo as melhores notas, classificando-se no 4º ano, como o 1º colocado de sua turma.

A 29 de novembro de 1864 era nomeado guardamarinha, embarcando à corveta "Parnaíba", "Imperial Marçílio" de onde passou para a fragata "Constituição" e dela que estava sob o comando do capitão-tenente Aurélio Garcindo Fernandes de Sá. Nela se encontrava, quando navios paraguaios abordaram pelo lado do bombordo e estibordo. Um oficial do barco paraguaio "Taquari", chegou a arriar até a bandeira brasileira, apoderando-se do auri-verde pendão. Greenhalgh avançou intontinente para o militar inimigo, arrancando-lhe o pavilhão nacional e a ele se abraçou. "Larga esse trapo!" foi o último brado terrível que ouviu. Mas ainda o valeroso e heróico guardamarinha brasileiro, teve tempo de abater a quem afrontou o símbolo maior de nossa Pátria, desfechando-lhe a carga do revólver. Em seguida porém, caiu morto por golpes de machadim e balas de fuzil, partidas dos Paraguaio que o cercavam.

É de ressaltar que estas considerações não estariam completas, se não nos detivéssemos na figura do líder, do comandante da memorável vitória.

Francisco Manuel Barroso da Silva nasceu em Lisboa em 29 de setembro de 1804, e faleceu em Montevidéu no dia 8 de agosto de 1882. Era cidadão brasileiro por fora da Constituição Imperial de 1824. Estudou na Academia de Marinha do Rio de Janeiro, e participou com relevo dos combates navais travados durante a guerra contra as Províncias Unidas do Rio da Prata. Distinguiu-se igualmente no Pará, ao enfrentar a revolta conhecida como *Cabanagem*, tendo colaborado na retomada aos rebeldes da povoação de Igarapé-Mirim em 1836.

Durante a Guerra da Tríplice Aliança, comandou a Divisão Naval que apoiou a reconquista de Corrientes, em 1865. Vencedor em Riachuelo também o foi em Mercedes e Cuevas, tendo posteriormente combatido no Paso de la Patria, Curuzu e Cumpaiti. D. Pedro II em 1866, concedeu-lhe o título de Barão do Amazonas, em lembrança do nome do navio que arvorava a insígnia do comandante, na Batalha do Riachuelo. Em 1908 seus restos mortais vieram para o Brasil, e repousaram no significativo monumento que lhe é dedicado, no Rio de Janeiro.

É de assinalar-se finalmente que a vitória de nossa Marinha em Riachuelo, garantiu a hegemonia brasileira no domínio das comunicações fluviais com o Paraguai, e assegurou a eficácia do bloqueio através do controle dos rios Paraná e Paraguai. Também facilitou o isolamento e a rendição das forças de Solano López no Rio Grande do Sul.

O conhecido historiador Pedro Calmon diz sobre o importante feito:

"O combate selou a sorte da jovem marinha paraguaia". E mais adiante: "Desapareceu, em Riachuelo, a ameaça naval que ainda poderia inquietar a Tríplice Aliança. Mais do que isto: ficava o Paraguai engarrafado nos seus redutos, sem saída para o mar, na impossibilidade de renovar o seu material, isolado daquela simpatia hispano-americana suscitada pela propaganda anti-imperial de seus amigos no estrangeiro, e portanto derrotada. Neste ensejo, em vez de interromper a aventura, dilatou-a López, com a inútil incursão de Estigarribia pelo Rio Grande".

Meus Senhores:

Entendemos que comemorações como esta são válidas, necessárias e sempre oportunas. Os grandes povos jamais esquecerão em qualquer época histórica, os feitos do passado. Uma nação não pode e não deve olvidar as ações gloriosas que praticou, sob pena de perder a própria identidade.

O futuro terá de ser construído com o trabalho profícuo do presente e os exemplos engrandecedores do passado.

### 11 Anos do RC Mec

Em ambiente festivo o 16º RC Mec, comemora amanhã, às 09:00h, 11 anos de instalação, no seu quartel da Estrada do Aeroporto. Autoridades civis e militares e os reservistas de Cavalaria, vão participar do evento.

Salve! 16º Regimento de Cavalaria, Mecanizado? Salve!

## Prefeito vai sinalizar artérias de Cajazeiras

Cajazeiras (A União) - Após a conclusão do asfaltamento das ruas de Cajazeiras, as artérias principais da cidade serão devidamente sinalizadas para o trânsito, inclusive com a colocação de semáforos.

Isso ficou devidamente acertado após o prefeito Francisco Matias Rolim viajar para a Capital e em companhia do deputado Antonio Quirino manter audiência no Detran com o superintendente Johnson Abrantes.

Na oportunidade, o prefeito Matias Rolim levou ao seu conhecimento de que estava realizando gestões no sentido de conseguir a

sinalização do trânsito de Cajazeiras, inclusive com a colocação de semáforos, tendo recebido o imediato apoio do novo titular do Detran, que se mostrou sensível à pretensão dos cajazeirenses.

Sobre os trabalhos de asfaltamento, o prefeito Matias Rolim se mostra entusiasmado, externando a sua confiança de que realmente se trate de um grande marco administrativo.

O deputado Antonio Quirino é outro cajazeirenses que demonstra muita confiança no novo aspecto que a cidade deverá ganhar, após o conjunto de trabalhos que está sendo executado.

## Grupo do NTU confirma presença no Sertanejo

Cajazeiras (A União) - O espetáculo teatral "Papa Rábo", de autoria de W. J. Solha, que tem a direção de Fernando Teixeira, montado pelo grupo de Teatro do NTU - Núcleo de Teatro Universitário da UFPB, já confirmou sua participação no 4º Encontro de Artes Cênicas da Paraíba, O Sertanejo, que a Universidade Federal da Paraíba promove no período de 26 de julho a 1º de agosto na cidade de Cajazeiras.

Vários outros grupos de teatro do Estado da Paraíba e do Nordeste estão confirmando suas participações no 4º Sertanejo, com destaque para o grupo Três Produções Artísticas, de Recife, e o grupo Pesquisa, de Fortaleza.

Este encontro de teatro tem como tema este ano "A luta pela construção do teatro de Cajazei-

ras" e vários movimentos serão feitos visando sensibilizar o Governo e edificar esta obra tão esperada pela população desta cidade. Os teatrólogos de Cajazeiras estão pensando em fazer um grande mutirão com a participação de toda a população, visando o início da construção do teatro de Cajazeiras em terreno doado pelo prefeito Matias Rolim, que fica localizado por trás da Biblioteca Pública do Município. Campanhas serão feitas junto ao comércio para conseguir material de construção e junto a população para doarem tijolos. A luta pela construção do teatro de Cajazeiras já tem mais de 10 anos, já existindo plantas, projetos, terreno doado e a ansiedade de toda a classe teatral da cidade e da população.

## Em julho, Fafig realiza 2º Concurso Vestibular

Guarabira (A União) - A Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de Guarabira estará realizando de 13 a 16 de julho o II Concurso Vestibular do ano de 82, oferecendo 120 vagas aos concorrentes, sendo que 60 para o curso de Estudos Sociais e 60 para o curso de Letras.

As inscrições para o II Concurso Vestibular/82 da Fafig encerraram-se no último dia 30 de maio, tendo inscrito 455 candidatos, mostrando uma preferência maior pelo curso de Estudos Sociais, com 250 candidatos inscritos, sendo o restante de 205 candidatos, concorrentes do Curso de Letras.

## Comissário faz palestra sobre educação do menor

Catolé do Rocha (A União) - Aconteceu terça-feira, por volta das 20 horas na cidade de Brejo dos Santos, uma palestra proferida pelo Comissário de Menores de Catolé do Rocha, tendo como local a Igreja Matriz daquela cidade.

Estiveram presentes O juiz de Menores Valdeir Carneiro do Nascimento, o Vigário da Paróquia Frei Francisco de Assis, o Prefeito Municipal de Brejo dos Santos Livaldino Vieira da Silva, os Comissários José Luiz, Vicente da Rocha, Raimundo Alves Bezerra, Tomé Dutra, Antonio Feitosa da Rocha (Presidente do comissariado), Iremar Alves dos Santos e o jornalista Hildebrando Diniz Araújo, que também é comissário.

A Igreja de Brejo dos Santos estava superlotada e principal-

mente por mães e pais de família, que receberam os cumprimentos iniciais do Vigário Frei Francisco falando a respeito do menor abandonado e a maneira de preparar o menor para a vida.

Depois, o juiz Valdeir Carneiro do Nascimento, com bastante entusiasmo, assim se expressou: "O pai que não procura dar formação ao filho pode até perder o pátrio-poder, pois ele é o responsável pela educação e a formação religiosa do filho". Falando sobre Deus e em religião, Valdeir disse que o Juiz é o mesmo padre, pois ambos procuram equilibrar a sociedade "e Deus é o caminho mais certo para que isto aconteça sem violência".

A palestra encerrou-se às 21,30 e logo depois o Prefeito Livaldino Vieira da Silva ofereceu cerveja a todos os integrantes do Comissariado de Menores.

## Clube Atlético promete um bom S. João em Sapé

Sapé (A União) - A euforia dos sapeenses, conseqüente do desempenho que vem tendo a Seleção Brasileira de Futebol, poderá influir substancialmente para o êxito absoluto dos festejos juninos, na cidade de Sapé, que serão realizados no Clube Atlético Sapeense.

O baile está marcado para a próxima quarta-feira, vésperas de São João, e será abrilhantado pelo conjunto regional Os Três do Nordeste, conhecido nacionalmente e com alguns Long Plays já gravados.

Segundo as informações do presidente do Clube, sr Abel Cunha, as reservas das mesas estão

sendo feitas na Secretaria da entidade, e a maioria delas já foi feita pelos associados, visitantes que nesta época do ano se deslocam à cidade para participar do maior São João da região.

Comidas típicas regionais - milho, canjica, pamonha não faltarão, segundo garantiu o presidente do Clube Atlético Sapeense, para durante os festejos juninos, que serão transmitidos diretamente pela Rádio Cultura de Guarabira.

Além de convidados especiais, visitantes, já confirmaram presenças nos festejos, deputados federais, estaduais, prefeitos, vereadores e políticos que militam na área.

## Falecimento de Nicolau causa pesar

Esperança (A União) - O deputado Assis Camelo apresentou voto de pesar, na Assembléia Legislativa, pelo súbito falecimento do sr. Antônio Nicolau da Costa, que morreu na última quinta-feira nesta cidade.

O sr. Antônio Nicolau era sogro do atual prefeito de Esperança, Nino Pereira, e um bem sucedido comerciante, desfrutando da grande simpatia e amizade em todas as camadas sociais do município, que ficaram consternadas com a sua morte.

### APELO

Por outro lado, Assis Camelo fez um apelo a secretária Giselda Navarro, da Educação e Cultura, no sentido de que os grupos escolares João Soares e Adelaide Franca, do município de Caicara, sejam incluídos no Programa de Recuperação e Aparelhamento de Estabelecimento escolares, uma vez que estes estão em péssimos estados de conservação.

## Augusto recomenda candidatos

Sousa (A União) - O ex-senador Augusto Gonçalves de Abrantes está recomendando os dois candidatos do PDS à Prefeitura do Lastro, isso é o que afirmam os seus amigos.

Augusto Gonçalves, chefe respeitável do município do Lastro, entende que deve procurar a pacificação, e nunca a desagregação. Os dois candidatos são amigos seus e parentes, e por isso ele prefere recomendar as duas candidaturas, para maior fortalecimento do partido.

Segundo o ex-senador e ex-prefeito de Sousa, deve haver uma união geral do partido, para uma vitória esmagadora do deputado Wilson Braga ao Governo do Estado.

## Eulámpio confia na vitória

Sousa (A União) - O Prefeito Pedro Eulámpio da Silva, do município de São Bento está confiante numa grande vitória do PMDB naquele município, nas eleições de novembro próximo, principalmente pelo trabalho que vem realizando à frente da administração pública saobentense.

Os setores mais beneficiados com a administração Pedro Eulámpio, são a Educação, Saúde e Agricultura, que desde a sua investidura no comando da edilidade, escolheu para ser o seu trinômio administrativo.

### TELEFONE

Vende-se um telefone prefixo 221, informações com Eduardo pelos telefones 221-1220 Ramal 37 (pela manhã) e 224-5233 (à tarde), Preço Cr\$ 170.000,00).

## A Caminho da Luz

### Pena de Morte

Aureliano Alves Netto

A pena de morte já existia entre os povos primitivos e, originalmente, restringia-se à prática da vingança privada.

A família constituía a única unidade social e o pai, arvorando-se em guia e chefe absoluto, exercia *ad libitum* o "direito" de punir os seus familiares, podendo ordenar a morte por qualquer motivo. Fora do ambiente familiar, imperava pura e simplesmente o princípio da vingança. Olho por olho, dente por dente. Se alguém era assassino, os parentes da vítima se apressavam em tirar a vida de um parente do assassino. Estabelecia-se, então, um círculo vicioso. Novos homicídios. Novas represálias entre as famílias dos ofensores e dos ofendidos. A morte rondando os lares, ceifando vidas, solapando as bases do edifício social em formação. Procedimento de bárbaros, imprudente e pueril. Incapaz, de resto, de deter a marcha natural da Civilização; de vez que "o homem é um animal social" e não pode viver fora do seu elemento - a Sociedade.

As famílias primitivas foram se aglomerando em clãs. Do conflito de interesses individuais nasceram as classes sociais e os clãs foram impelidos a arremetendo-se num organismo coletivo - a Nação. O meio nacional, no entanto, não podia prescindir de uma organização política como instrumento para a manutenção da ordem comunitária. Daí o surgimento de um novo elemento - o Estado, que mais não é senão "a própria nação encarada do ponto de vista de uma organização política".

Já não predominava o arbítrio dos chefes grupais, via de regra escolhidos entre os guerreiros ou sacerdotes. O Direito passou a reger as relações humanas, disciplinando preceitos de obediência e estatuidando a aplicação de penalidades.

Mas a pena de morte sobreviveu a todo esse processo evolutivo, no tempo e no espaço. E foram vítimas do "assassinio legal" Sócrates, Joana D'Arc, Giordano Bruno, Savonarola... Sem falar no mais odiado de todos os assassínios: o de Jesus Cristo.

O Código de Hamurabi, promulgado por volta do ano 2000 antes de Cristo (o mais remoto documento legislativo de que se noticia), já consignava a pena de morte. Prescreviam-na também as leis Assírias (1500 a.C.) e o Código dos Hititas (meados do século XIV a.C.). O Código de Manu, datado provavelmente de 1300 ou 800 a.C., cominava a pena capital para as mulheres que não tivessem conduta virtuosa.

Sucederam-se séculos. Transcorreram milênios. Esborçaram-se impérios. Libertaram-se povos oprimidos. Transfigurou-se o panorama geográfico de vastas regiões. As páginas da História encheram-se de eventos sensacionais: a Renascença, pugnano pelo aprimoramento das artes plásticas e das letras e pela libertação das tendências medievais; a Revolução Industrial, inaugurando a era da tecnologia; os enciclopedistas, procurando consolidar e disseminar a cultura; a Revolução Francesa, pregando Liberdade, Igualdade e Fraternidade; a desintegração do átomo; a Cibernética; a moderna cirurgia dos transplantes de órgãos; a conquista dos espaços cósmicos. Todo um movimento coletivo visando ao progresso e à implantação da Justiça integral.

Todavia, se atualmente há imenso progresso tecnológico e a Ciência a cada passo vem revelando maravilhas nunca antes suspeitas, o homem ainda vê pairar sobre sua cabeça a "espada de Dâmocles" na penalidade vigente aqui e alhures: a pena de morte.

Reza o artigo 3 da Declaração Universal dos Direitos do Homem, proclamada pela ONU, em 10-12-1948, que "todo indivíduo tem direito à vida, à liberdade e à segurança de sua pessoa".

Trata-se, é certo, apenas de uma recomendação, que não tem força de lei. Mas, se os legisladores e os líderes da Humanidade estivessem cômicos de suas responsabilidades e realmente integrados na Civilização de que tanto se orgulham, nem precisariam de recomendação nenhuma para assegurar a todos um direito natural - a vida.

Contudo, como prevê a sabedoria popular, "Não há bem que sempre dure, nem mal que nunca se acabe".

Dia virá em que a pena de morte passará às calendas gregas.

- Incontestavelmente desaparecerá - lê-se no *O Livro dos Espíritos* - e a sua supressão assinalará um progresso da Humanidade. Quando os homens estiverem mais esclarecidos, a pena de morte será completamente abolida na Terra. Não mais precisarão os homens de ser julgados pelos homens. Refiro-me a uma época ainda muito distante de nós. É pena que tessa época esteja ainda muito longínqua. Porém a pena de morte será extinta pelos legisladores do futuro - disso não tenhamos dúvidas. Há de prevalecer a Lei de Deus: - Não matarás.

Endereço para correspondência: Av. Manuel de Freitas, 34 - CEP 55100 - Caruaru - Pernambuco.

**ARTESA - ARTEFATOS DE COURO DA PARAIBA S/A.**  
 C.C.C. - Nº: 08.872.319/0001-19

**EDITAL DE CONVOCAÇÃO**

Convidamos os Srs. Acionistas da ARTESA - ARTEFATOS DE COURO DA PARAIBA S/A., para se reunirem em Assembleia Geral Extraordinária, na sede social da Empresa, sito 7 Av. das Indústrias, Quadra W, lotas 4, 5 e 6, Distrito Industrial - João Pessoa - PB., às 9:00 (nove) horas do dia 30 de Junho de 1982, a fim de discutirem e deliberarem sobre a seguinte Ordem do Dia: 1) Alteração dos Estatutos Sociais, especificamente dos Artigos 9º ao 19º - Seção II - Da Diretoria; 2) Apreciação da renúncia à cargo da Diretoria; 3) Eleição de novos diretores para composição de cargos vagos; 4) Aumento do Capital Social Subscrito e Integralizado de Cr\$ 619.881.467,00 para Cr\$ 639.881.467,00, mediante a emissão de 20.000.000 de ações ordinárias nominativas, com os cursos próprios dos acionistas, alterando, consequentemente, o "caput" do Art. 5º (quinto) dos Estatutos Sociais; 5) Outros assuntos de interesse geral da sociedade.

João Pessoa, 17 de Junho de 1982

*João da Mata de Sousa*  
 Dir. Presidente

**CONTABILIDADE E ADVOCACIA**

- Escrituração Contábil com elaboração de Balancetes Mensais, Mapas de Custos e Despesas;
- Elaboração de Relatório Trimestral da SUDENE;
- Assessoria Tributária e Trabalhista;
- Abertura, Alteração e Encerramento de Firmas;
- Incentivos Fiscais

**AGENDA - CONTABILIDADE E ADVOCACIA**  
 Rua Almeida Barreto, 375 1º and. C. Postal 419 Fone 221-1922.

**GRAN BARTHOLO CIRCUS**

THE GREAT SHOW



**Jane: A menor domadora de elefantes do mundo, com apenas 5 anos.**  
**O pêndulo: 1º prêmio no festival de Mônaco.**  
**O Globo da Morte • Trapezistas • Leões**  
**• Tigres • Elefantes • Chimpanzés e gozadíssimos palhaços.**

Diariamente às 21,00hs  
 5ª feira: 17,00 e 21,00hs  
 Sábado: 15,00 e 17,00 e 21,00hs  
 Domingos e feriados: 10,00 - 15,00 e 17,00 e 21,00hs.

**LOCAL:**  
 AV. EPITÁCIO PESSOA FONE: 224-8772

**Promoção**  
**Jornal A UNIÃO**

**joão e maria boutique**

artigos infantis

Av. N. S. dos Navegantes, 222 Shopping Center Domimár - Loja 2 - Tambaú

**CAIXA ECONÔMICA FEDERAL**

**LOTERIA ESPORTIVA**

**COMUNICADO**  
**TESTE Nº 604**

A Caixa Econômica Federal - Loteria Esportiva comunica que a venda das apostas para o teste nº 604 já foi iniciada e terá o seu encerramento normal quinta-feira, dia 24 do corrente. Os jogos do referido teste serão realizados no dia 26 e 27 (sábado e domingo), conforme consta do volante, estando a apuração e a divulgação dos ganhadores marcadas para segunda-feira, dia 28, à tarde.

**Quem poupa na Caixa está com mais.**

**EDITAL**

O Diretor-Presidente do Clube dos Oficiais da Polícia Militar da Paraíba, no uso de suas atribuições e de acordo com o Art. 28 dos Estatutos, convoca a Assembleia Geral para discutir assuntos previstos nas letras a e b do Art. 35 dos citados Estatutos, cuja reunião verificar-se-á na sede social à Rua Flávio Ribeiro nº 570, Bessa, no dia 25 do corrente, às 20:30 horas.

João Pessoa, 18 de junho de 1982

**ANTONIO COSTA FILHO - CEL PM**  
 Diretor-Presidente

**Príncipe participou de resgates**

O príncipe Andrew disse que ficou muito assustado quando aviões argentinos afundaram navios ingleses nas Malvinas, mas pilotou seu helicóptero para atrair os letais mísseis Exocet participou do resgate de marinheiros feridos no navio cargueiro *Atlantic Conveyor*.

"Fiquei muito assustado" quando o *Conveyor* foi atacado contou Andrews, 22 anos, segundo na linha de sucessão, depois de seu irmão mais velho, o príncipe Charles.

Quando o *Sheffield* foi atacado, ele disse que estava atrás do porta-aviões *Invincible* em seu helicóptero *Sea King*, funcionando como chamariz para os mísseis argentinos.

"O momento que realmente ficou gravado na minha mente foi o *Atlantic Conveyor*, que eu vi ser atingido e depois, tendo participado da operação de resgate. É uma coisa que nunca vou esquecer. Foi horrível".

"Ao mesmo tempo, eu vi uma bomba passar muito perto de nós. Vi o meu navio, o *Invincible*, disparar os seus mísseis. Normalmente, eu diria que foi espetacular, mas na hora foi muito assustador. Foi o meu momento mais assustador na guerra".

Na primeira entrevista que deu desde o início do conflito, o príncipe disse também que ao chegar em Port Stanley, fez um telefonema de 15 minutos para sua mãe, a rainha Elizabeth, que "se surpreendeu ao me ouvir e pediu que dissesse a todos como estava orgulhosa de nós".

**Inglaterra quer fim das hostilidades**

O Governo inglês voltou a pressionar ontem a Argentina para que dê formalmente por encerradas as hostilidades nas Malvinas, enquanto milhares de prisioneiros argentinos navegavam de volta ao continente.

O transatlântico de luxo *Camberra*, requisitado para servir no Atlântico Sul, deveria chegar ontem a Porto Madryn com 4.200 soldados argentinos a bordo. Robert Fox, correspondente da televisão BBC que viaja no navio, disse em transmissão divulgada ontem que os prisioneiros haviam comido um café da manhã inglês, com bacon e ovos, e feito exercícios no convés do *Camberra*.

"Eles estabeleceram uma relação amistosa com seus guardas e um grupo queria dar um presente a seus dois guardas do regimento galês por terem cuidado tão bem deles", afirmou Fox. A última informação do Ministério da Defesa sobre o outro navio que faria a repatriação de prisioneiros, o *Norland*, dizia que ele ainda estava atracado em Porto Stanley por causa do mau tempo no Atlântico Sul.

Quase todos os prisioneiros tomaram banho e se barbearam, lavaram suas roupas e receberam um cigarro cada um, disseram correspondentes britânicos, acrescentando que outros continuavam acamados por causa de doenças nos pés ou desnutrição.

O *Foreign Office* disse que pressionou a Embaixada suíça em Buenos Aires para que buscasse uma resposta da junta militar encerrando formalmente as hostilidades, mas acrescentou que a mudança de ontem no órgão de Governo, com a substituição do ex-presidente Leopoldo Galtieri, "confundiu ligeiramente" o panorama e atrasa à solução esperada por Londres.



General Alfredo Saint-Jean seria o candidato mais cotado

**Junta militar discute a nomeação do presidente**

Os generais argentinos discutiram ontem em sessões urgentes uma tentativa de consenso para definir quem será o próximo Presidente, cuja nomeação se faz cada vez mais necessária para superar a crise de vazio de poder.

Fontes militares disseram que a junta vai tentar uma decisão até o fim do dia de hoje e que o candidato mais cotado parecia ser o general Alfredo Saint-Jean, que assumiu a Presidência interinamente ante-ontem à noite, depois da renúncia forçada do general Leopoldo Galtieri. Mas o quadro geral era fluido, completo e instável, segundo comentam fontes políticas.

A junta militar é formada pelos comandantes da Marinha, almirante Jorge Anaya, da Aeronáutica, brigadeiro Basilio Lami Dozo, e o novo chefe do Exército, general Cristino Nicolaidis.

**POUCO TEMPO**

Na história dos regimes militares, nunca houve um Presidente que não fosse do Exército, a arma poderosa. Mas Nicolaidis é considerado um ocupante impróprio para o cargo que poderá durar muito pouco tempo no poder, conforme fontes políticas.

Um coronel do Exército, reagindo à designação de Nicolaidis como comandante da Arma, disse a um político: "Ele não vai durar duas semanas".

Ontem cedo, Nicolaidis teve uma longa reunião com os generais-de-divisão, incluindo Saint-Jean, que fez várias vezes o trajeto entre o Palácio de Governo e a sede do comando do Exército. Segundo as fontes políticas, Saint-Jean era o candidato mais

provável no momento porque se trata de um dos poucos generais do primeiro escalão com capacidade de apaziguar os políticos e também de satisfazer ao desejo do Exército de que o Presidente seja um general.

A Força Aérea, que está apoiando importantes mudanças políticas e econômicas, continuava firme no respaldo a seu comandante, Lami Dozo, como candidato à Presidência. Mas Lami Dozo provavelmente retiraria a sua candidatura em favor de um general que se dispusesse a apoiar o programa da Força Aérea, segundo as fontes.

**SAINT-JEAN**

O Ministro do Interior, general Alfred Saint-Jean, assumiu ante-ontem, à noite a Presidência interina da Argentina, em substituição a Leopoldo Galtieri, que caiu em desgraça: após a capitulação da Argentina na guerra com a Grã-Bretanha pelas Ilhas Falklands.

Galtieri, que exerceu a Presidência por 178 dias e levou a Argentina a sua primeira guerra neste século, foi afastado quinta-feira do cargo de comandante-em-chefe do Exército e ante-ontem renunciou à Presidência. A saída de Galtieri como chefe do Exército determinou que seu lugar passasse a ser ocupado pelo general Cristino Nicolaidis, de 57 anos.

O governo militar argentino, que já tem seis anos no poder, enfrenta agora os problemas mais cruciantes, como o de uma recomposição interna da traumática experiência da guerra, e com uma situação econômica profundamente crítica.

**Partidos querem uma definição**

Uma coalizão civil de cinco partidos políticos ratificará na próxima semana sua exigência de que o Governo militar defina claramente os prazos para o retorno do país ao sistema democrático, disseram fontes políticas argentinas.

A denominada "Multipartidária", que agrupa o peronismo e o radicalismo - as duas correntes políticas majoritárias - e a três outros pequenos partidos, já tem pronto um documento que também pedirá profundas mudanças na orientação econômica.

O documento, segundo se indicou, será uma atualização da proposta feita em dezembro, reiterando a necessidade de que se fixe imediatamente um itinerário eleitoral que deve terminar em eleições gerais no prazo mais breve possível.

Também pede, segundo se supôs, que seja imediatamente levantada a proibição as atividades políticas e que sejam normalizadas as atividades sindicais, suspensas desde o golpe militar de março de 1976.

Pede, também, o levantamento do *Estado de Sítio* e a plena vigência dos mecanismos constitucionais.

O Governo militar, apesar da guerra

não declarada com a Grã-Bretanha, indicou que o objetivo final do processo é o retorno a uma democracia "firme e estável".

O ministro do Interior e presidente interino, general Saint-Jean, disse ante-ontem que seriam dados os passos necessários para que o processo de democratização se acelerasse.

Antonio Troccoli, um dos principais dirigentes do radicalismo, declarou que "será inútil iniciar uma carreira de turnos militares na continuidade do regime. O Governo, de fato, tem força, não tem coerência como para encarar com ânimo e eficácia a grave emergência que enfrenta o país em todas as frentes".

Deolindo Bittel, vice-presidente do Partido Peronista, afirmou que o novo Governo deve decretar-se automaticamente como de transição, chamar os setores populares e por em marcha um programa de salvação nacional.

O presidente da União Cívica Radical, Carlos Contín, por sua vez, afirmou que tem esperanças de que a mudança ocorrida no Governo acelere a institucionalização do país.

**Argentina não quer sanções**

Mais de cinco mil prisioneiros de guerra argentinos estão a caminho de sua pátria, das Ilhas Falklands, em momentos que os observadores qualificam de "fanfarronada" a negativa de Buenos Aires de declarar formalmente encerradas as hostilidades.

A Argentina garantiu salvo-conduto a dois navios ingleses que transportam os prisioneiros e admitiu que está em vigor uma "trégua precária" para permitir sua chegada a Porto Madryn, na costa patagônica do país.

Mas a Argentina se recusa a dar totalmente por terminadas as hostilidades no Atlântico Sul, enquanto a Grã-Bretanha não levantar o bloqueio aéreo e marítimo as Ilhas Falklands, retirar suas "forças de ocupação" e desistir das sanções econômicas aplicadas ao país.

A recusa está contida em uma nota da chancelaria argentina ao Conselho de Segurança da ONU, que foi divulgada ante-ontem e, ao que parece, surpreendeu a Grã-Bretanha.

O Governo da primeira-ministra Margaret Thatcher acreditava que o afastamen-

to do general Leopoldo Galtieri do poder - forçado a renunciar por seus colegas generais do comando-em-chefe do Exército e da Presidência da Nação - aumentaria a vontade de Argentina de declarar encerradas as ações bélicas no Atlântico Sul.

A nota Argentina diz que somente as negociações que se realizarem na ONU poderão levar a um que qualifica de uma solução definitiva do conflito pelas Ilhas Falklands.

A secretaria de Relações Exteriores da Grã-Bretanha recusou-se a comentar a nota, mas o tom enérgico a impressionou fortemente.

Um comentarista da BBC de Londres disse que poucas pessoas em Buenos Aires acreditam que a Argentina se arriscará a reiniciar a luta. O *Journal Times*, de Londres, expressa que "apesar do tom belicoso da nota, os observadores em Buenos Aires não acreditam que as forças armadas argentinas estejam considerando seriamente um reinício das hostilidades. O sentimento generalizado é de que a Junta está tentando evidenciar valor em público, insinuando que a guerra talvez continue".

**Jornalistas não serão processados por publicações**

- Os jornalistas não mais poderão ser processados por publicarem declarações de parlamentares ou de quaisquer outros detentores de imunidades, se a Câmara ou o Senado tiver negado licença para que o autor das declarações, reconhecidas direta ou indiretamente como verídicas, seja objeto de processo.

Esse direito é assegurado pelo projeto de autoria do deputado Freitas Nobre (PMDB-SP) aprovado anteontem pela Câmara. O projeto do deputado paulista modifica o art. 37 da Lei de Imprensa, em seu parágrafo 4º, para acrescentar uma expressão excluyente para impedir o processo nesses casos. O projeto será agora submetido ao Senado onde tramitará sem prazo para deliberação sobre ele.

O parágrafo 4º no texto atualmente em vigor, estabelece que "sempre que o responsável gozar de imunidade a parte ofendida poderá promover a ação contra o responsável sucessivo, na ordem dos incisos desse artigo" (o diretor, redator-chefe, gerente etc. do órgão de comunicação). O projeto Freitas Nobre acrescenta a expressão "salvo se o órgão competente, reconhecendo direta ou indiretamente a existência do fato noticiado tiver negado autorização para o processo contra o autor". Com isso, não mais será possível processar jornalista que divulgue declarações de parlamentares, a não ser que a casa a que o autor pertença dê licença para o processo contra o declarante.

**Israel causa êxodo e pânico em Beirute com o ataque final**

Com o destino da Capital libanesa e da Organização de Libertação da Palestina suspensos na balança, milhares de pessoas fugiram ontem da parte muçulmana da cidade, em meio a um medo cada vez maior de um ataque final de Israel contra os guerrilheiros de Yasser Arafat.

A linha verde que separa a parte cristã da muçulmana estava repleta por centenas de carros transportando pessoas que fugiam para o setor controlado pelos cristãos direitistas. O êxodo em clima quase de pânico se somava aos intensos esforços diplomáticos para evitar o ataque final de Israel.

Em Telaviv, o comando militar disse que ocorreram novos combates de artilharia na área de Beirute: "durante a manhã, fogo de artilharia foi dirigido contra nossas forças ao Sul e ao Leste da cidade. Nossas forças responderam ao fogo".

Na quinta-feira, Israel respondeu favoravelmente ao pedido feito pelo enviado norte-americano Philip Habib em favor de um cessar-fogo de 48 horas que lhe permitisse arranjar uma solução para impedir a invasão de Beirute. Mas funcionários israelenses disseram que as forças do país "vão responder se forem alvejadas".

Cercados na cidade sitiada, os palestinos disseram que nem tudo está perdido, rejeitaram a proposta de rendição feita por Habib e prometeram lutar até o último homem.

"Ainda não está acabado e nossa posição não é desesperadora. Não vamos negociar com os americanos porque nós os consideramos mais agressores ainda do que os israelenses", disse Arafat ontem.

Em Damasco, representantes soviéticos e palestinos se reuniram para avaliar a situação no Líbano e o jornal governamental *Al Thawra* exortou os árabes a tomar "medidas políticas, militares e econômicas" contra os interesses norte-americanos na região.

**Paris quer uma solução para a crise no Líbano**

A França intensificou ontem os esforços diplomáticos para uma solução da crise do Líbano, com um encontro entre o primeiro-ministro Pierre Mauroy e o chefe político da OLP, Farouk Kaddoumi. A entrevista de meia hora marcou a primeira vez em que o Governo francês recebeu um representante do comando da OLP.

A reunião se realizou quatro dias depois da visita do chanceler israelense Yitzhak Shamir ao presidente François Mitterrand.

Mauroy disse a Kaddoumi que a solução dos problemas do Oriente Médio só pode ser política e não militar, informou a chancelaria francesa. O primeiro-ministro foi quem tomou a iniciativa da reunião, para fortalecer a posição política da OLP e, assim promover uma solução negociada.

O Governo francês já havia enviado emissários para reuniões com dirigentes sauditas, o presidente libanês Elias Sarkis e funcionários da OLP no Líbano. Mitterrand condenou a invasão israelense do Líbano.

**Tremor na América Latina causa duas mortes e 40 feridos**

Um forte terremoto sacudiu ontem quatro países da América Central e, na capital de El Salvador, provocou a queda de casas, pelo menos dois mortos e 40 feridos.

As duas mortes aconteceram com a queda de tetos de casas. A Cruz Vermelha disse que mais de 40 pessoas foram atendidas com ferimentos. Grande parte do país ficou sem telefones nem energia elétrica. Segundo o jornal *La Prensa Gráfica*, este foi o pior terremoto registrado no país desde 1965, quando 195 pessoas morreram.

O tremor também foi sentido em Honduras e na Guatemala, mas não havia informações sobre vítimas nem danos graves. Na Nicarágua, muitos moradores de Manágua fugiram de suas casas e foram para as ruas, fustigados por uma chuva gelada, tendo ainda vivido na memória o devastador terremoto de 1972, que deixou 10 mil mortos e 30 mil feridos.

O Centro de Manágua não foi reconstruído e as ruínas dos edifícios destruídos lá continuam, como uma lembrança da tragédia.

# ver

Rubens Ewald Filho

## Renato e Zazá

É difícil acreditar, mas o travesti Zazá e seu marido italiano, Renato, se tornaram o casal preferido do público. Esta continuação de A Gaiola das Loucas faz ainda mais sucesso que o original, já estando em preparação mais uma seqüência, uma versão musical para a Broadway e até uma série semanal de TV!

No entanto o filme só confirma a tradição de que continuação são sempre mais fracas. Na falta de melhor história, colocaram Zazá como vítima de gangsters e da polícia, que caçam um microfilme que um espião escondeu em sua bolsa. O que pelo menos possibilita tirar os heróis de sua origem teatral e fazê-los desmunhecar em externas.

A maior parte das piadas são repetições (Zazá tendo de se vestir de homem), brincadeiras com a polícia e com o deputado moralista (Michel Galabru, que infelizmente aparece pouco). Mas o diretor Molinaro nunca ofende ninguém (o segredo está em rir como o casal gay, e não dele). Não há em momento nenhum um pingo de moralismo ou um traço de caricatura na caracterização brilhante de Ugo Tognazzi e especialmente de Michel Serrault. Graças ao talento dos dois, a comédia tem pelo menos uma seqüência memorável, quando eles se refugiam na Itália, na casa da família camponesa de Tognazzi. É, vestida de preto, obrigada a lavar o chão e a fazer a comida. Zazá se confessa lacrimosa: "Não quero ser mulher neste país"... - (transcrito da "Isto É").

# ouvir

José Augusto Lemos

## O cantor do bom humor

Jorge Ben é Jorge Ben é Jorge Ben. A identidade inconfundível, a forma quase fórmula: um som à parte. E o segredo de ser aparentemente simples.

Como um filme de George Lucas, sacia todos os paladares - da calçada à cobertura, do primário incompleto à livre-docência.

Cantor da alegria pura e do bom humor, o verbo solto de todas as amarras, a prosa virando poesia com os tambores nos papéis de ponto e vírgula. O caso do samba eletrificado que deu certo - sua guitarra se fantasia de cavaquinho caldo pelo funk, rock, soul. Outro pioneiro do sincretismo gulosos que predomina entre os pontas-de-lança do pop mundial de hoje. Jorge Ben é o próprio e mais ninguém.

Já faz um tempo, porém, que todas essas exuberâncias andam em hibernação. (Tanto que, aberto o terreno, um reles imitador faturou alto por aí). Desde África-Brasil (de 76!) que o sambista-sincretico vem devendo um disco daqueles de acordar a aldeia, mas eu tenho a felicidade de acreditar que Bem-Vinda Amizade chegou para salvar a safra.

Mas é a guinada dos arranjos que realmente salta aos ouvidos. Nada da obsessão de grandeza que dilui 99,9% da MPB "Série Luxo".

São saídas sutis. Na faixa Luiz Wagner Guitarreiro, por exemplo, o sopro é exclusividade de algumas gaitas de fole, destinadas a emoldurar a hilariante mitificação de Lady Di, a Noiva, que a letra sugere.

É impressionante como o monolito rítmico pessoal de Jorge Ben pode, acrescido de arranjos econômicos e sutis, ondular e narcotizar. É a surpresa de Curumim Chama Cunhata (Todo Dia era Dia de Índio), cujo molejo revela qualidades submersas na versão histórica de Baby Consuelo.

A dívida está paga. O bom humor reina na sala. Vou ouvir de novo pra comemorar.

# ler

Sheila Kaplan

## O homossexualismo

Em Descansa em Paz, Oscar Wilde, ensaio-reportagem sobre o homossexualismo, destacam-se, em primeiro plano, a coragem e, sobretudo, a lucidez do autor em não sucumbir ao mito da "imparcialidade" ensaística e jornalística, tão em voga em nossos tempos. Sem se ocultar atrás de uma indefinida primeira pessoa do plural, o escritor Luiz Carlos Machado - autor de Noite Macho e A Luz do Abajur Lilás - utiliza a primeira do singular. E, em oposição à frieza dos ensaios acadêmicos, ousa mencionar-se, indignar-se, enternecer-se durante a discussão que muito oportunamente levanta, a partir de dois casos reais de assassinatos cometidos contra homossexuais.

Além desses, vários outros exemplos são dados como ponto de partida para essa reflexão em torno do homossexual, que, juntamente com a sociedade que o julga e invariavelmente o condena compõem os dois personagens principais do livro. Focalizando o alto preço pago pela diferença, tão temida e odiada pela sociedade, o autor revela como a culpa e a auto-desvalorização acabam sendo incorporadas pelo "diferente", que chega, muitas vezes, a introjetar os preconceitos que a sociedade aponta contra ele. A culpa, a fantasia, a relação de dominação, os guetos, a afetividade, a política e o crime são, assim alguns dos pontos abordados na tentativa de responder à pergunta inicial: "O que é ser homossexual?" A resposta, em síntese: "É ser igual aos outros (heterossexuais) e, ao mesmo tempo, ser diferente deles... é viver em dobro as dificuldades naturais da aventura humana".

Como única ressalva, o fato de o livro ser por demais restrito ao universo do Rio de Janeiro, a que, se por um lado possibilita um apanhado mais específico e concreto da realidade, importante para uma reportagem, limita o seu alcance, no que toca aos exemplos, enquanto ensaio que também é. Um lapso irrelevante, no entanto, frente à profundidade da discussão empreendida, que, longe de se esgotar na problemática homossexual, enfoca importantes questões a respeito dos mecanismos psicológicos e sociais do ser humano, de uma forma geral.



Os iugoslavos, os alemães-ocidentais e os tchecoslovacos jogam hoje ainda na primeira fase da Copa do Mundo, em jogos transmitidos pela Globo

### COTAÇÕES

- Ruim
- Regular
- Bom
- Muito Bom
- Excelente

## NO CINEMA

**NUM LAGO DOURADO** (\*\*\*\*) - Produção americana. Direção de Mark Rydell. Melodrama: numa casa de verão às margens do Lago Dourado, o casal Thayer recebe a visita da filha, ausente há longo tempo. Ela traz o novo namorado e o filho desta. Estrelado por Henry Fonda, Katherine Hepburn, e Jane Fonda. Ocas de melhor ator para Fonda e melhor atriz para Hepburn. A cores. 16 anos. No Tambá. 18h30m e 20h30m.

**PUNHOS DE AÇO** (\*\*\*) - Produção americana. Direção de Buddy Van Horn. Um jogador promove uma luta livre entre Philo Bedoe e Jack Wilson. Os mafiosos se envolvem na competição e causam problemas. Estrelado por Clint Eastwood, Sondra Locke e Ruth Gordon. A cores. 16 anos. No Plaza. 14h30m, 16h30m, 18h30m e 20h30m.

**A FÚRIA DE CHICAGO** (\*) - Produção americana. Direção de Robert Clouse. Primeiro filme norte-americano estrelado pelo campeão mundial de artes marciais, Jacie Chan. Ainda no elenco, David Sheiner. A cores. 14 anos. No Municipal. 14h30m, 16h30m, 18h30m e 20h30m.

## NA TV

**CONCERTOS PARA A JUVENTUDE** (\*\*\*\*) - Dois dos mais importantes maestros do mundo estão em *Concertos Para a Juventude*. Herbert Von Karajan rege a Orquestra Filarmônica de Berlim na 6ª Sinfonia de Tchaikovsky (*Pátrio*), 3ª e 4ª movimentos. Leonard Bernstein apresenta, com a Orquestra Nacional da França, tendo como solista Boris Belkin, o *Concerto em Sol Maior*, de Ravel. No Canal 10.09h00m.

**GLOBO RURAL** - Com uma grande reportagem sobre a segurança no transporte dos boias-frias realizada nos municípios de Bebedouro e Capela do Alto, em São Paulo. O repórter Ivaci Matias acompanhou uma batida policial e fiscalizou o tipo de transporte na região. Constatou, então, a total falta de segurança e o desrespeito às leis do transporte. No Canal 10. 10h00m.

**GLOBO NA COPA** - No Canal 10. 11h40m. **QUEM É QUEM** - No Canal 10. 15h40m. **INGLATERRA X TCHECOSLOVÁQUIA** - Os ingleses estão quase na condição de franco-favoritismo após a vitória de 3 a 1 sobre a França e o empate de 1 a 1 entre Kuwait e Tchecoslováquia. Comentários de José Maria de Aquino. Narração de Carlos Valadares. Direto do Estádio San Mamés. Em Bilbao. No Canal 10. 12h00m.

**GLOBO NA COPA** - No Canal 10. 15h25m. **QUEM É QUEM** - No Canal 10. 15h40m. **ESPANHA X IUGOSLÁVIA** - A "dona da casa" quer levantar a cabeça após a melancólica estreia contra Honduras. Tem condições, levando-se em conta o fraco futebol que iugoslavos apresentaram contra norte-irlandeses. Comentários de Márcio Guedes. Narração de Luciano do Valle. Direto do Estádio Luís Casanova, em Saragoça. No Canal 10. 15h50m.

**OSTRAPALHOES** - Numa sátira ao quadro de Painho, do Chico Anysio Show, Didi é um falso Painho, cearense, recostado numa rede. E, por fim, Severina de Passo Raso tem mais uma conversa telefônica com sua comadre Salomé gaúcha de Passo Fundo. No Canal 10. 19h00m.

**ALEMANHA X CHILE** - Compacto do jogo realizado a tarde (horário brasileiro) entre mais duas seleções do grupo 2 (o mesmo de Argélia e Austrália). Comentários de Sérgio Noronha e narração de Galvão Bueno, no Estádio El Molinón, em Gijón. No Canal 10. 23h15m.

**A NOITE SONHAMOS** (\*\*\*\*) - Produção americana de 1945, com direção de Charles Vidor. A vida do compositor Chopin (Cornel Wilde) e seu trágico amor pela novelista George Sand (Merle Oberon). Também no elenco, Paul Muni, Nina Foch e Georges Coulouris. A cores. No Canal 10. 00h15m.

**ASTROMBETAS DE GIDEÃO** - Produção americana feita para a TV por Robert Collins. A história de Clarence Earl Gideon (Henry Fonda), homem acusado de uma pequena infração penal que, não tendo advogado, pede à Corte que lhe indique um para sua defesa. Seu pedido é negado e Gideon tenta agir como seu próprio advogado, mas é condenado. Na prisão, ele inicia uma campanha dirigida à Suprema Corte dos Estados Unidos na qual solicita que toda pessoa acusada de crime deve ter obrigatoriamente um defensor legal. A luta desse homem pela justiça para todos os americanos alterou o curso da história legal dos Estados Unidos. Também no elenco, José Ferrer, John Houseman, Fay Wray, Sam Jaffe e Dean Jagger. A cores. No Canal 10. 02h00m.



### ÁRIES

21 de março a 20 de abril - Trabalho: Clima de satisfação pessoal poderá marcar esta sexta-feira para o ariano que verá superados obstáculos em seu trabalho. Finanças e Negócios: Clima de estabilidade. Amor: Procure mostrar-se mais confiante. Saúde: Regular.

### TOURO

21 de abril a 20 de maio - Trabalho: Dia difícil. Não exagere os problemas que vier a enfrentar, criando condições ainda mais desfavoráveis a sua rotina. Finanças e Negócios: Todas as indicações ainda lhe dão um clima positivo. Amor: Intranquilidade e carência afetiva. Saúde: Estável.

### GÊMEOS

21 de maio a 20 de junho - Trabalho: Não desanime diante de dificuldades que podem ser superadas com perseverança e maior auto-controle. Finanças e Negócios: Bons aspectos. Lucros em negócios com objetos de



Henry Fonda e Katharine Hepburn formam o simpático casal de "Num Lago Dourado", estreia no Tambá

# O QUE HÁ DE NOVO



Abdullah Buloushi, do Kuwait



Hernan Garcia, de Honduras

## Amanhã

**TV MULHER** - Na seção *Cozinha*, a cantora Angela Maria ensina a preparar um peixe recheado com camarões. No Canal 10. 09h00m.

**GLOBINHO NA COPA** - São mostradas algumas das principais partidas da Copa do Mundo de 1978, na Argentina, como Brasil 3 x 0 Peru, com grande atuação de Dirceu. No Canal 10. 11h25m.

**GLOBO NA COPA** - No Canal 10. 11h40m. **QUEM É QUEM** - No Canal 10. 11h50m. **FRANÇA X KUWAIT** - O Kuwait, como se notou pelas últimas declarações de seu técnico, o brasileiro Carlos Alberto Parreira, não se sente mais como um time pequeno e quer vencer a Seleção Francesa. Comentários de José Maria de Aquino. Narração de Carlos Valadares. Direto

do Nuevo Estádio, em Valladolid. No Canal 10. 12h00m.

**GLOBO NA COPA** - No Canal 10. 15h25m. **QUEM É QUEM** - No Canal 10. 15h40m. **HONDURAS X IRLANDA DO NORTE** - São as Seleções mais fracas do Grupo 5, e então tudo poder pode acontecer. Não há favoritismo para qualquer dos lados. Comentários de Márcio Guedes. Narração de Luciano do Valle. Direto do Estádio La Romareda, em Saragoça. No Canal 10. 15h50m.

**VIVA O GORDO** - Vaidade foi o tema escolhido para o *Viva o Gordo* desta semana. Num cena satirizando a lenda da Bela e a Fera, Jô Soares apresenta um quadro circoense. E pelo DDI Ze da Galeria continua mandando suas instruções para o técnico Telê Santana. No Canal 10. 21h10m.

**GABRIELA** - Em compacto, reprise da nove-

la de Walter George Durst baseada no livro *Gabriela, Cravo e Canela*, de Jorge Amado. Com Sonia Braga, José Wilker e Armando Bógus, entre outros. No Canal 10. 22h15m.

**ARGELIA X AUSTRIA** - Compacto do jogo realizado a tarde (horário brasileiro) entre mais duas Seleções do Grupo 2 (o mesmo da Alemanha e Chile). Comentários de Sérgio Noronha e narração de Galvão Bueno, no Estádio Carlos Tartiere, em Oviedo. No Canal 10. 23h05m.

**A GAROTA CHAMADA HATTER FOX** - Produção americana feita para a TV por George Schaefer. Um psiquiatra, dr. Sumner (Ronny Cox), se interessa especialmente pelo caso de uma índia de 17 anos, Hatter Fox (Jonelle Romney), uma bonita mas extremamente agressiva jovem, quem trata numa prisão em Santa Fé, e, posteriormente, no Reformatório Estadual de Moças. A cores. No Canal 10. 00h30m.

## EM TEATRO

**TRUPIZUPE, O RAJO DA SEIBRINA** - Espetáculo que encerra a primeira etapa em 82 do Projeto Vamos Comer Teatro. Peça do paribano Bráulio Tavares, com direção de Carlos Varella, conta as aventuras de Trupizupe ("um Renato Trupizupe ("um Renato Araújo do sertão") em constantes investidas na Capital do incrível Reino da Silibrina. Maquiagem e coreografia de Alexandre Pacheco. Com Mário Antônio Miranda, Carlos Lira, Carlos Mesquita, Paulo, José Manoel e Teresinha de Jesus Miranda. Montagem de Três Produções Artísticas, de Jabotão, que já trouxe a João Pessoa os espetáculos *A Borboia*, *O Espelho Mágico do Brazo Jurubeba* e *Os Cygos*. Ingressos ao preço único de Cr\$ 200,00. No Teatro Lima Penante. 21h00m. Reservas e informações pelo telefone 21.5835.



"Trupizupe", no Lima Penante

arte, decoração ou moda. Amor: Clima de muito encanto nas suas relações com a pessoa amada. Saúde: Regular.

### CÂNCER

21 de junho a 21 de julho - Trabalho: Nesta sexta-feira o canceriano terá a possibilidade de realizar tarefas mais complicadas ou que lhe exijam dedicação extraordinária. Êxito. Finanças e Negócios: Hoje se dissiparão as influências contrárias da semana. Estabilidade. Amor: Previsões muito favoráveis ao trato amoroso. Saúde: Estável.

### LEÃO

22 de julho a 22 de agosto - Trabalho: Clima de estabilidade e confiança no trato com colegas e superiores. Aspectos de grande produtividade. Finanças e Negócios: Trato financeiro discreto ainda que marcado por fragilidade de seu comportamento. Amor: Não seja egocêntrico e viva mais o amor a dois. Saúde: Boa.

### VIRGEM

23 de agosto a 22 de setembro - Trabalho: Dia tranquilo e de boa disposição geral. Procure solidificar suas condições no trabalho de rotina. Finanças e Negócios: Momento muito favorável à prática do comércio. Vantagens em contratos. Amor: Arranjar sur-

presa. Comportamento muito carinhoso. Saúde: Neutra.

### LIBRA

23 de setembro a 22 de outubro - Trabalho: Uma influência discreta de posicionamento favorável a atitudes mais firmes, deve levá-lo a encarar com seriedade alguns de seus trabalhos recentes. Finanças e Negócios: Trato discreto em meio a um clima produtivo se tratado com cautela. Amor: Reaja mais vivamente a expressões de carinho e ternura. Saúde: Estável.

### ESCORPIÃO

23 de outubro a 21 de novembro - Trabalho: Forte atração por tarefas desconhecidas pode levá-lo a erro. Controle seus impulsos. Clima em geral bom. Finanças e Negócios: Influência sensível de um posicionamento que amplia o quadro de valorização material do escorpiano. Amor: Bom momento. Saúde: Tenha cuidado com a automedicação. Fragilidade.

### SAGITÁRIO

22 de novembro a 21 de dezembro - Trabalho: Momento de instabilidade e oposição ao sagitariano. Seja muito cuidadoso ao assumir compromissos. Finanças e Negócios:

Desaconselhadas as associações, toda a demais influência se faz de forma positiva. Amor: Quadro sonhador e feliz. Saúde: Inalterada.

### CAPRICÓRNI

22 de dezembro a 20 de janeiro - Trabalho: Favorecimento em novas iniciativas e projetos que impliquem em mudanças em sua rotina. Finanças e Negócios: Regularidade, tranqüilo posicionamento e alguma possibilidade de lucro. Amor: Motivação para novas aventuras e conquistas. Saúde: Boa.

### AQUÁRIO

21 de janeiro a 19 de fevereiro - Trabalho: Ainda são bem positivas as indicações que controlam e regem esta sua casa astrológica. Persista na busca de seus objetivos. Finanças e Negócios: Atitudes firmes e de bom resultado. Favorabilidade no trato com advogados e Justiça. Amor: Momento muito positivo. Saúde: Dia neutro.

### PEIXES

20 de fevereiro a 20 de março - Trabalho: Novos acontecimentos ligados a sua rotina devem motivá-lo de forma incomum nesta sexta-feira. Dedicado e confiante. Finanças e Negócios: Capacidade de convencimento e forte atração por negócios fáceis. Amor: Estabilidade. Confiança. Saúde: Boa. No entanto, procure maior controle dos costumes excessivos.



### Casamento de Yára e Amaury

• A cerimônia religiosa que uniu Yára e Amaury (foto), dia 11 último na Capela do Pio X, foi um acontecimento bellissimo e acompanhado por destacadas figuras da sociedade, face, evidente, ao largo conceito das famílias dos noivos. Na lista de padrinhos de Yára e Amaury destacamos os casais, Edisio Souto, João Humberto Vasconcelos, Yanko Cirillo, Valdomiro Figueiredo, Denizaldo Siqueira, Ivanildo Arruda, João Nuto, Durval Falcão, João Américo Pinto, Antônio Freire, Wolfrand C. Ramos, Mauro Miranda Filho, Armando Bezerra, Antônio Ibraildo de Araújo, Maria Cabral e Dulce Miranda.



Foto de Neywa

Um importante momento da recepção do nupcial de Yára e Amaury (foto) foi a foto diante do bolo para o álbum da família. Os noivos são vistos ladeados de seus pais Divonne e Mauro da Silveira Miranda (dela) Maria José e Amaury Alves da Silva (dele).

### Alunas de balé fazem o "show"

• As alunas mais aplicadas do Ballet Stúdio "José Enock" fazem o show que está sendo anunciado para à tarde do dia 7 de julho, quando Sirley Valle da Costa promoverá desfile de modas em benefício das crianças pobres da cidade de Bayeux.

• Esta atração será vista na sede do Jangada Clube, quando Dalva Moreira também mostrará a coleção da sua "Aky Modas". Outro ponto alto será o desfile de Geusa Moreira, Miss Paraíba-82, em maiô e traje típico.

### Festa do Vinho no Jangada

• Tudo está indicando que o novo vinho "Saint Germain", de características francesas, que a Vinícola Aurora irá lançar nacionalmente em agosto, será, antecipadamente, degustado pelos enófilos pessoenses no dia 24 de julho, durante a Festa do Vinho da Paraíba, no Jangada Clube.

• Entendimentos neste sentido continuam sendo mantidos entre o diretor social Joel Falconi e o enólogo Walter Antônio Donadel, gerente regional da Aurora. A festa será uma das maiores do calendário daquela agremiação.

### Festa da Cavalaria

AMANHÃ, o 16º Regimento de Cavalaria Mecanizado, completa seu décimo-primeiro aniversário de criação. A valorosa unidade militar, atualmente comandada pelo Ten. Cel. Cav. Marden Alves da Costa vai solenizar o acontecimento.

• As manifestações serão no próprio quartel, começando às 9 da manhã.

### Trabalhos do paraibano publicados na Europa

• O angiologista Edmundo Vasconcelos de Carvalho (foto), professor-adjunto da Faculdade de Medicina da UFPB e Coordenador de Angiologia, teve, recentemente, publicado três de seus trabalhos na Espanha e na Alemanha. Foram eles: "Tratamento das Varizes Colaterais com a Introdução de Fio do Cat-Cut na Luz destes Vasos" e "Estudo do Líquido Intersticial e da Permeabilidade Capilar Linfática, Através de Rádio-Isótopos".

• O professor Edmundo Vasconcelos é considerado nos círculos médicos-científicos, como um dos mais competentes profissionais brasileiros. E sempre colaborando com ele estão seus colegas Harlan Solano, Hugo Abath, Saulo Londres, Luiz Vidal, Gualberto Viana e sua esposa, a médica Socorro Braga Vasconcelos (foto).



CASAL MEDICOS EDMUNDO (SOCORRO) VASCONCELOS

### Três balaios em sorteios

• Além da distribuição gratuita de pratos com comidas típicas, a diretoria do Jangada Clube resolveu sortear três super-balaios durante a sua Festa de São Pedro. com os adquirentes de mesas. A grande concentração junina do clube Verde e Branco será no próximo dia 26.

• Como Joel Falconi "considera-se de férias", a organização desta festa está afeta ao sub-diretor Sérgio Penazzi. A mesa custa 5 mil cruzeiros.

# Sociedade DONALDO CORREIA

### Reformas iatistas

• O arquiteto Régis Cavalcanti já está para concluir projeto de reformas que serão processadas na sede social do Iate Clube da Paraíba. A determinação, considerada necessária, partiu do Comodoro Amarílio Sales, que quer mudar para melhor o visual do clube.

• Também a sub-sede náutica iatista, em Jacaré, passará por acentuados melhoramentos.

### Flávia e Álvaro

• Convidados do Recife e de Curitiba vêm a João Pessoa no dia 6 de julho para saldarem um importante compromisso social. Eles vêm acompanhar o ritual de casamento dos jovens Flávia Julinda e Álvaro Eduardo, na Capela do Pio X.

• Os noivos são filhos dos casais Francisco (Maria Julinda) Ribeiro e Severino Eduardo (Ana) de Almeida

### Pleito do Jangada será o de maior interesse

• Já que dificilmente irá surgir um candidato com disposição suficiente para fazer oposição à reeleição (inevitável) de Ozáes Mangueira na presidência do Cabo Branco, as eleições sucessórias do alvi-rubro, este ano, estão fadadas ao mais completo desinteresse.

• Em contrapartida, as atenções da sociedade deverão se voltar para o pleito de dezembro no

### A Grande Morte

A princípio se torna tenebroso este início, mas em se tratando de uma sincera homenagem, torna-se fácil e sincero.

Com a revoada para o Céu do nosso honrado amigo, os nossos corações banham-se de tristeza e sobre as nossas almas esprou-se um crepúsculo de uma eterna saudade!

Vivo permanece nas nossas lembranças, possuindo inegáveis requisitos de com preensão e humildade. Nós somos seres humanos com falhas, mas o importante é saber que todos nós, com as falhas que temos, as aceitamos como seres imperfeitos.

Jamais esqueceremos o Comendador Renato Ribeiro Coutinho, pela ilimitada dedicação e amor aos filhos, pelo afeto e carinho aos seus familiares e pelas pessoas humildes e pela maneira fidalga e afetiva que tinha para com todos os que dele se aproximavam. Simplesmente, gente...

O importante é saber que a morte não é o fim e sim um princípio. E que princípio! Princípio de uma grande e longa viagem tão admirável que pela nossa insignificância, desconhecemos a sublimação das pessoas que fazem sempre o bem aqui na Terra sem esperar recompensa.

O dr. Renato sabia a força que possuía, o poder que Deus lhe fez presente, porém, não deixou de ensinar a ser humano e de distribuir bondade aos seus semelhantes, tornando-se, assim, amigo de todos, procurando sempre fazer o bem.

Por esta razão, sua imagem jamais deixará de ser lembrada e cultuada por todos nós. Que Deus o tenha para sempre, embora o seu nome permaneça eternamente em nossos corações.

Um admirador

(Carlos José Real Cabral (Casé))

### Rápidas

• Uma festa bonita de 15 anos foi a da menina-moça Fabricia, ocorrida ontem na residência de seus pais, Antônio Vicente (Socorro) Pereira, no Bairro dos Estados.

• A melhor alternativa para este domingo (à noite) é assistir no Lima Penante a peça "Trupizupe, no Reino da Silibrina". Será esta a última apresentação.

• Esta semana o diretor social Josauro Paulo Neto, anuncia qual o conjunto que irá tocar na Festa do São João do Clube Médico da Paraíba, no dia 23 vindouro.

• Nivaldo Brito, Aderbal Maia e América, serão os gerentes que atuarão na agência do Nordeste, que será inaugurada festivamente, dia 29, em João Pessoa.

• Entre as patronesses do desfile do dia 7 no Jangada, organizado por Sirley Costa, estão Dalva Sabino Xavier, Marlene Costa (foto) e Mécia Maul de Andrade.

• Em Concertos Para a Juventude (hoje, 9h, na Globo), atuarão dois dos maiores maestros do mundo: Herbert Karajan e Leonard Bernstein. O programa é bom.

• No Colégio N.S. das Lourdinas continuam abertas as inscrições para o Curso de Parapsicologia, que será ministrado, entre outros, pelo Padre Oscar Quevedo.

• O engenheiro Mauro Germóglio, Diretor de Vela do Iate, está pensando em organizar uma grande competição tão logo o verão aponte, reunindo os melhores velejadores.

• Um verdadeiro milagre aconteceu depois da vitória do Brasil sobre a Escócia. Não houve nenhuma colisão no cruzamento da Nêgo com Nossa Senhora dos Navegantes.

• Copa do Mundo, hoje, pela Globo. Ao meio-dia: Inglaterra x Tchecoslováquia, e às 15h50m, Espanha x Iugoslávia. Às 23h15m, compacto de Alemanha x Chile.

• Quem está rasgando folhinha neste domingo é o procurador Jairo Smith Lisboa. Em sua residência, ao meio-dia de hoje, ele e a esposa recebem amigos.

• O filme "As Trombetas de Gideão", produção americana de 1979,

com Henry Fonda e José Ferrer no elenco, será exibido na Coruja Colorida da Globo.

• Em Concertos Para a Juventude (hoje, 9h, na Globo), atuarão dois dos maiores maestros do mundo: Herbert Karajan e Leonard Bernstein. O programa é bom.

• O engenheiro Mauro Germóglio, Diretor de Vela do Iate, está pensando em organizar uma grande competição tão logo o verão aponte, reunindo os melhores velejadores.

• Um verdadeiro milagre aconteceu depois da vitória do Brasil sobre a Escócia. Não houve nenhuma colisão no cruzamento da Nêgo com Nossa Senhora dos Navegantes.

• Copa do Mundo, hoje, pela Globo. Ao meio-dia: Inglaterra x Tchecoslováquia, e às 15h50m, Espanha x Iugoslávia. Às 23h15m, compacto de Alemanha x Chile.

• Quem está rasgando folhinha neste domingo é o procurador Jairo Smith Lisboa. Em sua residência, ao meio-dia de hoje, ele e a esposa recebem amigos.

• O filme "As Trombetas de Gideão", produção americana de 1979,

com Henry Fonda e José Ferrer no elenco, será exibido na Coruja Colorida da Globo.

• Entre as patronesses do desfile do dia 7 no Jangada, organizado por Sirley Costa, estão Dalva Sabino Xavier, Marlene Costa (foto) e Mécia Maul de Andrade.

• Em Concertos Para a Juventude (hoje, 9h, na Globo), atuarão dois dos maiores maestros do mundo: Herbert Karajan e Leonard Bernstein. O programa é bom.

• No Colégio N.S. das Lourdinas continuam abertas as inscrições para o Curso de Parapsicologia, que será ministrado, entre outros, pelo Padre Oscar Quevedo.

• O engenheiro Mauro Germóglio, Diretor de Vela do Iate, está pensando em organizar uma grande competição tão logo o verão aponte, reunindo os melhores velejadores.

• Um verdadeiro milagre aconteceu depois da vitória do Brasil sobre a Escócia. Não houve nenhuma colisão no cruzamento da Nêgo com Nossa Senhora dos Navegantes.

• Copa do Mundo, hoje, pela Globo. Ao meio-dia: Inglaterra x Tchecoslováquia, e às 15h50m, Espanha x Iugoslávia. Às 23h15m, compacto de Alemanha x Chile.

• Quem está rasgando folhinha neste domingo é o procurador Jairo Smith Lisboa. Em sua residência, ao meio-dia de hoje, ele e a esposa recebem amigos.

• O filme "As Trombetas de Gideão", produção americana de 1979,



MARLENE COSTA



GLAUCE SIEBRA DE OLIVEIRA



CLÍNICA DE TOCGINECOLOGIA E PATOLOGIA MAMÁRIA LTDA.

GINECOLOGIA: Planejamento Familiar, Esterilidade. Prevenção do Câncer - assistência clínica e cirúrgica - e Citologia. OBSTETRÍCIA: Assistência Pré-Natal. PATOLOGIA MAMÁRIA: Assistência cônica e cirúrgica.

Dra. Maria Bernadete de Medeiros Bezerra - CRM 1931 - com estágio em Tocoginecologia no Hospital de Base de Brasília.

Dr. Geraldo Majefá Souto Bezerra CRM 1944, com estágio em Tocoginecologia no Hospital de Base de Brasília.

Dr. Giuseppe Sarto Souto Bezerra CRM 1764 - com estágio em Ginecologia e Mama na Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP).

RUA JOAQUIM NABUCO, 144 FONE 221-4906 JOÃO PESSOA - PARAÍBA



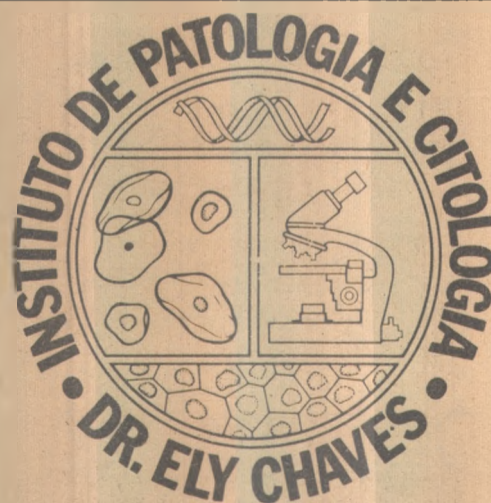
CENTRO OFTALMOLÓGICO PARAIBANO

DR. JOSÉ EWERTON DE ALMEIDA HOLANDA C.R.M. - 1539

• Curso de Especialização e Doutorado em Oftalmologia. 4 anos no serviço do Professor Hilton Rocha na Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Minas Gerais.  
• Professor da Faculdade de Medicina da Universidade Federal da Paraíba.  
• Membro do Conselho Latino-Americano de Estrabismo.  
• Membro da Sociedade Brasileira de Lentes de Contato.  
• Membro da Sociedade Francesa de Oftalmologia.  
• Especialista em Oftalmologia por concurso pelo Conselho Brasileiro de Oftalmologia.

PLANTÃO NOTURNO

Consultório: Rua Monsenhor Walfredo Fones: 222-0090 Consultas: Hora Marcada Residência: Rua Silvío de Almeida, 820 - Tambauzinho Fone: 224-2165



exame de biópsias e peças cirúrgicas prevenção do câncer ginecológico diagnóstico imediato do câncer (congelção) citologia das cavidades sedimentação espontânea citocentrífuga

17 CONSULTORES INTERNACIONAIS

Avenida D. Pedro II, 780 - Fone: 221-3358

### SERVIÇOS

ODONTOLÓGICOS M. CARNEIRO DA CUNHA

Clinica Restauradora - Endodontia - Próteses Ortodontia - Raios X

Profissionais:

Elizabeth de Fátima M. C. da Cunha Manoel Carneiro da Cunha Maria Helena Galvão Romualdo Guilherme Daisy Botelho

Consultas: DÍGUS - PATRONAL - IAA - BALEIA - DEB - JORNAL "A UNIÃO", "O NORTE" e "CORREIO DA PARAÍBA"

Conjunto Residencial D. Pedro II nº 15

Fone: 222-0345 - João Pessoa, Pb

Parque Solon de Luena

Atendimento das 8:00 às 12:00 e 14:00 às 18:00 hs



# ESPANHA 82

## Santamaria modifica a equipe para enfrentar Seleção da Iugoslávia

Valença - O treinador da Seleção Espanhola, José Emilio Santamaria, confirmou que fará modificações na equipe para enfrentar hoje a Iugoslávia na Copa, mas se negou a fornecer nomes "para não queimar os jogadores que devem sair".

As mudanças serão para reforçar especialmente o poder ofensivo da equipe, depois do desanimador empate de 1 a 1 com Honduras na estréia.

Embora o treinador admita que fará mudanças, disse aos jornalistas que "é

muito cedo para começar a falar disso".

Muitos acreditam que Juanito e Joaquim poderão ficar fora do time, sendo substituídos por Saura e Gallego. Não se descarta também a possibilidade da entrada de Camacho ou Urquiaga. As mudanças serão eminentemente táticas.

Santamaria, que assistiu à partida entre Iugoslávia e Irlanda do Norte, afirmou que de seus dois próximos adversários, "temo mais a Iugoslávia, como equipe", mas acentuou que ambos jogaram mal.



Pelé acredita na Seleção Brasileira e no título

## Pelé confia na Seleção Brasileira

Ao descer as escadarias do estádio Benito Villamarín, cercado por seguranças e seguido por um grande número de admiradores, Pelé disse que vê o Brasil muito bem e que está "pintando um campeão".

Ainda empolgado com a goleada sobre a Escócia, Pelé fez muitos elogios a equipe, principalmente ao que ela apresentou no segundo tempo, quando o meio campo formado por Cerezo, Falcão e Sócrates,

além de Zico, mostrou um futebol de excelente nível técnico.

Na sua opinião, a entrada de Toninho Cerezo devolveu a Seleção Brasileira a movimentação que ela necessitava. Na sua opinião, se mostrar um futebol tão objetivo quanto no segundo tempo, não tem dúvidas quanto a conquista do título.

Mesmo assim, Pelé gostou mais da equipe na partida contra a União Soviética,

## Falcão admitiu falta de entrosamento no 1º tempo

- Falcão viu o time do Brasil com uma exibição normal no primeiro tempo contra a Escócia, conseguindo se superar na segunda fase quando conseguiu marcar três gols. Para ele, todo o problema foi de entrosamento no meio de campo:

- Por ser a primeira vez que jogamos juntos em uma partida valendo pontos, foi

normal que houvesse um certo desentrosamento no primeiro tempo. Quando conseguimos acertar o posicionamento na segunda fase, aumentamos a velocidade e aí os escoceses não conseguiram mais nos parar.

A mudança de orientação no segundo tempo, quando houve um maior revezamento na ponta direita,

abrindo espaço pelo meio foi fundamental para a vitória segundo Falcão:

- No primeiro tempo não houve rotatividade e o time embolava muito pelo meio. Voltamos para o segundo tempo dispostos a fazer o revezamento e aí ficou mais fácil, inclusive porque apareceu mais espaço pelo meio para tocar a bola.

## Zico critica o time escocês

Apesar da fácil vitória de quatro a um, Zico achou que o time do Brasil poderia ter dado uma grande goleada nos escoceses que passaram o jogo inteiro com medo, sem coragem para jogar, preferindo atrasar as bolas,

para evitar a pressão do Brasil. Para Zico, a Escócia só fez o gol de saída por sorte, mas não tem nenhuma categoria para entrar no Mundial, tal o medo com que se apresentou contra o Brasil.

- Contra a União Soviética nosso time acertou muito mais as jogadas, havia mais participação do conjunto e apesar de termos vencido até mesmo com um pouco de ajuda do árbitro, a partida estava bem fácil.

## Stein reconhece superioridade

O técnico Jock Stein, da Escócia, não fez nenhuma crítica a sua equipe. Para ele, os escoceses fizeram e aguentaram o que puderam, mas tiveram que "se dobrar ao futebol maravilhoso de um um dos times mais fortes do mundo e aquele que é o que tem

maiores chances de conquistar o título".

- No primeiro tempo ainda pudemos controlar e evitar as jogadas dos brasileiros. Foi um esforço sobre-humano dos meus jogadores, mas no segundo, não pudemos suportar. Perdemos para uma grande equi-

pe e isto deve ser analisado por todos.

Stein disse que esperava um futebol tão forte quanto o que o Brasil apresentou.

- Não aconteceu nada do que não esperávamos. Sabíamos que teríamos pela frente um time rápido.

## Tchecoslováquia preocupa treinador Ron Greenwood

- O técnico da Seleção Inglesa, Ron Greenwood, acredita que a Tchecoslováquia venha a ser um adversário bem mais difícil que a França e deverá orientar a equipe para jogar com mais cautela. Ele quer evitar que os laterais desçam constantemente, sem a necessária cobertura, por causa da velocidade dos tchecos.

Mas Greenwood é um treinador otimista para o jogo de hoje e ainda cita a vitória contra os franceses como o fruto de um bom esquema tático e da aplicação dos jogadores. Embora lamentando o problema de Keegan, em quem deposita grande confiança, Greenwood

elogiou a atuação de Francis que, segundo ele, esteve correto taticamente e jogou com muita personalidade:

- Não existem adversários fáceis num Campeonato Mundial e vencemos a França porque sobemos neutralizar seu meio de campo, no segundo tempo.



Iugoslávia enfrenta a Espanha

## Derwall não fornece escalação da equipe para jogo com Chile

Gijón - A promessa feita ainda na Alemanha, de que se perdesse para a Argélia na partida inicial do Grupo II, pegaria um trem de volta imediatamente, foi lembrada ao técnico Jupp Derwall, mas sem o menor senso de fairplay e com a arrogância costumeira, o técnico não tomou conhecimento da cobrança e iniciou a entrevista afirmando que só for-

nerceria a escalação da Alemanha Ocidental para o jogo de hoje com o Chile minutos antes do início da partida. Então, lembraram-lhe que no primeiro contato com a imprensa, afirmara que divulgaria as escalações do time com dois dias de antecedência, pois não entendia porque sonég-la se não tivesse dúvidas para definir a equipe.



Chilenos tentam se reabilitar

## Jornalistas destacam os melhores jogadores da Copa na 1ª rodada

Madri - Um censo de jornalistas sobre as figuras mais destacadas do Campeonato Mundial de Futebol de 1982, inclui os brasileiros Eder e Sócrates, e o zagueiro hondurenho Allan Costly.

Também figuram, entre outros, o arqueiro soviético Rinat Daseev, os artilheiros Bryan Robson, da Inglaterra, e John Mark, e Gordon Strachan, da Escócia, o capitão belga Eric Gerets e o defensor austríaco Herbert Prohaska.

Não obstante, e sem menosprezar os méritos desses jogadores para serem mencionados no topo do quadro de honra nas primeiras 12 partidas do campeonato, o mais significativo da pesquisa é a ausência dos superastros, como o argentino Diego Maradona, o brasileiro Zico e o alemão ocidental Karl-Hein Rummenigge, inclusive numa segunda lista de preferências.

Tampouco aparece na relação informal o nome de algum jogador argentino ou peruano, o que é prova da opinião generalizada de que

fracassaram coletivamente nas respectivas partidas de suas equipes contra a Bélgica e Camarões.

Em troca mereceram menção na segunda fila dois salvadorenhos, Luis Ramirez e Jose Huez, apesar da goleada de 10 a 1 contra a Hungria.

Os outros valores de primeira fila mencionados na qualificação informal são os camaronenses N'Kono, Omana e Abega, os argelinos Nouddedine Kurichi e Salah Assad, os húngaros Tibor Nyilasi e Laszlo Fazekas, os kuwaitianos Naeem Mubarak e Abdul Aziz Al-Anbar. Entre os que mereceram qualificações honrosas figuram os brasileiros Júnior e Paulo Isidoro, por sua atuação na partida contra a União Soviética, os soviéticos Oleg Blokhin e Ramaz Shengelia, destacados na partida contra o Brasil, os hondurenhos José Bulnez, Ramon Madariaga e Julio César Arzu, por seu trabalho contra a Espanha, e os espanhóis Rafael Gordillo e Jesus Maria Satrustegui.



Panenka (camisa branca) destaque da Tchecoslováquia

## Júnior está otimista

O lateral esquerdo Júnior, um dos que apresentaram preparo físico invejável, correndo por todo o campo sem mostrar sinais de cansaço, acha que se o Brasil conseguir jogar na partida inteira como vem jogando no segundo tempo, será um time imbatível. Se não for

imbatível pelo menos chegará perto da perfeição:

- O ritmo de jogo que estamos mostrando no segundo tempo é o ideal. Se pudermos mostrar isso num jogo inteiro, nosso time terá chegado ao ponto de perfeição, aí teremos chegado no caminho certo.

## Eder comenta seu gol

Muito cumprimentado após a partida e sempre cercado por jornalistas e torcedores, Eder disse que o gol que marcou, o terceiro do Brasil, foi o mais bonito que marcou.

- Normalmente eu chuto forte. Não estou acostumado a colocar a bola, mas quando vi o goleiro adiantado, tendo fechado bem o ângulo, senti que seria mais fácil tentar encobri-lo. Toquei

na bola com suavidade e para falar a verdade fiquei com medo que ela não entrasse. Ela foi muito devagar para o gol e só pude comemorar depois que ela tocou na rede.

Eder acha que o time do Brasil só rendeu bem no segundo tempo, ocasião em que os jogadores encontraram a melhor forma de rotatividade no meio de campo e nas jogadas pela ponta direita.

## Cerezo entusiasmado

Cerezo achou que deu para sentir que a Seleção Brasileira ganharia a partida nos primeiros 15 minutos de jogo:

- Nosso time estava melhor em campo e mesmo um pouco desentrosado no meio de campo deu para sentir que tínhamos tudo para vencer a partida.

O único problema sentido no time para Cerezo foi

com o posicionamento de Falcão no meio de campo:

- Não havia problema, só que o Falcão custou a se "ligar" na partida. Parecia que ele não conseguia encontrar sua faixa dentro do campo. Mas na hora em que sentiu o jogo e começou a tocar a bola em velocidade não houve escocês que nos conseguisse pegar.

## Oscar fala da reação

- Reconhecido como um dos heróis do jogo por sua atuação, Oscar achou importante no seu gol o momento psicológico em que foi conseguido, originando a reação do Brasil:

- A partida estava difícil, a Escócia fechada atrás e endurecendo o jogo. Quando o Júnior cruzou no primeiro pau, senti que dava e felizmente consegui marcar.

O gol, segundo Oscar, serviu para dar moral ao time:

- A partir daquele momento não perdemos mais uma disputa de bola. Partimos para cima, a Escócia sentiu e acabou cedendo terreno que o Brasil precisava para vencer. Eles tiveram que se abrir, vir para a frente e acabaram sem conseguir se defender ou atacar.

## Isidoro preocupado

Apesar de ser apontado como a solução para acertar em definitivo a equipe brasileira, entrando na ponta direita com o deslocamento de Sócrates para o comando do ataque - saindo Serginho - Paulo Isidoro ainda não se sente titular. Ao contrário, revelando a insegurança de que vem sendo envolvido pelas incertezas de Telê Santana, Isidoro confirma que não vê

muito futuro em seus sonhos de ser dono da posição.

- Não acredito que o Telê vai mudar, eu o conheço há muito tempo e sei que tenho suficiente argumentos para achar que ele vai manter o time como está jogando. Vem dando certo e não acredito que mude. Minha posição continua sendo a mesma, estou aí para ajudar e sempre disse que entro onde ele mandar.

## FERNANDO HELENO

## Escócia goleada e Brasil numa boa

De repente o povo esqueceu de todos os seus problemas, caiu na folia, até parecendo que o São João havia sido substituído pelo Carnaval, tamanha era a alegria, dos torcedores brasileiros, depois da sensacional vitória, da sexta-feira, sobre a seleção da Escócia.

A coisa que estava sendo anunciada como difícil, depois que o treinador adversário afastou os jogadores atacantes e encheu o campo de defensores, numa tentativa de evitar que a seleção brasileira marcasse uma vitória, terminou ficando uma "mangaba", em que pese a abertura do marcador, por parte dos "inimigos".

Mostrando que tem muita coisa parecida com a seleção que foi campeã, em 1970, o Brasil deslançou, na etapa complementar e o resultado está aí: 4x1.

Quem estava assistindo ao jogo (e como tinha gente!) pela televisão, deve ter ficado em dúvida com aquele negócio de retransmissão e um gol do "meio da rua", porém, depois do gol de Zico (um dos grandes tentos assinalados neste Mundial), ninguém deve ter sentido mais nenhum medo da seleção escocesa.

O time brasileiro começou a girar, o nosso meio campo entrou em ação, Eder começou a desequilibrar, pelo lado esquerdo e, daí para a goleada foi um passeio.

Bem preparada fisicamente, com um toque de bola inconfundível, com uma excelente cobertura defensiva, com o conjunto andando perto daquilo que todos desejam a equipe brasileira foi marcando os seus tentos e assegurou a sua classificação.

A esta hora ninguém pensa no desagradável, sendo este o meu grande problema, pois, depois de fazer duas grandes apresentações, garantir a sua passagem para a fase seguinte, ninguém admite outro resultado que não seja a conquista do Mundial.

Como os argelinos disseram que futebol não é uma ciência exata, a matemática que alguém possa imaginar, para o Brasil não ir à etapa seguinte não pode acontecer: vitória da Escócia sobre a União Soviética e a Nova Zelândia derrotar o Brasil, ainda com os soviéticos arrumando um grande saldo de gols.

Com relação a esta partida, isto é, Brasil e Nova Zelândia, alguns acham que o Brasil deveria colocar, em ação, o time da "laranja", idéia que eu não admito, pois, o que estamos precisando é "afinar" a nossa "máquina", fazer muitos tentos em todos os nossos adversários, lembrando que o saldo de gols pode servir para decidir muita coisa.

Como estamos numa fase muito boa, ninguém está lembrando de nada que seja desagradável, porém, é bom não esquecer que o Brasil não vem sendo uma perfeição, e os tentos que tomou (dois) não podem voltar a acontecer.

Contra um país sulamericano de tradição, como a Argentina, talvez não se possa diminuir a diferença e inverter a situação como aconteceu nos dois primeiros jogos.

Já existem aqueles que acham que o treinador Telê Santana deveria colocar, no próximo jogo, o quartozagueiro Edinho, achando, os que defendem esta idéia, que Luizinho não está bem, além de não ser seu forte, o jogo aéreo, situação que deverá ser posta em prática pelos adversários mais fortes que encontraremos depois da Nova Zelândia.

A grande verdade é que o treinador brasileiro tem tudo à sua disposição, desde o apoio dos torcedores e dos dirigentes, até um punhado de bons jogadores que, desde o momento em que colocam os interesses financeiros de lado, passam a se constituir em craques, "monstros sagrados", artistas da pelota, etc, fazendo com que o seu público esqueça tudo, inclusive o preço da gasolina, que passa a ser gasta sem nenhuma parcimônia, como aconteceu em todas as ruas das grandes cidades brasileiras, depois da "aula" aplicada nos escoceses.

## Rússia derrota Nova Zelândia e disputará 2ª vaga com a Escócia



A Rússia jogou fácil e venceu a Nova Zelândia por 3 a 0 ontem à tarde

## Camarões surpreende novamente ao empatar com a Polónia: 0 a 0

La Coruna, - Polónia e República dos Camarões empataram ontem à tarde nesta cidade sem gols, num jogo emocionante, em que a maioria dos espectadores espanhóis, torcia pelo selecionado do país africano e todos aplaudiam os lances mais importantes.

Camarões mostrou mais uma vez um futebol alegre e espontâneo, semelhante ao do Brasil e entrou em campo com uma grande disposição de vencer, disposição essa demonstrada pelos seus jogadores, quer na defensiva, onde um goleiro "fechou" o gol e seus atacantes, como Milla, que causaram um verdadeiro pânico na defesa polonesa. Por diversas vezes Camarões esteve a ponto de marcar mas, talvez devido a falta de certa experiência, gols foram perdidos até mesmo no último minuto do encontro, quando três atacantes africanos, contra dois defensores poloneses, dentro da pequena área da Polónia, frente a frente com o goleiro, deixaram a bola escapar-lhe e escapar, também, a derradeira oportunidade de abrir o marcador e conquistar uma vitória que seria realmente merecida, pelo desempenho do time, pelo ardor da luta, pela maleabilidade de seus jogadores.

A Polónia, que sentiu logo no início da partida a disposição de vencer com que Camarões entrou em campo, jogou forte mas apresentou um futebol duro, mecânico, perdendo alguns espaços e abrindo oportunidade para que os atacantes adversários pudessem penetrar em suas defesas, quer pelo centro, quer pelas laterais.

Enfim, foi um jogo difícil para os poloneses, que se consideravam os favoritos. Não contavam com um futebol ta-



Camarões, nova surpresa em outro confronto

lento dos africanos, que por serem desconhecidos no mundo futebolístico, conquistaram os espectadores e saíram sob os aplausos de todos pelo bom espetáculo que proporcionaram.

Sob as ordens do árbitro Alexis Ponnet, da Bélgica, auxiliado por Mario Rubio, do México, e Walter Eschweiler, da Alemanha Ocidental,

as equipes alinharam como segue:

Polónia: Mlynarczyk; Majewski, Janas, Zmuda e Jalocha; Lato, Buncol e Boniek, Iwan (Szarmach), Palasz (Kusto) e Smolarek.

Camarões: N'Kono; Kaham, Eloundou, N'Djeya e M'Bom; Aoudou, Abega e Kunde; M'Bida, Milla e N'guea (Tokoto).

## Brasileiros preferem enfrentar Argentina para acabar a tensão

Sevilha, Espanha - Eufórica com suas vitórias no Grupo VI, a Seleção Brasileira preferia enfrentar a Argentina na próxima fase por considerar que ela é um dos maiores obstáculos a sua caminhada rumo ao título.

O Brasil está praticamente classificado já que somente duas vitórias verdadeiramente milagrosas da modesta Nova Zelândia, sobre os brasileiros e os soviéticos, poderiam tirá-lo da classificação. O técnico Telê Santana disse que acha que os melhores times que viu nessa Copa são União Soviética, Bélgica, Argentina e Brasil.

"Não tenho preferência para enfrentar algum deles. A

Copa entra agora numa fase em que todo jogo é uma final e por isso é indiferente. Por seus antecedentes, a Argentina teria todo o crédito para realizar a excelente partida que teve com a Hungria", acrescentou Telê, que assistiu à noite o jogo em vídeo-tape.

Devido aos resultados registrados até agora, Brasil e Argentina surgem como integrantes do mesmo grupo da segunda fase, que será disputada em Barcelona.

"Não importa jogarmos contra a Argentina", comentou Sócrates no Parador Carmona. "Estamos atravessando um excelente momento. As dificuldades são grandes e é melhor enfrentá-las o quanto antes".

## Di Stefano elogia time do Brasil

Madri, - Sob o título "que coisa mais linda", o ex-astro do futebol argentino e espanhol, Di Stefano, elogiou com muita ênfase a atuação brasileira, contra a Escócia, numa crônica publicada no jornal "El País".

"Este foi um festival brasileiro", disse o diretor técnico do Real Madri, referindo-se à vitória brasileira, e frisando:

"O Brasil tem recursos variados e fez uma demonstração de qualidade, jogou grande futebol, um futebol colorido - acrescentou o astro argentino.

Di Stefano comenta que o Brasil fez o que quis, controlando a partida a seu modo, que é gastar o melhor esforço com a maior produção. Elogia vários jogadores, inclusive Eder, afirmando: "que bom jogador". O Brasil - disse mais - é uma máquina de fazer bom futebol.

Embora sem apresentar o mesmo futebol agressivo, de maior toque de bola e sobretudo de velocidade nas arrancadas para o ataque, a Seleção da União Soviética conquistou ontem uma vitória fácil sobre a Nova Zelândia, por 3 a 0, resultado que confirmou a classificação do Brasil, uma vez que os neozelandeses foram definitivamente eliminados. Agora, russos e escoceses vão disputar a segunda vaga do Grupo VI.

Diante da fragilidade técnica da Nova Zelândia, o técnico Constantin Beskov, da Rússia, mandou todo o seu time avançar, em busca do primeiro gol. A princípio, a dura marcação dos neozelandeses chegou a provocar um início de tensão. Mas o panorama mudou quando a União Soviética abriu o marcador, numa jogada de oportunismo do atacante Gravrilov.

A Nova Zelândia não saiu da defesa e passou a fortalecer ainda mais a sua retransmissão, com o recuo dos ponteiros. Somente em rápidos contra-ataques andou chutando umas três bolas perigosas para as excelentes intervenções do goleiro Dasaev. O primeiro tempo terminou 1 a 0.

Ao voltar para a segunda etapa a Rússia voltou mais disposta e partiu para definir o jogo. Seus atacantes andaram perdendo inúmeras oportunidades, como foram os casos de Oganesian, Bal e Blokin. E foi o próprio Blokin, aproveitando um passe de Bessenov, que fulminou rasante para ampliar o marcador. Após o segundo gol, o atacante Ruf, da Nova Zelândia arriscou um tiro perigoso, obrigando Dasaev colocar a córner. Em nova jogada de contra-ataque, Hoodin quase diminuía o marcador. Mas Baltacha tranquilizou os russos ao marcar o terceiro gol, dando um passo decisivo para a classificação.

Equipes:  
União Soviética: Dasaev, Sulažvelidze, Chivadze, Baltacha e Dmianenko; Shengelia, Bessonov e Gravrilov; Blokin, Bal e Daraselia.

## Bélgica vence apertada Seleção de El Salvador

ELCHE - Ao contrário do que se previu, a Seleção da Bélgica venceu ontem a Seleção de El Salvador por apenas 1 a 0, quando todos esperavam mais uma goleada humilhante, uma vez que os salvadorenses foram duramente goleados pela Hungria; por 10 a 1. Os belgas até que tentaram durante todo o jogo, mas a firme retransmissão imposta pelo adversário impediu que o pior acontecesse.

A Seleção da Bélgica começou o jogo buscando o que todos esperavam, o gol, para dar início a goleada. Nos primeiros minutos o time foi se irritando e somente aos 18m, Ludo Coeck abriu o marcador. Com esse gol a ansiedade da nova goleada aumentou.

## Telê faz o primeiro treino hoje

Sevilha, Espanha, - A magnífica exibição do Brasil frente a Escócia deixou quatro jogadores com ligeiras contusões na seleção que cresce como a favorita da Copa.

Sócrates sofreu um golpe na perna, Falcão no pé, Júnior levou uma cotovelada forte e Oscar, num encontro, foi atingido no ombro.

O médico Neilor Lassar informou na tarde de ontem que "aparentemente todos estarão em condições de treinar hoje à noite, exceto Falcão, que deverá se submeter a uma nova revisão.

## Platini diz que Kuwait é perigoso

Valladolid, - Michel Platini disse respeitar a equipe do Kuwait que a França vai enfrentar segunda-feira pelo grupo 4 do mundial de futebol:

"O Kuwait me impressionou muito. Tem boa equipe e, se quisermos ganhar, teremos que nos empenhar a fundo", declarou o astro da Seleção Francesa.

O Kuwait surpreendeu ao empatar com a Tchecoslováquia na sua estreia enquanto a França caía para a Inglaterra por 3 x 1.

## Havelange faz elogios à organização da Copa

O presidente da Federação Internacional de Futebol Associado - FIFA, João Havelange, do Brasil, elogiou a organização da Copa da Espanha.

- Esta Copa do Mundo é um exemplo a ser seguido pelo resto do universo e todos nós devemos sentirnos orgulhosos de como estão saindo as coisas - declarou.

Havelange, que chegou a esta cidade acompanhado por Anselmo Lopez, Vice-Presidente do Real Comitê Organizador do Mundial de 82, fez essa declaração anteontem, na prefeitura.

O dirigente expressou

seu satisfação pelas medidas de segurança e de proteção civil nesta Copa, como por toda a complexa organização, e pediu a todos que tenham paciência se alguma coisa não funcionar como seria ideal.

Confirmou que a Copa do Mundo continuará sendo disputada com 24 nações.

Crítico somente um aspecto da Copa, a decisão de entregar a venda de ingressos à Mundi-Espanha, "uma organização que se criou com as melhores intenções para receber os turistas e facilitar-lhes a estadia na Espanha, mas que não deu certo".

## Aprovação de decreto é adiada

Mais uma vez foi adiada a aprovação do decreto presidencial que aumenta os descontos da Previdência Social, informou o presidente da Federação dos Trabalhadores nas Indústrias do Estado da Paraíba, Expedito Felix da Cruz.

Segundo ele, dificilmente o decreto deixará de ser aprovado porque, findo o prazo no dia 26 próximo, será aprovado por decurso de prazo. No entanto os trabalhadores estão mobilizados para fazer com que os deputados votem contrário.

Há mais de cinco meses os dirigentes de todas as entidades, de classe trabalhadoras - principalmente nos setores industriários - estão lutando para que o Congresso rejeite o decreto presidencial que concede o aumento, da Previdência Social.

Segundo Expedito, que terça-feira esteve no Congresso para acompanhar a votação, acompanhados dos dirigentes sindicais paraibanos Severino Pereira de Lima e João Avelino da Silva, disse que os operários terão, descontados em seus vencimentos 8,5% para a Previdência Social, para aqueles que ganham até três salários. As pessoas que recebem de três a 10 salários terão um desconto de 9 por cento; de 10 a 15 salários, 9,5 por cento e até 15 salários, 10 por cento.

## Remetido lote de restituição

A Receita Federal remeteu à semana passada aos Correios e Telégrafos o terceiro lote com 200 mil restituições do imposto de Renda, no valor aproximado de Cr\$ 17,7 bilhões, o que totaliza Cr\$ 55 bilhões devolvidos até agora.

Ao dar estas informações, o delegado Guilherme Carlos Nogueira não soube dizer com exatidão o número de restituições encaminhadas ao Estado da Paraíba porque os lotes vêm diretamente da sede da Secretaria da Receita Federal, em Brasília.

Paralelamente ao lote de restituição, foram enviados cerca de 200 mil avisos de impostos a pagar, com que, segundo Guilherme Nogueira, ficam faltando pouco mais de 100 mil notificações para serem entregues, já que o pagamento da primeira parcela será feito nos primeiros dias de julho.

O delegado da Receita na Paraíba chamou a atenção dos contribuintes com direito a restituição para procurarem a agência dos Correios de sua cidade, caso não tenham recebido a notificação.

## Professores vão eleger Conselho

Na próxima terça-feira, os professores do Centro de Ciências Humanas Letras e Artes (CCHLA) da Universidade Federal da Paraíba, votarão para a escolha dos seus representantes junto aos órgãos da administração superior da Universidade.

Como candidatos aos cargos de conselheiro e suplente do Conselho Universitário estão os professores Rui Gomes Dantas e Thomas Van Dick. Por sua vez, os professores Tereza Campelo e Vicente Faleiros estão pleiteando indicação para o Conselho, que terá, como suplentes Otilia Maia e Rosa Godoy.

Todos esses candidatos foram indicados em reunião aberta a todos os professores que concordaram com o sistema de escolha que, ao seu ver, conservaram os princípios básicos da democratização da Universidade.



Cerca de 100 deficientes participaram da abertura do encontro que termina hoje

## Aberto ontem na Capital encontro de deficientes

Cerca de 100 deficientes, entre eles físicos e visuais, participaram ontem, da abertura do I Encontro Paraibano das Pessoas Deficientes, que se estenderá até hoje, no 15º Batalhão de Infantaria. Após esses dois dias do encontro, as discussões e propostas aprovadas serão contidas em um documento reivindicatório, que será entregue às autoridades federal e estadual.

Entre as reivindicações destacam-se no encontro, a discussão sobre o maior mercado de trabalho para os deficientes, a questão da educação e do transporte. Desse item, existe a solicitação de que cada linha de ônibus coloque pela menos um carro adaptado para os deficientes físicos e visuais.

O I Encontro Paraibano das Pessoas Deficientes é uma promoção conjunta da Fraternidade Cristã de Doentes e Deficientes-FCD e da Sociedade dos Cegos da

Paraíba-Socep. Segundo Marina Santos, presidente da Socep, a importância desse encontro se dá "porque propiciará uma maior integração entre os deficientes, na discussão dos seus problemas, que são enfrentados no dia-a-dia, procurando encontrar soluções".

Segundo Joana Belarmino, deficiente visual, membro da comissão organizadora do evento, esse encontro também é responsável pela escolha de delegados que participarão do 3º Encontro Nacional de Deficientes, em julho próximo, em Vitória do Espírito Santo.

Os trabalhos de abertura do encontro foram feitos pelo deficiente visual José Belarmino, bem como os trabalhos do dia de ontem. Da mesa também participaram representantes da Secretaria da Educação e Cultura, Inamps, 15º Batalhão de Infantaria e os presidentes da FCD, Antônio Maroja, e da Socep, Marina Santos.

## Muitos feridos durante comemoração da vitória

"Nem todos sabem comemorar a vitória do Brasil". Esta era a frase que mais se ouvia dos médicos que estavam de plantão anteontem no Hospital Pronto Socorro, quando cerca de 25 pessoas deram entrada em virtude de fraturas e ferimentos que sofreram enquanto comemoravam a vitória do Brasil contra a Escócia por 4 a 1. Entre os que deram entrada, o caso de Givanildo Oliveira foi o mais grave. Ele sofreu ferimentos causados por uma bomba que estourou na sua mão.

No Hospital Central de Fraturas, onde foram atendidos os casos de urgência, 15 pessoas deram entrada, devido a escoriações e fraturas que sofreram durante as comemorações da vitória brasileira. Um dos casos mais graves foi o de Luís Carlos Machado Bronzeado, professor do Instituto Presidente Epitácio Pessoa, vítima de acidente automobilístico, que sofreu duas fraturas na costela, várias escoriações e uma contusão no ombro esquerdo.

## Aumenta a movimentação nos bares com aparelhos de TV

Em época de Copa do Mundo, os bares que têm televisão instalada nas suas dependências são os mais preferidos pelo consumidor, como é o caso do Pavilhão do Chá que registrou no jogo de anteontem entre Brasil e Escócia uma frequência de cerca de 300 pessoas e um aumento na venda de suas bebidas.

Segundo o sr. Ednaldo Alcântara, gerente do Pavilhão do Chá, para o jogo de anteontem ele previa uma venda de 30 grades de cerveja, mas essa cota foi aumentada em mais 15 grades. Explicou que realmente a frequência aumentou em

cerca de 50 por cento - mais do que no jogo do Brasil contra a Rússia -, superando assim a expectativa.

Para o novo confronto da Seleção Brasileira diante da Nova Zelândia, o sr. Ednaldo Alcântara já dispõe de um estoque de cerveja, afora Wisk e refrigerantes. "A Seleção vem embalada e, devido a sua grande campanha, tem aumentado em muito a venda da cerveja e dos refrigerantes", acrescentou.

Indagado sobre a possibilidade do Brasil ser campeão se o Pavilhão do Chá irá suportar o número de fregueses, ele respondeu: "soamente fazendo outro".

## Paraiban mantém contatos com núcleos do Sertanejo

Procurando manter um bom relacionamento entre os técnicos e agropecuaristas, e possibilitar o mais rápido e eficaz atendimento dos seus pleitos, a Diretoria de Crédito Rural do Banco do Estado da Paraíba realizou, na semana passada, reunião nos Núcleos do Projeto Sertanejo de Solânea e Pombal.

Nestes dois encontros o diretor da Carteira, Vanildo Pereira da Silva anunciou a dotação de cada núcleo e explicou aos técnicos do Projeto Sertanejo e do Dnocs as diretrizes de atuação. Segundo ele, estes encontros tem grande importância pois é possível manter um maior congraçamento com os fazendeiros.

Na cidade de Pombal, além dos vários técnicos, a reunião teve a participação do coordenador geral do Projeto Sertanejo no Dnocs,

Plínio de Moraes e do gerente do Núcleo do Projeto Wilton Calazans.

O diretor de Crédito Rural do Paraiban disse que o Projeto Sertanejo vem sendo operacionalizado na Paraíba de forma satisfatória, que para tanto conta com a colaboração dos técnicos da Secretaria da Agricultura e Abastecimento do Estado.

Vanildo confirma sua meta de atividades para 1982: até o final do ano pelo menos 150 projetos serão atendidos, comprometendo recursos da ordem de Cr\$ 400 milhões, conforme pretende o presidente do banco, Fernando Perrone, no atendimento das determinações do governador Clóvis Bezerra.

Até o momento o Paraiban atendeu 63 pedidos de financiamentos no Programa do Projeto Sertanejo.

## Compositor paraibano faz sucesso

O compositor Inácio Virgolino Brandão, paraibano autor da música *Quiabo Cru*, gravada no ano passado por Toinho do Rojão, e que obteve sucesso nacional, tem agora mais duas de suas composições inseridas nos LPs *Pedraço de Fulô* e *Saudação a Bahia*, gravados pelo Trio Juazeiro e Toinho do Rojão, respectivamente.

Parceiro do Sertão e Homenagem à Paraíba, são as duas músicas do compositor paraibano que figuram como as principais faixas dos dois Long Plays, lançados esta semana e que já estão sendo tocados nas principais emissoras de rádio do país.

Autor de aproximadamente 170 músicas, o paraibano Inácio Virgolino já conseguiu, através de outros intérpretes, gravar mais de quarenta de suas composições, e pretende continuar com o trabalho, bastando, para tanto, que as gravadoras continuem lhe dando o apoio que têm dispensado, até agora.

Disse o compositor que o seu trabalho vem tendo êxito sobretudo em consequência do apoio que tem recebido de Rosivaldo, da Copacabana; e João Florentino, da Condi; Alarico Correia Neto, diretor da Gráfica Universitária pela compreensão; Este ano, o compositor paraibano também está lançando uma de suas músicas, intitulada *Tá Entrando Gente*, interpretada por Marinalva e Sua Gente.

## Senar faz treinamento no Estado

O Serviço Nacional de Formação Rural (Senar) está desenvolvendo na Paraíba, programa de preparação de recursos humanos para os projetos de aproveitamento de fontes alternativas de energia, segundo informações da Delegacia Regional do Trabalho.

Cursos vêm sendo desenvolvidos, além da Paraíba nos Estados de Alagoas, Rio Grande do Norte, Pernambuco, Bahia, Rio de Janeiro, Minas Gerais e Goiás, alcançando bons resultados, conforme a mesma fonte.

Na oportunidade a Delegacia Regional do Trabalho informou, também, que a necessidade de um esforço maior visando aumentar a oferta de emprego para o trabalhador desqualificado, ficou evidenciada em análise de dados do Sistema Nacional de Emprego.

O Sine demonstrou ser de 75 por cento a participação de funcionários sem habilidades profissionais específicas nos processos de demissões em massa adotados por empresas que enfrentam dificuldades conjunturais no segundo semestre do ano passado.

## Estado faz levantamento do Piancó, Curimataú e Cariri

A Coordenadoria de Desenvolvimento Local, órgão vinculado à Secretaria do Planejamento, elaborou o Plano de Ação Micro-Regional das Associações Municipais do Estado da Paraíba do Vale do Piancó, Curimataú e do Cariri.

A primeira parte do plano consiste de um diagnóstico sobre o aspecto histórico, físico, demográfico, econômicos e financeiros, além de ter delineado as estruturas física e social de cada região.

Sobre o aspecto histórico contém informações sobre a origem e evolução, processo de ocupação e manifestações folclóricas dos municípios. No aspecto físico contém um levantamento sobre o solo, relevo, vegetação primitiva e atual, o clima e hidrografia.

No aspecto demográfico sobre o crescimento da população rural e urbana, estrutura da população, o processo de imigração e emigração, e dados sobre a população economicamente ativa. Quanto aos aspectos econômicos, o trabalho mostra o setor primário acerca de estrutura fundiária, agrária, pecuária e a pesca. Também faz um levantamento sobre o setor terciário no ramo de comércio e serviços.

O aspecto financeiro faz um demonstrativo da despesa da micro-região, ou seja, dos municípios que existem associações. Quanto a estrutura física abordada sobre as condições de transporte, comunicação, energia elétrica, abastecimento d'água e saneamento básico, e finalmente uma análise sobre a estrutura social nos níveis saúde, educação, cultura e habitação.

Na segunda parte do Plano de Ação se destaca uma análise sobre a

Política de ação, contendo os objetivos, estratégias e metodologia. Na terceira parte contém a programação que será executada na micro-região.

Para as Associações dos Municípios do Cariri Paraibano-AMCAP - e a Associação dos Municípios do Vale do Piancó-AMVAP- foram planejados os seguintes programas: Programa de Esgotos e Abastecimento d'água; Programa Pecuário, de Recursos Hídricos, Recursos Minerais, Indústria e Comércio, Artesanato, Cooperativismo e Turismo.

No setor social se destacam programas de Educação e Cultura; programas de saúde, saneamento e segurança pública. No setor físico e urbano se destacam os programas de desenvolvimento urbano e energia elétrica e Comunicação. No setor Institucional são os seguintes programas: de desenvolvimento municipal, institucional, capacitação de recursos humanos, especial, como por exemplo, o Programa de articulação inter-governamental.

Para a Associação dos Municípios do Curimataú Paraibano serão beneficiados com os seguintes programas: não setor econômico com programas agrícola, pecuário, abastecimento, recursos hídricos, minerais, indústria e comércio, artesanato, cooperativismo e turismo.

No setor social na AMCAP será beneficiada com programas de saúde, educação e cultura, saneamento básico e segurança pública. No setor físico-urbano com o programa de desenvolvimento urbano, energia e comunicação, e no setor Institucional com programas de desenvolvimento municipal, institucional, cooperação de recursos humanos e especiais.

## Campina Grande terá centro para ciência e tecnologia

O Secretário do Planejamento, Patrício Leal, reuniu-se ontem, às 9 horas, com o prefeito de Campina Grande, Enivaldo Ribeiro, para discutir detalhes sobre a implantação do Centro de Ciência e Tecnologia e ampliação do Pró-Curte, que são os dois principais projetos do Conselho de Desenvolvimento Científico e Tecnológico, que será implantado na próxima terça-feira, no auditório do Centro Administrativo, em solenidade presidida pelo Governador Clóvis Bezerra.

Acompanharam o secretário do Planejamento, Ernane Pagels, da Coordenadoria de Desenvolvimento Científico e Tecnológico e Geraldo Targino, da Universidade Federal da Paraíba.

Segundo informou o coordenador da Codect, serão aplicados recursos da ordem de 66 milhões de cruzeiros pelo CNPq, Secretaria de Articulação Entre Estados e Municípios e o Governo do Estado, na instalação do Centro de Apoio às Indústrias Eletro-Eletrônica, considerado muito importante para Campina Grande e para o Nordeste, "porque funcionará como órgão de apoio às pequenas e médias empresas na área de eletrônica".

Explicou ainda que a definição

de sua instalação em Campina Grande "deve-se ao recolhimento que se tenta grande potencial do Centro de Tecnologia da Universidade Federal da Paraíba, campus II, que já desenvolveu vários projetos nesta área, mas, poucos chegaram a ter um aproveitamento por parte da iniciativa privada.

Quanto ao Pró-Curte, Ernane Pagels informou que se trata de um projeto de ampliação das instalações físicas da escola de Couros Tanantes, com a construção do galpão industrial, laboratório de química e física, e salas de aula.

Os recursos, segundo informou, para estes projetos são da ordem de 31 milhões de cruzeiros do CNPq, da Universidade Federal da Paraíba e do próprio Governo do Estado.

Esclareceu, também que a importância deste investimento na ampliação do Pró-Curte deve-se ao fato de que a escola de Couro e Tanantes de Campina Grande é o único Curso de nível superior nesta área existente no Brasil, e que inclusive havia recebido material e equipamentos, mas por falta de instalações físicas não estão sendo utilizadas.

## Começa hoje abatimento nas passagens para estudantes

Todos os estudantes paraibanos que viajarem às cidades do interior do Estado a partir de hoje gozarão do abatimento de 50 por cento nas passagens, desde que estejam munidos com a carteira de identificação.

O Departamento Estadual de Estradas e Rodagens vai colocar fiscais em todas as Estações Rodoviárias, a começar por João Pessoa e Campina Grande - locais onde a movimentação é maior -, para fiscalizar se as empresas estão cumprindo as determinações do decreto governamental, que concede o benefício aos estudantes.

Para cada carro horário, o DER autorizou o concessão de dez passa-

gens pequenas, ficando autorizado a venda destas passagens no percurso da viagem, caso não tenham sido vendidas antes da saída do veículo da Estação Rodoviária.

Mesmo iniciando neste domingo, somente em 31 de julho se encerrará o período de validade do abatimento nas passagens intermunicipais, o que correspondente as férias escolares de meio do ano.

Depois deste período de abatimento, os estudantes somente voltarão a gozar do benefício, durante as férias escolares de dezembro, oportunidade em que será anunciado o início da nova temporada.

## João Pessoa será sede do 5º Congresso de Matemática

O V Congresso Nacional de Matemática Aplicada e Computacional será realizado em João Pessoa, no período de 1 a 5 de agosto, numa promoção da Sociedade Brasileira de Matemática Aplicada e Computacional, Departamento de Matemática da Universidade Federal da Paraíba, Laboratório de Computação Científica, além do patrocínio do Conselho Nacional de Pesquisa-CNPq. O local para realização do V Congresso está previsto para o Centro de Ciências Exatas e da Natureza, na UFpb, onde se reunirão matemáticos, estatísticos, informáticos, engenheiros, cientistas, pesquisadores e professores. As conferências durante o Con-

gresso serão em número de cinco: "Análise Limite em Mecânica e Eletricidade", que será proferida por Michel Frenx, do Laboratório Central de Pontes e Estradas de Paris-França; "Alguns Problemas em Aberto na Mecânica", por Paul Germain, da Escola Politécnica de Paris; "Recentes Progressos na Análise Numérica", por Edward Blum, da Universidade da Califórnia; "Uma Aplicação de Pesquisa Operacional - Um Problema de Política Portuária", por Paulo Galvão Novaes, da Universidade de São Paulo; e "Demografia e Estatística", por Paulo Quinhões Carneiro, da Universidade Federal do Rio de Janeiro.



## SINAIS DE INTOLERÂNCIA

• CARLOS ANTÔNIO ARANHA

A partir de 1947, um político americano chamado Joseph McCarthy celebrizou-se como o promotor de uma caça às bruxas, chefiando uma suspeita Comissão de Atividades Antiamericanas, que tinha a principal finalidade de descobrir e inventar comunistas e seus supostos simpatizantes. O tristemente lembrado *macarthysmo* atacou com violência maior as pessoas que trabalhavam no cinema e na televisão. E por causa do alucinado McCarthy, cineastas, fotógrafos, roteiristas e atores foram perseguidos; muitos perderam seus empregos e outros foram obrigados a sair do país em busca da sobrevivência, como o irrequieto, brilhante e inovador Joseph Losey (*Modesty Blaise*, *O Mensageiro*, *O menino dos Cabelos Verdes*, entre outros títulos).

Joseph McCarthy não é único na História. Viveu também gente que não faz a menor falta, como Adolf Hitler e

Tomás de Torquemada - este, no século 18, símbolo de intolerância e fanatismo -, e grupos de ódio e violência, como os que implantaram durante um século e meio a inquisição no Brasil (perseguido os praticantes dos rituais judaicos) e os que fundaram e deram continuidade à Ku Klux Klan (uma sociedade que prega o racismo e mata negros).

Os intolerantes e represores caracterizam-se por não suportarem práticas como, por exemplo, a do cristianismo, e por nunca terem lido, com olhos livres e solta espiritualidade, páginas com as de Mateus no *Novo Testamento*. Se deles dependesse, os Beatles não teriam nascido, com seus bonitos cabelos grandes, seu universo de cor & som e suas mensagens de paz. Os intolerantes caracterizam-se por não saberem viver em meio à plena prática dos direitos do Homem em clima de liberdade total. Eles são como aquele cidadão que, puxando um rifle, dentro de um caminhão, mata os dois viajantes motoqueiros do filme *Sem Destino*. Os intolerantes praticam, mesmo quando desarmados, um cotidiano tiro ao alvo nas costas da liberdade.

□ □ □

Assim como os negros são combatidos pela Ku Klux Klan; assim como os da inquisição perseguiram aos "cristãos novos"; assim como Hitler matou judeus e Torquemada perdeu a conta dos torturados; assim como

McCarthy fez com que supostos comunistas perdessem seus empregos... Noutra proporção, mas também movido pela intolerância, o colunista político Severino Ramos sacudiu pedras, numa nota publicada no *Correio*, contra o que ele classificou de "centro da apologia ostensiva e sistemática do homossexualismo, tanto masculino como feminino", o Teatro Lima Penante.

Os círculos culturais e artísticos da cidade ficaram chocados com a nota, porque ela traduz obscurantismo, violência, desinformação e falta de amor; choque maior porque escrita por uma pessoa que preside a Associação Paraibana de Imprensa, entidade historicamente ligada às conquistas da liberdade. O ódio e o tom de censura, que a nota reflete, causou imediata surpresa em pessoas como Sérgio de Castro Pinto, Elpidio Navarro, Walter Galvão, Ednaldo do Egypto, Fernando Teixeira, Gerardo Parente, Raimundo Nonato, Manfredino Caldas, Anco Márcio, João Manoel de Carvalho, e muitos outros artistas, jornalistas, intelectuais e professores, que repudiam atitudes contrárias à liberdade.

Mas o Teatro Lima Penante é um local consolidado como centro de arte e cultura. A intolerância não vai acabá-lo, da mesma maneira que McCarthy não conseguiu destruir o cinema americano nem a Ku Klux Klan eliminar a raça negra.

## NOMES QUE COMPÕEM O JÚRI DO PRÊMIO GOETHE DE LITERATURA

Afrânio Coutinho (Rio), Antonio Hohlfeldt (Porto Alegre), Antonio Houaiss (Rio), Bella Josef (Rio), Benedito Nunes (Belém), Carlos Nelson Coutinho (Rio), Edgar de Godoi Mata-Machado (Belo Horizonte), Eduardo Portella (Rio), Eglê Macheiros (Florianópolis), Fábica Lucas (São Paulo), Franklin de Oliveira (Rio), Guilherme César (Porto Alegre), Heloísa Buarque de Holanda (Rio), Luis Carlos Lisboa (Rio), Leticia Mallard (Belo Horizonte), Nelly Novaes Coelho (São Paulo), Regina Zilberman (Porto Alegre), Sérgio de Castro Pinto (João Pessoa).

## NESTE NÚMERO

Em *Futebol e Brasil em Tempo de Copa*, José Octávio congemina um certo tom nostálgico à algumas reflexões políticas sobre o futebol. Carlos Aranha, por sua vez denuncia o clima de repressão que se instaura contra o Lima Penante num artigo cujo teor endossamos em gênero, número e grau. Em *Liberdade*, livro de Silviano Santiago, é objeto de algumas reflexões as mais pertinentes de Fábio Lucas, crítico literário e professor da Universidade de Campinas, São Paulo. De Dirceu Quintanilha, veiculamos o poema *O Incruido*, recentemente lançado pelas *Edições Haibã*, de Ubatuba, São Paulo, numa tiragem de 500 exemplares. Do poeta Luiz F. Papi, publicamos o poema *Go Go Goiás, a Hora Astral é G.M.T. De João Batista Barbosa de Brito, do Departamento de Letras Estrangeiras da Universidade Federal da Paraíba, e de Roberto Reis, da Puc do Rio de Janeiro, o Correio das Artes divulga, respectivamente, os ensaios *John Donne e a Meta(física) do Amor e Cabelo na Sopa*. E enquanto a poesia se faz presente através de Terezinha Fialho e Bewalde André de Melo, a ficção se faz representar por José Afrânio Moreira Duarte e Valdélia Barros.*

Em comemoração ao sesquicentenário da morte de Johan Wolfgang Von Goethe, os Institutos Goethe do Brasil instituíram o *Prêmio Goethe de Literatura*, que será oferecido às duas mais destacadas narrativas de ficção de autores brasileiros editadas nos últimos quatro anos.

O prêmio destinado aos dois primeiros colocados consiste em passagem de ida e volta, cedida pela *Lufthansa*, à República Federal da Alemanha, e bolsas de estudo em Berlim. O escritor mais votado receberá ainda uma estadia em Frankfurt durante a Feira Internacional do Livro.

A classificação foi organizada conforme o seguinte critério: na primeiro etapa, cada jurado forneceu uma lista - não estabelecendo ordem preferencial - com 10 indicações dos mais destacados títulos de narrativa de ficção de autor brasileiro, editados no Brasil, no período correspondente a janeiro de 1979 a maio de 1982. Já foram enviados aos 18 membros do júri, para uma classificação desta vez preferencial, os sete títulos que receberam o maior número de indicações. O resultado do *Prêmio Goethe de Literatura* será divulgado no final deste mês. Neste número de *Correio das Artes*, além da relação dos nomes que compõem a comissão julgadora do Prêmio Goethe de Literatura, publicamos as seções *Registro* e *Novos*.

• O EDITOR

Correio das Artes

(Suplemento de A UNIÃO)

EDITOR

Sérgio de Castro Pinto

CONSELHO CONSULTIVO

Gonzaga Rodrigues  
Antônio Barreto Neto  
Arlindo Almeida  
Walter Galvão  
Vilson Brunel Meller  
Sérgio de Castro Pinto  
Carlos Antônio Aranha  
Anco Márcio

\*\*\*

Os conceitos e opiniões emitidos em matérias assinadas são de inteira responsabilidade de seus autores.

Os originais de matérias não publicadas, mesmo quando solicitadas pela Editoria, não serão devolvidos.

\*\*\*

Toda correspondência referente à editoria (cartas, colaborações, revistas e livros para registros) deve ser enviada à Rua Desembargador José Peregrino, 321, João Pessoa/Paraíba.

A correspondência referente a vendas, assinaturas e publicidade deve ser enviada para A UNIÃO Companhia Editora, Distrito Industrial, km 3 da BR 101, João Pessoa/Paraíba.

Assinatura anual  
Paraíba  
Cr\$ 350,00  
Outros Estados  
Cr\$ 400,00

Correio das Artes

João Pessoa, 20 de junho de 1982



(Capa: Versão de Raul Córdula sobre poemas de Xico Chaves. Foto de R. Córdula)

Para comentar *Em Liberdade - uma ficção de Silviano Santiago* (Rio, Paz & Terra, 1981), de início trataremos alguns tópicos que mais se evidenciam:

- o exercício da imaginação;
- a reflexão do escritor sobre sua época;
- o levantamento crítico do passado;
- a estratégia literária.

Silviano Santiago, ao realizar sua ficção, nada mais fez do que radicalizar o tão frequente encontro da fantasia com a realidade, entendida esta como o relato dos fatos acontecidos. É claro que, mesmo no caso de ter o mundo real como referente, a simples presença do "relato" favorece a intromissão de mitos e ideologias, como é usual ocorrer no texto dos historiadores que se supõe partirem de "fatos". Coincidentemente, na parte em que trata de Cláudio Manuel da Costa, o A. de *Em Liberdade* faz a crítica ideológica de um historiador.

Mas, no caso, Silviano Santiago não pretendeu apenas documentar o passado de Graciliano Ramos, escrever uma biografia por meio indireto, inventando um diário do escritor. A *intencionidade* do texto de Silviano Santiago é inteiramente a de ficcionista. Progredindo o seu discurso no prodigioso campo da criação artística, foi "devorando" os fatos que estiveram a seu alcance, modificando-os em favor da ordem literária, adaptando-os, deformando-os, enfim, operando a montagem da narrativa.

A este respeito, perderá tempo quem procurar comprovação dos episódios narrados, não obstante o compromisso que o escritor mantém com a *verossimilhança*. O pacto com o verossímil é que induz a muitos compreenderem o romancista por uma ou outra incorrespondência dos fatos narrados com a verdade dos fatos.

Utilizando como idéia-base de sua ficção o diário que Graciliano Ramos teria elaborado após a sua prisão durante a ditadura Vargas, Silviano Santiago procura retratar o desconforto de um grande escritor ao tentar readaptar-se a um mundo estranho, de que fora afastado pela ordem absurda das coisas.

A exposição dos azares da vida nas ditaduras, principalmente nas clássicas ditaduras latinoamericanas, de que as brasileiras são exemplos arquetípicos, é o que nos parece ser o fulcro principal do livro de Silviano Santiago. Graciliano Ramos, seus amigos, seu pensamento, seu tempo, são personagens, não mais personalidades. Aderidos ao passado histórico, transformam-se na mitologia da intelectualidade.

É ali que SS os foi resgatar, não obstante a muitos parecer que pecou contra a realidade dos fatos. Como na velha anedota atribuída ao político José Maria Alkin, mais interessa a "verdade" do que o "fato". Estamos no reino da interpretação, do mito, do exercício do imaginário, da elaboração ideológica. É o que se vê do texto, quando é apresentada a meditação de Graciliano Ramos sobre Cláudio Manuel da Costa: "A segurança dos dados, levantados em documentos pela pesquisante, de repente transforma-se no lugar de onde parto para a vertigem e o desconhecido. O salto no ar é uma viagem que se faz nos limites da lucidez e da loucura. Sem os pés no chão." (p. 218).

Não é outra a razão do subtítulo "uma ficção de Silviano Santiago" posposto ao título *Em Liberdade*. Matéria ficta, portanto, fingida. Caminho da imitação da realidade, da mimese aristotélica.

Cumprir perguntar; foi plenamente realizado o pacto da verossimilhança? A nosso ver, teriam faltado ao texto suposto de Graciliano Ramos um pouco do estilo e da gramática do escritor imitado. Mas isso não destrói o livro, pois não é o principal.

Vejam o segundo item: a reflexão do escritor sobre a sua época. Ai nós incluiríamos, pela sua pertinência, a reflexão do escritor sobre si mesmo e sobre o ato de escrever. Mais ainda: a reflexão sobre a produção literária (ideológica) numa sociedade repressiva, em que Cláudio Manuel da Costa, Graciliano Ramos e Silviano Santiago não passam de comparsas da mesma tragi-comédia.

Quanta coisa importante SS inclui na sua ficção! O livro é engajado, em algumas partes devastadoramente crítico. Logo no início, são atribuídas a Graciliano Ramos reflexões agudas sobre a realidade nacional, que não se diferencia da realidade atual: "Em escala descendente, a começar no Catete, onde pontifica o chefe açu, e a terminar no último lugarejo do sertão, com um caudilho mirim, isto é um país a regurgitar de mandões de todos os matizes e feitios." (p. 34). O trecho não passa de reprodução *ipsis literis* de parte de uma crônica de Graciliano Ramos, publicada no "Jornal de Alagoas" em março de 1915 (cf. *Linhas Tortas*, S. Paulo, Martins, 1962, p.9).

É o fato político. Imediatamente é correlacionado com o problema da verbalização e da censura: "A palavra, ou bem é elogiosa ao chefe açu e ao caudilho mirim e o seu autor tem o lugar garantido no reino dos bem-aventurados, ou bem é crítica, e é imediata-

mente calada por torturas infernais." (*Em Liberdade*, p. 34).

A rapidez com que a classe dominante entre nós radicaliza posições, a fim de massacrar divergências, é posta em destaque em rápidas pinceladas. Vejam-se estes dois trechos: "A pergunta correta: porque a nossa sociedade não aceita a oposição como necessidade vital no jogo político?" (p. 34). "Não existe definição, ou sistema de definições de governo justo (ainda que passageiramente justo) para justificar o mando. Quem ocupa o lugar, define arbitrariamente. Definindo, manda. Quem não obedece, está divergindo. Cada divergência é vista como uma nova definição do lugar em potencial. Cortem a cabeça!" (p. 35).

A crítica à ditadura, especifica a de Getúlio Vargas, aparece em vários pontos. Por exemplo, estas palavras atribuídas a José Lins do Rego: "São ditadores. Mas ditadores de meia tijela. Getúlio não é o homem que manda. Getúlio é o lugar por onde as pessoas têm de passar para poderem mandar. As ordens não vem dele, passam por ele." (p. 132).

São instigantes certos comentários a sociedade brasileira, ao carnaval (A "vingança carnavalesca", pp. 149/150), às consequências do "progresso" no Brasil: "O progresso, no Brasil, apenas melhora as condições de vida de quem já as tem boas." (p. 150).

A auto-reflexão da personagem incide principalmente sobre o elogio da vida e considerações sobre a morte: "É procurando a vida que melhor se enfrenta a morte. Não é resguardando-se da morte que vivemos." (p. 70). De entremeio, vêm as consequências políticas e literárias do sofrimento e do martírio. Graciliano Ramos é posto em antagonismo dos que, como os católicos, fazem do cordeiro um símbolo: "Não é à toa que este animal é o símbolo por excelência do cristianismo, religião que se funda no sacrifício do homem. O que deve morrer. Não o que, um dia, morrerá. Seu único dever é a morte. Meu único dever, hoje, é a vida." (p. 64).

O martírio é posto do lado negativo, da morte: "É funeral, não é vida. Inspira-se mais no temor da repressão do que a coragem para o combate. A matéria-prima psicológica do mártir é o luto. A matéria-prima psicológica da revolução é a audácia." (p. 184). Ao criticar um historiador que sobrepõe à imagem de Tiradentes a de Cristo, a personagem Graciliano Ramos aprofunda a crítica ideológica àquela imagem piedosa (pp. 203/204).

O capítulo referente ao dia 25 de janeiro (pp. 101-112) é uma bela ficção: Silviano Santiago relata a retomada do poder patriarcal de Graciliano Ramos dentro do cenário familiar. Os diálogos que trava com Heloísa são tensos e de vivo interesse.

Dai se passa à análise da arte do romancista. A personagem Graciliano Ramos reflete sobre o realismo conformista, passivo, e as vantagens da leitura crítica e do texto inquietador. Bela página sobre a responsabilidade do escritor e a do leitor: "Encontrar no romance o que já se espera encontrar, o que já

## "EM LIBERDADE: AS FORMAS LIVRES DE UM ROMANCE



se sabe, é o triste caminho de uma arte fascista, onde até mesmo os meandros e os labirintos da imaginação são programados para que não haja a dissidência do pensamento." (p. 117).

Silviano Santiago aproveita o lado de crítico literário de Graciliano Ramos e o põe, por exemplo, a tecer considerações sobre o modo de narrar de José Lins do Rego (pp. 118-124). Um exemplo: "O autoritarismo em Zé Lins, como entre os camisas verdes, ergue-se sobre os pilares da bondade congênita do ser humano." (p. 120). Adiante fala do artista Santa Rosa (pp. 178-179). Exemplo: "Ele não domina a linguagem que fala sobre a arte; só conhece a linguagem da arte." (p. 178).

O livro se adensa com o surgimento de Cláudio Manuel da Costa, do qual Graciliano Ramos se aproxima por similitude de situação. Qual o projeto do romancista? "Apresentar, numa cápsula da máquina do tempo, a permanência dos regimes autoritários no Brasil. A posição incômoda que ocupam os intelectuais, quando manifestam publicamente o desejo de uma sociedade menos injusta." (p. 209).

O terceiro tópico de nossa análise considera o levantamento crítico do passado. O livro, a nosso ver, culmina com a evocação de Cláudio Manuel da Costa, como se Graciliano Ramos, tendo descoberto o veio da grande farsa que é a História nacional, surpreendesse em Cláudio seu parceiro de agonia: tratar-se-ia de escrever as *Memórias do Cárcere* daquele que para tanto não dispôs de tempo. Graciliano Ramos, na ficção de Silviano Santiago, procura jogar luzes no cárcere sem memórias de Cláudio Manuel da Costa.

É Silviano Santiago, ao tomar Graciliano Ramos depois do cárcere, inventa um tem

po entre este e as memórias: o período indefinido de adaptação do escritor ao mundo dos "livres".

A nova historicidade de *Em Liberdade* é função da crítica, não do relato encantatório. Visão de desencanto, mais do que recuperação mística. Temos um romance de formação às avessas, pois aquele, em grande parte, seria também o da deformação. Quis o A. um verdadeiro romance de informação. A História, como pano de fundo do romance, não está feita e acabada, ao modo do que transparece no romance histórico, herança romântica. Contrariamente, a História, como a intriga, está por ser feita, é lance aberto, é só re-visão.

Por fim, o tópico número quatro, a estratégia literária. Silviano Santiago retoma a forma do diário com uma inventiva fora do comum. Combina-se aí o poder de criação com a capacidade de pesquisa. O pacto da verossimilhança, conforme dissemos, saiu bem logrado. A vitória do romancista foi extraordinária. O romance ficou no limite entre a ficção e o ensaio, como se o A. elegesse simultaneamente, como referentes, o mundo real e o mundo da fantasia. Toda a realização literária de *Em Liberdade* se apresenta como um risco calculado, um lance no limite. O texto assinala a copresença de vários gêneros.

Tal é a matéria de que se fez a vertiginosa aventura literária de Silviano Santiago. *Em Liberdade* é mais Silviano Santiago do que Graciliano Ramos. Os tempos são outros. Mesmo policiando a própria linguagem e tentando reconstituir a época de libertação de Graciliano Ramos, Silviano Santiago não consegue apagar as impressões digitais da falsificação histórica. Baixasse o romancista nordestino numa sessão espírita, e a voz do morto indagaria: seria possível a ele o emprego do verbo "conscientizar" (v. p. 115). Poderia alguém a "ler estórias" (p. 217), modernizando à inglesa a velha "história"?

O velho Graça, tão impertinente na redação do *Correio da Manhã* com os solecismos dos companheiros jornalistas, não empregaria "à distância" (pp. 29 e 47) com crase. "Detalhe" (pp. 30, 52 e 62), "constatar" (pp. 86 e 89), "face a" (p. 201), francesias, nem brincando. Usar "proposital" (pp. 61 e 114) por "propositado" seria pecado de não se comer nem sob turtura. Confundir "estádio" (pp. 63, 105 e 159) com a forma correta "estádio" só para pluminativos. Admitir encontros vocálicos que resultem em cacofonia, como "por cada" (p. 133), "por razões" (p. 142), "uma maneira" (p. 186), "com constância" (p. 193), "por cumprida" (p. 198), etc, seria imperdoável distração estilística. É usar "degladia" por "digladia" (p. 171)? A personalidade, não a personagem, Graciliano Ramos era ciosa das regras de bem escrever.

No capítulo da regência, "fala-se de que ela lidera" (p. 193) daria arrepios ao mestre nordestino; como, talvez, o uso reflexivo de "se repousa" (p. 59). Redundância como "há um ano atrás" (p. 202) e impropriedade como "balança de pagamentos" (p. 193) seriam imperdoáveis. Quando entram em cena os "Autos de Devassa", este não poderiam virar "Autos da Devassa" (p. 210).

Tudo isso sem contar a parte estilística que, a nosso ver, em muitos pontos separa os dois escritores. Só uma curiosidade: é bem possível que Graciliano Ramos, na sua permanente arte de degradar vocábulos nobres em favor de palavras populares, principalmente achegando propriedades humanas às animais, preferisse "minhas ventas" a "minhas narinas" (p. 38). E, em favor da clareza e da harmonia da linguagem, não empregaria "essa" (p. 46) e "nesse" (pp. 74 e 223) no lugar de "aquela" e "naquela".

Pouco importa que tenha sido assim. Silviano Santiago não monopolizou o dizer de Graciliano Ramos, não se prendeu ao modelo anterior, não ficou subordinado a este para efeito de plágio, paródia ou de sátira. Apenas imitou o romancista nalguns pontos, reservando-se o direito de artefazer livremente. O domínio de um dado repertório, conquistado com estudo e talento, tornou-o mais capacitado a criar nova, ressonância, novo choque receptor na impressão do leitor.

Poder-se-ia falar de uma paródia? Esta oscila entre contraste e semelhança e Silviano Santiago não exerce rigorosamente o poder de contraste - não aplica a Graciliano Ramos a ironia ou o desdém, pelo contrário, realiza a apologia -, nem pratica a rigor a semelhança, pois de início se afasta da gramática e do estilo de Graciliano Ramos. Silviano Santiago não mostra o "ingenio" e a "picardia" da paródia, embora demonstre o desejo de reprodução imaginativa.

*Em Liberdade* vem a ser uma proeza literária de vulto, uma forte empresa criadora, desafiando, na sua extrema abertura, a estratégia dos gêneros na literatura e as técnicas de revisão e de relato dos fatos históricos.

\* Fábio Lucas é um dos nomes mais representativos da crítica brasileira. É professor de Letras da Universidade de Campinas - São Paulo e presidente da União Brasileira de Escritores.

# CABELO NA SOPA

Roberto Reis

Impossível um início de aproximação a *A hora da estrela* 1 sem levar em conta a produção anterior de Clarice Lispector. Se a idéia de mimesis supõe a entrada em jogo das prenoções, que as do escritor, na consecução de seu texto, quer as do leitor, na re-realização do produto mimético, 2, é fácil deduzir que o crítico (um leitor, porventura mais qualificado) tem deflagrado o seu repertório pela dinâmica do ato de leitura.

Pensamos que a dominante da obra de Clarice é sua preocupação filosófica (correlacionada a um questionamento da linguagem e da narrativa) 3, tônica presente num romance como *A paixão segundo GH*. Contudo, paralelamente, na *Paixão*, se configura o intento de captar o outro, através da personagem Janaína, a empregada. GH, a protagonista, membro de uma classe privilegiada, em sua peregrinação ao quarto dos fundos, se esforça por se ver no outro, gesto consubstanciado no momento em que prova da barata (metonímia de Janaína). Este romance, portanto, seria uma espécie de dobradiça na literatura da escritora, na medida em que aí convivem, por assim dizer, duas linhas, uma acentuadamente filosófica, até então preponderante, e outra, na falta de um termo mais apropriado, contaminada pelo social. A autora estaria mudando o seu modo de escrever, como o narrador de *A hora da estrela* (p. 22) 4.

Esta última vertente, aliás, aflora com nitidez e ocupa este texto. Com efeito, a narrativa tematiza a apreensão do outro - aqui representado pela nordestina Macabéa. Concomitantemente, a costureira problematização da escritura, quase uma marca registrada de Clarice, se faz presente. 5

A história é banal - o texto mesmo o dia (p. 79). Há poucos fatos a narrar (p. 35). O narrador fala de uma nordestina, almejando identificar-se a ela: ser o outro é sua paixão (p. 37). Ele é "um homem que tem mais dinheiro do que os que passam fome" (p. 24), ao passo que sua criação, Macabéa, tem "maus antecedentes" - "herança do sertão - e um "cheiro murrinhento", era "café frio", "o corpo cariado" (pp. 34, 35 e 43). Estabelecese, desde logo, a tensão romanesca, o narrador pertence a uma classe e tenta ser/apreender o outro, de uma outra classe.

A nordestina incomoda ao narrador, ele estreme acossado por uma dor de dentes (p. 33). Daí a sua culpa: "ela me acusa e o meio de me defender é escrever sobre ela" (p. 22); "a moça é uma verdade da qual eu não queria saber" (p. 48).

Em termos de personagem, confrontam-se Macabéa e Olímpico, "bichos da mesma espécie" (p. 53), ele metalúrgico, ela datilógrafa, compondo um "casal de classe" (p. 55). Enquanto Macabéa é apática, ouvindo

te da Rádio Relógio, Olímpico quer ser deputado (p. 57), anseia ter o nome "escrito nos jornais e sabido por todo o mundo" (p. 68), esperando "subir para um dia entrar no mundo dos outros" (p. 79). Daí ele trocar a nordestina por Glória significar um progresso: "o fato de [ Glória ] ser carioca tornava-se pertencente ao ambicionado clã do sul do país. Vendo-a, ele logo adivinhou que, apesar de feia, Glória era bem alimentada. E isso fazia dela material de boa qualidade" (p. 72).

Eduardo Portella, prefaciando o livro, alude às três formas diversas de presença do narrador: "a primeira delas faz do monólogo do narrador o fio condutor da ação e da reflexão, da linguagem e da metalinguagem"; na segunda, "sem abrir mão das pousas ou das ingerências monologais, o narrador prefere o puro e simples relato"; no terceiro desdobramento, "o narrador passa a palavra ao outro" - "e a conversa entre a moça e o rapaz no banco da praça pública constitui um escasso exemplo", pois "a sua culpa era demais para que ele pudesse se ausentar da cena" 6.

Escasso exemplo, sim, já que a maior parte da narrativa é comandada pelo discurso do narrador. Queremos dizer: o outro - a nordestina, Macabéa - é percebido pela ótica do narrador. Disso decorre, é inevitável, que a personagem seja vista dentro de uma perspectiva que não é a sua - do outro -, estando sujeita aos valores do narrador, que a cria: "ela toda era um pouco encardida pois raramente se lavava" (p. 34); "ah pudesse eu pegar Macabéa, dar-lhe um bom banho, um prato de sopa quente, um beijo na testa enquanto a cobria com um cobertor. E fazer que quando ela acordasse encontrasse simplesmente o grande luxo de viver" (p. 71). Assaz paternalista, o narrador que, a exemplo de GH, preza a limpeza, pretende, num passe de mágica, fazer com que Macabéa descubra o "luxo de viver", que ele conhece e valoriza, uma vez que vive com luxo.

A pretensão é vã, e o texto a mostra como tal: *A hora da estrela* tematiza a impossibilidade de apreensão do outro não-semelhante. E se propõe como uma pergunta (p. 21). A inviabilidade de ser o outro, não permitindo que se consuma o desejo do narrador, responsável pela tensão ficcional, coexiste com a problematização da escritura; conforme afirma ainda Eduardo Portella, "a opção de Clarice Lispector foi a opção da linguagem" 7.

Para ilustrar a escolha, discutiremos a figura do narrador, aproveitando para examinar com mais detalhe a questão da mimesis. 8 Na narrativa tradicional o narrador se colocava como um filtro, ao trazer o mundo da ficção até o leitor, conferindo autenticidade ao narrado, através de um efeito de verossimilhança. Ele natu-

ralizava as convenções para o leitor e isso implicava uma concepção da mimesis como imitação e uma concepção do ficcional que pressupõe a ficção contígua e contida na realidade. A naturalização se fazia, por conseguinte, desde um prisma exterior ao texto. O narrador se naturalizava e naturalizava a ficção, isentando-se dela e entregando-a como semelhante ao não-ficcional, a ponto da legitimação do texto ser dada em função de seu acordo com o real empírico. Poderíamos falar, nesse caso, de uma transparência na relação ficção-realidade.

Tal postura do narrador tradicional se aplica a um romance como *Lucíola*, de José de Alencar. Paulo, narrador e um dos protagonistas, escreve cartas a uma senhora, na tentativa de recuperar, pela escritura, a imagem de Lúcia. O prólogo, "Ao autor", escrito pela senhora e dirigido a Paulo ("reuni as suas cartas e fiz um livro"), estabelece a verossimilhança, autenticada por uma espécie de *a priori* da narrativa, a história de Paulo e Lúcia, que o texto simplesmente relata. As cartas, substância deste romance, versam sobre algo "que aconteceu".

Diversa é a atitude do narrador em *A hora da estrela*. Sua presença se revela na medida em que lê (escreve). Ele é, a princípio, um leitor entre leitores. A ponte que o liga aos leitores concretos são prenoções comuns 9, que se oferecem não de um modo apriorístico, mas enquanto constantes numa leitura. A ficção não se coloca mais como similar à realidade empírica, havendo entre ambas uma irrealização, pela ficção, do real. Escrevamos: a ficção não está lá, mas aqui. Agora é o leitor quem naturaliza e o ato de leitura que legitima a ficção. A mimesis se desloca, graças ao tratamento do narrador, de um eixo que interliga ficção-real, para um outro, entre produtor (narrador)-ficcional-leitor, tendo a costurá-los a realidade, que participa do circuito na forma de prenoções, subsolo que permite a mimesis enquanto comunicação.

Entretanto, o narrador de *A hora da estrela* existe na medida em que existe o outro. Quer dizer: o gesto de criação da nordestina possibilita a existência dele, narrador, que a cria. Ele se torna, então, ator, se personifica na escrita. Ele é o que lê e o que escreve, mas situa-se no campo ficcional.

Isto forja a sua ambiguidade: no fundo, ele se finge de leitor, pois, habitando a narrativa, não pode se confundir com o leitor, que está fora dela. O narrador se ficcionaliza. Ao mesmo tempo que reivindica uma analogia com o leitor, se inclina em direção ao personagem.

Não bastasse essa dupla sedução, o narrador não é Macabéa. Vamos reencontrando as nossas considerações precedentes. É diferente da nordesti-

na. Instala-se, como já havíamos escrito, a tensão em *A hora da estrela*. Tensão que cancela qualquer empatia entre texto (personagem)-leitor. No tocante à mimesis, fecha-se a possibilidade de tomá-la como imitação.

A diferença entre o narrador e Macabéa leva Luiz Costa Lima a ver este texto de Clarice Lispector como denúncia não apenas da pretensão de que se elidam ou de que se ignorem as diferenças do real, como a um tipo de discurso de um engajamento ingênuo, que quer fazer passar por idêntico o não-semelhante, socialmente falando. Discurso de um certo sociologismo, e uma certa literatura, produzidos por intelectuais de classe média para cima, e que, a partir de uma simpatia com a causa dos pobres e oprimidos, anseiam reconhecer-se neles, como se não houvesse nenhuma distinção que os coloca em degraus distantes na escala social 10.

A anotação mereceria aprofundamento. Vamos deixá-lo, todavia, em suspenso, conduzindo o raciocínio para uma região a respeito da qual temos refletido com mais constância, retomando a parte inicial deste trabalho. Referimo-nos ao tópico do outro 11 na Literatura Brasileira.

José de Alencar tentou abarcar o outro - seja o indígena (*Iracema*), a prostituta (*Lucíola*) ou o sertanejo (*O sertanejo*) -, mas o enclausurou numa visão distorcida e preconceituosa subjugando-os aos valores da sociedade branca, escravocrata e patriarcal da época. Esta atitude, a rigor, começa a se alterar na passagem do século. Um livro como *Os sertões* tem um enfoque dilemático, hesitante, do outro. Aliás, o texto de Euclides é obra interessante quanto à mimesis; é um romance de ficção ou é uma reportagem?

Com o Modernismo, porém, é que opera-se um desrecalque, mais sensível do outro. O *Macunaíma*, de Mário de Andrade, já nos traz o outro num prisma menos desfocado, respeitando seu universo cultural, que invade a cena do texto. Também a rapsódia marioandradina é obra importante quanto à mimesis, visto ser representação de textos anteriores - lendas, mitos, costumes, tradição literária européia e literatura oral/popular, etc. 12.

No entanto, em *Macunaíma*, o narrador ainda não é o outro. Isto ocorrerá, por exemplo, num texto como *Grande sertão: veredas* ou em "Meu tio, o iauaratê", de Guimarães Rosa 13.

De volta à romancista de *A maçã no escuro*, recordamos uma passagem de Luiz Costa Lima, na qual ele aborda o condicionamento social presente na ficção de Clarice: "não é a qualquer um que o cotidiano pode armar seu muro de cortiça que há de ser rompido para que a criatura se ponha em relação com a turbulência da vida. Os personagens são naturalmente extraídos da média ou alta burguesia



cidadina"<sup>14</sup>. Se bem o entendemos, esta é a órbita social, privilegiada, dos personagens de Clarice Lispector.

Fazendo convergir a observação do ensaísta para *A hora da estrela*, verifica-se que, além da inviabilidade de fazer coincidir o narrador com Macabéa - porque ambos estão polarizados socialmente -, o texto não leva adiante a sua pergunta: "não sei a quem acusar mas deve haver um réu" (p. 48). Explicitando: a narrativa constata que o narrador e a nordestina são diferentes, ocupam diversas posições na sociedade, contando "as fracas aventuras de uma moça numa cidade toda feita contra ela" (p. 19), dizendo que "há os que têm" e "há os que não têm" (p. 32), furtando-se todavia ao exame das estruturas políticas e econômicas que geram este quadro. Não se persegue os réus; tampouco, mais nodestinamente, se esboça quem são: Nesta perspectiva, o ciclo da cana-de-açúcar, de um José Lins do Rêgo, a despeito da voz senhorial e da ratificação de determinados valores que aí possamos detectar, parecem-nos mais contundente, porque se pode deprender uma série de fatores que podem ser considerados "réus" de uma dada ordem de coisas.

Não queremos, com o registro, sugerir que a Literatura deva resolver as contradições sociais - pensamos, ao invés, que cabe a ela questioná-las<sup>15</sup> -, o que seria incorrer, de um certo modo, no engajamento ingênuo referido mais atrás. Trata-se, tão somente, de uma questão de abrangência. Há réus. Não sejamos de uma ingenuidade às avessas daquela mencionada. Clarice se eximiu de procurá-los. Seria oportuno perguntar se compete à Literatura tal tarefa. Limitamo-nos a outra indagação: por que a ficção não pode, a seu modo, sem ser panfleto ou ensaio ou tese, perquirir as tensões sociais?

A discussão nos conduz a aproveitar as ocupações de Macabéa e do narrador de *A hora da estrela*. Ele é escritor. O que significa: domina a palavra escrita, e a escrita é poder. Macabéa é datilógrafa. Vale dizer: ela se limita a copiar o texto alheio. Isto desenhava uma possível conclusão para nossa abordagem do livro: enquanto o outro não passar de "datilógrafo" para "escritor" (o que eliminaria a falsidade, indicada pelo romance, de um "escritor" querer ser "datilógrafo"), passagem que lhe conferiria, ao ouro, o comando de sua voz, sem adulterações, ele não terá vez<sup>16</sup>.

A Literatura, no Brasil, é uma manifestação elitista. Tanto o produtor do texto quanto seu receptor pertencem, via de regra, à classe dominante. Esta obra de Clarice, subterraneamente, põe em foco a situação difícil do próprio escritor, membro de um grupo favorecido socialmente e preocupado com o outro. Diz o texto, a certa altura: "a classe alta me tem como monstro esquisito, a média com desconfiança de que eu possa desequilibrá-la, a classe baixa nunca vem a mim" (p. 24). Ao propor um tal dilema, o livro é deveras interessante.

Uma alternativa, a que se lançam muitos, partir em busca da classe baixa. Tentando criar uma nordestina,

nem que seja para atropelá-la com um Mercedes amarelo. Este caminho, a julgar pela anotação, de Luiz Costa Lima já transcrita, *A hora da estrela* denuncia.

A denúncia, conforme afirmamos, abdica de um questionamento mais corrosivo de estruturas sociais subjacentes, eximindo-se assim de acusar o réu. Nesse sentido, há "uma saída discreta pela porta dos fundos", como prega um dos subtítulos do romance.

Romance que nos chama a atenção, como terá ficado patente, ao longo das conjecturas aqui efetuadas, pelas reflexões que enseja. Procuramos levantar problemas, em vez de analisá-lo, formulando uma interpretação de sua simbologia. Corramos o risco de um comentário pessoal: como realização, o texto é, como a Macabéa que seu narrador não logra ser, um "cabelo na sopa", "não dá vontade de comer" (p. 73).

#### - NOTAS -

1. Clarice Lispector, *A hora da estrela*, 5ª ed. (Rio de Janeiro, Liv. José Olympio Ed., 1979), pela qual citaremos.

2. Para uma discussão do conceito de mimesis, tal como o tomamos neste trabalho, v. Luiz Costa Lima, *Mimesis e crise da representação* (Rio de Janeiro, Ed. Graal, 1980).

3. Nesse sentido, acatamos a leitura interpretativa empreendida por Benedito Nunes em *Clarice Lispector* (São Paulo, Edçs. Quiron, 1973).

4. Devemos falar de uma nova Clarice Lispector comprometida "nordestinamente com o projeto brasileiro?", indaga Eduardo Portella (prefaciando a edição mencionada de *A hora da estrela* - p. 9).

5. Dentre os incontáveis exemplos, leiamos dois: "(Vai ser difícil escrever esta história: Apesar de eu não ter nada a ver com esta moça, terei que me escrever todo através dela por entre espantos meus [ ... ])" (p. 31), "Quanto a mim, só me livro de ser apenas um acaso porque escrevo, o que é um ato que é um fato" (p. 45).

6. Portella, cit., p. 10.

7. Idem, p. 11.

8. As observações que se seguem a respeito do narrador estão baseadas em seminário do curso sobre a mimesis ministrado pelo Prof. Luiz Costa Lima, na Pós-Graduação do Departamento de Letras da PUC-RJ, no primeiro semestre de 1980.

9. Ressalteemos que prenoções comuns eram compartilhadas com o leitor também na narrativa tradicional. A diferença reside no arranjo das mesmas pela ficção. O texto da modernidade as elabora de forma diversa.

10. Comentário durante o seminário já citado.

11. Outro entendido, fundamentalmente, como dominado numa relação de dominação.

12. A realidade, para a ficção, segundo a concepção de mimesis acatada por este trabalho (v. nota 2), já é simbolizada. Daí se poder discutir o emprego do termo por Gilda de Mello e Sousa, em sua interessante interpretação do *Macunaima*, ao tratar da questão que mencionamos: "a originalidade estrutural de *Macunaima* deriva, deste modo, do livro, não se basear na mimesis, isto é, na dependência constante que a arte estabelece entre o mundo objetivo e a ficção: mas em ligar-se quase sempre a outros mundos imaginários, a sistemas fechados de sinais, já regidos por significação autônoma". *O tupi e o alaúde*, (São Paulo, Liv. Duas Cidades, 1979), p. 10.

13. Estudamos, nessa direção, a trilogia indianista de Alencar, o *Macunaima* e o conto rosiano do "Iauaraté", em "O índio na ficção brasileira - três momentos", comunicação apresentada no Simpósio The Cleveland State University/Universidade Gama Filho, março de 1980.

14. Luiz Costa Lima, *Por que literatura* (Petrópolis: Ed. Vozes, 1966), p. 101.

15. O discurso literário pensa as tensões da sociedade, declara Luiz Costa Lima. A respeito, v. *Estruturalismo e teoria da literatura* (Petrópolis: Ed. Vozes, 1973).

16. Seria o caso de analisar em que medida que em *Grande sertão, veredas* ou "Meu tio, o iauaraté" - onde o narrador é o outro - este outro se apresenta como, conservando a metáfora, "escritor" ou como um "datilógrafo" disfarçado.

\*\*\*\*\*

\* Roberto Reis é professor da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Além de crítico e ensaísta, é também poeta e ficcionista, tendo recebido vários prêmios.



# AS NOVE SINFONIAS

• Conto de José Afrânio Moreira Duarte



**O** carnaval, como sempre prometendo incluir-se entre os mais sem graça de todas as capitais brasileiras. Verdadeira multidão fugira para outras cidades, sobretudo do interior. Passagens esgotadas nos aviões, trens e ônibus, sem contar o grande número de pessoas que viajara em veículos próprios. Mesmo assim, Martinho havia decidido permanecer ali, embora as perspectivas de uma tediosa solidão. Os demais apartamentos quase todos vazios.

Nos primeiros dias, a calma até que lhe fez bem. Como todos os familiares se haviam ausentado, resolveu dispensar nos feriados a empregada, que só pensava em desfilar de baiana em uma escola de samba qualquer. Portanto, até quarta-feira, era ele e mais ninguém. Andara telefonando para amigos e amigas, mas não atendiam, ou, do lado de lá, se ouvia sempre uma voz a dizer: - "Viajou. Quer deixar recado?"

Os almoços no restaurante. Um cinema, apesar de os programas não serem nada atraentes. As ruas cheias, sim, mas, na maioria, de gente humilde. Todas as pessoas, até mesmo as raras fantasiadas, sentiam-se sem ânimo, como se esperassem ansiosas, para alívio geral, a quarta-feira de cinzas, que nem uma libertação. A televisão mostrava as festas alegres do Rio de Janeiro, Salvador e Recife. Parecia até de propósito para aumentar o contraste. Alto-falantes irradiavam músicas carnavalescas, o locutor pedindo entusiasmo, mas era só aquela frustração coletiva, entre assobios, línguas de sogra e mocinhas fantasiadas de gato, irreconhecíveis, batendo nos homens com varinhas,

Segunda-feira. Martinho já se cansara de ler, não por falta de interesse, mas porque já lhe doíam os olhos. Precisava de óculos novos, porém ia só adiando a consulta ao oculista, tão logo a dor melhorava com os colírios.

Foi então que a idéia veio tomando vulto, insinuando-se fortemente em seu pensamen-

to. Na estante, os discos, clássicos e populares, catalogados, alternando-se com os livros.

As nove sinfonias de Beethoven enfileiravam-se ordenadamente. Embora apreciase todas, sempre aquela dúvida quando lhe perguntavam qual a predileta. Por que não aproveitar e tomar a decisão, agora? Ainda era cedo. Muito a contragosto, acordara de madrugada, antes das seis, ao contrário dos dias de trabalho, quando se levantava em cima da hora, os olhos mortos de sono.

Ligou a eletrola e colocou a Sinfonia Número Um. "Explosão confusa da presunção atrevida de um adolescente", dissera em seu jornal um crítico de Boon, ao ouvi-la na estréia, errando em tudo, até mesmo porque ninguém é mais adolescente com os trinta anos que então Beethoven já tinha. Muito temerários os juízos, muito presunçosos certos críticos. Felizmente, o grande músico sabia o que estava fazendo e não acreditou nele.

As horas iam passando. Uma alegria maior quando eram executadas as músicas mais familiares.

Teve de interromper para o almoço, mas, mesmo no restaurante, enquanto engolia meio às pressas o canelone e o bom vinho chileno, as melodias não lhe saíam da cabeça, como se fôssem enorme sua responsabilidade na decisão final. Era principalmente a Sinfonia Pastoral, a Sexta, que lhe disputava a preferência, talvez porque os títulos dados aos movimentos atuassem em sua imaginação fértil. "Despertar dos sentimentos alegres ao chegar ao campo". "Cena à beira do regato". "Reunião Alegre dos Camponeses". "A Tempestade". "Expansões de júbilo após a tempestade". Talvez fôssem mesmo apenas a beleza magistral.

Voltou e reiniciou a competição. Os discos rodando, rodando. Como houvesse dúvidas, tornou-se necessário repetir algumas gravações, entre as finalistas. Segundo Movimento da Terceira Sinfonia, a Heróica. No cinema, ao som dessa música, dançara Ludmila

Tcherina. Trajada de negro, ela era Napoleão Banaparte em Santa Helena. Um dançarino fazia o papel da águia da glória. Aos acordes finais da Marcha Fúnebre, Napoleão morria e a águia vinha cobri-lo com suas asas.

A tarde avançava. O dia ameaçava fin-

dar. Martinho sentou-se à mesa. Depois de computar os pontos marcados, chegou ao veredicto desejado. Em primeiro lugar, a Sexta Sinfonia. No segundo, um empate da Terceira com a Quinta, embora tivesse ligeira dúvida, pois adorava os dois primeiros movimentos da Terceira e já não sentia o mesmo entusiasmo pelos dois últimos. Terceiro lugar, a Nona. Quarto, outro empate: Primeira, Segunda, Sétima e Oitava. Finalmente, no quinto, a Quarta.

Assim como quem acaba de cumprir uma obrigação muito importante, Martinho guardou os discos nos respectivos lugares, bebeu um refrigerante e deitou-se no sofá da sala, de olhos cerrados, pensando no resultado do concurso que realizara na solidão daquele dia, refletindo sobre se houvesse acerto na escolha.

Havia música no ar, nos móveis, nas paredes, no teto, no chão. Sobre tudo nele.

Então Martinho ouviu um ruído insólito. Ao abrir os olhos, estremeceu, assustado com a visão: em todo o espaço livre da sala flutuavam instrumentos musicais, como se ali fôssem uma estranha loja especializada. Violinos, flautas, trombetas, oboés, violoncelos, contrabaixos, harpas, entre outros, sendo que o único existente na casa era o piano. Tão concretos que as cordas soaram desafinadas quando os tocou. Saiu embaraçado, empurrando-os. Com isso apenas conseguiu provocar uma algaravia musical, além das trombadas. E os instrumentos, embora sólidos, flutuavam, como se fossem balões.

Martinho sentia-se completamente desorientado. Nem sabia ao certo quais os instrumentos necessários para a execução das Sinfonias de Beethoven. Leigo no assunto, sentira-se contudo muito consolado ao ler numa revista argentina que o essencial em música não é conhecer-lhe a ciência, mas saber apreciar-lhe a essência. Isso ele sabia. E muito.

Sem decidir o que fazer, começou a enxotar os instrumentos, como se eles fossem estranhos pássaros, invadindo uma plantação: "Xô, Xô, Xô!". Não adiantou.

Pé ante pé, abriu a porta do apartamento. Na área, não viu ninguém. Chamou o elevador de serviço e, nervoso, controlando-se para não choramingar, foi agarrando os instrumentos, misteriosamente leves, e colocando-os dentro. Depois, apertou o botão do térreo, correu para casa e, aliviado, fechou a porta. De novo o sofá.

Alucinações? Excelente o vinho chileno. Teria abusado da dose?

E eis que tocou a campainha da porta. Ao abrir, deparou com a zelador do edifício.

- Quero que o senhor me diga o que deve fazer com aquilo.

- Aquilo, o quê?

- A orquestra que o senhor colocou no elevador.

- Quem disse que foi eu?

- Houve quem visse, quem jurasse ser coisa sua.

- Quer saber de uma coisa? Leve embora, jogue no lixo, venda. Ou dê de presente no Conservatório de Música. Lá há de haver muito quem queira.

Contrariando seus hábitos, fechou grosseiramente a porta. Temia nova investida, mas o homem não insistiu.

A paz voltou.

Martinho andou meio sem rumo pelo apartamento. Parou diante da estante e tirou um disco que, depois de beijar, apertou contra o peito, como se fôssem a pessoa amada.

Em breve as notas da Sexta Sinfonia inundavam de suave beleza a sala.

\* José Afrânio Moreira Duarte é mineiro. Além de contista, é crítico literário.

# Poemas de Osvaldo André de Mello\*

## ETERNO DE AMOR

para Nylce Mourão Gontijo

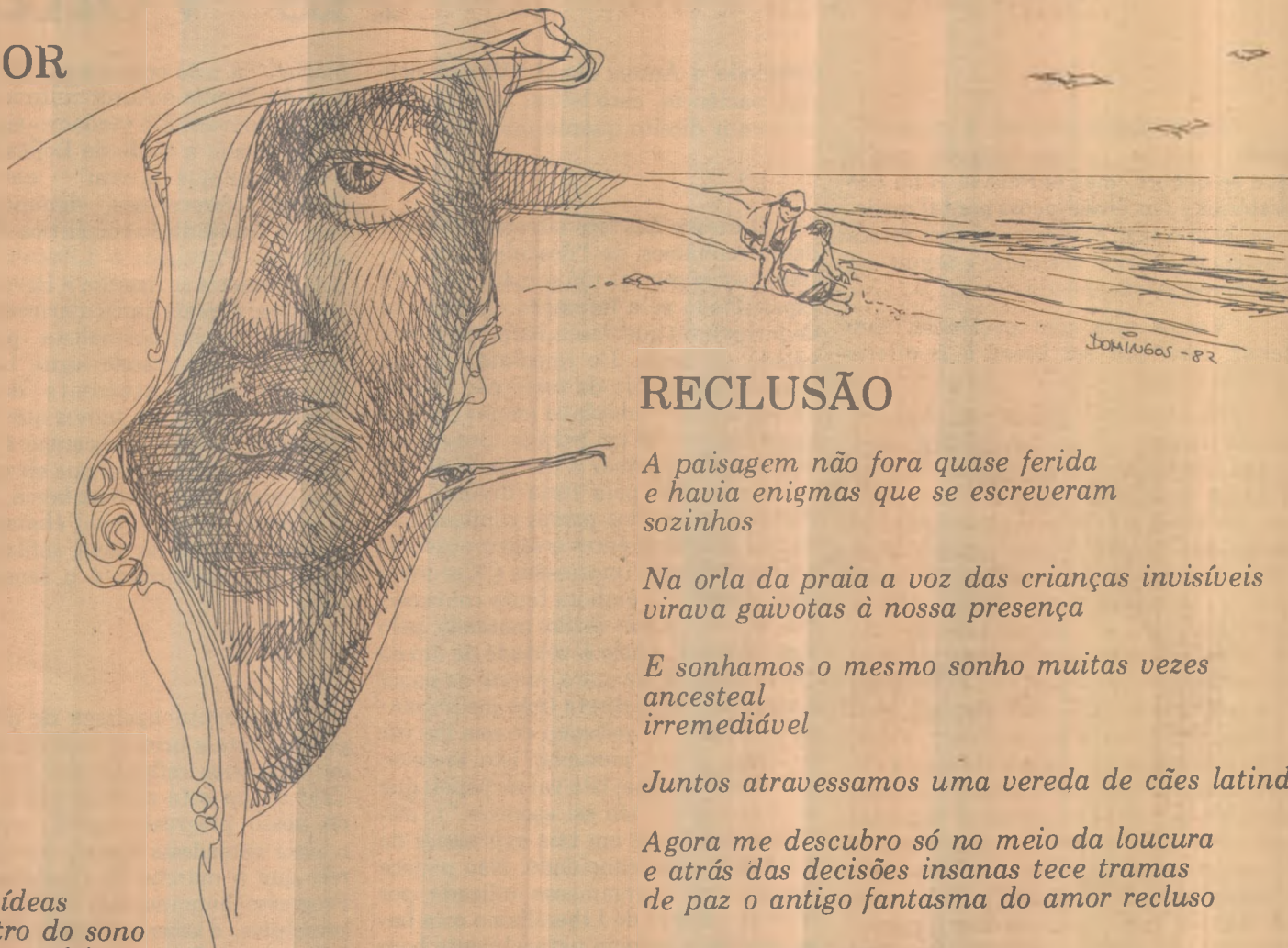
Por demasiado ser humano  
quem não é Deus?  
Sujeito a sonhos  
sem rédeas  
a enxergar  
o invisível no frio

e um flagelo vivo  
nos olhos

Por ser demasiado humano  
neste eterno de amor  
quem não é Deus  
na construção do Universo?

## GUIZO

A tarde se tece tão nítida  
na gorja de todos os pássaros  
na última luz de assalto às orquídeas  
- E meu coração amanhece dentro do sono  
em guizos e lembranças de amor-perfeito



## RECLUSÃO

A paisagem não fora quase ferida  
e havia enigmas que se escreveram  
sozinhos

Na orla da praia a voz das crianças invisíveis  
virava gaivotas à nossa presença

E sonhamos o mesmo sonho muitas vezes  
ancestral  
irremediável

Juntos atravessamos uma vereda de cães latindo

Agora me descubro só no meio da loucura  
e atrás das decisões insanas tece tramas  
de paz o antigo fantasma do amor recluso

\* Osvaldo André de Mello é Mineiro.

## O TRIGÉSIMO PARÁGRAFO

• VALDÉLIA BARROS

Contavam nos dedos. Os dias, as horas, os minutos que faltavam. A cidade toda a espera. E cada dia mais próximo. Nos bares, nas praças, nas ruas, nos supermercados no teatro, não se falava noutra coisa. O Clero, soltava panfletos, a TV anunciava de duas em duas horas e nas escolas baixou-se decreto, que obrigava a devida instrução a todos os alunos.

Dos recantos mais distantes, eles vinha se chegando. Cem, duzentos, mil, mais de mil, recebidos pelo Comitê de Preparação que tratava a todos sem discriminação. Um Comitê de Arte também organizado, agregava os artistas que passaram a produzir mais, naqueles dias que precediam a leitura da Carta.

Quando fechou as portas. E ninguém procurou os restaurantes nem tampouco os motéis. Agora, poucas horas restavam, e o dia era aquele, somente aquele, estabelecido no calendário. Ao meio dia nada mais a fazer! A Cadeia Pública, os orfanatos, os hospitais, vazios! E todos, - Com exceção dos doentes conduzidos em carros especiais -, caminhavam para o lugar determinado pelo Comitê Público. Todos juntos - motoristas, estudantes, professores, sociólogos, médicos, cientistas, garis, diplomatas, dentistas, empresários, físicos, porteiros, operários, domésticas, pais de - sentos, alcoólatras, padres, bailarinos, bancários, mágicos, ateus, psicólogos, protestantes, jogadores, sopranos, prostitutas, vendedores, pescadores, budistas, camponeses, bicheiros, perversos, travestis, deputados, artesãos terroristas, assessores, sapateiros, garçons e poetas -, lado a lado. E havia lugar para todos.

Quando o helicóptero se aproximou, as

cabeças levantaram-se sem os olhos baterem pestanas. Um minuto. E começou a contagem regressiva. Dezesete horas, o helicóptero pousou. No momento exato em que começava uma chuva fina. Não havia transmissão de TV, nem de rádios, nem jornalistas ali, que todos somente esperavam. Sem que preciso fosse pedir silêncio, o Ministro começou a leitura da Carta, cujo papel, vez por outra, lhe vinha rente aos olhos, acompanhado de um "OH" abafado.

Poças d'água se avolumavam pelo chão com a chuva que caía agora em grossos pingos. Chuva de vento, tão forte, que carregou a cobertura do palanque. E todos parados, atentos à voz do Ministro que continuava a leitura, lentamente, sugando os bigodes. E o som, - preparado de véspera -, era ouvido também pelos animais, que se aproximavam, bichos domésticos e bichos do mato na periferia, cobras e lagartos no meio do povo.

No Trigesimo Parágrafo, uma criança levantou os braços. E mais outra. Todas. Depois, foram baixando devagarinho, um por um, enquanto os palhaços - que ali também estavam -, encolheram-se sentindo um nó na garganta. Assim, o Ministro dava ponto final à leitura da Carta esperada por muitas gerações. As horas se passavam e ninguém arredava dali. Nem o Ministro tinha nada a dizer, acorrido com a Carta em dois pedaços, fazendo palmilhas para esquentar os pés ensopados. Na multidão, um olho só, de olho nos sapatos do Ministro que brilhavam em cima do palanque, e tanto assim, que ninguém reparou num Gavião - quiriquiri, bico longuíssimo, verde-amarelo, e olhos chamejantes, levantando o Ministro pelo fundo da calça.

Aves, muitas, sobre os olhos arregalados da multidão que acompanhava o vôo do Gavião, enquanto o Ministro batia braços e pernas, qual ave doída sem rumo, no céu chuvoso.

De repente, um grito! E todos apertaram-se as mãos. Mais ainda ao ouvir o segundo e o terceiro grito, que vinham de longe trazidos pelo vento frio. No meio do povo, um caminho se abriu, e ratos encheram o palanque que começou a balançar, roído nas bases que lhe serviram de apoio. E de frente, a multidão. Estática. Assistindo ao baque do Ministro, em meio a ratazana enlameada.

Com dois buracos no lugar dos olhos, o Ministro ajeitou o colarinho, pigarreou, e dirigiu-se ao povo que recuava de mãos dadas, silencioso, enquanto ele, com gestos de mímica - que um urubu devorara-lhe a língua -, prometia mel, nozes, pão e vinho.

Alguns metros separavam o povo do palanque arriado, e nele, o Ministro prometia... prometia... e ninguém aplaudia nem tampouco impedia que centenas de ratos destruíssem-lhe a roupa - um terno italiano legítimo -, e que os lobos lhe devorassem a pele e as vísceras, restando-lhe apenas o esqueleto. Patético esqueleto de Ministro - Ministro muitas vezes: pai, filho, neto, ele, bisneto -, qual um boneco de marionete! E nenhum riso. E nenhum gesto da multidão que caía de joelhos faminta, sonolenta, velada por uma tímida estrela.

§§§§ §§§

\* Valdélia Barros é de Campina Grande, Paraíba. Além de Contista, atua na área do Folclore.

# Às Voltas com Viagens

## 1.1

"Neste despropositado e inclassificável livro das minhas *Viagens*, não é que se quebre, mas enreda-se o fio das histórias e das observações por tal modo, que, bem o vejo e o sinto, só com muita paciência se pode deslindar e seguir em tão embaraçada meada.

"Vamos pois com paciência, caro leitor; farei por ser breve e ir direito quanto puder".

Tais eram os termos com que Almeida Garrett, no capítulo XXXII, passadas já cento e tantas páginas de suas *Viagens na Minha Terra*, se "desculpava" ao leitor, crendo-o desorientado (ou enfasiado?) ante o emaranhado dum "despropositado e inclassificável" texto que se enovelava à sua frente. Menos para desculpar-se - sua vaidade de dândi, aliada à consciência artesanal, não vergaria a cerviz num ato de humildade - a intervenção de Garrett desvela, pelo menos, três propósitos: primeiro, sublinhar o inusitado e original da forma em que ia moldando sua criação; segundo, apontar que as duas direções seguidas pelo livro (a história de Joanhina dos Rouxinóis e as digressões suscitadas pela viagem que faz "Tejo arriba") formam de fato um todo uno, indivisível, conduzido por um sentido; terceiro, dar a entender que tinha pleno domínio e controle da tessitura ficcional - portanto, a "embaraçada meada" do seu texto era proposital, isto é, obedecia a uma intenção artesanal: não queria Garrett "ir direito" (leia-se: ir em linha reta), mas sim imitando o zigzague da urdidura de uma tapeçaria ou teia. Teia... Aí talvez a metáfora apropriada para designar *Viagens na Minha Terra*. (Poder-se-ia também dizer que a estrutura do livro figura o tecer interminável da dobadura da velha Francisca).

Aranha diligente, Garrett urde sua teia a enredar a mosca incauta da curiosidade do leitor. Qual o visgo que, passadas cento e tantas páginas, ainda prende a paciência do leitor? Sem dúvida, a história dos amores de Carlos e Joanhina. Confirmam-no experiências recentes em sala de aula. Alunos universitários, obrigados a ler *Viagens na Minha Terra*, ou pulam as digressões sócio-político-econômicas com que Garrett semeia seu texto, para ler somente a história de Joanhina; ou, mais escrupulosos, lêem às carreiras e superficialmente as tais digressões, ansiosos por saber as peripécias e desventuras que cercam e abatem Carlos e Joanhina. A atitude dos alunos deixa clara a circunstância de que não percebem a advertência de Garrett: suas digressões e a história de Joanhina não representam partes estanques ou diverciadas no corpo do livro, há um fio a unilas, a torná-las unas: "não é que se quebre, mas enreda-se o fio das histórias e das observações...". "Descoberto o tal fio, "se pode deslindar e seguir em tão embaraçada meada", como adverte o Autor. É este fio de Ariadne que buscaremos, para melhor percorrer os labirínticos meandros do livro garrettiano. Como o percurso não é fácil, só nos resta, para

fraseando o Autor, dizer: "Vamos pois com paciência, caro leitor; farei por ser breve e ir direito quanto puder".

## 1.2

O exame das três advertências que desentranhamos da "desculpa" garrettiana, sobre revelar um romântico ainda espartilhado pela formação clássica, há de puxar o fio que desembaraçará o enovelado do texto. De imediato, diga-se que o emaranhado do texto não é fruto de imperiosa e subitânea inspiração que exige coagular-se em letra de fôrma para registrar e perpetuar o momento de um autor possuído pela fúria divina. Não obstante em vários passos confesse que não há distância entre o sentir/observar e o registrar tais impressões ("Cai-me a pena da mão"), embora tente convencer-nos, através de um estilo marcado pelo tom coloquial e pelo à-vontade de um *ao correr da pena*, de que o que vai no papel é expressão fiel e direta (não mediatizada pela razão ou reflexão) do que lhe vai na alma ("Isto pensava, isto escrevo; isto tinha na alma; isto vai no papel: que de outro modo não sei escrever."), não devemos fiar-nos em tais expressões de romântica espontaneidade. Não padece dúvida que a argamassa utilizada por Garrett - defesa do Liberalismo com bases cristãs; o homem naturalmente bom corrompido pela sociedade; apologia do Espiritismo; nostálgico patriotismo que busca rastros do heróico passado lusíada; a patologia do coração - é romântica. Todavia, a arquitetura é geometricamente clássica. Como haveremos de ver, *Viagens na Minha Terra* é produto da *tékne* clássica, e não da fúria romântica.

O caos que o livro representa para o leitor desatento, graças ao constante vai-vém história/"digressões e perenais divagações", não resulta, como pode parecer à primeira vista, de uma devastadora inspiração que exige sejam alma, coração e pensamentos automática e desordenadamente postos no papel tal qual nascem e afluem. Em verdade, o caos que o livro figura é a própria imagem do momento histórico vivido: defrontamo-nos com "reflexões tão deslocadas no livro como tudo o mais no mundo". Não nos esqueçamos de que *Viagens na Minha Terra* tem uma tese a defender, abertamente anunciada às primeiras linhas do segundo capítulo: "Já agora rasgo o véu e declaro abertamente ao benévolo leitor a profunda idéia que está oculta debaixo desta ligeira aparência de uma viagem feita a brincar, e no fim de contas é uma coisa séria, grave, pensada, como um livro novo da feira de Leipzig, e não das tais brochurinhas dos *boulevards* de Paris". Conforme se lê, a ligeireza de um livro que simula "uma viagem feita a brincar", entremeando uma derramada e lacrimosa história sentimental a "desencontradas" digressões, é aparente. Estamos diante de um texto *pensado*, cuja intenção é examinar as contradições e falência do Liberalismo e da Restauração. A aparentemente desconstruída e confusa urdidura garrettiana não chega a ocultar, nem mesmo sob o disfarce da

*blague*, a mão ordenadora do criador-artesão. Rende o Autor culto a Apolo, e não a Dionisos. É a verdade - significativamente sob a égide de Boileau: "Rien n'est beau que le vrai" - que intenta Garrett oferecer-nos, denunciando a grande contradição romântica a que não escapara Portugal: o Liberalismo, sob cuja bandeira se fizeram a Revolução romântica, e, mais particularmente, o movimento constitucionalista português, resultara num grande logro. Logro que Garrett frequentemente denuncia: "Desde mil cento e tantos que começou Portugal, até mil oitocentos e trinta e tantos, que uns dizem que ele se restaurou, outros que o levou a breca... "Ou: É a sede do governo, civil chamado: corromper a moral do povo, sofismar o sistema representativo é o tema das lições".

## 1.3

A aparente ligeireza de uma "viagem feita a brincar" abriga na verdade uma séria reflexão: em sua "viagem Tejo arriba está simbolizada a marcha do nosso progresso social: espero que o leitor entendesse agora". Acredita Garrett que a marcha da Civilização e do Progresso humano seja regido por dois princípios, a saber, o Espiritualismo, simbolizado por D. Quixote, e o Materialismo, representado por Sancho Pança:

"Mas, como na história do malicioso Cervantes, estes dois princípios têm avessos, tão desconstruídos, andam contudo juntos sempre; ora um mais atrás, ora outro mais adiante, empecendo-se muitas vezes, coadjuvando-se poucas, mas progredindo sempre.

"E aqui está o que é possível ao progresso humano.

"E eis aqui a crônica do passado, a história do presente, o programa do futuro.

"Hoje o mundo é uma vasta Barataria, em que domina el-rei Sancho.

"Depois há-de vir D. Quixote".

Como é facilmente observável, a reflexão de Garrett, se, de um lado, amarga o desalento de um mundo dominado pelo Materialismo, de outro, alberga a esperança de um dia triunfar o Espiritualismo. O fulcro do pensamento garrettiano reproduz a grande contradição do seu século ("Mas aqui é que me aparece uma incoerência inexplicável. A sociedade é materialista; e a literatura, que é a expressão da sociedade, é toda, excessivamente e despropositadamente espiritualista! Sancho, rei de facto. Quixote, rei de direito") - contradição em que, ao fim e ao cabo, se inscreve sua própria obra, realizando a defesa do Espiritualismo.

A excursão que faz o Narrador em direção a Santarém é uma viagem retrospectiva à busca de lições e explicações para o seu presente. Desvela-se aqui a perspectiva histórica que preside aos dois planos do livro: o presente (17/jul/1843, viagem Lisboa-Santarém, plano das digressões do narrador) explica-se no passado recente (1832 a

1834, época da Restauração, história de Joanhina dos Rouxinóis), quando ocorreu a ruptura com o passado remoto (ecos da grandeza portuguesa nas ruínas de Santarém).

Se, de um lado, as ruínas de Santarém alardeiam a nefasta atuação do regime dos "barões" e do Materialismo, de outro guardam vestígios dos verdadeiros "barões assinalados", isto é, do passado modelar que construiu a grandeza da Pátria. Temia Garrett que Portugal, às unhas dos azinhavrados "barões" do Materialismo, esquecesse seu passado - um País sem a memória de seus feitos heróicos há de morrer e estiolar;

"Em Portugal não há religião de nenhuma espécie. Até a sua falsa sombra, que é a hipocrisia, desapareceu. Ficou o materialismo estúpido, alvar, ignorante, devasso, e disfarçado, a fazer gala de sua hedionda nudez cínica no meio das ruínas profanadas de tudo o que elevava o espírito...

"Uma nação grande ainda poderá ir vivendo e esperar por melhor tempo, apesar desta paralisia que lhe pasma a vida da alma na mais nobre parte de seu corpo. Mas uma nação pequena, é impossível; há-de morrer.

"Mais dez anos de barões e de regime da matéria, e infalivelmente nos foge deste corpo agonizante de Portugal o derradeiro suspiro do espírito.

"Creio isto firmemente".

Não quer Garrett que se concretize a fúnebre asserção de Frei Dinis: "Santarém também morreu; e morreu Portugal". É num passado recente (ruínas de Santarém provocadas em grande parte pela guerra civil) que o Autor há-de encontrar explicações para a falência do Espiritualismo, da Restauração. É num passado remoto (ecos de heróico passado lusíada, apesar dos pesares ainda gravados em Santarém) que há-de encontrar Garrett alento para crer no futuro: um Portugal que repudie os D. Fernando redivivos nos "barões" do governo civil (fraco governo que faz fraca a forte gente...) e se nutra no exemplo e energia dos D. Dinis, D. Pedro II, "dos dois Joanes I e II, de..." É desse ângulo que o livro se torna a "crônica do passado, a história do presente, o programa do futuro". A marcha do progresso social português, figurada na viagem a Santarém, isto é, ao Passado, aponta, pois, um duplo e ambíguo retrocesso. A duplicidade ambígua deste retrocesso está em que a ruptura com o passado remoto, ocorrida no passado recente, provocou o deterioramento da Restauração e o domínio do Materialismo, mas é também no culto e recuperação dos valores do passado remoto de "D. Quixote há-de vir", o Espiritualismo há-de vencer:

"... chegue-me a Santarém, descanse e ponha-se-me a ler a crônica: verá se não é outra coisa, verá se diante daquelas preciosas relíquias, ainda mutiladas, deformadas como elas estão por tantos e tão sucessivos bárbaros, estragadas e fim pelos piores e mais vândalos de todos os vândalos, as autoridades administrativas e municipais do feliz sistema que

# Viagens na Minha Terra

Francisco Maciel Silveira \*



nos rege, ainda assim mesmo não vê erguer-se diante de seus olhos os homens, as cenas dos tempos que foram; se não ouve falar as pedras, bradar as incrições, levantar-se as estátuas do túmulo, e reviver-lhe a pintura toda, reverdecer-lhe toda a poesia daquelas idades maravilhosas!”.

1.4

Se no passado recente ocorreu a ruptura com os valores do passado remoto, provocando o deterioramento da Restauração e, em consequência, do Liberalismo, é na história de Joaninha dos Rouxinóis que podemos encontrar as razões para tal malogro. Isto quer dizer que o lacrimoso e trágico entrecho que envolve Carlos, Joaninha, Frei Dinis, Francisca, Georgina, guarda de fato um sentido simbólico que obviamente há-de ultrapassar a superfície denotativa de um desditoso caso de amor e desamor. O retorno do narrador ao palco dos acontecimentos, onde, em sua óptica, se feriram os lances decisivos da refrega realistas *versus* miguelistas corresponde a um processo de arqueologia histórica. Assim como não entendera Shakespeare enquanto não o lera “em Warwick ao pé do Avon, debaixo de um carvalho secular, à luz da-quele Sol baço e branco do nublado céu de Albion”, urgia tornar ao teatro das operações militares para entender o malogro (ou logro? do movimento liberal. Este é o real sentido do artifício garrettiano de que “história lida ou contada nos próprios sítios em que se passou tem outra graça e outra força”.

Ao assentarmos que a história de Joaninha e Carlos, é de, fato, uma alegoria a explicar o malogro da revolução liberal, cabe-nos verificar em que consistiu esse malogro e que sentido simbólico têm as personagens.

Santarém, a um tempo, “livro de pedra em que a mais interessante e mais poética parte das nossas crônicas está escrita” e “esqueleto colossal de nossa grandeza”, síntese, pois, do apogeu passado e da decadência presente, há-de en-

sinar que a falência e malogro do Liberalismo e, em sua esteira, da Restauração, deveu-se a alguns equívocos lamentáveis. Desnacionaliza-se o Portugal seu coevo, ao romper com e destruir os valores do passado heróico. O barões agora no poder, zebrados “de riscás monárquico-demoráticas por todo o pélo”, são de outro gênero: azinhavrados pelo Materialismo triunfante, não pertencem à casta gloriosa dos “barões assinalados” que “no velho Portugal edificaram/novo reino que tanto sublimaram” - “Malditas sejam as mãos que te profanaram, Santarém... que te desonraram, Portugal... que te envileceram e degradaram, nação que tudo perdeste, até os padrões da tua história!...”

Não bastasse desnacionalizar-se, perder suas raízes e padrões e valores, desespiritualiza-se o Portugal que lhe é coevo ao romper com o Cristianismo. Na óptica garrettiana, o Liberalismo erra ao pensar que é inimigo da religião do céu e da religião da terra, já que “a religião de Cristo é a mãe da Liberdade, a religião do Patriotismo a sua companheira”. Sem a religião do céu e sem a religião da terra, o Liberalismo “não vive, degenera, corrompe-se, e em seus próprios desvarios se suicida”. Daí o grande erro do século. Desvinculando-se de Cristo, o “único fundador da liberdade e da igualdade”, o movimento liberal substituiu o frade, o D. Quixote da sociedade velha, pelo barão, o Sancho Pança da sociedade nova. Por seu lado, reação natural, o Cristianismo divorciou-se do movimento liberal: lamenta Garrett que os frades não sejam liberais e patriotas, que os liberais não sejam tolerantes e religiosos. Com esse grande equívoco, o “Progresso e a Liberdade perdeu, não ganhou”. Se o “frade foi quem errou primeiro em nos não compreender, a nós, ao nosso século, às nossas inspirações e aspirações”, “nós também erramos em não entender o desculpável erro do frade, em lhe não dar outra direção social e evitar assim os barões, que é muito mais daninho bicho e mais roedor”.

O equívoco que distanciou liberais e frades (“nem eles compreenderam o nosso século nem nós compreendemos a eles”) reproduz-se ao nível da história, alegorizado no conflito Carlos *versus* Frei Dinis. O artifício usado por Garrett, ao final da história de Joaninha, pondo frente a frente narrador e Frei Dinis a falarem do equívoco supracitado.

(“ (...) Tivemos culpa nós, é certo; mas os liberais não tiveram menos.

- Erramos ambos.

- Erramos e sem remédio. A sociedade já não é o que foi, não pode tornar, a ser o que era; mas muito menos ainda pode ser o que é: O que há-de ser, não sei. Deus proverá”) funciona exatamente como índice e alerta de que os dois planos (o da dissertação político-social e o da ficção sentimental) se fundem num único fio: para além de um mero caso de desamor e desventuras, a história de Joaninha dos Rouxinóis alegoriza a reflexão que busca as causas da falência do movimento liberal. Desse ângulo, estabelece-se facilmente um paralelismo

entre a disquisição político-social do narrador e o caso Joaninha/Carlos:

- O Liberalismo é filho do Cristianismo./Carlos é filho de Frei Dinis;

- O Liberalismo expulsa e quase mata o Cristianismo;/Carlos expulsa e quase mata Frei Dinis;

- quando o Liberalismo rejeita o Cristianismo, materializa-se;/quando Carlos rejeita seu pai, Frei Dinis, torna-se barão;

- os valores genuinamente portugueses são preteridos por valores alienígenas./Joaninha (cujos olhos verdes sintetizam o destino agrícola e marítimo de Portugal) é preterida pelas irmãs inglesas;

- Portugal está morto de alma para tudo: no corpo agonizante do País, o derradeiro suspiro do espírito,/à semelhança da avó Francisca, que não vê, não ouve, não fala, “morta de alma para tudo”;

- o Liberalismo, naturalmente bom e puro, corrompe-se em contato com a sociedade materialista;/Carlos, naturalmente bom e puro, “engordou, enriqueceu, tornou-se barão”.

1.6

A consideração de que o discurso ficcional em *Viagens na Minha Terra* alegoriza o discurso ensaístico do plano das digressões leva-nos a surpreender em sua transparência predicativa um forte cunho tautológico. Discurso fictivo e discurso ensaístico são, ao fim e ao cabo, uma e mesma coisa, não obstante a aparente diversidade de ambos. Sem dúvida, o expediente, a contribuir para o inusitado e original da fôrma em que se ia coagulando a criação, haveria de arregalar os olhos oitocentistas. Se não um despropositado, pois de fato não o é, pelo menos um inclassificável livro compunha Garrett para reflexão de seus gentis leitores. Se abonarmos a definição que Erich Fromm dá para a linguagem simbólica - “A linguagem simbólica é uma língua onde o mundo exterior é um símbolo do mundo interior, um símbolo de nossas almas e de nossas mentes”, “aquela por meio da qual exprimimos experiências interiores como se fossem experiências sensoriais, como se fosse algo que estivessemos fazendo ou que fosse feito em relação a nós no mundo dos objetos” (*A Linguagem Esquecida*, 7ª ed. Rio, Zahar, 1980, p. 20) -, veremos que Garrett não estava equivocando ou exagerando ao dar a seu livro a condição de símbolo, e, mais ainda, de mito... Para uma coisa e outra, contribuía a estrutura da obra que, sobre ser tautológica, revelava-se ainda, e por isso mesmo, circular.

Note-se que o plano das digressões começa e termina no Terreiro do Paço. O plano da história de Joaninha também começa e termina no mesmo ponto, do mesmo jeito. Inicia com a avó Francisca sentada à porta, dobando, numa sexta-feira, e finda “no mesmo sítio, do mesmo modo, com os mesmos trajos e na mesma atitude em que a descrevi nos primeiros capítulos desta história”.

A circularidade manifesta-se também ao nível temporal, quando os fios do presente e do passado recente se tocam no artifício do narrador que invade o plano fictivo encontrando e dialogando com suas personagens:

“ - Sente-se aqui... ao pé de mim.

Sentei-me. O frade pegou-me na mão com as suas ambas e pôs-me os olhos com uma expressão que nenhuma língua pode dizer, nenhum pincel pintar”.

Fantasia e realidade esboroam-se, perdem suas propriedades e espaços dicotômicos para se fundirem e existirem no âmbito todo poderoso da Palavra. Oscilando, graças ao expediente, entre o real e o irreal, o texto garrettiano afirma sua literariedade: na Palavra reside, ao fim e ao cabo, a realidade... Mas não só na afirmação do poder genésico do Verbo a obra reivindica sua condição de mito. Do ponto de vista temporal, a circularidade exercitada pela obra implica a recuperação de um tempo passado quando ocorreu uma “história exemplar”, prene de significado para a coletividade. Conforme, vimos, os dois passados abrangidos (o recente e o remoto) ensinam o que deve e o que não deve ser feito. A correção dos erros do passado recente far-se-á através da recuperação e reatualização dos valores do passado remoto.

Originalíssima obra de um artesão consciente que conjuga harmonicamente os planos ficcional e ensaístico, *Viagens na Minha Terra*, antecipa, em vários pontos, a mensagem pessoana. Brada Garrett que o “Império se desfez”, que “Ó Portugal, hoje és nevoeiro”, mas “É a Hora!”, urge “cumprir-se Portugal!”. *Viagens na Minha Terra* é também “a busca de quem somos na distância/De nós”. E essa *distância de nós*, na óptica garrettiana, reside no espírito agonizante de Santarém.

Pode-se apodar o livro de Garrett de maçante, mas nunca de mal construído ou inconsequente. E se buscássemos uma epígrafe, com que iniciar este artigo e capaz de flagrar o espírito da época que assistiu é a inspirou a gestação de *Viagens na Minha Terra*, haveríamos de achá-la no próprio texto de Garrett: sem dúvida, trata-se do texto de um “Poeta em Anos de Prosa!”

Centro de Estudos Portugueses.  
SP, maio/1982

\* FRANCISCO MACIEL SILVEIRA é escritor e professor de Literatura Portuguesa do Centro de Estudos Portugueses da Universidade de São Paulo. Como ficcionista, publicou *Teia de Aranha, contos*; como professor, defenderá tese de Doutorado brevemente sobre a obra do Padre Manuel Bernardes. Colabora assiduamente em periódicos especializados do Brasil e do exterior, destacando-se a *Colóquio/Letras*, de Lisboa.

O conceito de *poesia metafísica* nasceu de uma referência negativa a John Donne (1572-1631) feita por Dryden (1631-1700) em seu *Discourse Concerning the Origin and Progress of Satire* (1693) onde ele afirma que, em sua poesia, Donne, ao invés de envolver o coração das mulheres com as amenidades do amor, lhes confunde a mente com especulações filosóficas, afetadamente "metafísicas". Décadas depois, Johnson (1709-1784), escrevendo sobre Cowley em *Lives of the Poets*, aproveita o termo usado por Dryden para classificar os "poetas metafísicos" (Donne, Herbert, Crashaw, Marvell, Vaughan, e Cowley) como homens cultos, interessados em, através da poesia, demonstrar o seu nível de cultura, daí não terem feito poesia propriamente dita, e sim versos eruditos de métrica tão imperfeita que só são versos na contagem das sílabas.

Para a mentalidade setecentista de Johnson, não apenas na forma os *metafísicos* foram inferiores: a "espirituosidade" (o termo inglês é "wit", de difícil tradução) que lhes é atribuída por Pope (1688-1744) não corresponde àquela noção "natural e nova que embora não-óbvia é, em sua produção inicial, aceita como exata", uma noção que ao surgir, deixa o seu criador perplexo com o fato de não tê-la imaginado antes. Para Johnson, as noções expressas pelos *metafísicos* são "novas", mas não "naturais", já que o que eles fizeram foi desenvolver uma idéia de "wit" que o próprio Johnson chama de *discordia concors* onde as imagens mais incongruentes são violentamente combinadas para produzir um efeito que no mínimo estarrece, não só pela sua novidade, mas, sobretudo, pela sua falta de naturalidade.

Condenados pelas críticas de Johnson, os *poetas metafísicos* hibernariam no semi-anonimato, até que T. S. Eliot os resgatasse para o mundo literário do Séc. XX. Num ensaio que ficou famoso (originariamente uma resenha do livro de Grierson, *Metaphysical Lyrics and Poems of the Seventeenth Century: Donne to Butler*) o poeta de *The Waste Land* redefine a poesia *metafísica* à luz da cultura moderna, apontando as suas características essenciais. A principal é "o desdobramento (em oposição à condensação) de uma figura de linguagem até o ponto extremo que o permite a capacidade criadora do poeta". O termo inglês para esse artifício de estilo é "conceit", que "conceito" não traduz exatamente. Eliot cita o exemplo do poema de Donne *A Valediction: Forbidding Mourning* em que os amantes são comparados, cada um, a cada uma das pernas de um compasso, cada movimento das mesmas implicando atitudes diversas dos amantes um para com o outro.

Um outro elemento inerente à poesia *metafísica* diz respeito à "rápida associação de pensamento" resultante do ousado jogo de imagens que é feito, por exemplo, no *A Valediction: Of Weeping*, onde a lágrima da amada, seguinte a uma referência ao mapa mundi, é associada à imagem do globo terrestre, e a um só tempo, à noção do dilúvio, imagens e noções que o leitor desatento ou despreparado pode não perceber. Em contrapartida à essa multiplicidade de associações, a linguagem dos *metafísicos* parece se caracteri-

zar pelo uso de "termos curtos e contrastes súbitos" (sic) como tão bem exemplifica o verso famoso de *The Relique* citado por Eliot: "A bracelet of bright hair about the bone." O vocabulário é, segundo Eliot, geralmente simples sem que porém se possa dizer o mesmo das estruturas, que são complexas como decorência lógica do nível de elaboração mental-emocional do poeta.

Mas o ponto nevrálgico do artigo de Eliot concerne a validade mesma da poesia *metafísica*. De acordo com este autor, toda a história da poesia inglesa a partir do Séc. XVII (ou seja, depois dos *metafísicos*) esteve condenada ao que ele chama de uma "dissociação de sensibilidade" levada a efeito por Milton e Dryden e perpetuada ao longo dos séculos tanto pelos seus seguidores como pelos seus opositores: a experiência poética (que deveria fundir pensamento e sentimento, como segundo Eliot, acontece nos *metafísicos*) foi vivenciada pelos racionalistas dos séculos XVII e XVIII de forma estreitamente uni-facetada, com o pensamento prevalecendo de forma absoluta sobre as emoções. A mesma "unilateralidade" poética verificou-se no período Romântico, só que agora às avessas, ou seja, com o sentimento ocupando todos os espaços. Na Era Vitoriana comandou o princípio científico e/ou moral, de tal maneira que, raramente (Eliot cita Shelley e Keats como exceções em potencial) foi a experiência poética sentida e expressa em sua plenitude, ao longo de três séculos de história.

Assim, é nos *poetas metafísicos* que o poeta moderno deve buscar o seu modelo: neles, as mais dispareas experiências acham-se amalgamadas, não porque fossem excêntricos que estivessem buscando associações supostamente absurdas (por exemplo, a comunhão ideal entre o casal representada por uma pulga que morde os dois, em *The Flea*) mas exatamente porque a sua sensibilidade abrangia idéia e emoção como um todo único, abraçava e devorava (o termo é de Eliot) todas as facetas do universo humano e físico, do infinitamente grande ao infinitamente pequeno, do infinitamente sublime ao infinitamente vil.

Nas palavras de Eliot: "A experiência do homem comum é caótica, irregular, fragmentária; ele se apaixona ou lê Spinoza e essas duas experiências nada têm a ver uma com a outra (...); na mente do poeta (metafísico) estas experiências estão sempre formando novas unidades. "Foi justamente essa mistura de aspectos tão (aparentemente) dispareas que chocou o espírito eticamente estreito de Johnson e o fez usar o termo pejorativo "metafísico", um adjetivo que Eliot sugere que seja dispensado, uma vez que estes poetas não foram "esquisitos" e "obs-

curos" (como o termo "metafísico" implica), e sim, apenas "poetas", no sentido moderno da palavra.

Com isso, nós passamos à obra de Donne: considerado pela crítica moderna como o poeta maior da *escola metafísica*, Donne foi, à semelhança de nossos barrocos, escritor de duas fases, uma mundana e outra sacra. Em ambas, porém, malgrado as diferenças de tema, a originalidade de seu gênio dramático é da mesma ordem, como são da mesma ordem a novidade de seu estilo surpreendentemente elaborado e a complexidade na formulação dos seus "conceitos".

Aqui nós nos ateremos a um dos seus poemas da fase mundana. *Going to Bed* ("Indo para a Cama") é um dos muitos poemas de Donne tratando da relação amorosa entre um homem e uma mulher. Mais popular, talvez, seja *The Sun Rising* onde o poeta discute com o sol matinal que, penetrando no quarto, lhe interrompe o usufruto do corpo da amada, ou *The Flea*, já referido, em que a pulga morta por sugar o sangue da companheira de leito, funciona como núcleo de um "conceito" rico em análise do comportamento do casal.

Composto de quatro estrofes desiguais (24, 8, 14 e 2 versos) com rimas emparelhadas, *Going to Bed* tem também a alcova como cenário: o poeta fala à amada, pedindo ao longo do poema, que ela se dispa para o ato de amor: todo o discurso literário constitui-se na fala do personagem sem que exista uma resposta oral por parte da (pseudo) interlocutora. São, portanto, os *monólogos dramáticos* de Browning que nos vem à mente a esse propósito.

Na estrofe inicial, o poeta, ansiando pelo ato ("Until I labor, I in labor lie": até que inicie o trabalho, eu permaneço em agonia) enumera uma por uma as peças da indumentária da amada, solicitando, naturalmente, que delas ela se desfaça: cinto, couraça, espartilho, vestido, diadema e sapatos. Uma vez despida a amada, ele pede que ela dirija-se ao leito ("... and then safely tread/In... this soft bed") que ele eleva à condição de templo sagrado ("This love's hallowed temple"). Na estrofe seguinte, ele pede licença para usar suas mãos por todas as partes do corpo da amada ("Before, behind, between, above, below": "na frente, atrás, no meio, embaixo, em cima") que para ele é "My America! my new-found-land".

A terceira estrofe é um canto à nudez ("Full nakedness! All joys are due to thee"): nela as mulheres são comparadas a livros cujos conteúdos são impenetráveis para muitos, mas facilmente desvendáveis para o poeta. Este fato é apresentado como ar-

gumento para que a amada consuma o desnudamento e se mostre para ele do modo total como ela o faria para uma parteira ("As liberally as to a midwife, show/Thyself"). Na estrofe final, o poeta conclui sua argumentação alegando que ele próprio já está despido e perguntando que melhor cobertor poderia servir-lhe do que o corpo de um homem.

Um dos objetivos do nosso trabalho é ressaltar a natureza *metafísica* (no sentido não-johnsoniano do termo) dos "conceitos" (sentido inglês do termo "conceit": vide acima) de que Donne faz uso neste poema, como ilustração da tese expressa no artigo de Eliot. Para tanto, tentaremos demonstrar como um poema relativamente curto (48 linhas) é profuso em analogias figurativas, como essas analogias são inusitadas, e como Donne foi hábil em torná-las estilisticamente convincentes.

Ao longo de *Going to Bed* estão desenvolvidos *conceitos* diversos que muitas vezes recorrem em passagens distantes entre si, formando assim, dentro do contexto simbólico do poema, espécies de subcamadas significativas. Nós daremos atenção aos mais frequentes, que são os relacionados com: a) o mundo físico dos planetas, continentes, países e paisagens; b) a religião e o mundo dos espíritos; c) os livros.

Antes, porém, de discutirmos estes *conceitos*, gostaríamos de fazer referência a dois outros, menos frequentes neste poema mas bastante presentes em Donne de um modo geral: um tem a ver com a noção de guerra, e o outro com a idéia de que todo trabalho, visto como antônimo do amor, constitui-se em loucura.

Logo no início do poema, como vimos, o protagonista expressa a sua ansiedade, enfatizando o cansaço da espera com uma imagem "bélica" de grande força segundo a qual os exércitos inimigos, ainda que a batalha não venha a ter lugar, se desgastam pela simples expectativa do confronto, como se lutassem: "The foe oft-times, having the foe in sight, / Is tired with standing though he never fight". A propriedade e força sugestiva da imagem saltam aos olhos quando consideramos que o amante que fala tem a amada "in sight" ("à sua vistas") e está ainda "standing" ("de pé").

Quando ao *conceito* do trabalho como loucura (incrivelmente frequente nessa fase mundana de Donne) o poeta, pedindo que a amada desabote a couraça que lhe cobre os seios, explica que é para que "the eyes of busy fools may be stopped there", ou seja, "os olhos dos tolos que trabalham, possam se deter aí". Mais tarde, falando das jóias femininas, ele dirá, ainda, que elas são como as maçãs de ouro de Atlanta, lançadas aos homens "the when a fool's eye lighteth on a gem/His earthly soul may covet theirs, not them", e nós sentimos que esse tolo agora descrito, voltado para os bens materiais e que é incapaz de ver o corpo da mulher por trás das jóias, é aquele mesmo que põe o trabalho diante e acima do amor.

Passemos, agora, aos *conceitos* que desenvolvem a idéia do mundo físico: a primeira peça de roupa que o poeta pede que seja tirada é o cinto ("Off with that girdle") e dele o poeta diz: "like heaven's zone glittering / But a far fairer world encom-

passing"; como se vê, uma comparação exemplarmente *metafísica*, onde o cinto que brilha se torna o arco-iris que circunda um mundo (isto é, a cintura da amada) bem mais belo que o outro. Já foi observado aqui como os metafísicos foram mestres em justapor macrocosmos e microcosmos.

Na vez do vestido, o poeta afirma que, este sendo tirado, revela um tal estado de beleza "As when from flowery meads th' hill's shadow steals", um *conceito* completo e coerente: o prado florido ("flowery meads") seria o corpo feminino que se torna mais exuberante depois que a sombra da colina ("th' hill's shadow"), no caso o vestido, se afasta.

A relação macrocosmo-microcosmo, como o rápido movimento interativo entre os dois, torna-se mais explícita na segunda estrofe onde o poeta, agora explorando o corpo da companheira com as mãos, chama-o de "My America", como já visto. Na linha seguinte ele dirá: "My kingdom, safelist shen one man manned" implicando, naturalmente, que é ele o "one man", o habitante único e o defensor solitário desse reino imenso que é o corpo da amada.

Essa noção do corpo feminino como terra, país, continente a ser explorado estende-se pelos versos restantes da estrofe com alguma variação no enfoque, mas sempre dentro do mesmo contexto de colonizador versus colônia: minério ("My mine of precious stones") ou império ("my empery"), de toda forma o poeta exulta em ter sido o "descobridor" desse corpo-terra: "How blest am I", diz ele, "in this disco vering thee!". A estrofe é, por fim, genialmente rematada, com a introdução de um elemento que enriquece sobremaneira o contexto: o "selo" ("seal") que nos lembra o "selo do rei" ("the King's seal") na tradição da História inglesa: "There where my hand is set, my seal shall be." Há que observar-se também,

aqui, a ironia do trocadilho que associa a frase-chavão a uma ação francamente diversa.

No que tange aos *conceitos* relativos ao mundo da religião e dos espíritos, a primeira instância dá-se quando a amada, havendo se desfeito de todas as peças, é convidada a pisar no "templo sagrado" ("hallo-wed temple") do leito. Era em tais "trajes brancos" que os anjos costumavam ser recebidos pelos homens, afirma o poeta, referindo-se à cor branca do corpo nu da mulher, que é, ela mesma, alçada à condição de anjo ("thou angel"), um anjo que traz consigo um céu com todas as delícias do paraíso maometano ("Mahomet's paradise").

Mas o poeta vai mais longe na elaboração do *conceito* sobre a analogia cromática entre a amada e os espíritos, e conclui que, embora também os maus espíritos possuam a mesma cor branca do corpo da amada, distingue-se facilmente entre as duas brancuras pois "those set our hairs, but these our flesh upright", isto é, a brancura das almas nos levanta os cabelos, enquanto que a outra, a carne. Aqui, mais uma vez, Donne está sendo exemplarmente *metafísico*: a fusão de duas sensações tão diversas (medo e êxtase vs excitação extrema) concebida a partir da analogia de cores e da analogia da ação de levantar os cabelos num caso, o pênis, no outro) exemplifica o melhor da ousadia de Donne como criador de *conceitos*.

É essa ousadia que explica o símile da penúltima estrofe do poema, onde o poeta, fazendo a apologia da nudez, argumenta que "As souls unbodied, bodies unclodhed must be", uma figura que, embora espacialmente distante das anteriores, a elas se interliga, prolongando-as para formar o que já chamamos antes de sub-camadas significativas: antes corpo e alma estiveram associados a partir de um elemento comum, agora eles o são a partir de

um componente supérfluo: a roupa, no caso do corpo, e o corpo, no caso da alma. Embora o argumento lógico seja, aqui, de outra espécie, o contexto simbólico (relação espírito-corpo) é o mesmo.

O *conceito* emerge treze linhas adiante, quando o poeta, firme na defesa do nu absoluto, assegura à amada que não existe castigo para a inocência ("there is no penance due to innocence"), o que nos reporta, naturalmente, à segunda vida das religiões onde as almas culpadas são punidas por terem agido mal. O "sub-contexto" religioso do poema nos sugere, também, que a inocência referida é a inocência dos anjos, com os quais a amada já fora identificada.

Restam, finalmente, os *conceitos* que se referem a livros. Quase toda a estrofe três está perpassada pela analogia entre os livros e as mulheres: estas seriam livros de ricas capas ("gay coverings") oferecidos aos leigos ("layman"), ou seja, aos homens comuns, que evidentemente são incapazes de lê-los, pois só ao poeta é dado esse dom. Nas palavras do autor: "Themselves are mystic books, which only we / (...) Must see revealed." Este *conceito*, cruza-se naturalmente com o anterior (referente à religião) no sentido em que as mulheres não são livros comuns, mas sagrados ("mystic"), cuja revelação (o verbo usado é "reveal") é exclusiva do poeta e proibida aos não-iniciados ("laymen").

O papel do poeta-amante como exegeta do corpo-livro da mulher ganha ainda mais expressão quando o amante, partindo da comparação anterior, conclui que a amada deve abrir-se para ele "since that I may know" ('a fim de que eu possa conhecer') numa frase em que o verbo "to know" é intransitivo e, portanto, denotador de assimilação de conhecimento. É, afinal, com um termo concernente ao processo de aprendizagem ("teach"), que o poeta apresenta, ironicamente que seja,

os seus últimos argumentos em favor da nudez, além de também fazer uso (irônico?) da palavra "covering", empregada há pouco na acepção de 'capa de livro': "to teach thee, I am naked first; why then / What need'st thou more covering than a man?"

Sobre a questão da natureza *metafísica* da obra de Donne, nós preferimos concluir que, pelo menos em *Going to Bed*, intercomplementam-se idealmente (como de resto intercomplementam-se todas as coisas neste autor) a *metafísica* do estilo e a meta (física) do amor.

E para finalizar, uma impressão pessoal sobre o papel histórico de Donne: as limitações que marcam o desenvolvimento da literatura inglesa do período da Restauração (pós-Donne) até os fins do século passado (vide: *conceito* eliotiano da *dissociação da sensibilidade*), quando contrapostas a esse gênio do espírito e poeta completo que Donne foi, deixa-nos uma sensação de 'desperdício de energia' que a "recuperação" moderna deste autor só faz enfatizar. Nesse sentido, é quase impossível evitar a conjectura sobre o possível alcance que teriam tido as obras de, por exemplo, Pope e Wordsworth (para citar casos típicos) se eles não estivessem limitados aos padrões esteticamente restritivos de suas respectivas épocas, no primeiro caso, a ojeriza à desordem, e no segundo, o pavor à análise racional. Em outras palavras, como não teria sido diverso, e seguramente bem mais rico, o caminho da poesia inglesa nos três séculos passados, se estes autores (e todos que se seguiram à 'promessa' histórica que Donne encarnou) tivessem tido a chance de ter a *sensibilidade pandevoradora* que a época do autor de *Going to Bed* lhe permitiu possuir.

\* João Batista Barbosa de Brito é professor de Literatura Inglesa no Departamento de Inglês da Universidade Federal da Paraíba.

# O INCRIADO

DIRCEU QUINTANILHA

flutuo  
atravesso paredes  
nenhum cartório  
registrou meu nome  
percorro ruas aéreas  
assusto pássaros  
em mim alcançando vôos -  
enlouquecidos

jamais nasci  
arquiteto mágico  
módulo módulos

construo universos  
e a minha ausência

dedos esculpindo formas  
enquanto em mim  
pássaros persistirem  
loucos

por séculos acorrentado  
herdeiro sem herança  
tento colher  
a flor que se desfaz

o espelho  
reflete  
medo

covardia  
despertada

de repente  
nesse mundo indefinido  
de quem não foi gerado

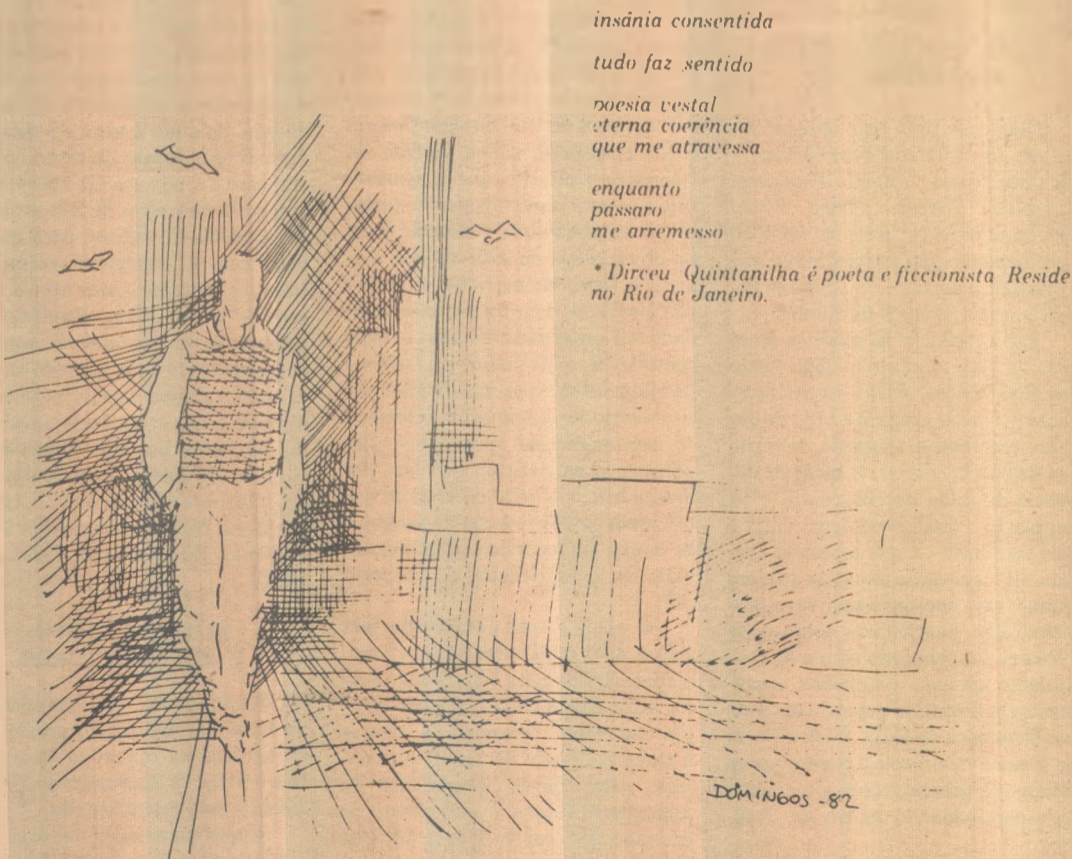
- talvez símbolo do vir a ser  
nesta perda de significados -

abraço a poesia

dançamos solidão  
tudo faz sentido

num roteiro sem bússola  
nem porto

liberdade  
forma  
conteúdo  
morte ciente



# Futebol e Brasil em tempo de Copa

JOSÉ OCTÁVIO

(a José Sebastião Witter)



Este brado oratório de patriotismo encobre uma confissão de abandono. A invocação à bravura, para longínquas e duvidosas batalhas, em lugar de nos mostrar noção certa de seus interesses morais e materiais com a alta coragem de civilizados, que estimam os bens intangíveis da honra, do brio, do amor à terra e à gente de sua pátria, capazes de trabalho e de organização, não nos faz aparecer senão como um povo de flibusteiros e de *condottieri*, valente para guerrilhas, com a intrepidez animal de leões, se quiserem, mas sem a coragem de varões livres. Explosão impulsiva, de forma oratória, este patriotismo brota da fonte onde nascem as manifestações doentias da alma, explodindo na erupção de uma batalha homérica que não é, porém, do Homero da *Ilíada*, mas do Homero da *Batracomiomaquia*. (in *O Problema Nacional Brasileiro*, 3ª ed., S. Paulo, Ed. Nacional, 1978, págs. 124/5).

## FUTEBOL, POVO E AUTENTICIDADE

Havia, porém, algo que justificava e até redimia as deformações desse *patriotismo caquético* de que nos fala o autor de *As Fontes de Vida no Brasil* - sua autenticidade.

O que quero significar com isso é o seguinte: apesar das desfigurações psico-sociais de um Brasil que, cheio de limitações nas áreas política, cultural, militar e econômica, julgava poder compensar-se, através dos

dribles e malabarismos de seus craques, o povo acreditava nisso, *sendo seu e sobretudo seu tal sentimento*.

Ou seja: enxergando no futebol uma criação sua, o povão - não abstratamente considerado mas recrutado às camadas mais pobres e marginalizadas da população que então lotavam os estádios - considerava-se no direito de utilizá-lo como arma e espécie de vingança que o redimiria de todas as insuficiências.

## "ALGUNS FANTASMAS"

Ópio do povo? - Nem tanto...

Em 1954, já com certa noção das coisas, vi Elzinho, filho de Carlos Neves, passar vermelho no momento seguinte à derrota de 4 x 2 perante a Hungria, maldizendo todos os juizes do mundo e antecipando o chefe da delegação brasileira, ministro João Lyra Filho, que condensou até em livro editado pela Pongetti, inaceitáveis observações. Para Lyra, o Brasil somente perdeu pelos dois penaltis que deixaram de marcar a nosso favor, quando se sabe que esses penaltis existiram *contra nós*, em função da implacável caçada movida por Djalma Santos contra o ponteiro magiar Czibor...

Tais lembranças não surgem por acaso: em 1958, no auge do "otimismo nacional" com que Juscelino sacudia o país, o Governo não ousou usurpar uma vitória que pertencia ao povo, o mesmo acontecendo em 1962. Como lembrou Luiz Fernando Verissimo, em corajosa crônica de 1971,

João Goulart, então na presidência, ao nível do parlamentarizado Gabinete Tancredo Neves, não se auto-intitulou "O presidente do bicampeonato" - a vitória pertencera à Nação!

Era a época em que, instintivamente, as multidões reuniam-se no meio da rua para comemorar a seleção brasileira e o São João que acompanhava as peijas da Copa. No caso, tal associação fazia-se significativa por representar mística lúdico-folclórica cujas bases repousavam nas crenças e superstições populares, com os fogos juninos acompanhando alegremente os gritos de gol da seleção em campos distantes.

Dentro desse quadro, não deixava de se verificar certo amadurecimento, por meio do qual a consciência, se não se tornava crítica, já não se fazia tão ingênua assim. Em 1966, o país aceitou com naturalidade a derrota da seleção que de um plantel de vinte e três jogadores, em apenas três jogos, utilizara vinte, e em 1970 participei na Rádio Arapuan de mesa redonda em que o cronista Carlos Pereira ressaltava a circunstância de que os destinos do Brasil - já então suficientemente evoluído para se impor em outros campos - não estavam sendo jogados na Copa do México.

## O PROBLEMA DO NEGRO - ASCENSÃO SOCIAL E FUTEBOL

Na base desse amadurecimento, residia não só o aprimoramento da consciência política trazida pelo populismo, a que o futebol de certa forma se associara no interregno democratizante 1945/64, como a convicção de que o futebol não representara construção do Estado e do Governo, mas do povo, que dele se valeu, tal o caso do negro, como legítimo instrumento de ascensão social.

Em páginas do melhor embasamento sociológico e estilístico, Mário Filho, cujo *O Negro no Futebol Brasileiro* já ousei incluir entre os dez mais importantes livros para compreensão da cultura brasileira - desceu à raiz da questão.

Efetivamente, tal como podemos perceber pelas fotografias que ilustram *A História do Futebol Paraibano*, de Valfredo Marques, o futebol, entre nós introduzido pelos ingleses e a seguir tão dinamizado por estes, através de instituições como *The Bangu Athletic Club*, quanto pela colônia italiana do Palestra Itália de São Paulo e Renner Clube de Porto Alegre, bem como pelos portugueses do Vasco da Gama no Rio e Portuguesa de Desportos em São Paulo -, significou, primitivamente, manifestação das elites e das "famílias" que dele se serviam como alternativa para o remo, a ginástica, e corridas a cavalo da sociedade *belle-époque*.

Na lição de Mário Filho, foi o povo, agenciado pelo negro e efetivo construtor deste país, como autor de suas mais representativas conquistas, formalizadas através da miscigenação, integração territorial e unidade linguística -, que *reciclou* o sentido do futebol brasileiro, convertendo-o de elitista em esporte

A primeira e mais palpável lembrança de Copa do Mundo remete-me a sala já meio obscurecida pelo fim de tarde e a antigo rádio Philips-holandês, mais fanhoso que barulhento, ao pé do qual corpulento senhor de óculos e chinelos mastigava sem cessar, disfarçando o nervosismo.

Com o inesperado empate obtido pela seleção uruguaia, aos vinte e seis minutos do segundo tempo, eu havia saído para o jardim, de tal sorte que, quando dez minutos após, o rádio anunciou novo gol, voltei apressadamente, deparando-me com a inquietação do senhor de óculos e chinelos, transformada em franca exasperação:

- O que?!?! Você aqui torcendo pelos uruguaios? (Nesse momento, se eu não houvesse sido mais rápido, o chinelo teria estalado no lombo).

Não, eu não estava torcendo pelos uruguaios. Apenas, como todo Brasil naquele instante, não admitia, nem por longe, que aquele gol pudessem não ser brasileiro, de modo que minha estupefação pode ter sido tomada equivocadamente como contentamento por meu angustiado pai, de nervos à flor da pele, ao pé do rádio.

De ambos os lados, do meu e do ex-zagueiro dos campos da Encruzilhada e fanático admirador do Clube Náutico Capibaribe, também em Recife, o equívoco era compreensível. No dia seguinte, os jornais deram conta de dezenas de incompreensões iguais a essas de que até mortes resultaram: em pleno Maracanã, torcedor tombou fulminado com o gol de Gigghia, e, horas após, um marinheiro teve uma síncope quando, de volta do estádio, anunciou à dona da pensão: "dona Celeste, o Brasil perdeu!!!"

## CONSCIÊNCIA INGÊNUA E PATRIOTISMO

Claro que tudo isso deitava raízes em mentalidade bem infantil - em *Consciência Crítica e Realidade Nacional*, Álvaro Vieira Pinto denomina-la-ia *consciência ingênua* - por meio da qual se imaginava que o prestígio e destinos do Brasil se decidiriam nos campos de futebol.

Em entrevista às páginas amarelas de *Veja*, o ministro João Paulo dos Reis Velloso, então jovem estudante piauiense chegado ao Rio de Janeiro, recordou a sensação de vazio que dele se apoderou na tarde de dezesseis de julho de cinquenta. - "A impressão - disse o ministro vinte e dois anos após - é que o mundo acabara ali", convindo ressaltar que, em alguns, essa decepção motivava protestos algo histriônicos como o de 1938 em que, chocado com a derrota de dois a um ante os italianos, consumada em discutido penalti cometido por Domingos da Guia, Carlos Neves da Franca mobilizou o povaréu para inflamada passeata contra a colônia italo-paraibana do bairro de Tamibia.

Em palavras de extraordinária atualidade, Alberto Tórres detectou o fenômeno, associado às incongruências e distorções de nosso patriotismo:

"(...) O *patriotismo*, sentimento que deve encerrar todos os fios que fazem a textura de uma consciência nacional, concentrou-se inteiramente na imagem da pátria política. Aí, como em quase todas as manifestações de nossa vida, agimos por impulso de sentimento: e, cumpre dizê-lo em nossa honra, este sentimento é sincero e forte. Amamos ardentemente a imagem geográfica e a bandeira da pátria; reverenciamos, com carinho e com fogo, por vezes excessivo, o culto do nosso nome; cantamos, principalmente, no estrangeiro, com juvenil e romântico entusiasmo, a fama de nossas riquezas e de nossas glórias.

Virtude que nos honra, atestando o desinteresse fundamental das nossas almas, o patriotismo político padece, entretanto, da tibieza de todos os sentimentos morais que não se apóiam sobre sólidas condições práticas de caráter; conduz facilmente aos impulsos, aos assomos, aos arrebatamentos, ardorosos e irrefletidos; inspira atos de abnegação e de heroísmo; mas é incapaz de sugerir e sustentar a ação tenaz, refletida, duradoura, de um povo, cujo amor pela terra natal se apóia na força muscular da vontade e é esclarecido pela consciência de seus interesses.

Vívido e intenso, este patriotismo esgota-se em manifestações sentimentais: todo seu horizonte limita-se à adoração cultural da pátria, ao ardor das lutas políticas e esportivas, à declamação épica de suas grandezas, à prontidão com que oferecemos o sangue e a vida, em seu sacrifício; é um patriotismo lírico e infantil, sem a lucidez da razão e a energia do caráter" (in *A Organização Nacional*, 3ª ed., S. Paulo, Ed. Nacional, 1978, pág. 69).

"(...) Nós somos patriotas, vivamente patriotas, calorosamente patriotas, mas o nosso patriotismo precisa exprimir-se, nesta hora, em termos diversos do conho romântico, da feição emocional, que só vibram em transes de exaltação, que só apresentam à mente, como imagem e expressão do amor à Pátria, a idéia da guerra, do sacrifício da vida, da luta física. É a forma do patriotismo de feição medieval, com traços da hostilidade dos primitivos; do ódio tribal e gentilício; é o patriotismo agressivo: o patriotismo em cuja liga o sentimento adverso ao estrangeiro sobreleva ao sentimento de amor pelo compatriota; o patriotismo que tem por ideal a luta, em lugar do ideal de fraternidade; o patriotismo do sangue e da morte, em lugar do patriotismo da vida, da solidariedade, da cooperação.

O apelo a este patriotismo tem sido a nota mais vibrada neste momento. É uma nota imprópria: mostra a má compreensão da justa posição das coisas. Deixando de encarar a triste realidade de agora, protelamos, para transes imaginários de uma guerra futura, o movimento de energia e de coragem, que se nos está impondo.

Iludimos e dissimulamos as dificuldades que se amontoam, os prejuízos que estamos sofrendo, a afronta que nos infligem à face do mundo.



de massas e de criação transnacional em valor nacional.

Quando isso se completou, por meio de processo também delineado por Anathol Rosenfeld, em estudo para o número quatro da revista *Argumento* que não chegou a circular mas da qual possui exemplar, cedido por seu diretor-responsável, Barbosa Lima Sobrinho, os estádios já não eram frequentados por gente bem, o racismo, favorecido por associações como o Fluminense do Rio de Janeiro e o Náutico do Recife, que não aceitavam negros, havia cedido vez a clubes de massa como Corinthians de São Paulo, Flamengo do Rio, Atlético Mineiro em Minas e Santa Cruz Futebol Clube em Pernambuco, e a própria linguagem, impregnada dos estrangeirismos *corner, off-side, center-forward, foul-back e referee* se nacionalizara, graças à pletora de termos postos em causa por Ivan Cavalcante Proença em *Futebol e Palavra* (Rio de Janeiro, Livraria José Olympio Editora, 1981).

### CLASSES SOCIAIS E BRANQUEAMENTO

A questão das classes sociais dentro do futebol transcenderia, porém, todas as outras.

É que, encontrando fechados os demais canais de mobilidade social de uma sociedade que, disfarçada ou ostensivamente, cultuou o mito do branqueamento desde Pedro I importando tropas hanoverianas no I Reinado (Sf. Thomas Skidmore, *Preto no Branco*, e José Honório Rodrigues, "A Independência Brasileira e a Americana - 1776/1822" in *Brasil, Tempo e Cultura I*), o negro valeu-se do futebol como instrumento de afirmação e arrombamento das portas de uma estrutura que não o aceitava senão como capoeira, cabra, pai de santo ou responsável por funções mais humildes.

O profissionalismo futebolístico que se instalou no Brasil a partir de 1933 quando, no Rio de Janeiro, se registraram dois campeonatos, sendo o de futebol arrebatado pelo Bangu que trinta e três anos depois representativamente chegaria ao título com um time quase todo de pretos e crioulos (Fidélis, Mário Tito, Ari Clemente, Jaime, Ocimar, Paulo Borges, Cabralzinho e Aladim), formalizou a resposta negra - e consequentemente popular - a um tipo de futebol classista, basicamente praticado por estudantes, descendentes das colônias estrangeiras e filhos dos estratos superiores da sociedade.

É claro que dentro dessa estrutura, o negro e/ou mulato, simbolizado em ases como Friedenreich, Man-teiga, Fausto, Jaú, Domingos da Guia, Leônidas, Og Moreira, e mais recentemente Zizinho, Jair, Didi, Zózimo, Pelé e Edu, não se promoveria como classe mas como indivíduo, o que pode explicar a marginalização de Paulo César - à semelhança do branco Afonsinho que lutou contra a lei do passe, sempre rebelde e heterodoxo - em face da glorificação de Pelé que, branqueado, e por conta disso incorporado à classe dominante, chegou a justificar o autoritarismo, alegando (sic) que o povo brasileiro não sabia votar.

O fenômeno não é novo e significa que a questão negra, de que o futebol passou a representar válvula de integração, não deve ser encarada em bases étnicas e de pigmentação, mas de classe, isto é, em termos sociais. No caso - e isso por certo não teria sido aprofundado por Mário Filho - o futebol não teria trazido a ascensão do segmento negro da sociedade brasileira - que continuou marginalizado por ser pobre - mas de alguns negros como Domingos da Guia, que um torcedor se revelava disposto a mandar

dourar depois de jogada de grande efeito contra o uruguaio Dorado - "eu vou mandar dourar esse crioulo" -, ou de Robson, autor da frase "eu já fui preto e sei o que é isso", por jogar num clube aristocrático, o Fluminense, pó de arroz.

Mais recentemente, a questão desdobrou-se no comportamento de um técnico do Santos, Luiz Alonso, o Lula, que, praticando inocuo racismo às avessas substituía sistematicamente Pagão por Coutinho, recuando Lima, que também era escuro, para o lugar de Ismael, a fim de constituir formação quase exclusivamente negra (Lima, Djalma Dias ou Ramos Delgadi, Joel ou Haroldo, Geraldino, Dorval Mengálvio, Coutinho, Pelé e Edu, este último principiando a predominar sobre Pepe).

### DA MANIPULAÇÃO POLÍTICA À REPRESSÃO

Seja como for, o futebol brasileiro imbrica em fundamentos populares que o terço elevado, justificadamente, à condição de símbolo da nacionalidade, o que se tornava válido, quando menos fosse para encobrir a insuficiência de país que, em olimpíadas internacionais, fracasse vergonhosamente, por não se apoiar em condição de bem estar social complementada pela funcionalidade atlética de instituições que em outros países movem o esporte - Forças Armadas e Universidade.

Coloquei proposadamente o verbo no passado - *tornava* - porque não é esta a situação da atualidade em que, como revelou o paraibano Edilberto Coutinho na metáfora dos contos de *Maracanã, Adeus* (Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1980), os gols aclamados pelo povo tornam-se *gols contra o povo* cuja seleção já com este não se identifica por representar manipulação dirigida

dos donos do poder empenhados em sufocar os instintos libertários desse mesmo povo.

O ocorrido em 1970, de que o cineasta Roberto Faria nos dá conta, no impressionante libelo de seu também reprimido filme *Prá Frente Brasil*, vem bem a propósito do que pretendo aqui salientar. Com o poder institucional conquistado pela força, desafiado pela força e mantido pela força, até o árbitro de um dos períodos mais despóticos de toda História do Brasil, a vitoriosa campanha realizada pela seleção nos gramados do México não serviu senão para distrair a opinião pública e legitimar o *ufanismo programado* de governo responsável, nos quadros da doutrina de segurança nacional, por feroz campanha contra setores da sociedade enquadrados como subversivos e subsequentemente esmagados nos porões da repressão.

A transposição do futebol de uma estrutura (Ferdinand Tonnies) de comunidade para a de sociedade, isto é, de uma condição lúdica para manipulação de poder, gerou no Brasil, como de resto na América Latina, sequelas monstruosas que alcançaram o climax na Argentina quando, sem ainda dispor da farsa das Malvinas, o ditador militar Jorge Rafael Videla, em postura semelhante ao colega brasileiro dos anos setenta, recomendou-se, em 1978... com a conquista de um Campeonato do Mundo...

Dir-se-á que em época de abertura ficamos longe dos tempos em que um Presidente da República impunha, com a escalção de centro-avante de sua predileção, a substituição de um politizado treinador (João Saldanha), enquanto, pouco mais tarde, chefe de militarizada delegação esportiva barrava Reinaldo pela insistência de saudar seus gols com o

punho cerrado, em postura de inquestionável significado político.

Não sei. Em virtude da primazia do estamento técnico-burocrático que acompanhou o modelo autoritário-corporativista vigente no país a partir dos anos trinta e que, como situei em *A Revolução Estatizada (Um Estudo sobre a Formação do Centralismo em 30)*, se vem reforçando até nossos dias, o Estado brasileiro, imbuido além do mais da velha tradição centralista do pombalismo bragançano, findou por se substituir à sociedade civil, tomando conta de tudo, como um polipo que estendesse os tentáculos a valores que constituíam patrimônio do povo, como carnaval e futebol.

Por conta disso é que esse último, de valência popular gerada por sociedade de negros e mulatos, caboclos e curibocas, terminou grotescamente convertido em bandeira de partido e programa de governo.

Ainda outro dia, político do PDS confessou-me que seu partido ganharia as eleições de novembro se o Brasil vencesse a Copa, e outro, do PMDB, revelou-se convicto de que a oposição precisava capitalizar esse efervescente sentimento popular.

Como o poeta nos versos famosos, "eu vejo tudo e calo", numa perspectiva bem distante das primeiras emoções de 1950.

Como brasileiro absolutamente igual aos outros, sempre gostei muito de futebol, mas em relação a esta Copa sinto que o entusiasmo de quem, além de escutar os jogos do Santos e Bangu, América do Recife e Auto Esporte da Paraíba, gravava a escalção de todas as seleções, recordadas nas disputas de Vicincho contra Coleta, arbitradas por Barbosa Gomes, nas pitorescas tardes da Lagoa, não existe mais... - afinal, como no apólogo machadeano, mudaram os tempos ou mudei eu?...

## SITUAÇÃO LIMITE

O ponto vermelho  
A pulsar segundos  
Nesses relógios modernos.  
(Parafernália eletrônica)  
Para contar o tempo,  
Registrar os contratempos.  
Muda o relógio.  
Surtem mágicos os números,  
um após outro, um após...  
Silencioso como ampulheta  
Sem o tique-taque costumeiro.  
A vida registrada em ígneos algarismos  
esvai-se de igual maneira

## Poemas de Terezinha Fialho

### COMPOSIÇÃO I

Fito o fio  
Que se coloca  
Como ponto de  
Interrogação.  
Fito o fio.  
E me arrepio,  
Coisas de paixão,  
O perfume evolado  
Do assunto do carro  
E o fio a desafiar:  
Fito o fio e  
Desfio o desafio.  
Eu, no fio da navalha...

## SOBREVIDA

No silêncio do meu pranto  
Eu canto uma canção de vida...  
Lágrimas escorrem por veios  
Já conhecidos e, tranquilamente,  
Secam nas faces lívidas.  
Sequer rolam ou caem  
Como sementes vivas em  
Entrranhas preparadas, revolvidas.  
Fossem orvalho ou chuva quente.  
Que importa...  
A pedra transformada  
Em estranho e macio leito  
Recebe o cansaço do ser desamparado  
(Hoje mais sensível e sábio);  
E por entre sulcos de bolor e limo  
O inefável e impresentido aconchego  
No sofrido corpo - Levita a alma.  
No silêncio do meu pranto  
Eu canto uma canção de vida...

\* Terezinha Fialho é paraibana. Tem um livro de poesia publicado.

## LANÇAMENTOS DA EDITORA ÁTICA

*Machado de Assis* - Este é o primeiro volume da *Coleção Escritores Brasileiros*, organizada por Alfredo Bosi, José Carlos Garbuglio, Mário Curvello e Valenti Facioli que, por sua vez, também contribuem com análises e críticas as mais lúcidas sobre a ficção machadiana. Participam ainda deste volume, Antonio Callado, Luiz Roncari, Roberto Scharzw e Sônia Brayner.

Além de uma *biografia intelectual* de Machado de Assis, este livro oferece ao leitor textos desse escritor carioca que, objeto de uma mesa-redonda coordenada por J. C. Garbuglio, suscitou polêmicas e opiniões as mais pertinentes sobre a sua obra. Tudo isso vem registrado nesse volume dedicado ao autor de *D. Casmurro*. E mais: textos de Alcides Maya, Lúcia-Miguel Pereira, Mário Matos, Barreto Filho, Sílvio Romero, Brito Broca, Eugênio Gomes, Augusto Meyer, Raimundo Magalhães Júnior, Jean-Michel Massa, Dirce Côrtes Riedel, Astrojildo Pereira e Raymundo Faoro. Documentos inéditos e um farto material iconográfico, compõem este volume que, desde já, deve ser lido não só pelos professores e alunos de letras como também por todos aqueles que, algum dia, se mostraram dispostos num aprofundamento sistematizado na obra Machado de Assis.

Louve-se, por último, o excelente aspecto gráfico desse livro, primeiro de uma coleção cujos próximos volumes serão dedicados a Graciliano Ramos e Euclides da Cunha.

*Luanda*, de José Luandino Vieira - Dentro da série *Escritores Africanos*, a Ática põem em circulação este excelente *Luanda*, de José Luandino Vieira.

Com este livro, fica comprovado que, as atuais literaturas africanas, graças ao sentimento libertário do povo desse continente, se impuseram de modo a demarcarem um espaço próprio, autônomo, na medida em que à forma e ao conteúdo imprimem uma cor local, avessa a qualquer tipo de colonização. E os contos que integram este volume de José Luandino Vieira remetem-nos, de pronto, a essa certeza, a essa convicção.

## LANÇAMENTOS DA CULTRIX

*Literatura: Mundo e Forma*, de Massaud Moisés - Num lançamento conjunto da Editora Cultrix e da Editora da Universidade de São Paulo, já está nas livrarias esta *Literatura: Mundo e Forma*, de Massaud Moisés.

Polemizando o atual estágio da crítica, questionando algumas abordagens e/ou métodos que se desejam mais realistas do que o rei, o Autor de *Literatura: Mundo e Forma* formula a função de uma crítica que, entre outras coisas, se proponha a encarar o texto como "a forma assumida pelo ser na visão do sujeito, pelo que importa conhecer-lhe a cosmovisão específica, já que a forma literária é uma mimese icônica de uma cosmovisão".

*Maquiavel ou As Origens da Sociologia do Conhecimento*, de Gérard Namer - Para Gérard Namer,

## REGISTRO

Maquiavel fundou a Sociologia do Conhecimento, além de suas idéias terem repercutido de forma efetiva na obra de dois outros clássicos da teoria política: Montesquieu e Rousseau.

Por outro lado, Gérard Namer, que é professor-assistente da Universidade René Descartes de Paris, pretende neste volume, distinguir gêneros e modos de conhecimentos como, ao mesmo tempo, salientar não só as hierarquias do conhecimento mas também os processos de legitimização desses conhecimentos. Para tanto, ele se vale da problemática de J. Gurvitch e de P. Berger sobre a Sociologia do Conhecimento.

*Dicionário de Pensamentos*, Nair Lacerda (org.) - Coletando 3.000 pensamentos entre os mais expressivos de 1.000 grandes autores da literatura mundial (inclusive brasileiros), Nair Lacerda transcreve a forma e o modo como determinados homens apreendem de terminadas situações, quer elas sejam realmente vividas por eles ou não.

*A Gramática do Decameron*, de Tzvetan Todorov - Para Todorov, o *Decameron*, de Boccaccio, se serve plenamente às análises de narração. Daí ele aplicar, como base nas estruturas da narração, o que há muito vem propugnando: pôr em prática as pesquisas sistemáticas da narratologia tomando como base a existência de uma gramática universal.

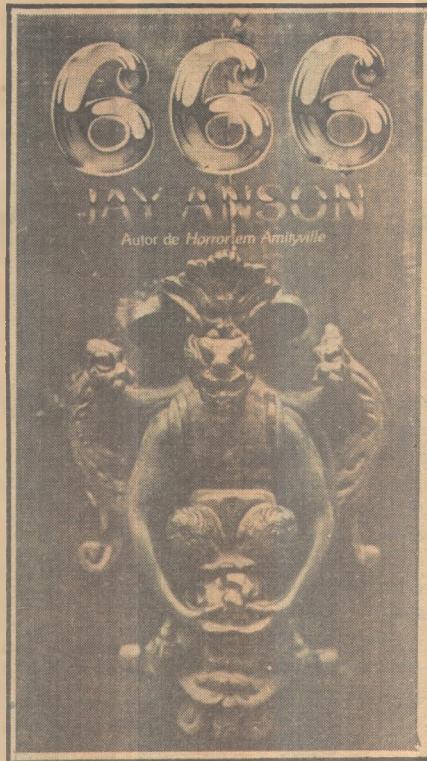
Este livro, sem dúvida, é um instrumento dos mais valiosos de reflexão e trabalho, seja para o desenvolvimento teórico, seja para o ensino.

*Rosa Luxemburgo e A Espontaneidade Revolucionária*, de Daniel Guérin - Este livro se dispõe a debater vários pontos, dentre eles os seguintes: Quem desencandeia os movimentos populares? A espontaneidade ou a consciência? O impulso elementar das massas ou sua vontade política organizada em partido? A essas perguntas - entre outras - Daniel Guérin tenta responder com lucidez e com espírito crítico, sempre tomando como suporte a ação de Rosa de Luxemburgo, a grande líder feminina do movimento socialista alemão e da segunda internacional.

*Literatura e Artes Visuais*, de Mário Praz - A Cultrix e a Editora da Universidade de São Paulo lançaram, conjuntamente, esta *Literatura e Artes Visuais*, excelente ensaio de Mário Praz que visa, sobretudo, a encontrar alguns pontos de convergência entre a literatura e as artes visuais.

Destaque, principalmente, para o III Capítulo desta obra - *Identidade e Estrutura, numa Variedade de Meios* -, onde o autor mostra a possibilidade de se aproximar, a nível das estruturas, os vários sistemas artísticos, a despeito de sua variedade de média.

Copiosamente ilustrado, *Literatura e Artes Visuais* trata de um tema pouco comum entre nós.



## LANÇAMENTOS DA MELHORAMENTOS

*Vidas Escondidas*, de Marvin H. Albert - Quando estava em Paris, nos anos 20, seu nome era Nicholas Grayle. Era um jovem pintor americano que começava a se impor, muito embora não se enquadrasse em nenhuma concepção-padrão de artista. Um proprietário de galeria descreveu-o como tendo "as mãos de um ferreiro, o corpo de um estivador, a cabeça de um camponês mal-humorado e a mente de um selvagem".

Os becos de Paris eram tão familiares quanto as galerias Grayle não tinha medo do trabalho do físico nem da paixão, embora tenha se apaixonado por Nora, sua meio-irmã.

O convencional não fazia parte da sua vida.

Por ter assassinado o marido de Nora, viu-se forçado a deixar o país, ingressando na Legião Estrangeira com identidade falsa e ganhando vida nova totalmente diferente da anterior e como Ishnael Moser fez fortuna.

Após 10 anos em Marrocos decide retornar à França com uma terceira identidade. A Segunda Guerra Mundial já havia eclodido e o país estava prestes a ser invadido pelos alemães. É durante a guerra que ele transforma o castelo em que vive num refúgio seguro para os membros da Resistência.

## LIVROS RECEBIDOS

*30 Anos Esta Noite*, de Miriam Gomes de Freitas, Editora Movimento - Para Clara do Serpentário, *30 Anos Esta Noite* "abre com uma epígrafe que coloca a problemática camusiana de suicídio, vista através da lembrança de um filme".

Este livro, sem dúvida, importa uma tentativa de resgatar o tempo pretérito, mas um tempo que se conecte à experiência vivida, tanto as-

sim que, ao invés de fazer menção, ao título de um filme - *30 Anos Esta Noite* - como um acontecimento estático, coagulado, é do seguinte modo que a poeta se expressa em um dos poemas que integram este volume: "30 anos esta noite/Não foi um filme que eu vi/foi uma vida que vivi".

Cultora de uma poesia confessional, muitas vezes autobiográfica, Miriam Gomes de Freitas consegue, algumas vezes, extrapolar o individual para se fazer coletiva.

*Antologia Poética*, de Affonso Félix de Souza, Editora Oriente (Goiás) - Neste volume, o leitor pode acompanhar o percurso ascensional deste poeta egresso da Geração de 45. Poeta cujo percurso ascensional não implicou a apropriação das formas de vanguardas, mas antes uma espécie de culto à tradição congeninando-a, contudo, à renovação. Algumas vezes, Affonso Félix é também cultor da poesia lírica, principalmente quando se utiliza de um dado extérior como mero pretexto para plasmar estados d'alma mais ou menos consentâneos com os flagrantes que lhe são fornecidos pela realidade objetiva. É, sob esse aspecto, um romântico. Romântico porque, em nenhum momento, é acometido do pudor de falar sobre si mesmo, sobre o seu cotidiano, sobre a sua existência enquanto homem e enquanto poeta.

*Canção do Homem Essencial*, de Francisco Rodrigues - *Prólogo*, poema que abre este livro, parece se revestir de uma conotação metalinguística, principalmente pelo fato de o autor, nos versos que o compõem, fornecer ao leitor o seu comportamento diante da poesia, diante do ato criador. Para ele, os poemas que integram este volume "são versos tecidos/Com as fibras da vida/E o teor da razão".

Como se vê, tentando congeninar a razão à emoção, Francisco Rodrigues deu lume a esta *Canção do Homem Essencial*, que reúne 64 poemas, 64 flagrantes, 64 fatias de vida.

*Ponto de Fuga*, de Luís Carlos Guimarães (Fundação José Augusto - Rio Grande do Norte) - Com *Ponto de Fuga*, Luís Carlos Guimarães obteve o primeiro lugar do Prêmio Literário Fundação José Augusto de 1979. A exemplo de seu livro de estreia - *O Aprendiz e A Canção* (1961), -, neste volume Luís Carlos Guimarães continua fiel a um lirismo denso e tenso que não chega a comprometer os seus poemas. Lirismo às vezes árido, mas sempre lirismo na medida em que ele, o poeta, se preocupa com o sentimento do mundo através de poemas pungentes e que têm como núcleo temático aqueles que foram deserdados da sorte(?).

*Canto Contra Canto*, de Nei Leandro de Castro - O itinerário poético de Nei Leandro de Castro é bem uma prova de como um poeta pode e deve atuar em várias frentes, pôr em prática todos os instrumentos líricos para, de um modo ou de outro, cristalizar o seu discurso. Adepto do movimento (?) que se convencionou chamar de Poema/Processo, Nei Leandro de Castro, pelo menos nesse período, se dispôs

a enfatizar o aspecto gráfico de poema, o aspecto visual, até que, agora, com este *Canto Contra Canto*, ele retoma o discursivo adicionando aos seus poemas as experiências adquiridas através do contato efetivo com as vanguardas poéticas.

*Torna-Viagem*, de Astrid Cabral (Edições Pirata-Recife), - Com prefácio de Ivan Junqueira, Astrid Cabral, neste livro, perfaz a sua experiência vivida no Oriente. Só que a perfaz subjetivamente, a reboque de uma poesia cujo lirismo consegue distorcer os referentes contextuais de modo a que eles não fossem

transportados para a textura do papel como meras fotografias. A vivência de Astrid Cabral no Oriente, portanto, foi mais uma vivência interior dela mesma como também das palavras; palavras que, sem vista alfanegário, conseguiram chegar até nós através de uma dicção contida e ar irada.

*Descompasso*, de Patrícia Blower (Editora Cátedra), - Este foi o livro de estréia de Patrícia Blower, poeta que - segundo o poeta e crítico Fernando Py - "sente o mundo a seu redor e interpreta-o no limite de

sua paixão, no alcance de sua reflexão, conforme a sua pouca experiência" - Mas, para o mesmo Fernando Py, a autora desse livro, "com toda a juventude e sinceridade de que é capaz, com sensibilidade refinada e burilada, certamente virá a compor uma obra de alto mérito nos próximos anos". O certo, contudo, é que, em alguns poemas de *Descompasso*, já se percebe uma autora amadurecida, cônica de sua tarefa.

*O Deserto e Os Números e As Condições Ambientais*, de Edson Régis - Excelente a idéia da Editora

Raiz de, num só volume, reunir estes dois livros de Edson Régis, poeta pernambucano precocemente falecido. Como se sabe, a poesia de Edson Régis tendo sempre a captar o instante que passa, o aspecto fugidío da existência, Voz a um só tempo individual e coletiva, Edson Régis foi cultor de um verso nervoso, de uma dicção, contida. Em nenhum momento, no entanto, relegou o conteúdo a um segundo plano, pois bem sabia, que, em cultuando a forma pela forma, estaria a subtrair a própria vida de seus poemas.

# NOVOS

## CONTRA

*Contra todos os contrários  
Contra todas as vozes que calam  
E que quando falam dizem não*

*Contra todos os espaços poluídos  
Que apesar de, não estão perdidos  
Quando são também os espaços do sentido*

*Contra todo grito de angústia  
Sem busca, sem fé e esperança  
De tudo que quando se quer se alcança*

*Contra o propósito de só ser contra  
E ficar de braços cruzados  
Quando a vida espera lá fora*

## MOVIMENTO

## NA RUA

*Eu permaneço na calçada, atenta  
Uns me dão bom dia, outros não  
Horas paradas, manhã amena  
Alto é o ruído do caminhão*

*Horas ainda vazias  
Que passam sem precisão  
Calçada pisada, e ainda suja e fria  
Do cadáver quieto da contramão*

*O sonho morreu, restou a ilusão  
Daquilo que engana e faz a ironia  
De deixar feliz, e na calçada fria, um pobre coração.*

## Poemas de Auxiliadora

Cristina  
L. Lucena



## PRODUTOS DO MEIO

*Circulam mulheres de olhos tristes e trazem nas mãos crianças de olhos tristes.*

*Circulam mulheres de rostos cansados do mercado negro do coração, e trazem crianças de rostos sofridos da fome na iniciação.*

*Circulam mulheres de peitos sofridos, de corpos tolhidos na massificação, e trazem crianças de olhos perdidos, sonhos vazios e pés pelo chão.*

*Circulam mulheres com marca registrada, com a face marcada da utilização, e trazem crianças tão sem origens, frutos de homens da multidão.*

*Estéril é o mundo de doação, produz objetos, mulheres e crianças, para circulação.*

**\*Auxiliadora Cristina L. Lucena é aluna do Curso de Letras da Universidade Federal da Paraíba.**

## GO GO GOLÁS,

• Para Gilberto Mendonça Teles

• LUIZ F. PAPI\*

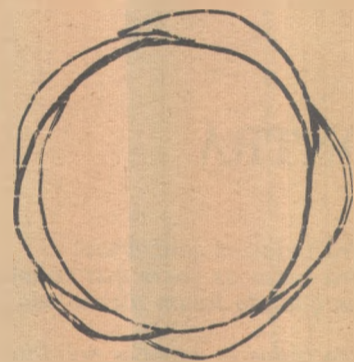
## A HORA ASTRAL É GMT

*E tento em vão dizer-te, ensaio o Go,  
mas de repente o i não se articula  
e acabo sempre gaguejando os ais.*

*Entre o vão das Almas e o nariz  
do esvão do rio Tocantins  
sinto a cadência morna de um feitiço  
crescendo lentamente em remoinhos  
de assombrações  
mormaços  
rezas  
gozos  
e arfantes  
saci-  
cios e essa quase saciência  
que move agora o pêndulo goiano  
ao longo do horizonte constelado  
de lírios de paixão  
e astro-  
lábios de cristal beijando*

*iaras  
iansãs  
cunhãs  
e lendas  
geradas em astro-  
lúbricos sóis ardendo em  
roças  
aortas  
grotas  
socavões  
peraus de rios  
solidões  
vertentes  
em meio a caiapós  
craós  
xerentes  
ou sob línguas lânguidas de astro-  
lésbicas luas lambendo  
a estrela d'alva  
a selva  
a silva  
e a seiva  
semânticas de signos  
de circunstância e circo  
onde menestréis greco-guiases  
em sendo mais ases que eco  
se nutrem de tropos quebrando  
no vau do vão da palavra  
por trás do tropel da fala  
a gabiroba da pompa  
com eloquência sem prosápia  
e martelo de araponga  
visro que o cimo da suma  
in  
SACIOLOGIA  
GOIANA*

*o poeta só alcança  
trocando o surrado Olimpo  
pelo cerrado goiano  
perlongado ao som de ritos*



*saciciados em voz  
que invoca o vento  
sobre os gerais  
e a musa flor de vidro  
estilhaçada memória em corrupio  
de carapuça  
cachimbo  
perna fálica  
cabaça de mandinga  
molecagem  
no oco do pião de pó em brasa  
repenicando viola e ventoinha  
num tempo onde o tempo GMT  
nunca se mede em graus  
de imaginária  
e louca longitude  
que afinal  
meridianamente falando  
de Greenwich só se salva a dica  
explícita no green  
que é tropical  
verdor sem fuso de confuso  
horário  
calendário  
ou dia fixo  
para o fruir do mito  
ou para o (a)  
sarro  
farra  
berro  
guerra  
birro  
e birra do saci  
contado em saga  
pereré por parte e afã  
de Camongo GeMeTé  
nos Gerais de Goiás  
e em Guarabira  
Paraíba*

\* Luiz F. Papi é mineiro, radicado há muito tempo no Rio de Janeiro. Recentemente, lançou o livro de poesias Desarvorárvore.

João Pessoa, 20 de junho de 1982

Outro dia, em uma de suas frequentes visitas à redação de A União, se anunciava sua chegada, um circunstante que ainda não o conhecia pessoalmente - santa ignorância - saltou distraidamente a expressão: "é isso aí?" Ali, na frase, não existia nada de pejorativo. É que o personagem, acostumado a grandeza da fama do pediatra Paulo Soares Loureiro, seguramente o mais afamado especialista do Estado, não poderia imaginar que todo o seu talento e valor, pudessem estar contidos naquele pouco mais de um metro de gente.

E, depois da chegada de Paulinho, tomando logo as rédeas da conversa e extravasando toda a sua verve e bom humor, no contar das piadas e estórias, somente ficou referendado para o absorto personagem que ainda não o conhecia, que não houvera decepção nenhuma. E, pelo contrário, ele apenas ficaria certo do que nós já sabíamos:



## PAULINHO SOARES

### Um pequeno notável



Eu vinha de duas entrevistas a seco. A primeira, com o ex-governador Tarcísio Buriti, foi marcada para as oito horas da manhã, com direito a somente cafezinho. A segunda, quase na mesma hora, com Gonzaga Rodrigues e sem nem direito a isso. Quer dizer: eu já estava perdendo por dois a zero. Mas, prometi-me vingar e a chance me veio com Paulinho Soares.

Prá começo de conversa, a entrevista foi marcada no Drive In, o que quer dizer que já começou mal intencionada. Dia seguinte, duas horas da tarde como havíamos combinado, cheguei lá na sua mansão, com Paulo Santos e Baby a cotê e devidamente acolitado pelo fotógrafo Werneck Moreno.

Paulinho estava lá à espera, mas conversando com correligionários de Itaporanga, transando política para o irmão deputado Soares Madruga. É uma das facetas da sua personalidade que eu vou contar depois. O pessoal devidamente dispensado, estava na hora de começar a entrevista, mas nada de bebida à vista.

Devo dizer, a bem da verdade, que a gente já havia feito a preliminar, durante o jogo Austria x Chile, pela televisão. Mas, o material ingerido já havia se evaporado quando tivemos que empurrar o meu carro que cismou de encharcar próximo à casa do entrevistado. Um mau e bom prenúncio ao mesmo tempo.

Sem bebida não há entrevista. Sentencie. E devo ter sido bastante convincente pois, ato contínuo, cervejas apareceram à mesa. Cerveja? E eu que pensava tomar um uisque-dos-bons, coisa que não consigo por motu próprio! Mas, quem tem com quem me pague, não me deve nada. Com sofreguidão, não levamos mais que dez minutos para acabar com o mingauo (graças a Deus) estoque de cervejas da casa.

E agora Paulinho, paro a entrevista? Consegui derrubar um renitente sertanejo, que, segundo Euclides da Cunha, é antes de tudo um forte. Mas, prefiro um autor local - Ruy Carneiro: forte é o povo. E como povo, eu ganhei. Apareceu um uisque de nome esquisito - do qual só consegui localizar a palavra Monge - e pensei comigo mesmo: seja o que Deus quiser.

Claro que foi aprovado, já que estou contando a história sem dor de cabeça nenhuma.

- Paulo Soares Loureiro, filho de



Francisco das Chagas Soares e de Ana Amorim Soares, nascido no dia 28 de novembro de 1938, signo de Sagitário, portanto. Segundo os Omar Cardosos da vida, ambicioso, trabalhador, autosuficiente, gastador e ganhador. Procede a informação:

- E casado com a dra. Idalva, ginecologista.

No caso, a sua fornecedora maior. Dessa mistura técnica nasceram Paula e Francisco das Chagas Neto, que, por sinal, estavam perturbando por aqui, ele derrubando meu copo de cerveja. Agradecimentos penhorados, já que depois do evento veio a garrafa de uisque.

Natural de Itaporanga, alto sertão paraibano. Terra dos não menos ilustres Praxedes Pitanga, Soares Madruga e Josinato Procópio Gomes. Os dois primeiros, acreditado, perfeitamente identificados a olho nu. O último - "os últimos serão os primeiros" lembram? - um sertanejo de boa cepa que conseguiu entrar numa profissão não muito coerente com ele - o jornalismo - e chegou ao máximo:

- No que Gonzaga Rodrigues - um dos papas do jornalismo da paróquia - só conseguiu em final de carreira, Josinato começou: no jornalismo oficial. Uma brilhante carreira iniciada, a se considerar sua pouca idade. Já Francisco das Chagas Neto, produto de um itaporanguense, está com o destino vaticinado, segundo o pai:

- É um futuro senador biônico. Levando-se em consideração sua tenra idade, justifica-se a nossa curiosidade. Como?

- No próximo movimento, a vez será dele.

Prá ele uma boa, que não vai precisar do pai - nessas circunstâncias - o trabalho para conseguir os votos que consegue para o irmão deputado, líder do Governo.

- Você é um eleitor de luxo para o seu irmão?

Eu quis me referir à sua condição de médico, detentor de um dos maiores não maior - consultório pediátrico da Província. Ele não concordou:

- Só ser médico não é condição de dono de votos. O que vale é o relacionamento social e amigável que eu tenho.

Prá variar, Paulinho Soares obedeceu à mesma escala geográfica de quem vem do sertão, em busca de melhor ilustração:

- Eu fiz Patos, depois Campina



Grande e encerrei minha carreira artística na Casa do Estudante.

Aí, senti: "vai começar as histórias de misérias anteriores de quem venceu na vida - o caso dele". Aproveito, me prevenindo psicologicamente - para preparar mais uma dose de uisque. Mesmo porque não sei quando vou ter oportunidade de tomar dele outra vez.

- Conte aí suas histórias de miséria.

Não gostou. E reagiu, sertanejamente:

- Miséria nunca passei. Nascido e vivido no interior, modestamente, mas com mesa razoavelmente farta. Melhorada, inclusive, nos dois anos que passei em Campina, na casa de uma tia. O marido dela, já falecido, apesar de campinense, morou muito tempo na Bahia e comia bem.

O que lhe valeu destaque quando chegou à Casa do Estudante:

- Todo mundo queria comer na minha mesa, já que eu não tomava sopa, prato *piece de resistance* do restaurante local - o nosso Cassino da Lagoa obrigatório.

Mas, a justiça tarda mas não falha:

- Dois meses depois, quando o dinheiro acabou, tive que disputar essa mesma sopa intragável, na porrinha. Uma sopa, realmente, apetecível:

- Nós comprávamos lá, sabão em atacado. E para passar para a despensa, passava-se pela cozinha. E num dia desses, na passagem, caiu uma barra de sabão dentro da sopa em evolução. Todo mundo comeu, até que o cozinheiro - Josias - (é outra história), localizou uma concha com a sobabão: metade sopa, metade sabão.

Nesse dia, o Pronto Socorro deu plantão especial. A diarréia do pessoal ocupou todos os médicos e enfermeiras. O dr. Cicero, atual diretor dele, foi uma das vítimas. O dr. Paulo, o entrevistado e atual Secretário de Saúde do Município, a quem o hospital é subordinado, escapou.

- Ainda estava na fase das vacas gordas, sem tomar a sopa.

Mas foi, satisfeito, prestar solidariedade aos colegas internados até a manhã seguinte. (E, paradoxalmente, passaram bem essa noite no hospital). Mesmo porque, pior não poderiam passar.

Sopa e sarna um binômio famigerado na Casa do Estudante. Ambas provam, acima de tudo, a fortaleza do sertanejo - pessoal que detinha a maioria do censo IBGE ano na locali-

Texto de  
ABMAEL MORAIS  
Fotos de  
WERNECK MORENO

dade. E aí não havia plebiscito: invariavelmente eram vítimas das duas.

- Hoje, como pediatra, quando a mãe chega dizendo que o filho não quer tomar a sopa que lhe dão, diagnóstico: não está com fome.

Quanto à sarna, o diagnóstico quem dá é Sevy Falcão - o gordo Sevy - não médico, mas contemporâneo:

- Ela vai conosco ao túmulo.

Testemunho e veredicto dado quando, pilhado por Paulinho na última eleição do Jangada, coçava aquilo que, em linguagem jurídica, seria uma das partes pudendas, mas que, em linguagem de lá, era mesmo: a bunda.

- É a velha coruba da Casa, né?

Ele mesmo, o nosso brilhante violonista Sevy, personagem de um episódio marcante em torno do assunto, lá mesmo na Casa. Contado por Paulinho e eu escrevendo sic:

- A gente voltando da Faculdade. Maciel, uma das invariáveis vítimas da sarna (coruba para nós) havia queimado sua rede e comprado uma nova na praça Pedro Américo. Quando chegamos, estava Sevy, embriagado, nu, com a sua alentada bunda prá cima, toda chagueada pela coruba, deitado em lua de mel com a rede nova de Maciel.

Prá se fazer o comparativo das partes glúteas de Sevy foi usada uma almofada onde Paulinho estava sentado. E, mulheres presentes, a gente se lembrou:

- Número 1 - excesso. Número 2 - escassez.

Mas, há que se registrar, historicamente, o acontecido:

- Maciel, possesso, derrubou rede e Sevy juntos. Ele, tenente novo da Polícia, é invadido em seus direitos reitorais.

E a reação lógica - "a cada ação, uma reação - do indormido e ainda não irressacado Sevy, já de vassoura na mão, defendendo os seus direitos:

- Bote o bibico e o bonê que eu quero dar em você fardado.

Não foi preso por agressão à autoridade, por interferência das "outras".

Reminiscências e mais reminiscências. A casa do Estudante em primeiro lugar e dentro dela a indefectível coruba. Curada, segundo ele, mas validada a tese de Sevy, já que uma sintomática coceira na perna denuncia o nosso entrevistado.

- E ainda a coruba, Paulinho?

Ele ri, descontraído, mas não confirma:

- Não. Essa foi curada por uma receita mágica.

E vejam a polivalência da turma da Casa. Quem deu a fórmula - a uma turma, por maioria, quase toda médica, foi um barbeiro:

- Ele raspava um bastão de enxofre, misturava com vaselina e colocava mais umas colheres de chá de glosora, complementando com umas gotas de Royal Briar. Prá você ver o perfume que ficava. A gente ia prá Tambaú, onde ficava das sete da manhã às sete da noite.

O resultado dessa mistura aparecia, humildantemente, na Faculdade:

- A gente no microscópio, lâmpada de 100 velas nas pernas. Imagine aí, três bancos com cinco lâmpadas, a derreter o enxofre e exalar aquele privilegiado odor, num ambiente fechado e com o ventilador a espalhar, equitativamente.

Até chegar à coerente conclusão de um modesto bedel:

- Todo pobre fede a peixe, mas a turma da Casa do Estudante fede mesmo é a cão.

Lar, doce lar. Casa, doce casa. De nunca ser esquecida, nem relegada. Com depoimentos concretos:

- De ter nego que, depois de formado, continuava lá. E um até que, mesmo casado, passou dois anos na Casa, enquanto a mulher ficava na casa da sogra. Mesmo com todas as dificuldades.

Dificuldades normais mas que, em certo episódio, foram agravadas e complicadas por Jânio Quadros. Como conta Paulinho:

- Jânio, presidente, esteve aqui e nós conseguimos chegar a ele. Fizemos uma série de reivindicações e ele acatou todas, com um assessor anotando tudo. Com o restinho de dinheiro que a gente tinha mandamos pintar a Casa e restaurar um banheiro. Jânio renunciou na outra semana e os fornecedores não quiseram acreditar que não existia dinheiro para lhes pagar. A Casa fechou, por absoluta falta de credibilidade, principalmente diante da ostentação.

Da sopa no pão, café na lata de leite condensado, feijão com arroz e um bifezinho de quando em vez, Paulo Soares Loureiro subiu e venceu na vida. Hoje, sem contestação, detentor do mais movimentado consultório pediátrico da cidade. E, de quebra, o pediatra predileto da classe jornalística:

- Fiz uma jura comigo mesmo: do pessoal de Itaporanga é de jornalista eu não cobro.

Os primeiros por uma questão de origem. Os segundos, nós, porque ele já passou pela profissão, já que foi revisor e foca no Correio da Paraíba. E depois porque, mesmo cobrando, ninguém ia pagar.

E, a propósito, faz um registro histórico, a nível de imprensa:

- Morei muitos anos na API.

Pois é: a vetusta API servindo de pousada para intrépidos sertanejos - lá também moraram Gonzaga Rodrigues, Soares Madruga, João da Luz e Walfredo Marques, dentre outros menos votados. E, outro registro: na frente, o Foto Clube da Paraíba, de Damásio Franca. Quem diria, né?

(Mas, aqui prá nós, depoimento pessoal: em troca dessa curriola sou mais o Biu's Bar de hoje).

Voltando ao brilhante dr. Paulo Soares Loureiro, homem grato:

- Para chegar ao que eu cheguei, devo muito a uma pessoa que me é muito grata: dr. João Medeiros. Graças a ele, fui obsequiado com uma bolsa CAPES - que, na época servia até para curriculum, e que me proporcionou a oportunidade da especialização. No Rio e em Ribeirão Preto tive oportunidade de chegar até onde estou, através de uma especialização, já que a gente, naquele tempo, saía da Faculdade como médico generalista, enquanto hoje, a partir do quarto ano, todo mundo já procura abraçar o que quer.

E o eleitor de luxo de Soares Madruga:

- Madruguinha é o político da família. Tem a vocação e o saco. Eu até que poderia ter abraçado essa profissão, mas só aguentar sempre aquelas mesmas conversas e ter paciência prá tanto, não é comigo.

Não nega, porém, que ajuda o irmão na arrecadação de votos:

- Mas nem só como médico. Muito mais com o meu relacionamento social.

Estoque de cerveja abatido e mais de meio litro de uisque depois, era hora de terminar. Mesmo porque faltou gelo e ele ainda tinha consultório. Fim de papo, portanto.

# A LUTA PARA IMPEDIR QUE A ACIDEZ DEVORE OS LIVROS

Richard Severo

The New York Times

FRANKLIN Delano Roosevelt estava errado quando afirmou que "as pessoas morrem mas os livros são eternos". Entre um terço e metade dos livros da Biblioteca Pública de Nova Iorque agora mesmo estão morrendo.

O destino destes livros não é de forma alguma único. A morte, sob a forma de um processo químico que produz acidez, e transforma o papel em pó, também ameaça centenas de milhões de livros, diários, manuscritos e cartas na Biblioteca de Harvard, na Biblioteca de Paris, na Biblioteca do Congresso — praticamente em todas as bibliotecas do mundo.

Este ano a Biblioteca Pública de Nova Iorque deverá gastar US 1,2 milhões em seu programa de conservação de livros. Atualmente está envolvida num programa para levantar fundos e planeja empregar uma parte considerável dos recursos que conseguiu obter para prolongar a vida de seus volumes.

Outras bibliotecas, com grandes dificuldades em obter recursos, também estão tentando descobrir e melhor forma de acelerar seus programas para a conservação dos livros.

O processo de "desacidificação" frequentemente é caro e demorado, mas sua tecnologia está mudando constantemente e há sinais de que está se tornando cada vez mais barato e rápido.

O problema da mortalidade dos livros realmente não é um problema de velhice — pelo menos não é se for comparado com o que antes era considerado o período de vida útil de um livro. As BÍBLIAS de Gutemberg, uma das quais é do propriedade da Biblioteca Pública de Nova Iorque, foram impressas no século XV e permanecem em condições surpreendentemente boas, como acontece com muitos livros produzidos durante o Renascimento e o Iluminismo.

Mas estes livros foram impressos em papel feito com trapos do linho e de algodão. Os fabricantes de papel de antigamente não sabiam disto mas o papel foi feito desta forma tem um teor de acidez (PH) neutro — acidez zero — e frequentemente também contém carbonato de cálcio, um componente que serve para evitar ou reduzir a criação de acidez durante muito tempo.

Mas há muita acidez nas vidas dos livros foram impressos no século XIX, quando a maior alfabetização aumentou a demanda dos livros e assim se tornou

impossível empregar apenas o papel totalmente derivado dos trapos. Os editores e impressores mudaram seus antigos sistemas e se voltaram para a madeira, e o papel feito por este processo não está suportando o tempo tão bem quando o feito de trapos.

Roberto DeCandido, que dirige o Departamento de Tratamento Físico da Divisão de Conservação da Biblioteca Pública de Nova Iorque, afirma que os livros modernos, especialmente os produzidos depois de 1850, contêm em si a semente de sua própria destruição desde o momento de sua criação.

A maior parte do papel derivado da madeira e empregado para a fabricação de livros no último século era altamente ácido quando foi fabricado. Assim, até mesmo enquanto esperavam para serem comprados, a celulose em suas páginas já havia começado a sofrer a hidrólise ácida, que destrói as ligações que dão à celulose sua força. DeCandido assegura que até mesmo livros recém saídos das editoras tem este problema da produção de acidez.

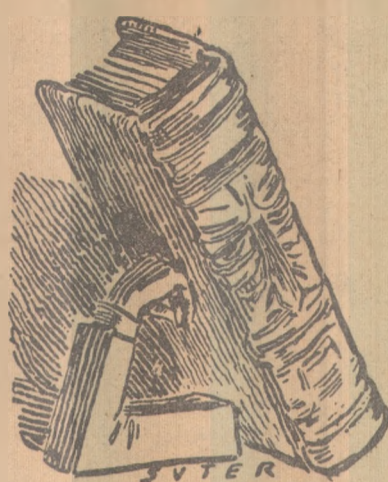
"A tecnologia atual é mais sofisticada", declara DeCandido, "mas os velhos problemas do século XIX continuam presentes".

Aparentemente a acidez resulta do emprego de um preparado feito à base de sulfato de alumínio, empregado para reduzir a absorvência do papel e diminuir a possibilidade de borrar sua impressão. Mas quando este papel é exposto à umidade, o sulfato de alumínio começa a criar íons de sulfato e hidrônio, que consistem de uma molécula de água e um íon de hidrogênio. Eventualmente isto leva à formação de ácidos que "comem" o papel. Oxídulos sulfurosos e de nitrogênio que existem no ar poluído também reagem com a umidade ou com a própria fibra e se tornam ácidos. Assim, com o passar do tempo, o papel se torna quebradiço e se desintegra quando é tocado.

## Vida menor

O papel empregado em jornais, muitas revistas e livros não encadernados tem até mesmo um menor período de vida do que o usado nos livros encadernados. Este papel é feito com madeira moída e fibras não clareadas.

O Dr Richard Smith, engenheiro e conferencista da Escola de Biblioteconomia da Universidade de Chicago, recentemente escreveu um artigo publicado na revista *Chemtech*, no qual afirma que este tipo de papel "é notavelmente imperma-



nente, a menos que seja mantido em lugar fresco, seco e longe do oxigênio e da luz". Este papel fabricado com madeira moída possui muita lignina, um dos componentes primários da madeira. Smith explica que quando a lignina se oxida, através do contato com o oxigênio, o processo modifica a forma pela qual reflete a luz, e o resultado é o descolorimento do papel. E esta oxidação também produz os ácidos que atacam as fibras do papel.

Contudo, Smith observa que a qualidade dos livros não encadernados vem melhorando à medida que a indústria se vai expandindo, e afirma que está cansado de ouvir dizer que de alguma forma a indústria do papel é a culpada por produzir um papel inadequado.

## A defesa do papel moderno

"O papel feito hoje em dia", assegura Richard Smith, "é um produto maravilhoso, adequado a mais de 99% de seus usos. Mas para os que querem guardá-lo durante muito tempo, ele simplesmente não serve." Uma vez que a desintegração dos livros num período de várias décadas é em grande parte um problema para as bibliotecas, Smith acha que as bibliotecas e não todos os compradores de livros é que devem pagar o preço pela desacidificação.

"As bibliotecas não estão enfrentando a responsabilidade de proteger suas coleções", afirma Smith.

Na forma mais comum de desacidificação à base de água, um livro ou qualquer outro documento é tratado depois de ser desmontado e imerso, folha por folha, em soluções de bicarbonato de magnésio ou de bicarbonato de cálcio e depois de seco é remontado.

Outro método comum é o emprego de hidróxido de cálcio e depois de bicarbonato de cálcio. Estas soluções neutralizam a acidez e seus resíduos agem como uma defesa contra os novos ácidos formados pela interação com poluentes na atmosfera e o envelhecimento normal do papel.

DeCandido conta que acaba de receber um orçamento feito por um restaurador de livros que empregaria um método à base de água para desacidificar alguns mapas antigos — o preço seria de seis e 10 dólares por folha. Neste preço também estava incluída a plastificação dos mapas. Porém um livro desacidificado por este processo poderia custar vários milhares de dólares à biblioteca.

Mas existem métodos muito mais baratos. Há, por exemplo, um sistema no qual cada página de um livro pode ser escovada ou borrifada com uma solução alcoólica para limpeza a seco e cujo agente neutralizador é quimicamente parecido com o leite de magnésia.

O Dr Richard Smith, presidente de uma empresa fabricante de produtos químicos e equipamentos chamada Wei Wei To Associates, afirma que já desenvolveu um método de "desacidificação em massa" que permite a neutralização da acidez dos livros através do emprego de uma solução com gás de refrigeração, destinada a facilitar sua secagem. Este processo, informa Smith, será empregado em breve pelos Arquivos Públicos do Canadá e seu custo, quando empregado ao mesmo tempo em muitos livros, será de três a cinco dólares por volume.

## Reduzindo os custos iniciais

Robert Parliament, bibliotecário encarregado da conservação dos livros da biblioteca da Universidade de Princeton, observa que o custo inicial para a montagem do equipamento do Dr Smith seria muito alto e espera desenvolver um sistema que tenha custo inicial menor e capaz de desacidificar livros a custo unitário entre dez e doze dólares.

Também há uma técnica que emprega gases, desenvolvida atualmente pelos especialistas da Biblioteca do Congresso dos Estados Unidos, entre outros, e na qual os livros são colocados numa câmara que não contém umidade e depois expostos a vapores de zinco diethyl, um neutralizador de ácidos.

Se for possível aperfeiçoar este processo, provavelmente será muito mais barato

do que qualquer outro método. Mas nele existem alguns efeitos colaterais indesejados: o tratamento parece deixar o papel mais sensível à degradação se for exposto a raios ultravioletas semelhantes aos encontrados na luz do sol.

Além do mais, não é fácil trabalhar com zinco diethyl: ele pega fogo facilmente em contato com o ar e explode quando colocado em contato com a água.

Nisto tudo o problema central enfrentado pelos bibliotecários é o que salvar, uma vez que ainda não está disponível a tecnologia que lhes permitirá salvar todos os livros.

## Escritores menores

DeCandido, que adota a posição de salvar tudo o que for possível, não se preocupa tanto com as obras dos grandes escritores quanto com as dos escritores menores, cujas contribuições estão, em sua maior parte, em revistas e jornais. DeCandido acha que as obras de Whitman, Dickens, Faulkner, Fitzgerald, Tolstói e outros escritores desta estatura não correm o risco de desaparecer.

Mas a Biblioteca Pública de Nova Iorque está cheia de livros e papéis que podem ser os únicos exemplares existentes, e DeCandido assegura que a biblioteca não pode tolerar sua destruição.

Naturalmente, os microfílmicos poderiam servir para preservar estes textos, mas seu uso é mais complicado do que o de um livro e não tão agradável.

Recentemente, a Biblioteca Pública de Nova Iorque descobriu que possuía dois volumes em deterioração do *The Brownies Book*, revista publicada durante um curto período de tempo na década de vinte e destinada a crianças negras. Era editada por W. E. B. DuBois e contém contribuições de autoria de Langston Hughes e James Weldon Johnson, poemas e contos que aparentemente nunca foram publicados em outro lugar. DeCandido afirma que só duas outras bibliotecas dos Estados Unidos possuem coleções do *The Brownies Book*, e mesmo assim uma destas coleções está incompleta.

"Todo este pequeno setor da vida norte-americana, que considero importante e interessa a muita gente, poderia ter desaparecido", assegura DeCandido. A solução encontrada foi microfilmá-la e desacidificar a coleção, que permanece na biblioteca, protegida por plástico.

# PATAGÔNIA PARAÍSO DOS BIOLOGISTAS MODERNOS

Edward Schumacher

The New York Times

Patagônia é uma terra áspera e primitiva. Estendendo-se através da maior parte da metade Sul da Argentina, seus planaltos secos e irregulares distribuem-se monotonamente, quilômetro após quilômetro, numa extensão de terra pardacenta coberta por salpicos de vegetação rala. Um vento incessante sopra — amídego ruge — na maior parte do ano. No seu limite oriental, o deserto se interrompe abruptamente na franja do Atlântico Sul, formando uma série de penhascos e praias de cascalho.

Os gliptodontes, mamíferos de 2,70m de comprimento, com a pele como uma couraça, reinaram ali outrora, junto com preguiças gigantes e torohachus, aves predatórias de 1,50m de comprimento. Quando Charles Darwin esteve nessa península, em 1839, ficou surpreso com a vida selvagem exótica e prolífica que ali se processava e evoluiu. Hoje em dia, os guanacos, primos distantes do camelo, erram pelo deserto. Criaturas como a ema, uma grande ave semelhante a um avestruz e a marabú, semelhante a um coelho cruzado com um rato, correm em meio à vegetação. Na orla marítima, "gigantescas focas-elefantes e leões-marinhos arrastam-se vindos da água em seus rituais de reprodução. Na própria água do mar, rica em elementos nutritivos de modo incomum, golfinhos e baleias deslizam vagarosamente nas enseadas profundas da península de Valdés, cumprindo seus próprios rituais.

Os caçadores outrora trucidavam muitos dos animais ali existentes, mas nos últimos 15 anos a península de Valdés converteu-se numa reserva bem protegida de mais de 1 mil 300 milhas quadradas (2.080 km). Algumas espécies ameaçadas, como os pingüins e as baleias, se recomparam impressionantemente para formar um laboratório ecológico impar. Sua localização apartada tem propiciado os meios necessários de preservação enquanto que sua facilidade de acesso — não existem florestas cerradas, infestadas de pragas, nem ilhas distantes inabitáveis — tem provocado uma corrida à pesquisa do comportamento de muitas das espécies ali encontradas e do relacionamento ecológico entre elas.

"Valdés é uma imagem do paraíso para os biólogos", disse Roger Payne, que durante 12 anos tem trabalhado ali como diretor técnico do New York Zoological Society Whale Fund. "Ela é a Planície Serengeti do mundo marinho, e possui um conjunto completamente bizarro de animais terrestres, típico unicamente da América do Sul. Não se pode caminhar em qualquer direção, sem deixar de perceber problemas interessantes a serem estudados em anos vindouros."

A Sociedade Zoológica de Nova Iorque e seu diretor, William G. Conway, um ornitologista cujo grande interesse pela

região é tanto que estava agora em férias na Patagônia, iniciou grande parte das pesquisas ali no começo da década de 60. Uma equipe de cientistas norte-americanos o acompanhou. Agora o envolvimento da Argentina no assunto está aumentando e pesquisadores argentinos, em alguns casos, estão-se igualando em número.

Em Punta Norte, um cume ao norte da península, Juan Carlos Lopez tem-se revelado um dos principais especialistas mundiais em focas-elefantes e baleias assassinas que são, na realidade, membros do ramo dos golfinhos da família da baleia.

Usando a aparelhagem que lhe foi fornecida há sete anos pela Sociedade Zoológica de Nova Iorque, Lopez tem fotografado e registrado pacientemente as atividades das duas espécies mencionadas, desfrutando de uma vantagem insuperável para sua pesquisa da vida animal: sua casa localizada no parque florestal. Punta Norte é o centro de mais de 13 mil elefantes-marinhos que vêm ter às praias da península de Valdés anualmente.

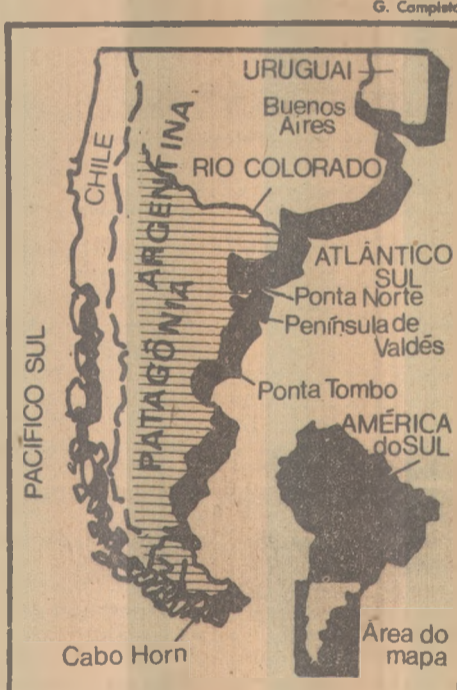
Haréns de mais de 20 fêmeas rodeiam um volumoso *sulhão* macho que mede até 6 metros de comprimento e pesa quatro toneladas. Eles se refestelam ao sol com a sua jovem prole, em grupos distanciados em cerca de 100 metros de uma ponta a outra da praia. Machos menores, mais novos, com cerca de quatro ou cinco anos, passam ao largo ou tentam insinuar-se nas praias para seduzir uma das fêmeas.

Focas-elefantes podem ser encontradas nas praias o ano todo, mas a procriação em sua maior parte ocorre entre os meses de agosto e outubro. As fêmeas grávidas rastejam na praia na companhia de seus machos protetores. Elas dão à luz seus filhotes, de uns 46 quilos, dentro de uma semana. Quinze dias depois, na presença de seus bebês que guincham e se assustam, elas copulam na praia com o *sulhão*, embora algumas se mostrem tímidas. No mês seguinte, as fêmeas permanecem em terra sem comer, amamentando os filhotes.

Após um mês de aleitamento, os filhotes começam a se aventurar na água, testando os limites de sua segurança sob o olhar vigilante de suas mães e do *sulhão*, mesmo que este provavelmente não seja o pai. A sociedade das focas-elefantes dissolve-se após cada estação de aleitamento e primeiros passos dos filhotes e novos grupos são formados com a chegada da próxima estação.

Leões-marinhos sul-americanos, magnificamente proporcionados, com cerca de um quarto do tamanho das focas-elefantes, vivem-se em Punta Norte. Suas colônias principais localizam-se em saliências rochosas e outras partes da península, embora Lopez tenha fotografado o nascimento de um raro leão-marinho branco, talvez a única fotografia existente desse tipo.

O perigo maior para as focas-elefantes



e os leões-marinhos pode ocorrer enquanto se acham na praia. Num exercício de caça extraordinário, as baleias assassinas — também chamadas orcas — com todas as suas toneladas de peso, vêm até a praia numa onda durante a maré alta e abocanharam um dos filhotes. (Em troca, os leões-marinhos também se reúnem bastante longe da água para sua segurança, e zombam das orcas quando avistam a perigosa barbatana dorsal cruzando ao largo.)

As baleias caçam em grupos, possivelmente famílias. Quando uma ataca a praia, as restantes se mantêm na água, próximas, para participar do festim mais tarde. Quando a orca retorna ao mar, muitas vezes ela arroja sua presa no ar a uma altura de seis metros com sua poderosa cauda. Esse impacto evidentemente atordoa a presa. As vezes, o grupo de baleias atira para cá e para lá o indefeso filhote de foca, tal como os gatos fazem com um camundongo.

A África do Sul é o outro único lugar conhecido do mundo onde as orcas caçam mamíferos junto da praia, mas as poucas observações a respeito são feitas na península de Valdés. Lopez disse ter presenciado o ritual da morte das vítimas da orca mais de 100 vezes somente no ano passado. Ele está completando agora um estudo importante sobre os hábitos de caça das orcas e a transmissão desses mesmos hábitos aos seus descendentes.

Lopez lamenta o uso da expressão 77 baleias assassinas88 e as lendas que têm surgido em torno disso. A orca é maior e tem dentes maiores do que outros golfinhos. Em três ocasiões em anos recentes, nessa península, uma orca chegou a dar um bote num homem descuidado que andava perto do mar, numa das praias, evidentemente confundindo o homem com um

mamífero marinho. Os três homens conseguiram saltar evitando o perigo. As orcas não atacam pessoas na água. Lopez disse que elas matam unicamente para comer, sendo ainda sua principal dieta os peixes. E elas são o limite derradeiro da natureza na cadeia da alimentação marinha. Nenhum animal come orca. O valor de uma orca é desconhecido, mas Lopez disse que caçadores de baleias soviéticos, japoneses e brasileiros as matam no Antártico por causa de fino óleo muito apreciado e usado para instrumentos de precisão. "Os homens é que são os assassinos", diz Lopez, "não as orcas".

Próximo da praia, no "campo de baleias" da Sociedade Zoológica de Nova Iorque, Guillermo Harris, um jovem ornitologista anglo-argentino e sua mulher estão trabalhando na elaboração de um guia prático sobre aves e pássaros da Patagônia.

Entre os muitos pássaros que eles estão estudando acham-se os da espécie tinamou (perdizes, codornas, etc.), em especial o tinamou de crista, cujo macho, numa rara inversão de papéis, choca todos os ovos sozinho. Os tinamou empenachados são como papa-moscas, tão pequenos e ligeiros como os colibris. Pavoninos de 30 centímetros de comprimento lutam com esporões nas asas. As emas vistas por Darwin, aves semelhantes a avestruzes, eram outrora caçadas pelos gaúchos que usavam boleadeiras — cordas com esferas de metal nas pontas — que se enrolavam em volta das longas pernas das aves, imobilizando-as.

Quase todas as aves da região se camuflam com a cor castanha dos arbustos, mas talvez nenhuma seja mais esperta no uso dessa camuflagem do que o morinelo de pescoço castanho-amarelado, que frequentemente deixa seu ninho e ovos desprotegidos, mas quase invisíveis entre os cascalhos do solo do deserto.

As aves marinhas são particularmente abundantes na região. A Ilha dos Pássaros onde proliferam muitas espécies de corvos-marinhos, gaivotas, maçaricos, ostraceiros, e outros pássaros, está separada como um refúgio específico distante da praia.

A cerca de 150 milhas da costa da Patagônia, Punta Tombo é o lar para mais de 1 milhão de pingüins, uma das maiores colônias continentais de pingüins do mundo. Ali, outros naturalistas argentinos têm estudado pacientemente seus hábitos de aninhamento quando os tatus correm entre os pingüins e mais de 50 pares de gaivotas-dolphins, normalmente agressivas umas com as outras, inexplicavelmente deixam-se espremer nesses ninhos que mal medem quatro metros e meio por nove.

O animal mais amplamente pesquisado aqui é a baleia "certa", assim chamada porque seu tamanho e flutuabilidade após a morte faz dela a baleia "certa" para os baleeiros matarem. Cerca de um terço das 1 mil 500 baleias desse tipo do Hemisfério

Sul foram observadas pelo Sr Payne como tendo passado por ali na última década. A baleia "certa" do Sul é uma cópia da sua congênera do Hemisfério Norte e que se concentra na baía de Fundy. Aonde as baleias do Sul vão quando deixam a península é algo indefinido, mas já tendo identificado mais de 600 baleias por suas marcas características, Payne está constatando um comportamento surpreendente segundo o qual as mesmas fêmeas retornam ali a cada três anos para dar cria. Os golfinhos escuros também brincam e se alimentam nas enseadas o ano todo, sendo seus saltos diferentes uma forma aparente de comunicação, segundo a pesquisa efetuada por Bernd Wuersig, biólogo californiano. Os golfinhos, como as baleias, são atraídos por peixes, crustáceos e outras formas vivas que por seu turno dependem, em última análise, dos nutrientes ricos das correntes marinhas do Antártico que avançam na direção do Norte.

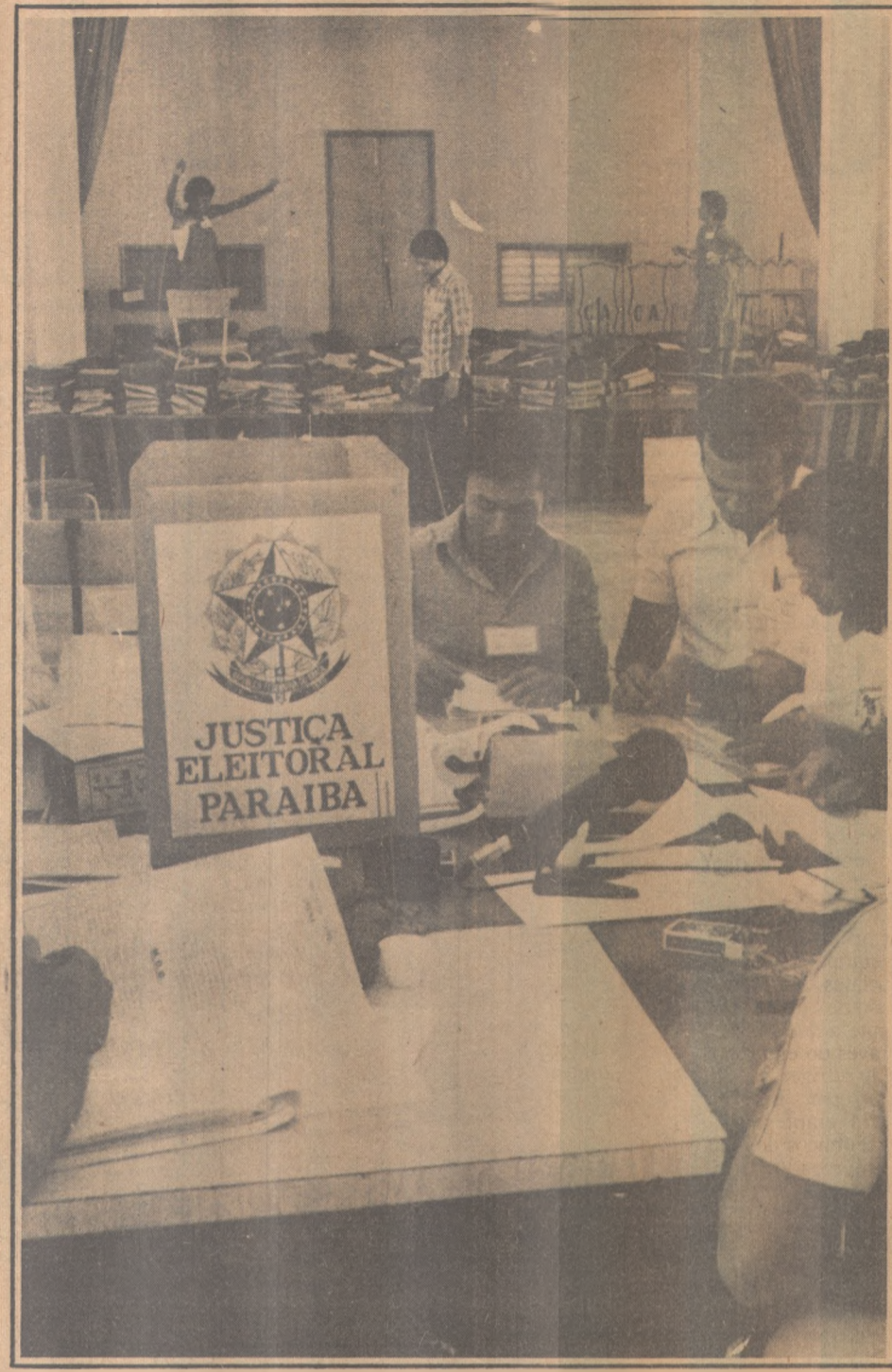
Stan Waterman, um fotógrafo de paisagens submarinas e que esteve recentemente filmando as baleias na Península de Valdés, maravilhou-se com o que viu em seu primeiro dia de mergulho. "Existe aqui uma diversidade de vida marinha tão concentrada que quase não tem igual, exceto talvez nas ilhas Galápagos", declarou ele.

Na terra, os animais têm adaptado sua vida a um regime de pouca água e vento incessante. Os marabús, ou galinhas da Patagônia, ao que se sabe, raramente bebem água. Elas mastigam a vegetação ressecada da região, que contém alguma umidade interna. Os guanacos às vezes se reúnem com as emas e outros animais em pequenos poços.

Os guanacos outrora vagueavam em bandos ao longo de grande parte da região sulina da América do Sul. Hoje, só restam cerca de 150 mil, incluindo-se as preservadas na península de Valdés. São animais da reserva territorial. Os machos lutam com frequência, entrecrocando seu peito uns contra os outros.

O decréscimo dos guanacos por causa dos caçadores que vão atrás da lá abundante dos filhotes acentua o perigo que o homem tem representado para a Patagônia. Cientistas e naturalistas argentinos dividem-se entre os que estão ao lado da Fundação Argentina da Vida Animal, que enfatiza a preservação das espécies para pesquisas, e aqueles que se alinham com o Centro Nacional Patagônico, que enfatiza a administração de recursos naturais para exploração.

Uma ameaça humana imediata surgiu inesperadamente, porém, de outro setor. Um número crescente de turistas tem invadido a península, esperando ver e entreter-se com as focas-elefantes, passar de lancha entre as baleias e talvez até alvejar guanaco. O clamor que cresce agora é em prol de uma proteção maior, antes que os mistérios da Patagônia desapareçam.



**O Tribunal Superior Eleitoral baixou sexta-feira passada a Resolução nº 11.321, que estabelece o calendário para as próximas eleições, destinado a orientar juizes, dirigentes partidários e eleitores sobre providências diversas ligadas ao pleito e o início ou o término de prazos. Elaborado com base nas disposições da Lei nº 4.737/65, abrange o calendário o período de 6 de agosto de 1982 a 15 de março de 1983.**

**As instruções para as eleições ainda não foram baixadas porque, segundo o presidente do Tribunal, ministro Moreira Alves, projetos em andamento no Congresso, cuja conversão em lei está sendo esperada, poderiam prejudicar o que se fizer agora, sendo, portanto, conveniente esperar um pouco mais.**



feira às 12 horas: Encerramento do prazo para a comunicação, pelo juiz, do número de eleitores que votaram (data em que deverão ser remetidas para as Capitais dos Estados as urnas utilizadas no Distrito Federal).

17 de novembro de 1982 - Quarta-feira às 17 horas: Término do período da validade do salvo-conduto expedido pelo juiz eleitoral ou presidente da mesa receptora; encerramento do prazo dentro do qual nenhum eleitor poderá ser preso ou detido, salvo em flagrante delito ou em virtude de sentença criminal condenatória por crime inafiançável, ou, ainda, por desrespeito a salvo-conduto.

18 de novembro de 1982 - Quinta-feira: Encerramento do prazo para o mesário que abandonar os trabalhos durante a eleição requerer justificativa.

25 de novembro de 1982 - Quinta-feira: Encerramento do prazo para conclusão dos trabalhos de apuração nas juntas eleitorais.

26 de novembro de 1982 - Sexta-feira: Encerramento do prazo de remessa pela junta apuradora, ao Tribunal Regional Eleitoral, dos documentos referentes à apuração das eleições para governador, senador, deputado Federal e deputado estadual.

30 de novembro de 1982 - Terça-feira: Encerramento do prazo para o presidente do Tribunal marcar a data da eleição se deixarem de se reunir todas as seções de um município; Encerramento do prazo máximo para terminar a apuração nas juntas, desde que solicitados mais 5 dias de prorrogação.

## DEZEMBRO

1º de dezembro de 1982 - Quarta-feira: Encerramento do prazo para remessa ao Tribunal Regional Eleitoral dos documentos referentes à apuração das eleições para governador, senador, deputado federal e deputado estadual, pela junta apuradora que obteve prorrogação de 5 dias para terminar a apuração.

10 de dezembro de 1982 - Sexta-feira: Data em que o Tribunal Regional Eleitoral determinará ao corregedor, ou ao juiz mais próximo, que apreenda os documentos da apuração da junta que ainda não os tenha enviado.

15 de dezembro de 1982 - Quarta-feira: Término do prazo para o mesário faltoso requerer justificativa; prazo máximo para realização das eleições quando não se reunirem todas as seções de um município; Encerramento do prazo para o comitê partidário enviar sua prestação de contas ao comitê interpartidário de inspeção; Encerramento do prazo para pagamento do aluguel de veículos e embarcações; Encerramento do prazo para os Tribunais Regionais Eleitorais terminarem a apuração.

30 de dezembro de 1982 - Quinta-feira: Prazo máximo para o Tribunal Regional Eleitoral que pediu prorrogação, terminar a apuração.

## JANEIRO

4 de janeiro de 1983 - Terça-feira: Prazo máximo para a renovação de eleições, quando, nas eleições municipais, o número de votos nulos atingir mais da metade da votação, nos municípios em que a apuração foi realizada no prazo de 10 dias.

9 de janeiro de 1983 - Domingo: Prazo máximo para a renovação de eleições, quando, nas eleições municipais, o número de votos nulos atingir mais da metade da votação, nos municípios em que a apuração foi realizada no prazo de 15 dias.

14 de janeiro de 1983 - Sexta-feira: Prazo máximo para a realização de eleições suplementares nos Estados em que o Tribunal Regional Eleitoral apurou a eleição em 30 dias (desde que não tenha havido recurso contra a anulação das seções); Encerramento do prazo para o comitê interpartidário de inspeção apresentar o seu relatório ao juiz eleitoral; Encerramento do prazo para o eleitor faltoso requerer justificativa.

24 de janeiro de 1983 - Segunda-feira: Prazo máximo para a renovação de eleições quando o número de votos nulos atingir a mais da metade da votação (nos Estados em que o Tribunal Regional Eleitoral terminou a apuração no prazo de 30 dias).

29 de janeiro de 1983 - Sábado: Prazo máximo para a realização de eleições suplementares nos Estados em que o Tribunal Regional Eleitoral apurou a eleição em 45 dias (desde que não tenha havido recurso contra a anulação das seções).

## FEVEREIRO

8 de fevereiro de 1983 - Terça-feira: Prazo máximo para a renovação de eleições quando o número de votos nulos atingir a mais da metade da votação (nos Estados em que o Tribunal Regional Eleitoral terminou a apuração no prazo de 45 dias).

13 de fevereiro de 1983 - Domingo: Reabertura do prazo para que o eleitor residente em Brasília requiera a requisição de sua folha individual de votação.

## MARÇO

15 de março de 1983 - Terça-feira: Encerramento do prazo dentro do qual são vedados e considerados nulos os atos que importem em nomear, contratar, designar, readaptar funcionário ou proceder a quaisquer outras formas de provimento no quadro da Administração direta e das autarquias, empresas públicas e sociedades de economia mista dos Estados e Municípios.

# O CALENDÁRIO ELEITORAL

## AGOSTO

6 de agosto de 1982 - Sexta-feira: 1 - Encerramento do prazo de alistamento; 2 - Encerramento do prazo para recebimento de pedido de transferência; 3 - Encerramento do prazo para o eleitor que mudou de residência dentro do município, pedir a alteração no seu título.

7 de agosto de 1982 - Sábado: Encerramento do prazo para a realização de convenções regionais e municipais destinadas à escolha dos candidatos à governador, vice-governador, senador e respectivos suplentes, deputado federal, deputado estadual, prefeito, vice-prefeito e vereador.

15 de agosto de 1982 - Domingo: 1 - Data a partir da qual, independentemente do critério de prioridade, os serviços telefônicos oficiais, ou concedidos, farão instalar, na sede dos diretórios devidamente registrados, telefones necessários, mediante requerimento do respectivo presidente e pagamento das taxas devidas; 2 - Data a partir da qual os partidos podem fazer funcionar, das 14 às 22 horas, altofalantes ou amplificadores de voz, nas suas sedes ou em veículos.

17 de agosto de 1982 - Terça-feira: 1 - Encerramento do prazo, às 18 horas, para pedido de registro de candidatos a governador, vice-governador, senador e respectivos suplentes, deputado federal, deputado estadual, prefeito, vice-prefeito e vereador; 2 - Data a partir da qual são vedados e considerados nulos os atos que importem em nomear, contratar, designar, readaptar funcionário ou proceder a quaisquer outras formas de provimento no quadro da administração direta e das autarquias, empresas públicas e sociedades de economia mista dos Estados, e Municípios. (A partir desta data os cartórios eleitorais e as Secretarias dos Tribunais Regionais Eleitorais permanecem abertos aos sábados, domingos e feriados, com pessoal de plantão).

## SETEMBRO

6 de setembro de 1982 - Segunda-feira: 1 - Data em que todos os pedidos de registro de candidatos a prefeito, vice-prefeito e vereador, inclusive os impugnados, devem estar julgados pelo juiz eleitoral e publicadas as respectivas sentenças; 2 - Data em que todos os pedidos de registro de candidatos a governador, vice-governador, senador e respectivos suplentes, deputado federal e deputado estadual, inclusive os impugnados, devem estar julgados pelo TRE e publicados os respectivos acórdãos; 3 - Encerramento do prazo para publicação no órgão oficial do Estado dos nomes das pessoas indicadas para compor as juntas eleitorais; 4 - Encerramento do prazo em que os títulos dos que requereram inscrição ou transferência devem estar prontos.

7 de setembro de 1982 - Terça-feira: 1 - Data em que, às 14 horas, em audiência pública, será encerrada a



inscrição de eleitores, em cada Zona, e proclamado o número de inscritos até às 18 horas do dia anterior. Publicação de edital, com indicação do nome do último eleitor inscrito e número do respectivo título. Fornecimento de cópia autêntica aos diretórios municipais dos partidos, com idêntica comunicação ao Tribunal Regional Eleitoral; 2 - Data em que será encerrada a transferência de eleitores, devendo constar do telegrama do juiz eleitoral ao Tribunal Regional Eleitoral, do edital, da cópia deste fornecida aos diretórios municipais dos partidos e da publicação na imprensa, os nomes dos dez últimos eleitores, cujos processos de transferência estejam definitivamente ultimados, e o número dos respectivos títulos eleitorais.

11 de setembro de 1982 - Sábado: Encerramento do prazo para a publicação de edital de convocação para a audiência pública de nomeação dos mesários.

14 de setembro de 1982 - Terça-feira: Data a partir da qual as estações de rádio e de televisão farão propaganda eleitoral gratuita.

16 de setembro de 1982 - Quinta-feira: 1 - Data da nomeação dos membros das juntas eleitorais; 2 - Encerramento do prazo para o eleitor requerer 2ª via do título de eleitor fora da Zona de residência; 3 - Data da nomeação, pelo juiz eleitoral, em audiência pública, dos membros das mesas receptoras; 4 - Data em que deverão ser designados os locais de votação; 5 - Data a partir da qual é assegurada prioridade postal aos partidos para a remessa de propaganda de seus candidatos registrados.

18 de setembro de 1982 - Sábado: Encerramento do prazo para os partidos reclamarem da nomeação de membros da mesa receptora.

21 de setembro de 1982 - Terça-feira: Encerramento do prazo para os membros das mesas receptoras recusarem a nomeação.

26 de setembro de 1982 - Domingo: Encerramento do prazo para que os responsáveis por todas as repartições, órgãos e unidades do serviço público oficiem ao juiz eleitoral, informando o número, a espécie e lotação dos veículos e embarcações de que dispõem.

27 de setembro de 1982 - Segunda-feira: Data em que todos os recursos sobre pedidos de registro de

candidatos às eleições municipais devem estar julgados pelo TRE e publicados os respectivos acórdãos. (A partir desta data a Secretaria do TSE permanecerá aberta aos sábados, domingos e feriados, com pessoal de plantão).

## OUTUBRO

1º de outubro de 1982 - Sexta-feira: 1 - Encerramento do prazo para o eleitor residente em Brasília requerer a requisição de sua folha individual de votação; 2 - Encerramento do prazo para requerer a devolução da folha individual de votação à Zona Eleitoral de origem; 3 - Data a partir da qual as estações de rádio e de televisão ficam obrigadas a divulgar gratuitamente comunicações da Justiça Eleitoral, até o máximo de 15 minutos, entre as 18 e 22 horas.

6 de outubro de 1982 - Quarta-feira: Encerramento do prazo para o diretório regional indicar integrantes da comissão especial de transporte e alimentação.

16 de outubro de 1982 - Sábado: 1 - Encerramento do prazo para o juiz comunicar ao Tribunal Regional Eleitoral os nomes dos escrutinadores que houver nomeado e para publicação mediante edital, da composição da junta eleitoral; 2 - Encerramento do prazo para entrega de títulos decorrentes de pedidos de inscrição ou de transferência; 3 - Encerramento do prazo para o juiz comunicar ao Tribunal Regional Eleitoral o número de eleitores alistados; 4 - Encerramento do prazo em que o Tribunal Regional Eleitoral que resolver totalizar os resultados de cada urna na comissão apuradora, deverá comunicar essa decisão aos juizes eleitorais, aos diretórios dos partidos e ao Tribunal Superior Eleitoral; 5 - Encerramento do prazo para os partidos indicarem ao juiz eleitoral os membros dos comitês interpartidários de inspeção; 6 - Encerramento do prazo para a requisição de veículos e embarcações às repartições, órgãos e unidades do serviço público; 7 - Data da instalação da comissão especial de transporte e alimentação; 8 - Encerramento do prazo para o juiz eleitoral, no Distrito Federal, nomear os mesários; 9 - Encerramento do prazo, no Distrito Federal, para a designação dos locais de votação; 10 - Data em que todos os recursos sobre pedidos de registro de candidatos devem estar julgados pelo TSE e publicados os respectivos acórdãos.

31 de outubro de 1982 - Domingo: 1 - Data a partir da qual nenhum candidato poderá ser detido ou preso, salvo no caso de flagrante delito; é a data a partir da qual é proibida a divulgação, por qualquer forma, de resultados de prévias; 3 - Encerramento do prazo para o presidente do TRE, ou o juiz eleitoral, designar os integrantes do comitê interpartidário de inspeção, quando os partidos não só tiverem indicado; 4 - Encerramento do prazo para a requisição de funcionários e instalações para possibilitar a execução dos serviços de transporte e alimentação de eleitores; 5 - Data em que deve ser divulgado o quadro geral de percursos e horários programados para o transporte de eleitores.

## NOVEMBRO

3 de novembro de 1982 - Quarta-feira: Encerramento do prazo para reclamação contra o quadro geral de percursos e horários programados para o transporte de eleitores.

5 de novembro de 1982 - Sexta-feira: 1 - Encerramento do prazo para requerer a 2ª via do título de eleitor; 2 - Encerramento do prazo para o juiz comunicar aos chefes das repartições públicas e aos proprietários, arrendatários ou administradores das propriedades particulares, a resolução de que serão os respectivos edifícios, ou partes deles, utilizados para o funcionamento das mesas receptoras.

6 de novembro de 1982 - Sábado: Encerramento do prazo para o juiz eleitoral decidir reclamação contra o quadro geral de percursos e horários programados para o transporte de eleitores.

10 de novembro de 1982 - Quarta-feira: Data a partir da qual e até 48 horas depois da eleição, nenhum eleitor poderá ser preso ou detido, salvo em flagrante delito, ou em virtude de sentença criminal condenatória por crime inafiançável, ou, ainda, por desrespeito a salvo-conduto.

12 de novembro de 1982 - Sexta-feira: 1 - Encerramento do prazo para o juiz eleitoral remeter ao presidente da mesa receptora a urna e o material destinado à votação; 2 - Início do prazo de validade de salvo-conduto expedido pelo juiz eleitoral; 3 - Término, às 23 horas, do período de propaganda gratuita através do rádio e da televisão.

13 de novembro de 1982 - Sábado, às 8 horas: 1 - Prazo a partir do qual o presidente da mesa receptora que não tiver recebido a urna e o material, deverá diligenciar para o seu recebimento; 2 - Encerramento do prazo para propaganda política mediante comícios ou reuniões públicas.

14 de novembro de 1982 - Domingo: 1 - Encerramento do prazo para entrega da 2ª via do título de eleitor; 2 - Data em que serão recolhidos os títulos nos estabelecimentos de internação de hansenianos para serem desinfetados.

15 de novembro de 1982 - Segunda-feira às 7 horas: Instalação da seção; às 8 horas - Início de recebimento dos votos; às 17 horas - Encerramento da votação; depois das 17 horas - Início da contagem de votos pelas mesas receptoras nas seções em que esse sistema foi autorizado.

16 de novembro de 1982 - Terça-

# HENRY FONDA

## UM BRILHO QUE O TEMPO SÓ FEZ AUMENTAR

*“Num Lago Dourado” (On Golden Pound), de Mark Rydell, filme que deu o Oscar de melhor ator a Henry Fonda este ano, faz sua estréia hoje em João Pessoa, no Cinema Tambuí, onde ficará durante uma semana, em sessões às 18h30m e 20h30m. Nesta matéria, o homer Henry Fonda e um retrospecto de sua carreira, e um crítica de Pedro Vásquez sobre “Num Lago Dourado”*



Como “Mister Roberts” na Broadway, em 1949. Anos depois, repetiria o papel no cinema



Com Peter e Jane em 1942. Ele com dois anos, ela com quatro



Com Katharine Hepburn e a filha Jane, uma soma de talentos em “Num Lago Dourado”



Como Tom Joad em “As Vinhas da Ira”, clássico realizado por John Ford em 1940

O que significa ganhar ou deixar de ganhar um Oscar na carreira de um Henry Fonda? Muito pouco, quase nada. No ano passado, quando a Academia de Artes e Ciências Cinematográficas de Hollywood decidiu distingui-lo com um prêmio honorário (“...por sua inestimável contribuição à arte de representar, durante mais de meio século de teatro e cinema”), um velho amigo, o diretor e escritor Joshua Logan, comentou:

— Hank não precisa de prêmios. Premiados já temos sido nós, que convivemos há tantos anos com o seu extraordinário talento.

Logan, por sinal, é o autor de um ensaio intitulado *The Fondas I Know*, no qual fala dessa família fora de série como uma das grandes instituições do show business americano. Embora sejam muitos os elogios que ele faz a Jane e Peter, é mesmo a Henry que Logan se refere com maior entusiasmo, quase idolatria: “Que ele viva eternamente, pois sempre que Fonda sorri todo o teatro brilha...”

O sorriso, o ar triste, os olhos azuis muito brilhantes, o jeito manso de caminhar, os gestos sempre lentos, preguiçosos, são muitas as marcas da personalidade de Henry Fonda. Marcas que se somaram a um talento raro para fazerem dele um dos mais queridos atores de toda a história de Hollywood. A exemplo de alguns poucos outros — James Stewart, Gary Cooper, Cary Grant, John Wayne, Clark Gable, Spencer Tracy — ele sempre conseguiu manter juntas duas coisas frequentemente incompatíveis: popularidade e talento, o carinho do público e o reconhecimento da crítica. Em certo sentido, a esses atores Hollywood deve muito do que ficou

conhecido como “os anos de ouro” de sua indústria de cinema.

### Um ator único

Antes do cinema, porém, ele se dedicou ao teatro. Em sua cidade natal, Omaha, Nebraska, com 20 anos em 1925, ele subiu a um palco pela primeira vez, sem ter a mínima idéia do que estava fazendo:

“Eu estava cursando Jornalismo” — conta o próprio Fonda numa entrevista — “e a senhora Brando, diretora da Omaha Playhouse, amiga de nossa família, convidou-me para participar do grupo de teatro porque me achava alto e bonito. Eu nunca havia pensado em representar e, de repente, me vi no palco, fazendo um papel. Não tinha qualquer plano para me tornar um ator. Apenas gostava de ficar ali entre aquela gente tão divertida. O teatro era uma verdadeira festa...”

Mais do que uma festa, uma paixão. Logo ele descobriu que representar era a coisa mais importante em sua vida. Desistiu do jornalismo, foi para Nova Iorque, fez pequenos papéis na Broadway. Fez algum sucesso em *The Farmer Takes a Wife*, em 1934, repetindo o mesmo papel no cinema, no ano seguinte. Sua carreira praticamente começa aí.

Durante os primeiros anos, ele se dividiu entre Hollywood e Broadway. Depois, o cinema o absorveu por completo. Até que, em 1948, voltou ao teatro para obter com *Mister Roberts* um êxito espetacular. Embora Fonda continuasse sendo principalmente um ator de cinema — críticos franceses chegaram mesmo a elegê-lo “o ator cinematográfico por excelência” — nunca abandonou o teatro de todo. Dos muitos retornos ao palco o mais importante, certamente, foi o de 1975, quando a maioria das pessoas já o julgava aposentado e ele aceitou o desafio de atuar em *Clarence Darrow*, peça de um só personagem. E nela provou ser, de fato, um ator único.

Havia grande expectativa em torno da volta de Fonda à Broadway, em 1975. Há muito tempo ele não conseguia em seus filmes um bom papel. Ele próprio recordava, numa entrevista a Enid Nemy, de *The New York Times*, que seu próprio agente vivia aconselhando-o a aceitar a nova realidade do cinema. Os tempos haviam mudado, dizia o agente, e agora filmes como *Doze Homens e Uma Sentença* e *As Vinhas da Ira* — dois dos maiores trabalhos de Fonda no cinema — tinham de ceder lugar a obras mais ousadas, mais atuais, o sexo e a droga como temas. Fonda, pelo contrário, era um dos que mais se batiam contra a permissividade nos filmes, liderando campanhas moralizadoras em Hollywood, o que, na época, parecia levantar ainda mais as barreiras que o separavam dos filhos, para os quais o pai era, segundo palavras de Jane, “um super-reacionário”.

Enquanto resistia a aderir a nova ordem, Fonda aceitou o difícil papel da peça de David W. Rintels, baseada na vida de Clarence Darrow, o mais famoso advogado da história das cortes americanas. Como se sairia ele, aos 71 anos, cansado, o coração já com problemas, os médicos o aconselhando a colocar um marca-passo? O Helen Hayes Theatre, na Rua 46, a poucos passos de Times Square, recebeu um público de gala na noite de estréia, todos querendo saber do que Fonda ainda seria capaz. Logo no primeiro ato, Clarence Darrow falou através de sua voz:

“Falo pelos pobres, os fracos e os cansados...” Por uma hora e meia a platéia manteve-se presa a cada palavra, cada gesto daquele ator cuja performance levaria o importante crítico Clive Barnes a concluir com estas palavras seu comentário para *The New York Times*:

“Quanto a Mr Fonda, seria difícil pensar num elogio demasiado grande. Observem o modo como ele envelhece diante dos nossos olhos, à medida que a peça avança, a forma como ele passeia pelo humor astuto e provinciano de Darrow, a maneira com que ele jamais recua diante dos sentimentos e, ao mesmo tempo, nunca os acentua. Observem como ele se move no palco, inteiramente à vontade, como um homem em sua sala de estar. E ouçam sua voz, na qual jamais se nota uma inflexão exagerada, uma caracterização vulgar. É uma voz sempre suave e lírica. E a face, enigmática demais para ser heróica, consciente demais para ser pretenciosa, conserva um contorno, uma expressão que nos faz pensar num

homem que coloca a paixão acima da Justiça. Se Clarence Darrow não era assim, deveria ter sido...”

### Reacionário ou não

Jane Fonda já não acha o pai um reacionário. As diferenças entre os dois começaram quando das posições assumidas por ele contra a participação americana na Guerra do Vietnam. Embora Fonda sempre tivesse assumido posições liberais em política (apoiou Stevenson contra Eisenhower, foi um dos atores de Hollywood que se opôs à caça às bruxas dos anos de macarthismo, participou da campanha de McGovern contra Nixon), ele não se conformava com o radicalismo da filha. Sequer acreditava no que ela dizia através dos jornais, ao acusar oficiais americanos de terem praticado atos de tortura a prisioneiros de Guerra no Vietnam.

— Um dia — contou ela numa entrevista — propushe uma coisa: “E se eu lhe provar que essas torturas existiram, você se passa para meu lado?” Ele disse que sim. Levei-lhe um amigo, que havia estado no Vietnam, e ele falou-lhe sobre as torturas. Papai ouviu em silêncio, retirou-se da sala, trancou-se no quarto.

Semanas depois, emprestava seu nome a um anúncio de televisão contra a guerra no Vietnam.

Mas a vida em família nunca foi, mesmo, muito tranqüila. A começar pelos próprios casamentos de Henry Fonda. O primeiro, em 1951, com a atriz Margaret Sullivan, terminou em divórcio após apenas dois meses de vida em comum, deixando-o arrasado. O segundo com Frances Seymour Brookkwa, da alta sociedade nova-iorquina, teve um fim trágico. Depois de 14 anos relativa felicidade — ela era a mãe de Jane e Peter — Frances começou a mudar, entrava e saía de consultórios psiquiátricos, esteve internada algumas vezes que se suicidou, cortando a garganta com uma navalha em 1950.

Durante muitos anos Henry fez tudo para escutar o fato dos filhos (na verdade, jamais conversaram sobre isso, mesmo depois de Jane e Peter terem sabido que a mãe morreria). O terceiro casamento foi com Blanchard, enteada de Oscar Hammerstein II, letrista de musicais da Broadway. Seis anos novo divórcio. Não demorou muito, novo casamento desta feita com a condessa italiana Aldera Fré. 25 anos mais nova que ele. Grandes festas, drogas, vida intensa que Aldera gostava de levar. A tranqüilidade do conservador marido. Quando a filha de Nova Iorque prendeu-a, por levar 1 quilo de cocaína na mala que trazia de Roma, o casamento acabou.

O quinto casamento, que dura até hoje, é com a ex-aeromoça Shirlee Adams. Viveram três anos juntos até se unirem legalmente em 1965, ele, com 60 anos, ela com 33.

Poucos atores de Hollywood merecem de seus colegas tanto respeito quanto Henry Fonda. Os diretores que trabalharam com ele sempre o situaram entre os mais brilhantes intérpretes que tiveram oportunidade de conhecer. Dele disse Ford:

“Para se ser, mais do que um ator, um artista a serviço de sua arte (o todo sendo sempre mais importante que as partes e, em consequência, um superstar aceitando ser menos ele mesmo do que a equipe à qual pertence), é preciso muita humildade. Fonda tem essa humildade. Só que costuma temperá-la com um talento incrivelmente raro...”

Os prêmios nunca tiveram muita importância para ele. Mesmo diante do Oscar — que sua filha já conquistara por duas vezes — ele se mostrou sempre frio, indiferente. Como deixou claro no ano passado:

“Acho uma estupidez querer comparar interpretação e decidir que uma é melhor que a outra. Jamais voltarei a essas festas da Academia. Como é possível dizer que o Hamlet de Olivier é melhor que o Patton de George C. Scott, ou que estes sejam melhores do que Jack Lemmon de *O Vício Maldito* ou o Walter Matthau de *Esta Louca Vale Um Milhão*? É como perguntar se um suco de laranja é melhor do que um Cadillac, ou coisa assim. Os Oscar são apenas um grande espetáculo anual de relações públicas”.

## “NUM LAGO DOURADO”

### A vida começa aos 80

• Pedro Vásquez

O professor aposentado Norman Thayer precisou chegar aos 80 anos para compreender que a vida pode ser bela e gratificante em qualquer idade. Até então, ele escondia seu medo da morte e da velhice atrás de uma cortina de sarcasmos que impedia a aproximação de todos os que o amavam. O responsável por sua mudança de atitude é Billy, um menino de 13 anos: que passa um verão com ele e sua mulher numa casa nas margens de um lago. Reconciliado com a vida, Thayer pode enfim reconciliar-se com a filha, que o hostilizava desde a infância, e abandona sua carapaça de velho rabugento.

Semelhante foi a trajetória do protagonista de *Morangos Silvestres* (1957), de Bergman, que reavalia sua existência e abandona o egoísmo durante uma longa viagem de carro. Não parece ser por acaso que o professor Thayer é confrontado com a própria angústia justamente quando vai catar morangos silvestres num bosque. Porém, o mais

importante neste filme não é o enredo nem tampouco a direção limpa e precisa de Mark Rydell (A Rosa), e sim o verdadeiro show de interpretação que dão os veteranos Henry Fonda e Katharine Hepburn — diante de tamanho talento, o clichê fica perdoado.

Além de currículos invejáveis, ambos têm em comum uma grande integridade, que os levou sempre a evitar os compromissos fáceis que a condição de superastro e estrela proporcionava. Em *Num Lago Dourado*, eles estão ótimos, profundamente humanos. A história pode ser tachada de piegas, mas ninguém pode retirar o mérito da interpretação dos dois veteranos, que fez até com que Jane Fonda atuasse com estudada cautela, para evitar ofuscar-se. Apesar de ser bem dirigido, dificilmente este filme entrará nas antologias de cinema como uma obra-prima, mas quem o assistir não se esquecerá jamais do casal Fonda-Hepburn, que prova — no filme e na vida real — que a velhice não precisa ser amarga nem triste.



# O NAC AGORA

• Raul Córdula

Este Painel que está exposto na Biblioteca Central da UFPb foi executado para compor a Sala Especial A Presença das Regiões do IV Salão Nacional de Artes Plásticas promovido pela Funarte, através do Instituto Nacional de Artes Plásticas, montado no Palácio da Cultura, no Rio, de 5 a 30 de novembro de 1981, e o simpósio realizado nos dias 25, 26 e 27 do mesmo mês.

O material exposto fez parte de um grande painel que mostra o panorama atual da arte brasileira.

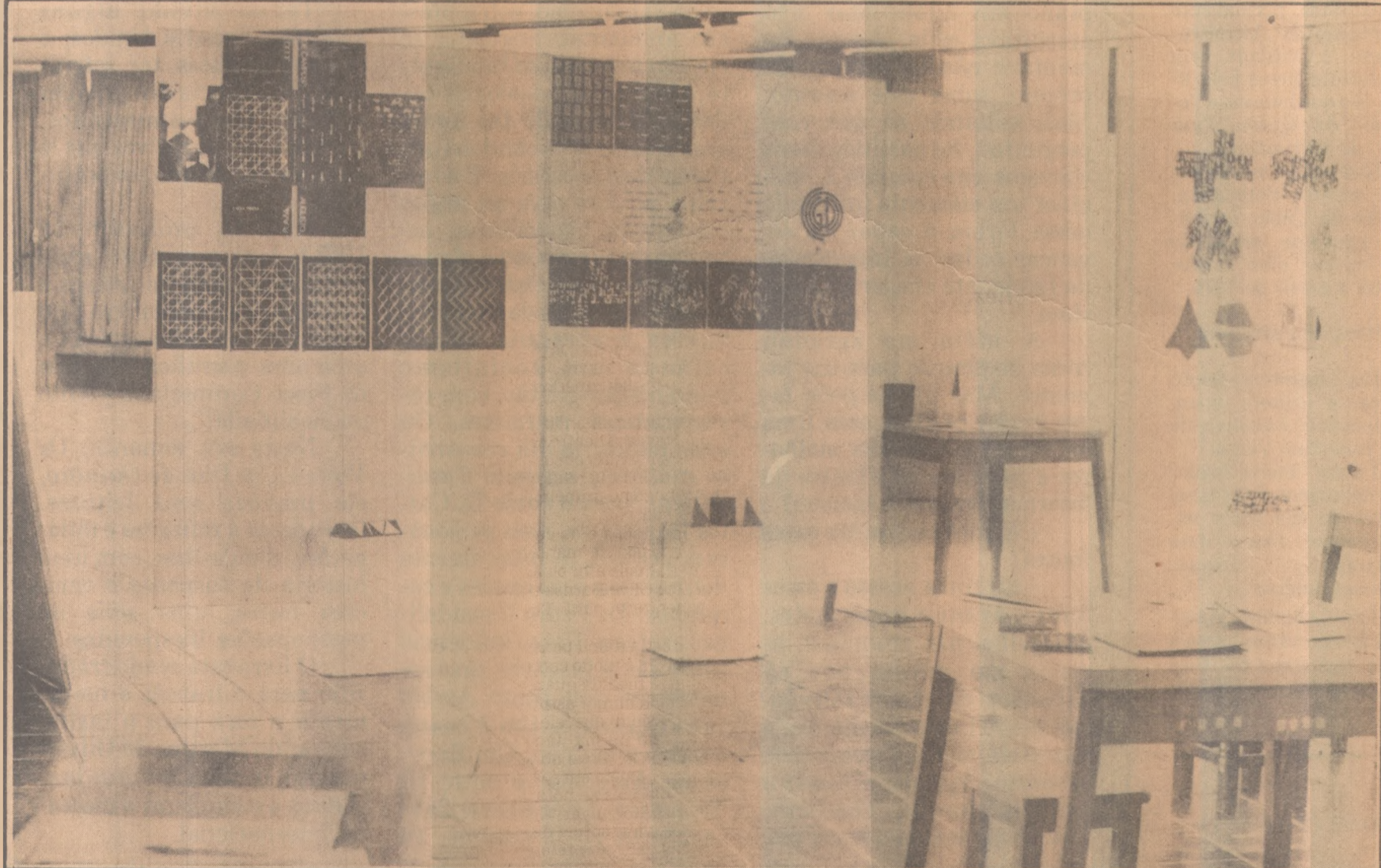
Para esta Sala Especial foram convidados artistas e críticos que, e alguma maneira, contribuem para o desenvolvimento da arte em suas regiões. Os convidados foram: Vera Chaves Barcellos (Diretora do Espaço NO do Rio Grande do Sul), Adálice Araújo (PR), Lindolph Bell (SC), Fábio Magalhães (Diretor da Pinacoteca do Estado de São Paulo), Adriano Aquino (Presidente da Associação Brasileira de Artistas Plásticos Profissionais - Rio), Márcio Sampaio (MG), Humberto Espíndola e Aline Figueiredo (Diretores do Museu de Arte e Cultura Popular da Universidade do Mato Grosso), Rubem Valentim (DF), Francisco Liberato (Diretor do Museu do Unhão - Salvador), Paulo Bruscky (PE), Raul Córdula (Coordenador do NAC - UFPb), Sérulo Esmeraldo (CE) e Osmar Pinheiro (PA). Partici-



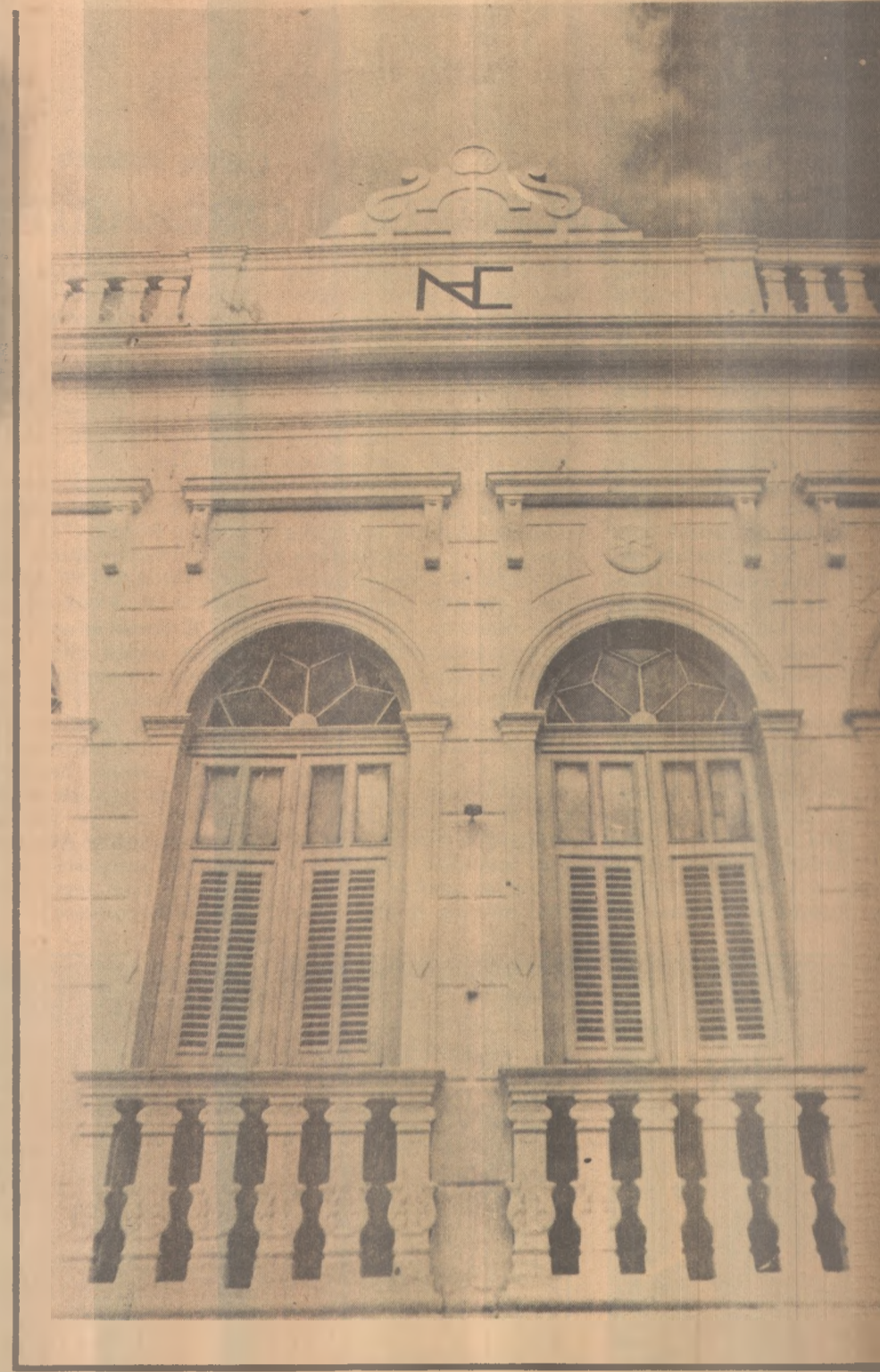
"Feijão com Arroz", de Maiolino, foi um acontecimento de 1980



"Um Dia de Sol", de Chico Pereira, com a Banda Cinco Estrelas



"Livre como Arte", exposição montada pelo Núcleo de Arte Contemporânea no Museu de Artes de Campina Grande, em 1979



param dos debates e dos grupos de trabalho do Simpósio vários artistas e especialistas do Rio, São Paulo, Paraná, Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Bahia, Pernambuco, e Minas Gerais que, ao lado dos convidados, discutiram durante três dias as questões mais significativas da problemática das artes visuais nas diversas regiões geográficas e culturais brasileiras.

Cada convidado teve à sua disposição 10 metros lineares de espaço expositivo para apresentar seu trabalho, que poderia ser tanto uma simples mostragem da obra individual, como algo mais abrangente que demonstrasse a arte na sua região. Optei por apresentar uma síntese do trabalho desenvolvido pelo NAC sob minha coordenação desde que sei que, apesar das limitações conjunturais, o NAC vem a ser na sua ainda pequena existência, algo muito especial na Universidade brasileira: o espaço das artes visuais não acadêmicas ao nível da sua discussão teórica, da sua mostragem prática, de extensão universitária e da desmistificação dos cânones impostos pelos dominadores, numa sociedade criadora de cultura dependente como a nossa.

O NAC tem sido este espaço

de resistência no Nordeste assim como o Museu de Arte e Cultura Popular da UFMT, o Espaço NO de Porto Alegre, o Museu do Solar do Unhão na Bahia, o atelier da Universidade do Rio Grande, a Oficina Guaianase de Olinda, as exposições de Arte Door de Recife e todos os espaços alternativos criados por artistas do Pará, de Brasília, de Belo Horizonte, de Recife, do Vale do Itajaí do Ceará e de outros recantos brasileiros que produzem arte como pensamento vivo da realidade de agora.

A equipe do NAC, como aqueles artistas citados acima não se desliga do fato de viver fora das grandes cidades porque está consciente do trabalho de preencher os vazios culturais e/ou desocupar os males preenchidos, sabendo mesmo do quanto custa, em termos de prestígio pessoal e de investimentos irremediáveis, o fato de não estar vivendo o sistema que movimenta a arte no eixo Rio/São Paulo. Esta condição cria uma estranha sensação que pode muito bem ser ilustrada com as palavras da Professora Maria Lúcia Santaella Braga, no seu mais recente livro (Arte) & Cultura - equívocos do elitismo: "Numa sociedade que marginaliza o povo marginalizando simultaneamente o criador a uma voz muda, quais são os oprimidos? Apenas uns? Ou uns e outros? Não o exílio, de dentro da nação tanto mais doído e duro que o exílio de fora? Não são essas formas mais sutis e veladas de censura à criação, tanto ou mais erosivas que a censura literal".

Uma das técnicas mais opressoras de manipulação da produção cultural é exatamente a colocação de uma produção que se parece com a arte, no lugar da arte. Uma produção dita "Folclórica" e/ou popular ou ainda "feita para o povo". É preciso pensar que o produtor cultural (o artista é o mais envolvido) se exila frente a este tipo de manipulação porque nunca é feito em seu espaço e em seu tempo mas num espaço/tempo do poder vigente.

A luta do artista é contra todas as frentes opressoras. A sociedade precisa saber que, como diz brilhantemente em seu cita do livro a Profª Santaella (dito assim como bandeira, parece óbvio): Não há Apenas Ideologia na Arte, mas Ideologia da Arte.

# LETRAS

Carlos Romero

## DOG MÁTICA JURÍDICA E CIBERNÉTICA

Carlos Coelho, jurista, professor tempo integral na nossa Universidade, agora com diploma de doutor em Direito, me oferece um exemplar de sua tese de Doutorado - *Teoria de Legislação - Aspectos Materiais*, num discreto volume editado aqui na União.

A tese do jurista conterrâneo foi defendida perante uma comissão integrada de insígnis juristas da Universidade de São Paulo. E defendida com muito engenho e ciência.

A Teoria da Legislação teve como campo de pesquisa e estudo a substância da elaboração legislativa. E, portanto, trabalho que envolve, uma teorização e uma praticidade. E para isso, o autor se valeu de súmulas do Supremo Tribunal Fe-

deral, razão porque sua tese não se perde na abstração teórica.

Apresentando o livro, enfatizou o professor Manoel Gonçalves Ferreira Filho: "O trabalho, que agora se publica, não é um mero estudo preparado com a restrita preocupação de obter uma láurea acadêmica. É uma tentativa ousada - e científica, sublinhe-se -, de enfrentar uma questão tormentosa: a do conteúdo das leis como aspecto primordial do processo legislativo".

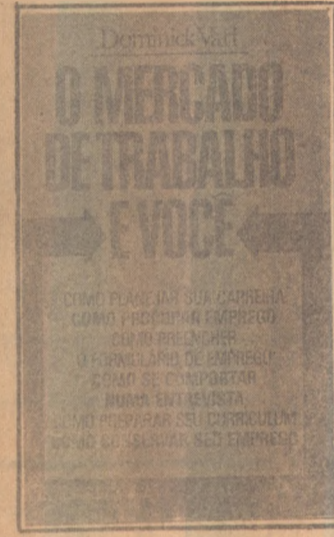
Na ótica do prefaciador, o eminente jurista Tércio Sampaio Ferreira Júnior, a tese do professor Carlos Coelho "tem o mérito de enfrentar uma investigação teórica, sem temor metódico, isto é, sem deixar-se limitar por uma tradição em muitos casos

não mais fecunda, nem propor, temerariamente, caminhos desconhecidos".

Muito bem estruturado e bibliografado, *Teoria da Legislação - Aspectos Materiais* é trabalho de alta qualificação jurídica e científica.

E utilizando uma linguagem de sabor rural, escreve o Autor: - "O 'terreno laborado é muito grande e ainda não foi suficientemente avaliado".

E dentre as conclusões a que chega com a sua exaustiva pesquisa, - está a seguinte: "Para uma dogmática jurídica poder realizar devidamente a sua função social na época atual, na qual as mudanças sociais se sucedem umas as outras com muita rapidez, necessário se faz que ela atue segundo padrões cibernéticos".



### OS LIVROS MAIS VENDIDOS

Na Cultural Livros Paraibana, galeria "Augusto dos Anjos", segundo informou seu proprietário Luiz Carvalho, os livros mais vendidos na última semana, foram:

#### NACIONAIS

- 1 - Discursos Parlamentares - Carlos Lacerda - Nova Fronteira
- 2 - Cordeiro de Farias - Waldemar de Góes - Nova Fronteira.
- 3 - Não verás pais nenhum - Loyola Brandão - Codecri.
- 4 - Aleluia - Josué Montello - Nova Fronteira.
- 5 - Geografia da fome - Josué de Castro - Achiamé.

#### ESTRANGEIROS

- 1 - O Livro Orange - Rajneesh - Melhoramentos.
- 2 - Jano - Arthur Koestler - Melhoramentos.
- 3 - Enterre meu coração na curva do Rio - Dee Brown - Melhoramentos.
- 4 - Sangue de amor correspondido - Manoel Puig - Nova Fronteira
- 5 - Memórias de Adriano - Marguerite Yourcenar - Nova Fronteira.

### AS NOVIDADES DAS LIVRARIAS

#### UM LIVRO PARA O PROFISSIONAL BRASILEIRO

Já nas vitrinas *O Mercado de Trabalho e Você*, de Dominick Vari, recém-lançado pela Editora Alfa Omega.

Como planejar sua carreira, como procurar emprego, como preencher o formulário de emprego, como se comportar numa entrevista, como preparar seu curriculum, como conservar seu emprego, tudo isso você encontra nesse manual destinado ao profissional brasileiro. Trata-se de um livro cujo propósito é o de equipar o leitor com o conhecimento objetivo do mercado de trabalho de seus caminhos. Livro de espionagem e tensões

A *Melhoramentos* está lançando *O Momento Oportuno*, de George Markstein, que conta uma emocionante história de espionagem, cheia de tensões e incertezas.

*O Momento Oportuno* movimentou-se num ritmo rápido, surpreende a cada virada o momento, e, man-

tém o leitor em suspense até a última página".

#### Casamento de conveniência e conveniência do casamento

"Em outros tempos, falava-se muito em casamentos de conveniência. Hoje, quando muito, fala-se na inconveniência do casamento, o que não impede as pessoas de se casarem cada vez mais" - Este é um tópico da crônica "Portas e Janelas" do livro *Impávido Colosso*, de Fernando Pedreira, que a Editora Nova Fronteira está lançando com muito sucesso. O livro integra a coleção Brasil-Século 20.

#### O Raio Verde

De Júlio Verne, a Editora Hemus, está lançando *O Raio Verde*, uma emocionante história, cheia de aventuras e de amor. Afinal, o que era o Raio Verde? Quando foi que ele surgiu? Qual o seu fascínio?

#### Quem Tem Medo de Soljenitsin?

A Forense Universitá-

ria está lançando *Quem Tem Medo de Soljenitsin?*, de Corinne Marion.

A crise da cultura e de civilização de que somos a um tempo causa e efeito na circularidade permanente da dinâmica histórico-cultural é ventilada com rara lucidez neste belo livro - é o que informa a "orelha" de *Quem Tem Medo de Soljenitsin?*

Esse ensaio sobre o célebre escritor Soljenitsin, expulso da União Soviética, baseia-se antes de tudo na sua obra fundamental a partir de 1974.

#### Literatura africana

Em sugestiva feição gráfica, a Editora Ática, está lançando *Luuanda*, de José Luandino Vieira.

O autor "recria linguagens de origens diversas e, através de sua prosa extraordinária, fixa o fato cultural local, universalizando-o".

José Luandino Vieira já foi levado várias vezes à prisão por causa de suas atividades literárias e políticas.

# UM MARXISTA NO TRONO DE PEDRO

• Lurdes Gonçalves

Em linguagem universalista, sem nenhuma das características regionalistas ou dos modismos da chamada literatura brasileira, *Os Vinte e Um Dias de Outubro* é um livro que surpreende, abala e prende o leitor, impondo-se pelo impacto causado.

Com a segurança de quem estudou a fundo os problemas ali delineados, Martins de Oliveira conta uma das histórias mais espantosas e, contudo, verossímil, já abordadas pela ficção.

Um marxista no trono de Pedro.

A forma, a segurança, a mistura ousada de personagens reais tão nossos conhecidos, com figuras nascidas da imaginação do autor, de tal forma dominam em todo o livro que nos surpreendemos na dúvida: "é ficção ou é verdade? Seu autor é um romancista ou um historiador?"

E não podemos fugir à quase tola pergunta, ao iniciar a entrevista.

Que o autor, sorridente, esclarece.

- É uma obra de ficção. Inegavelmente. Um romance. A idéia de escrevê-lo surgiu de uma conversa comum, durante uma visita que fiz, em companhia do Deputado Anizio Rocha, ao General Milton Tavares de Souza. O assunto era sobre os problemas no contexto político. Falou-se sobre um plano real de Togliatti, aceito pela Rússia e denunciado lá por volta de 1948, sobre a preparação de jovens marxistas para uma infiltração considerável, através dos seminários, nas fileiras eclesiais. Muitas gente não levou a sério essa denúncia, por julgá-la fantástica demais e de ação muito retardada, visto o longo prazo exigido para sua execução. Posso garantir-lhe que o plano existiu de fato. Ainda há pouco tempo, quando estive na Inglaterra com Antonio Olinto, este me contou que, ao ler o meu livro, Austregésilo de Athayde comentou que soubera desse plano em 1948. Mas não acreditava nele. Agora, lamentava não ter escrito, ele próprio, sobre este assunto: Mas, voltando ao que você perguntou, foi partindo dessa conversa que comecei a imaginar um elemento infiltrado dessa forma e capaz de alcançar todas as hierarquias da Igreja, até chegar ao Vaticano.

A idéia me agradou como inspiração para um romance. Mas não se pode fazer ficção política sem uma cobertura sólida das melhores e mais seguras fontes de informação, não é mesmo?

- E você encontrou essas fontes?

- Eu tinha acesso a essas fontes, às mais importantes. Mergulhei nas pesquisas, as quais me davam não só subsídios da maior relevância, como incentivavam cada vez mais meu interesse pelo assunto. Estudei a fundo a própria Igreja, também. Decidi-me a começar o livro.



Mas, como sabe, o escritor tem de identificar-se com seu personagem, se desejar dar-lhe vida, emoções e reações convincentes e profundas. Senti a necessidade de entrar em contato com um padre, cujas posições fossem favoráveis ao marxismo, a fim de melhor entender-me com meu personagem. Lembrei-me então de Dom Pedro Casaldaliga, o Bispo do Araguaia, tão famoso. Fui até lá. Acompanhei-o em seu trabalho, batemos longos papos, aos quais, aliás, ele jamais se furtou, nem mesmo quando minhas perguntas indiscretas obrigavam-no a desnudar seus mais íntimos ideais e crenças. Aprendi a admirá-lo e respeitá-lo pela sua dignidade e sua lealdade àquilo em que acreditava. Não lhe escondera a razão de meu interesse, e ele acedeu em ajudar-me, chegando a expor-me as várias consequências, que poderiam advir desse mergulho de corpo e alma de um marxista na vida religiosa, como era o caso de meu personagem. Eu receava falhar na psicologia de Dom Carlos De Latorre, no choque violento que sofreria desse confronto materialismo/misticismo. E Dom Pedro definiu o que poderia acontecer: primeiro, se o elemento não fosse um marxista muito consciente e convicto, correria o risco de converter-se ao catolicismo, sob a pressão ambiental. Segundo, se ele não fosse muito inteligente, o choque de ideologias poderia abalá-lo de tal forma que acabaria abandonando tudo e desapareceria. E o terceiro, no caso dele ser muito inteligente, conciliaria aspectos do marxismo e alguns pontos do catolicismo, abandonaria algumas de suas convicções e abraçaria outras, criando um socialismo humanístico-cristão, com características marxistas. Ou seja, realizaria um casamento dialético, segundo Casaldaliga. Nasceu então D. Carlos De Latorre, meu personagem central, já inteiramente definido em suas opções e caminhos. D. Pedro Casaldaliga exerceu forte influência sobre ele, é inegável, mas somente até certo ponto. Ambos são espanhóis. Um é basco, o outro é catalão. Um fixou-se no Araguaia, o outro no Tocantins. Ao descrever Santa Marta do Tocantins, eu

retratava São Félix do Araguaia. Os mesmos problemas sociais, a hostilidade e a violência dos fazendeiros, a luta dos posseiros e dos índios. Tentei dar a De Latorre aquele carisma, aquela força interior, aquela lealdade inquebrantável que descobri em Casaldaliga, aquele idealismo honesto e profundo, que jamais trai seus princípios.

- Em algum momento de seu livro, você pretendeu traçar qualquer paralelo entre o seu João Paulo III e o atual Papa, vivo, João Paulo II?

- Não. São duas figuras completamente diferentes. João Paulo II, o atual ocupante do trono de Pedro, não é um esquerdista. Pelo contrário. Ele é que está reprimindo a ação da esquerda dentro da Igreja. Nem de longe tem qualquer ponto de ligação com o meu João Paulo III, um marxista de formação. A não ser, é claro, que, ambos ocupam o trono de Pedro. Um na vida real e outro no meu livro.

- Todos os seus personagens têm algo a ver com pessoas reais?

- Não. Existem pessoas reais dentro do meu livro, e que são perfeitamente identificáveis pelos seus nomes verdadeiros. Outros, inspirados em pessoas vivas. E ainda há os que não passam da mais pura ficção.

- Como você definiria seu livro: uma denúncia, um alerta ou simplesmente uma obra de ficção?

- É uma obra de ficção, sim, mas é também uma advertência à igreja, que pode e deve participar, pagando os erros de séculos e séculos de omissão e silêncio - a promessa de um reino futuro para manter os oprimidos submissos a seus opressores. A mudança para uma participação mais direta na solução dos problemas sociais e humanos, contudo, não deve implicar em se entregar às mãos de uma ideologia que a destruirá. O marxista é irreconciliável com qualquer outra doutrina. Seu ateísmo e seu materialismo só podem entrar em conflito com o misticismo de uma doutrina fundada na fé religiosa.

*Os Vinte e Um Dias de Outubro* é o segundo romance de Martins de Oliveira, que estreou com *Outono Vermelho*, em 1966.

Tendo vivido alguns anos nos Estados Unidos, o escritor confessa ter sofrido muita influência dos grandes autores norte-americanos, em seu estilo, uma vez que lê mais em inglês que em português.

Médico, professor da UFRJ, tem publicado mais de uma centena de artigos e monografias científicas no Brasil e no estrangeiro, e uma obra científica "Fatores de Risco Coronariano - Mito ou Realidade?"

Neste seu romance, *Os Vinte e Um Dias de Outubro*, ele provoca seus leitores, levando-os a reflexões e indagações, dando-lhes, com uma história de suspense e emoções fortes, uma série de preocupações inesperadas.

O livro está sendo traduzido para o francês e brevemente o será para o inglês, colocando Martins de Oliveira entre os bons autores brasileiros a conquistar o mercado internacional.

### CORRESPONDÊNCIA

Carlos Romero - Av. N. S. dos Navegantes, 792 - Tambaú - JOÃO PESSOA-Pb - CEP: 58.000 - Telefone - 226-1061.

# LUIZ GUSTAVO

## Um destaque em "Elas por Elas"

A melhor escola para os profissionais de televisão no Brasil foi, sem sombra de dúvida, a própria televisão. Todo o Know-how brasileiro nasceu depois de muita luta, muito esforço, quando os caminhos iam sendo descobertos à medida que eram trilhados. Da fase artesanal dos primeiros tempos - na qual cada passo carregava um dose de sacrifício - aos sofisticados equipamentos de hoje, já se vão mais de 30 anos. Atualmente, há um domínio quase absoluto sobre o veículo. O mistério está praticamente desvendado. E, se existem alunos - senão exemplares, mas esforçados e vitoriosos - que passaram por seus "bancos", aprendendo o bê-a-bá da televisão, um deles é, sem dúvida, Luiz Gustavo. Hoje ator, mas que experimentou todos os estágios, tanto na parte técnica como na artística. Em nada se assemelha a Mario Fofoca - seu personagem em *Elas Por Elas*, novela de Cassiano Gabus Mendes - o detetive trapalhão, que se enrola a cada passo. Muito pelo contrário.

De assistente de contra-regra a ator foi uma árdua caminhada, na qual cada troço era registrado e arquivado como parte de uma bagagem rica. São mais de 30 anos de luta, que hoje Luiz Gustavo acredita vitoriosa. Agora é hora de colher os frutos de tanto investimento. E é como ator que Tatá - assim como o chamam os amigos - no momento se realiza. A cada novo personagem, ainda uma descoberta a ser feita. A procura de outros ângulos, que fuja a padrões já fixados e estabelecidos. Renovar sempre, poderia ser o seu lema de trabalho. E Mario Fofoca, o investigador brasileiro, está perfeitamente enquadrado nessa proposta.

Procuro sempre diversificar o meu campo de trabalho, em função da novela. Quando o Cassiano Gabus Mendes mostrou a sinopse de *Elas Por Elas*, senti que esse personagem ia dar pé. É diferente, um detetive trapalhão, com quem nada dá certo. Um investigador brasileiro que nunca foi mostrado. E se vai pegar táxi, não tem táxi. Se precisa falar no telefone, não encontra a ficha e tem que pedir para qualquer pessoa. Não consegue estacionar o carro, porque não há vaga. E, ainda, um enorme esquecimento, não se lembra das coisas que acabou de dizer e não percebe os dados mais óbvios. Não tinha idéia de como sairia, mas senti que ia dar certo. Parece que está dando, não é?

Modéstia à parte, Mario já conquistou o seu público. Todos torcem pelo detetive enrolado, responsável por momentos de muito humor em *Elas Por Elas*. Também Luiz Gustavo tem consciência disso, mas vê o sucesso de Mario por um outro lado, onde o esforço conjunto é que possibilita esse bom resultado.

Faço o personagem com o maior carinho, não resta dúvida. Mas o que acontece com ele é o seguinte: estou pilotando o Mario, que é uma criação do Cassiano, conduzida pelo Paulinho Ubiratan, que senti bem, pegou bem a coisa. Eles falaram a mesma língua rapidamente. Então, ficou muito fácil fazer o personagem, porque estou escorado demais. Seria mais difícil não fazer direito. Além disso, não tinha trabalhado ainda com o Reginaldo Faria, que é o René, o maior amigo do Mario. E a nossa comunicação foi imediata. Já no segundo take que gravei com ele, parecia que trabalhávamos juntos há 20 anos. Só de olhar, já sabemos o tempo que terá a cena, quem vai fazer a piada, vai falar. Se eu ponho um cacó - que não está no script original - ele entra no meu cacó e manda outro. E muito gostoso trabalhar com ele. Tanto assim que gravo me divertindo. Em al-

gumas cenas, temos que recomeçar porque começamos a rir, curtindo o que está sendo feito. Fica um trabalho gostoso, leve, e tudo isso passa para o público. O que, na verdade, estou fazendo em *Elas Por Elas* é me locomover sentado em um grande Jumbo, quase pilotando com um computador. O meu trabalho é mínimo. Tem um texto gostoso, a direção é muito criativa e os atores são todos ligados. Não tem erro.

Com toda essa divisão do bom resultado de seu trabalho, Luiz Gustavo procurou elaborar alguns dados para o personagem. Conversando com Cassiano Gabus Mendes antes do início da novela, Mario Fofoca já estava bastante delineado para o autor. E Luiz Gustavo resolveu se preocupar com um dado específico do novo personagem: como se vestiria Mario Fofoca?

Não estou, de maneira alguma, comparando. Mas eles são os meus pontos de referência como personagens que ficaram marcados na história: o Gordo e o Magro, que nos ensinaram todos os tempos de comédia, sempre estiveram vestidos com a mesma roupa, o velho terno e o inseparável chapéu. Só tiravam aquela roupa na hora de dormir, naquelas casas assombradas, substituindo-as pelos conhecidos camisolões. O Sherlock Holmes você não conhece a cara dele, mas a roupa sim. E continua com o Charles Chaplin e o Carlitos. Tudo igual. Até os personagens mais atuais, como é o caso do Colombo, o detetive, sempre com aquela capa amassada. Ou o Kojak e seu terno com colete. Resolvi, então, primeiro fazer uma roupa para o Mario Fofoca. Mas não quero tripudiar em cima disso, não quero colocá-lo vestido de Chacrinha, com abacaxi na cabeça. Resolvi pegar a medida mais extrema do mau gosto. Por isso, ele quase não troca de roupa, porque é um dado do personagem. E claro que existem situações em que não pode aparecer de paletó, como por exemplo, na sauna. Mas até aí tudo bem, porque tenho que trabalhar nos moldes de hoje. Esse é o comportamento de um detetive da Praça da Sé, em São Paulo. Tive esse tipo de preocupação ao elaborar a figura do Mario. Acredito que chegue a tal ponto que, se mostrarmos só um pedacinho da roupa, já se sabe que ele está ali. Assim como existem personagens tão fortes, que podem ser mostrados só na sua sombra, que já é suficiente. Agora, a linha do personagem, enquanto pessoa, é do Cassiano, uma produção dele e do Paulo Ubiratan. O resto fica para o momento em que estamos gravando. Existem vários cacós absorvidos pelo texto do autor.

*Elas Por Elas* é a quarta novela de Luiz Gustavo na Rede Globo - *Duas Vidas*, *Anjo Mau* e *Te Contei?* são as outras - e a terceira de Cassiano Gabus Mendes da qual participa. Mas não foi em nenhuma delas que Tatá ficou mais conhecido. E sim em *Beto Rockfeller*, de Bráulio Pedrosa, na antiga TV Tupi de São Paulo, considerada um marco na telenovela brasileira, quando os dramalhões mexicanos foram substituídos pela história moderna, de diálogo coloquial. Através de *Beto Rockfeller*, Luiz Gustavo atingiu todo o Brasil, passando a ser confundido com o personagem. Não só pelos telespectadores, mas também por uma parte da crítica especializada em televisão, que até hoje cobra a semelhança de *Beto* com seus outros personagens.

Fiz *Beto Rockfeller* em 1968 e 1969 e algumas pessoas dizem que ainda hoje estou fazendo o *Beto*. Que o Mario é igual ao *Beto*. Olha, eu nem me lembro mais como ele era, porque não existe um só registro sobre a nove-

la. Não tem um script. O único que tinha era o Bráulio Pedrosa. Mas, ao procurar o texto para vender para o México, encontrou só pó. Os ratos ou as traças roeram tudo. Ao apanhar as caixas dos scripts, só saiu pó. Um antigo diretor da TV Tupi mandou apagar o resto da novela que ainda estava gravado. Então, não existe um take pra eu ver como era o *Beto* e nunca mais fazer nada parecido. Mas não tenho essas condições, por dois motivos: a falta de material e, se quiser fazer algum personagem que não tenha a cara do *Beto*, a voz do *Beto* e alguns movimentos do *Beto*, não posso mais trabalhar porque sou, continuo eu. Não há a menor condição. E depois de *Beto Rockfeller* também surgiu um problema. Vários autores quiseram brincar de *Beto Rockfeller* comigo. Sempre me escalaram num personagem: "o Luiz Gustavo está no elenco, então vou fazer um malandrão que engana o cara..." Eles queriam mexer marionete do *Beto*, fazendo uma suíte, um novo comando, brincando com o personagem. Como se fosse o controle remoto de um brinquedo emprestado de um amiguinho, entende? Agora, era um problema do autor, não meu. Se me dessem um padre, eu ia tentar fazer esse padre. O Cassiano me deu um cego e acho que me sai bem. E, agora, um detetive.

Mas não é só por ter participado de *Beto Rockfeller* que Luiz Gustavo faz parte da história da televisão brasileira. No primeiro programa de TV da América Latina, Luiz Gustavo estava dentro do estúdio. Participou de momentos importantes, como as palestras de Carlos Lacerda, na época em que ele brigava com o Governo de Getúlio Vargas, ou durante uma entrevista de Fidel Castro e Che Guevara, só para citar alguns. E, ao começar, Tatá passou por vários estágios, num aprendizado fantástico para sua formação.

Eu nasci em TV me formei com o trabalho na televisão. Sou um ator formado por ela. Comecei como assistente de contra-regra, fui cabo-man de Câmera, contra-regra, cameraman, assistente de iluminação, trabalhei no corte, no transmissor, assistente de estúdio, diretor de estúdio. Trabalho em televisão há muitos anos, participando de coisas importantes, não só como ator, porque fiz uma novela que se transformou num marco, mas também do outro lado de conquistas da própria televisão. Foi através da minha lente que Carlos Lacerda deu todas as palestras, que duravam horas no estúdio. Era câmera nessa época e isto é histórico pra mim. Quando o Tico-Tico e o Carlos Spera, do Diário de São Paulo, conseguiram uma entrevista com o Fidel Castro e o Che Guevara, ainda muito recente a revolução cubana, eu também estava no estúdio. Tinha até uma foto minha entre os dois, que ao longo dos anos foi perdida. São coisas engraçadas que fiz trabalhando ainda no estúdio, na parte técnica.

Ainda nessa época Luiz Gustavo não pensava em ser ator. Queria saber tudo de televisão, mesmo que para isso tivesse que recomeçar de baixo. Quando largou a parte técnica, mudando-se de armas e bagagens para o lado artístico, Tatá tornou-se assistente de direção de estúdio e mais tarde diretor de estúdio. E foi depois de muitos anos de trabalho em televisão que surgiu a primeira oportunidade como ator. No princípio, substituiu a figuração que não comparecia, entregando telegramas, batendo na porta, ainda como contra-regra.

O meu primeiro personagem importante surgiu de um fato engraçado. Era um TV de Vanguarda e eu era diretor de estúdio. Já tinha feito umas



coisinhas pequenas, mas nada sério. Só quebrando galho. O TV de Vanguarda ensaiava à tarde para ir ao ar à noite, não existia vídeo-tape, era ao vivo mesmo. O programa tinha sido escrito por Walter George Durst, adaptado da obra de Horace McCoy, *Mas Não Se Matam Cavalos?* (*They Shoot Horses, Don't They?*), que virou o filme *A Noite dos Desesperados*. O Walter Avancini era garoto nessa época, ator, e fazia um dos rapazes dos vários casais que participavam do concurso de resistência de dança. Um dos casais importantes na história. E o Avancini ficou doente, mas só pôde avisar às três horas da tarde. Peguei o papel dele, decorei durante os ensaios e à noite fiz. O Durst achou que me sai bem e começou a me dar pequenos papéis. Comecei a ter uma função dupla dentro do campo artístico - trabalhar no estúdio e fazer alguns papéis como ator. Quando comecei a ficar mais requisitado tive que abandonar a outra função e estou aqui até hoje.

Diversificar o campo de trabalho é uma constante na vida de Luiz Gustavo. Depois de passar por um aprendizado enorme em televisão, chegando até ao ator, Tatá resolveu arriscar mais uma vez e pisar num palco. "Sempre foi um fantasma terrível". Tinha consciência, como ator, de que o seu lugar era no palco. E assim há 3000 anos será sempre, pensava. Mas não sentia coragem de se lançar em mais uma empreitada. Só em 1967, deu o grande passo. Ao lado de Miriam Mehler, fez *Quando as Máquinas Param*, de Plínio Marcos. E mais uma vez, deu certo. Recebeu as melhores críticas, inclusive elogios de Décio Almeida Prado, o mais respeitado crítico de São Paulo na época. E o reconhecimento com o prêmio de melhor ator da Associação de Críticos de Teatro.

Esse começo me entusiasinou muito e me arrisquei, pensando: "teatro é comigo mesmo". Meti a cara e, de saída, já levei duas pernadas, porque me arrebentei com *Julio Cesar*. Fui muito mal mesmo e depois numa peça com a Lilian Lemmert, que eu mesmo traduzi - *E Hoje (Before You Go)* - e levamos no Teatro Cacilda Becker. Fomos o maior fracasso de que já tive conhecimento no campo do teatro. Mas não foram só os fracassos, fiz também *Putz*, com Juca de Oliveira e Eva Wilma, em São Paulo, e com Betty Faria, no Rio. Meu último trabalho em teatro foi *Swing*, de um autor nacional, que

acho uma das maiores figuras do mundo teatral como autor, prestes a explodir violentamente em muito pouco tempo, que é Luis Carlos Cardoso. E já estou pensando numa próxima, para quando acabar a novela, viajar pelo Brasil.

É nessas viagens que Luiz Gustavo se recupera, enriquecendo o seu conhecimento sobre o Brasil, país adotado por opção - ele é suéco, nascido em Gottenburgo, naturalizado brasileiro e criado em São Paulo desde os cinco anos. É um ciclo que se completa - televisão e teatro. Alterna os dois veículos sempre com o objetivo de preparar um trabalho futuro. Aproveita a possibilidade que a profissão lhe dá, de viajar quatro meses ininterruptos, ficando dez dias em cada capital.

É uma das melhores coisas da nossa profissão, pegar uma peça e viajar por todo o Brasil. Uma delícia. Faço uma semana em cada capital. Começo por Vitória, Salvador, Aracaju, Macaé, Recife, Fortaleza, João Pessoa, Natal, Teresina, São Luís, Belém, Manaus, Brasília e venho descendo. Só faço o espetáculo à noite e durante o dia vou a todos os simpósios, palestras, reuniões de teatro, conversar com políticos, chofer de táxi, jornalista, para conhecer as pessoas. E muito gostoso fazer teatro conhecendo o Brasil. É uma informação do país que ninguém tem, nem jornalista, nem político. Ninguém tem a informação que vem comigo. E já está ultrapassada hoje, porque a última viagem foi há um ano. Eu já fiz três e a cada uma as cidades estão diferentes, os costumes mudaram, cresceram. E você consegue acompanhar o Brasil. Sempre que puder, vou sair por aí, porque os personagens que encontro são maravilhosos.

Mas nem sempre Luiz Gustavo pôde fazer o que queria. Durante muito tempo, o dinheiro não sobrava. As vezes, mal dava. O que impressiona em Tatá é que ele se lembra desse tempo não com tristeza, mas com um carinho enorme. Reconhece que foram tempos difíceis, mas que acrescentaram tanto a sua vida, somaram a sua pessoa, que ele não vê de outra forma. E confessa que o saldo é mais do que positivo. O que pode ser comprovado no seu extremo bom-humor, sempre brincando com os companheiros de trabalho, segurando o "astral" lá em cima.

Eu sofri demais em televisão. Camelei mesmo. Carregava estante de orquestra, no final da programação tinha mesa-redonda, botava cinzeiro, serve água. No fim do dia, estava moído. Penei muito dentro do estúdio. Hoje, quando chego aqui, é estúdio novinho, ar condicionado, sucos e cafés, gente bonita e todo o jornalismo lá - "vem cá, vamos fazer uma foto". Então, o cara tem que chegar rindo e sair gargalhando, porque é uma maravilha. Agora se ganha bem ou se ganha mal, é problema de cada um. Naquela época, ganhava uma miséria e já era conhecido, fazia *Hamlet*. Hoje sou um indivíduo que a televisão realmente formou. Em todos os níveis, como homem também. O meu comportamento em casa, devo à televisão, a tudo que sofri nos estúdios, até às injustiças. Não ganhava nada, tinha uma vida ruim, totalmente dedicado à televisão. Os companheiros de trabalho eram os nossos analistas. As injustiças foram as palmadas, que as mães não deram. Hoje não, é diferente. O ator jovem tem uma margem de sofrimento nesse nível muito pequena, porque as condições de trabalho são outras. É a bagagem de sofrimento é importante para a formação de um ator como pessoa. As coisas estão atualmente muito organizadas. Existe uma sala com café, suco, garçom servindo. Roteiros... Imagina se naquela época tinha roteiro! Decorava o texto todo, porque ninguém sabia o que seria gravado naquele dia. Água e ar condicionado? Nem pensar! Até a maquiagem era feita pelos próprios atores. Por isso, na linha de shows, são todos uns crakes em caracterização. É uma linha difícil. São sempre os mesmos: Chico Anysio, Jô Soares, Agildo Ribeiro. Aprenderam quase no tapa, mas tão aí até hoje. Grandes e maravilhosos. E assim que a gente tem que trabalhar, com muita garra, muita força. Porque senão, não dá!

## A Copa do Mundo na TV

### A DECISÃO DA PRIMEIRA FASE

Começa a segunda semana da Copa do Mundo da Espanha e se define a primeira fase com a decisão das seleções que passarão para a segunda etapa da competição. A Rede Globo continuará apresentando todas as partidas do Mundial, exibindo nesta semana os seguintes jogos:

#### HOJE

12h15m - Inglaterra x Tchecoslováquia, do Grupo 4, direto do Estádio San Mamés, em Bilbao, narração de Carlos Valadares e comentários de José Maria de Aquino.

16 horas - Espanha x Iugoslávia, do Grupo 5, direto do Estádio Luis Casanova, em Saragoça, com narração de Luciano do Valle e comentários de Márcio Guedes.

Compacto à noite - Alemanha x Chile, pelo Grupo 2, jogo realizado no Estádio El Molinón, em Gijón, com narração de Galvão Bueno e comentários de Sérgio Noronha.

#### AMANHÃ

12h15m - França x Kuwait, pelo Grupo 4, direto do Nuevo Estádio, em Valladolid, narração de Carlos Valadares e comentários de José Maria de Aquino.

16 horas - Honduras x Irlanda do Norte, do Grupo 5, direto do Estádio La Romareda, em Saragoça, narração de Luciano do Valle e comentários de Márcio Guedes.

Compacto à noite - Argélia x Áustria, pelo Grupo 2, jogo realizado no Estádio Carlos Tartere, em Oviedo, narração de Galvão Bueno e comentários de Sérgio Noronha.

#### TERÇA

12h15m - Peru x Polónia, pelo Grupo 1, direto do Estádio de Riazor, em La Coruña, narração de Luciano do Valle e comentários de Sérgio Noronha.

16 horas - União Soviética x Escócia, do Grupo 6, direto do La Rosaleda, em Málaga, narração de Luciano do Valle e comentários de Márcio Guedes.

Compacto à noite - Bélgica x Hungria, pelo Grupo 3, partida realizada no Estádio Novo, em Elche,

com narração de Carlos Valadares e comentários de José Maria de Aquino.

#### QUARTA

12h15m - Itália x Camarões, pelo Grupo 1, direto do Estádio de Balaidos, em Vigo, com narração de Galvão Bueno e comentários de Sérgio Noronha.

16 horas - Brasil x Nova Zelândia, pelo Grupo 6, direto do Estádio Benito Villamarin, em Sevilha, com narração de Luciano do Valle e comentários de Márcio Guedes.

Compacto à noite - Brasil x Nova Zelândia. Logo após o compacto do jogo do Brasil, será apresentado o *Bate-Bola*, comandado por Armando Nogueira, com as presenças dos jornalistas Márcio Guedes, Orlando Duarte, Ruy Carlos Osterman, do jogador Emerson Leão e do treinador Oto Glória.

#### QUINTA

12h15m - França x Tchecoslováquia, pelo Grupo 4, direto do Nuevo Estádio, em Valladolid, com narração de Carlos Valadares e comentários de José Maria de Aquino.

16 horas - Iugoslávia x Honduras, pelo Grupo 5, direto do La Romareda, em Saragoça, com narração de Luciano do Valle e comentários de Márcio Guedes.

Compacto à noite - Argentina x El Salvador, pelo Grupo 3, partida realizada no dia anterior no Estádio José Rico Perez, em Alicante, com narração de Carlos Valadares e comentários de José Maria de Aquino.

Compacto à noite - Chile, pelo Grupo 2, jogo disputado no Estádio Carlos Tartere, em Oviedo, com narração de Galvão Bueno e comentários de Sérgio Noronha.

#### SEXTA

12h15m - Alemanha x Áustria, pelo Grupo 2, direto do Estádio El Molinón, em Gijón, com narração de Galvão Bueno e comentários de Sérgio Noronha.

16 horas - Espanha x Irlanda do Norte, pelo Grupo 5, direto do Estádio Luis Casanova, em Valença, com narração de Luciano do Valle e comentários de Márcio Guedes.



O inglês Thompson e o espanhol Zamora em jogos de hoje

# Eduardo Raposo:

## JOÃO PESSOA TEVE A CORAGEM DE DESAFIAR AS OLIGARQUIAS

*Sobre o que versa a sua tese no tocante as oligarquias na Paraíba? E como você vê esse fenômeno da oligarquia ao longo dos séculos em nosso Estado?*

A partir da observação de que o Nordeste, a partir de um determinado momento da História política nacional é uma região muito mais conturbada, por problemas políticos, por tentativas de desestabilização das situações políticas, se compararmos ao Sul do país, a partir dessa observação, dessa diferença de posições políticas de situações entre o Nordeste e o Sul do país é que eu comecei a tentar verificar a natureza da política nordestina. O que eu vi preliminarmente foi o seguinte: o Nordeste, no século XVIII tinha uma quantidade muito grande de tentativas de desestabilizar as situações políticas. Nós podemos ver todas as revoluções - a Revolução de 1817, a Balaiada, a Cabanada, aqui na Paraíba o Quebra-Quilos - enquanto que no sul do país nos tivemos poucas revoluções: tivemos a Guerra dos Farrapos, mais uma ou outra revolução no Rio Grande do Sul. Então a partir disso eu comecei a me interessar pela investigação do que estaria motivando essa diferença de situações políticas, de situações de estabilidade política, que havia no Sul mas não havia no Nordeste. Então a partir disso eu notei que estruturalmente o Nordeste começa a sofrer influência de uma crise econômica secular a partir do século XVII mesmo, quando os seus dois grandes produtos começam a não serem mais competitivos no comércio internacional, que são o açúcar e o algodão. O açúcar que começa a ser produzido também nas Antilhas, que começa também a ser produzido a partir da beterraba na Europa e começa a sofrer essa competição a nível internacional nos seus mercados, deixando de ser o Nordeste o único produtor desse produto. E o algodão que também começa a sofrer essa competição a partir da produção de algodão no Sudão e em outros lugares que não fosse somente o Nordeste brasileiro. Isso é um problema estrutural, que faz com que o Nordeste passe de uma economia de riqueza para uma economia de escassez. A partir de uma região rica, abundante na produção dessas matérias primas exportáveis e valorizadas no mercado internacional, o Nordeste passa a sofrer secularmente a influência dessa decadência econômica. Então, essa passagem de uma economia de riqueza para uma economia de escassez, a meu ver, gera a formação de grupos, a geração de oligarquias que passam agora a dominar a riqueza que é pouca, que é escassa, ao contrário do que se dava até o século XVII, quando essa riqueza era abundante. Então, nós passamos de uma economia de riqueza para uma economia de escassez, motivando com isso o aparecimento de grupos, de oligarquias da sociedade nordestina que utiliza, logicamente, o melhor instrumento, para se apoderar dessa riqueza, agora, escassa, que é a política. Então, ao meu ver, esse é o princípio da oligarquização da política nordestina: a situação de pobreza que sofre. Agora, completando esse raciocínio, paralelamente, a essa situação estrutural de decadência econômica secular eu vejo duas outras situações também estruturais que propiciaram a um enfraquecimento da região nordestina. Isso é um trabalho que eu estou tentando desenvolver na minha tese agora. E nesta tese eu quero demonstrar exatamente isso: juntamente com essa decadência econômica existe um enfraquecimento do Nordeste ao nível parlamentar: quando foi feita a primeira Constituição republicana brasileira, a representação política brasileira ficou assentada pelo centro, feita a nível de Senado com o mesmo número de representantes. Então nós temos um Estado pobre como Alagoas, Paraíba, Maranhão, mandando o mesmo número de senadores que mandaria um estado rico e populoso como o Rio Grande do Sul ou São Paulo. São três senadores até hoje. Agora, ao nível da representação na Câmara dos Deputados, o envio de representantes parlamentares é proporcional: dependendo da legislação, nós tivemos o percentual relativo a população ou ao número de eleitores.

A que época você se refere, quando fala nessa nivelação do número de parlamentares, porque você fala anteriormente na riqueza do Nordeste, então, quer dizer que obviamente os Estados seriam economicamente mais fortes do que outras regiões. Por exemplo, São Paulo a gente sabe que há 100 anos era menor do que o Maranhão atualmente e hoje em dia é o que é. Então, a partir de que época, de que data mais ou menos haveria essa nivelação da quantidade de representação parlamentar, que provocou, também, o enfraquecimento de uma região que já vinha sofrendo com a desvalorização dos seus produtos básicos?

A nivelação não houve nunca. O que houve foi a desnivelação.

A nivelação do número de senadores, que passa a ser igual a três para qualquer Estado.

Isso sempre houve desde a primeira Constituição Republicana, que a representação senatorial é equilibrada. Agora a representação na Câmara dos Deputados é desequilibrada. E o que nós vemos é que uma aliança entre duas grandes bancadas, por exemplo a do Rio Grande do Sul com São Paulo já é suficiente para impedir qualquer tipo de tentativa de beneficiamento da região nordestina, através do Parlamento. Na primeira Constituinte nós temos muito poucos representantes nordestinos. A Paraíba tem uma representação pequena. O que tinha mais representantes era Pernambuco, com 17 deputados federais. E só uma ban-

**Nesta entrevista, o cientista político Eduardo Vasconcelos Raposo, na condição de especialista em estrutura do poder na Paraíba - a respeito da qual vem preparando uma tese de Mestrado -, aborda diversos assuntos, entre os quais o problema das oligarquias ao longo dos séculos no Estado. Também integrante da Fundação Getúlio Vargas, Eduardo Raposo é muito ligado à Paraíba, onde tem participado das atividades do "Grupo José Honório" e assessorado a organização do arquivo do Espaço Cultural.**

cada de um Estado grande era suficiente para ser quantitativamente superior a dois ou três pequenos Estados. Inclusive, à época, Epitácio Pessoa, que era deputado constituente pelo Estado da Paraíba, já fez votos contra esse tipo de representação parlamentar e o terceiro, dado estrutural na dependência da política central, seria um dado da nossa legislação fiscal: os grandes impostos estão nas mãos da União. E os impostos médios estão nas mãos do Estado e os pequenos impostos é que estão com os municípios. Nós temos essa estatística também desde o princípio da formação da República brasileira. Então, esses três dados, econômico, parlamentar e fiscal, colocaram a região nordestina estruturalmente em inferioridade em relação aos grandes centros. Isso provoca até hoje, que grupos se organizem para ter acesso a essa riqueza que é pouca, escassa e dependente.

Esses grupos, no caso, são grupos minoritários? E é exatamente essa organização política das minorias que caracterizam as oligarquias. Como se verificaram, ou por outra, que oligarquias existiram na Paraíba desde o início da República até hoje e será que essas oligarquias não foram em certos momentos repelidas pela sociedade que se mobilizou para enfrentá-las?

A partir da República Velha nós temos alguns grupos oligárquicos dominando a política na sociedade paraibana. Na República Velha, nós tivemos duas grandes oligarquias aqui no Estado da Paraíba. A primeira, subiu com ascensão a nível federal em Floriano Peixoto, que beneficiou aqui no Estado da Paraíba, Álvaro Machado, que monta o seu partido o seu grupo e passa a dominar totalmente a política paraibana até 1912, quando Epitácio Pessoa consegue, com influência pessoal junto a Hermes da Fonseca, evitar que a política salvacionista que era um dos pontos básicos das promessas políticas feitas pelo então candidato Hermes da Fonseca, que veio a Presidência da República, de desoligarquizar o Nordeste, então, Epitácio impede que a política de oligarquização viesse a Paraíba, que já tinha inclusive lançado com a ajuda dos militares e da oposição estadual a candidatura do coronel Rego Barros. Então, Álvaro Machado pede ajuda a Epitácio Pessoa para que ele interfira junto a Hermes da Fonseca. Com essa intermediação, Epitácio ganha muita força e consegue compor com a oligarquia Machado, o que acontece em 1915, quando por ocasião de uma disputa a uma vaga senatorial, Epitácio Pessoa consegue a dominação total do Estado. Dominação esta

**Entrevista a JOSÉ OCTÁVIO e WALTER GALVÃO Fotos de ORTILO ANTÔNIO**

que ocorre até 1928/30 - 28 por que é quando é colocado o último representante da oligarquia que é Epitácio Pessoa, João Pessoa, seu sobrinho. Então, na República Velha nós vemos a dominação dessas duas oligarquias.

Em face dessas oligarquias, houve manifestações anti-oligarquias?

Então, se por um lado nós temos que os Estados nordestinos são dominados por essas oligarquias, por essas elites políticas, se nós vemos que a trajetória das elites políticas nordestinas há uma longevidade muito grande, há, por outro lado, também algumas tentativas de alguns setores da sociedade de desestabilizar essas oligarquias. Então, a partir desse princípio que se há uma longevidade há também por outro lado algumas tentativas de desestabilização das oligarquias, eu noto, na República Velha e na República Nova, quatro tentativas básicas de desestabilização dessas oligarquias. Uma em 1912 mesmo, em 1915, quando há mudança da oligarquia Machado para a oligarquia Pessoa. Mesmo sendo uma oligarquia substituindo outra é uma desestabilização de um grupo por outro grupo. Outra tentativa é em 1930, de outra natureza, de uma natureza modernizante feita a partir do grupo ligado a João Pessoa, aos aliancistas. Posteriormente eu vejo uma de natureza autoritária, em 1940, porque eu acho que o Estado Novo só chega a Paraíba em 1940. Até 1940 nós tínhamos aqui Argemiro de Figueiredo que tinha suas bases políticas e tinha reincorporado uma série de coronéis locais decaídos em 30 e a partir disso ele tinha bases próprias ele era delegado interventor do Estado Novo com legitimidades mas na elite política paraibana. Só quando ele é derrubado em 1940 e vem Rui Carneiro, que tinha legitimidade na Revolução de 30, mas tinha se ausentado há dez anos do Estado e não tinha feito suas bases próprias, então ele veio como delegado do poder Central. Delegado de Getúlio Vargas no Estado Novo. Então, essa seria também uma troca de oligarquias, uma desestabilização de uma oligarquia por outra. E posteriormente eu vejo uma de natureza populista, já feita na década de 50 início da década de 60, que seria de natureza populista e levada a cabo pela formação das ligas camponesas, que também tentam desestabilizar as oligarquias.

O que significa, realmente, para a política paraibana e nordestina a Revolução de 30?

A meu ver o que caracteriza uma revolução popular não é participação popular é se o projeto da revolução é popular ou não é popular. E o projeto da Revolução de 30 não é um projeto popular, era um projeto que mobilizou a população.

No caso houve uma manipulação ideológica?

Eu não sei se houve uma manipulação de nível consciente. Eu acho que - quando eu localizo o problema - as estruturas políticas vigentes na República Velha na Paraíba já estavam deficientes para comportarem novos elementos que já estavam legítimos sob o ponto de vista social e econômico, mas não estavam legítimos sob o ponto de vista político. Então, essa diferença provoca a insatisfação de alguns grupos que se lançam na revolução. Se nós prestarmos atenção nós vamos ver que vários elementos radicais da Revolução de 30 aqui na Paraíba, que participaram do assalto ao quartel daqui, eram elementos da elite social e econômica, mas não eram da elite política. Então, em 30, eu acho que não houve uma troca - acho até que há uma certa confusão sobre isso na Literatura histórica - de grupos, de elite política, da natureza da elite política. O que houve foi um alargamento da bitola política, onde a partir de 30 começa a caber mais elementos, quer dizer, não só os ele-



"O projeto de 30 não era popular. Era um projeto que mobilizou a população"

mentos que já estavam na República Velha - estes são marginalizados politicamente.

No caso, seriam expressões políticas mais urbanas ligadas a classe média. Você acha que a Revolução absorveu a participação da classe média, que não era ligada por exemplo às oligarquias?

Você pode ver a classe média ligada aos novos setores que começam a surgir a se legitimar social e economicamente no final da década de 20 início da década de 30. Seria mais ou menos isso. Esses elementos que são marginalizados em 30 não são marginalizados sob o ponto de vista econômico nem social. Eles são marginalizados do ponto de vista político e são rapidamente reincorporados a partir de 34. Então, a partir de 34 mesmo nós vemos conviver tanto socialmente como politicamente os antigos perrepietas e os novos elementos que se legitimaram a partir de suas participações na Revolução de 30.

Você acha que o Governo de João Pessoa foi um Governo oligárquico ou um Governo que representa o poder público contra o poder privado?

Eu tomo posse dessa questão política a partir dos seguintes dados empíricos que servem para confirmar ou para negar algumas hipóteses básicas sobre 30 que, para mim, a princípio, foi a última crise da oligarquia de Epitácio Pessoa. Uma crise provocada pela natureza reformista do Governo de João Pessoa, que antecipa o conteúdo social que somente a partir de 30 vai se fazer valer. Então, se João Pessoa foi gerado por uma oligarquia, ele sob alguns aspectos se volta contra essa oligarquia, rompendo esquemas de manutenção dessa própria oligarquia, como o rodízio, promovendo rodízio de autoridades públicas, fazendo o desarmamento, centralizando o Estado, trazendo para dentro do Estado funções que eram dominadas pelos coronéis, no espaço social que o Estado não tinha penetrado, que por isso mesmo os coronéis haviam penetrado, João Pessoa trás a si. Então, a partir de João Pessoa se voltar contra as estruturas que o haviam gerado há uma crise no epítacismo. Isso, eu acho, é um dos princípios para a explicação da Revolução de 30 aqui no Estado da Paraíba.

Você se referiu agora há pouco as Ligas camponesas. Você acha que esse tema tem sido tratado adequada e suficientemente ao nível da historiografia paraibana?

Eu tenho a impressão de que como foi um movimento muito negro na política paraibana, a Revolução de 64, esse tema tem sido abordado mais sob o ponto de vista emocional do que propriamente sob o ponto de vista analítico das estruturas que geraram as Ligas Camponesas e as estruturas que geraram a repressão dessas Ligas Camponesas. Então, nesse sentido eu tento provar uma tese do professor Celso Furtado, que diz que as estruturas agrárias nordestinas não mudam qualitativamente e sim mudam quantitativamente. A produção agrária nordestina seria regulada pelos mercados externos que absorvem suas produções. E quando esses mercados se retraem as nossas produções se retraem também, como é o caso da cana-de-açúcar, por exemplo. E na retração desses mercados o que ocorre é que ficam enormes áreas sem a plantação da cana, o que cabe em substituição uma cultura de subsistência feita por esses camponeses que habitam o Nordeste. E quando esses mercados se retraem as nossas produções se retraem também, como é o caso da cana-de-açúcar, por exemplo. E na retração desses mercados o que ocorre é que ficam enormes áreas sem a plantação da cana, o que cabe em substituição uma cultura de subsistência feita por esses camponeses que habitam o Nordeste. E quando esses mercados se retraem as nossas produções se retraem também, como é o caso da cana-de-açúcar, por exemplo. E na retração desses mercados o que ocorre é que ficam enormes áreas sem a plantação da cana, o que cabe em substituição uma cultura de subsistência feita por esses camponeses que habitam o Nordeste. E quando esses mercados se retraem as nossas produções se retraem também, como é o caso da cana-de-açúcar, por exemplo. E na retração desses mercados o que ocorre é que ficam enormes áreas sem a plantação da cana, o que cabe em substituição uma cultura de subsistência feita por esses camponeses que habitam o Nordeste.

O que significa, realmente, para a política paraibana e nordestina a Revolução de 30?

A meu ver o que caracteriza uma revolução popular não é participação popular é se o projeto da revolução é popular ou não é popular. E o projeto da Revolução de 30 não é um projeto popular, era um projeto que mobilizou a população.

No caso houve uma manipulação ideológica?

Eu não sei se houve uma manipulação de nível consciente. Eu acho que - quando eu localizo o problema - as estruturas políticas vigentes na República Velha na Paraíba já estavam deficientes para comportarem novos elementos que já estavam legítimos sob o ponto de vista social e econômico, mas não estavam legítimos sob o ponto de vista político. Então, essa diferença provoca a insatisfação de alguns grupos que se lançam na revolução. Se nós prestarmos atenção nós vamos ver que vários elementos radicais da Revolução de 30 aqui na Paraíba, que participaram do assalto ao quartel daqui, eram elementos da elite social e econômica, mas não eram da elite política. Então, em 30, eu acho que não houve uma troca - acho até que há uma certa confusão sobre isso na Literatura histórica - de grupos, de elite política, da natureza da elite política. O que houve foi um alargamento da bitola política, onde a partir de 30 começa a caber mais elementos, quer dizer, não só os ele-

mentos que já estavam na República Velha - estes são marginalizados politicamente. No caso, seriam expressões políticas mais urbanas ligadas a classe média. Você acha que a Revolução absorveu a participação da classe média, que não era ligada por exemplo às oligarquias? Você pode ver a classe média ligada aos novos setores que começam a surgir a se legitimar social e economicamente no final da década de 20 início da década de 30. Seria mais ou menos isso. Esses elementos que são marginalizados em 30 não são marginalizados sob o ponto de vista econômico nem social. Eles são marginalizados do ponto de vista político e são rapidamente reincorporados a partir de 34. Então, a partir de 34 mesmo nós vemos conviver tanto socialmente como politicamente os antigos perrepietas e os novos elementos que se legitimaram a partir de suas participações na Revolução de 30.

Você acha que o Governo de João Pessoa foi um Governo oligárquico ou um Governo que representa o poder público contra o poder privado? Eu tomo posse dessa questão política a partir dos seguintes dados empíricos que servem para confirmar ou para negar algumas hipóteses básicas sobre 30 que, para mim, a princípio, foi a última crise da oligarquia de Epitácio Pessoa. Uma crise provocada pela natureza reformista do Governo de João Pessoa, que antecipa o conteúdo social que somente a partir de 30 vai se fazer valer. Então, se João Pessoa foi gerado por uma oligarquia, ele sob alguns aspectos se volta contra essa oligarquia, rompendo esquemas de manutenção dessa própria oligarquia, como o rodízio, promovendo rodízio de autoridades públicas, fazendo o desarmamento, centralizando o Estado, trazendo para dentro do Estado funções que eram dominadas pelos coronéis, no espaço social que o Estado não tinha penetrado, que por isso mesmo os coronéis haviam penetrado, João Pessoa trás a si. Então, a partir de João Pessoa se voltar contra as estruturas que o haviam gerado há uma crise no epítacismo. Isso, eu acho, é um dos princípios para a explicação da Revolução de 30 aqui no Estado da Paraíba.

porque ainda detém votos, que é a matéria prima que legitima a política brasileira.

Qual é a sua visão sobre o Espaço Cultural e qual é o tipo de trabalho que você está realizando lá?

Eu venho me ligando à Paraíba não só por questões familiares, mas também por questões de estudos, e, a partir disto fui contactado para que prestasse uma assessoria para implantação dos arquivos da Fundação Espaço Cultural José Lins do Rego. E como eu trabalho na Fundação Getúlio Vargas, no Centro de Pesquisa e Documentação eu estou fazendo aproximação com a Fundação José Américo, através do governo e do secretário de Administração Osvaldo Trigueiro do Vale, com pessoas do Rio, como a Celina Moreira Franco, que foi a fundadora do CPDOC e que agora se encontra na direção do Arquivo Nacional. Então, a partir disto nós estamos fazendo um projeto para implementar aqui na Paraíba um sistema de arquivos que possa dinamizar a informação pública e estamos também com a ideia de implantar um sistema de arquivos privados, que seria também no Espaço Cultural José Lins do Rego, onde os titulares que ocupavam o Governo do Estado teriam seus arquivos privados organizados e depositados no Espaço Cultural José Lins do Rego. Então, nós estamos fazendo esse trabalho, viemos aqui estamos fazendo o projeto em contato com a professora Celina Moreira Franco, com o ex-governador Tarcísio Burity e com o secretário Osvaldo Trigueiro do Vale.

Na implantação desse arquivo vocês estão pensando em mecanismos agressivos, que fariam com que o Espaço Cultural funcionasse além de aglutinar as informações espalhadas pelo Instituto Histórico, Biblioteca Pública, etc, de inteirar mais os colégios e os pesquisadores nesta questão de buscar mais no Espaço Cultural?

O ex-governador Tarcísio Burity, que foi o impulsor dessa obra, é um homem de cultura, foi secretário da Educação, foi governador e eu acho, no meu entender que não existe outra possibilidade de legitimação do Espaço Cultural se não da ampla utilização dos seus serviços pela população paraibana. Agora quanto a esse aspecto técnico que é o aspecto da assessoria, nós estamos trabalhando com profissionais como a Célia Camargo, com a Maria Odila e com Adelina, pessoas completamente capazes do ponto de vista técnico para a organização dos arquivos para que eles possam de fato servir a comunidade, no seu sentido mais amplo: Não ficar circunscrito a pessoas que têm possibilidade de acesso a esses arquivos.

É verdade que alguns desses especialistas que você citou aí, como a professora Célia Camargo, fizeram críticas a certos aspectos da construção do Espaço Cultural?

Olha, eu não tenho informação disso não. Inclusive eu não sou bibliotecário nem arquivista, portanto o aspecto estritamente técnico fica por conta dessas três profissionais, que são pessoas em que eu confio plenamente e que eu aceito suas opiniões. Agora sobre alguma crítica específica eu não tenho notícia.

Como é que você vê do ponto de vista de possíveis resultados históricos as eleições de 15 de novembro e como dentro delas situaria a candidatura do ex-governador Tarcísio Burity?

Eu estou vendo essa questão eleitoral agora sob dois pontos de vista, dois argumentos que poderiam nos mobilizar. O primeiro, é sabermos se o momento político atual é um momento de frente, que seria argumento fundamental do Partido do Movimento Democrático Brasileiro, PMDB ou se nós já estamos no momento de definições políticas mais avançadas, onde cada partido já estaria se definindo e lançado ao julgamento do público as suas vias partidárias para o estabelecimento efetivo da democratização que nós estamos atravessando, quer dizer, eu tenho impressão que num primeiro momento, existe esse argumento que fortalece o PMDB, que seria o de fazer uma frente ampla, grande para ocupar certos postos para que a partir da ocupação de postos no Estado o Estado pudesse devolver a sociedade política uma relação mais democrática. E o outro argumento que me parece forte também é o de nós já estarmos num momento de uma definição mais específica, onde os partidos estariam já lançando ao público os seus programas de onde caminhar para chegar a seus objetivos. Esses dois argumentos eu acho que são fundamentais para nós termos agora. E quanto a tentativa do ex-governador Tarcísio Burity, pessoalmente eu acho que ele é uma pessoa extremamente capaz, pelo menos competente, sensível, inclusive se para aspectos sociais e que ao meu ver também tem algumas contradições com alguns esquemas colocados pelo partido que ele faz parte, que é o PDS. Eu sei que aqui na Paraíba, por exemplo, o ex-Governo de Tarcísio Burity teve sensibilidade para alguns problemas sociais. Ele me chamou para ver alguns despachos dele com proprietários de terra nos quais ele na minha frente impedia que fossem expulsos camponeses das terras. E ao mesmo tempo eu vejo que o PDS é que implantou o Proálcool, que estruturalmente é o projeto que fomenta a plantação de cana-de-açúcar e de uma maneira quase direta a possibilidade da expulsão da produção de subsistência pela produção do mercado.

Como você vê a participação do Partido dos Trabalhadores hoje?

Olha, a importância fundamental do Partido dos Trabalhadores está num fato contido no seu próprio discurso, que é o fato de estar se preparando não para tomar o poder e sim para viabilizar-se como Partido. E viabilizando-se como partido, ele viabiliza o pluripartidarismo que é fundamental a democracia. Eu conheço algumas pessoas que estão votando no PT sem serem do PT, mas para viabilizarem o pluripartidarismo e elementos que estão votando nos outros partidos menores para não saírem da fase PDS/PMDB, que é uma fase que nós temos que superar viabilizando alguns outros pequenos partidos, ingressando assim no pluripartidarismo, que é um alimento e uma forma fundamental para a vida democrática. Esta é a importância fundamental do Partido dos Trabalhadores.



"Com a abertura que está havendo, as oligarquias começam a ter maior peso"